

Amanda Maria de Oliveira

***NOTÍCIAS PARA MULHERES: DIALOGISMO E AVALIAÇÃO  
SOCIAL***

Dissertação apresentada ao programa  
de Pós-graduação em Linguística da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina para a obtenção do Grau de  
Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Acosta  
Pereira.

Florianópolis  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Oliveira, Amanda Maria de  
Notícias para mulheres : dialogismo e avaliação  
social / Amanda Maria de Oliveira ; orientador,  
Rodrigo Acosta Pereira - SC, 2017.  
254 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,  
Programa de Pós-Graduação em Linguística,  
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Linguística. 3. Círculo de  
Bakhtin. 4. Gênero notícia. 5. Dialogismo. I. Acosta  
Pereira, Rodrigo. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística.  
III. Título.

Amanda Maria de Oliveira

***NOTÍCIAS PARA MULHERES: DIALOGISMO E AVALIAÇÃO  
SOCIAL***

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Linguística, área de concentração Linguística Aplicada, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 23 de fevereiro de 2017.

---

Prof. Marco Antonio Martins, Dr.  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Rodrigo Acosta Pereira, Dr.  
Orientador e presidente  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Nívea Rohling, Dra.  
Membro externo  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

---

Prof<sup>ª</sup>. Rosângela Hammes Rodrigues, Dra.  
Membro interno  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Cristine Gorski Severo, Dra.  
Membro interno  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Salete Valer, Dra.  
Suplente  
Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Aos meus pais, por estarem sempre ao meu lado e por serem meus exemplos maiores de força e determinação.



## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e minha irmã, pelo amor e apoio em todos os momentos, por estarem sempre perto de mim apesar da distância e por me incentivarem a seguir adiante. Obrigada por serem meu porto seguro, onde quer que eu esteja.

A minha família, pelo apoio constante.

Ao meu orientador, Prof. Rodrigo Acosta Pereira, pelas palavras de apoio, pela paciência, pelo carinho, pelo empenho, pelos preciosos ensinamentos e participação constante na minha formação. Obrigada pela confiança, por me encorajar a dar sempre mais um passo adiante! Serás sempre meu maior exemplo de profissional e de sucesso. Muito obrigada!

À amiga Mariana Bezerra, pela amizade constante, pelas conversas e pela ajuda nos momentos difíceis, mesmo estando distante.

Às queridas amigas Janaína Senem, Camila Lara e Luana Huff, pela grande amizade construída durante o mestrado e que superou os limites da academia. Obrigada pela cumplicidade, pelas risadas que tornaram momentos difíceis muito mais leves, pelas alegrias e tristezas compartilhadas e por estarem comigo quando mais precisei.

Aos que, de alguma forma, me acolheram e me ajudaram a trilhar novos caminhos e a superar os desafios que a nova vida em Florianópolis trouxe.

Às professoras doutoras Cristine Gorski Severo e Nívea Rohling pelas valiosas contribuições na banca de qualificação e de defesa. Agradeço também à professora doutora Rosângela Hammes Rodrigues, pelos ricos diálogos que sua participação na banca de defesa proporcionou.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro durante todo o mestrado.

A todos que, de alguma forma, contribuíram com esta pesquisa.





## RESUMO

A pesquisa tem como objetivo o estudo da(s) imagem(ns) de mulher discursivizada(s) nas notícias publicadas em revistas *online* direcionadas potencialmente ao público leitor feminino. O trabalho tem como subsídio teórico-epistemológico os escritos do Círculo de Bakhtin e seus interlocutores contemporâneos na Análise Dialógica do Discurso; a Teoria do Jornalismo quanto às discussões sobre o jornalismo de revista e o surgimento das publicações direcionadas ao público feminino, bem como ancoramo-nos também no(s) estudo(s) feminista(s) em termos de percurso histórico e dos movimentos empreendidos no contexto latino-americano. O universo de análise é formado pelas revistas virtuais *Ana Maria*, *Claudia*, *Glamour*, *Marie Claire* e *Tpm*. Os dados são constituídos por 15 (quinze) exemplares do gênero *notícia*, sendo 3 (três) exemplares de cada publicação. Constatamos que a fragmentação do público leitor das revistas, antes destinadas à elite masculina, permitiu o surgimento de diversas especialidades e, dentre elas, a publicação de revistas para mulheres. No estudo da dimensão social do gênero *notícia*, concluímos que o grande cronotopo das notícias é marcado pelo processo de desencaixe (GIDDENS, 1991) que viabiliza sua circulação e publicação. Dessa forma, as notícias estabelecem ligações entre o âmbito global e o local e atende às demandas crescentes que consomem essas publicações. Quanto à situação de interação do gênero, ou seja, o pequeno cronotopo, entendemos que a ancoragem das notícias nas revistas ainda é emergente, pois não há regularidade em termos de seções ou canais dedicados a esse gênero. No que diz respeito à periodicidade, não há frequência estabelecida, pois as notícias são discursivizadas à medida que surgem fatos de interesse do público leitor. Acerca da posição de autoria, entendemos que se estabelece no espaço de atravessamentos valorativos no que se refere às funções e aos agentes que atuam em diferentes momentos de sua produção, guiados, por sua vez, por uma instância superior que define a pauta. Por fim, o interlocutor previsto é projetado pelas notícias a partir de seu interesse pelas publicações, isto é, o porquê da procura desse público, uma vez que a revista se orienta pelas possíveis atitudes responsivas dos leitores. Na análise da dimensão verbal, verificamos que a posição de autoria das notícias se vale de recursos linguísticos para a projeção dos valores pretendidos com o intuito de orientar a compreensão responsiva do leitor frente ao enunciado. Com base nos resultados das análises, constatamos que o gênero *notícia* é reacentuado ao circular nas revistas, especialmente em termos estilísticos, de modo que os elos estabelecidos

com os leitores sejam fortificados. Ademais, a discursivização dos fatos, o enquadramento de vozes alheias nessa situação de interação e a orientação axiológica para essas vozes outras são guiados de modo a atender as expectativas do público leitor.

**Palavras-chave:** Gênero *notícia*. Jornalismo feminino. Revistas virtuais. Análise Dialógica do Discurso.

## ABSTRACT

The research aims at studying the women's images discursivized in news published in online magazines potentially directed to a female public. This work is based on the studies of Bakhtin Circle and its contemporary interlocutors of Dialogic Discourse Analysis, in the Theory of Journalism regarding to the journalism of online magazines and the emergence of specialized journalism, as well as on feminist study(ies) in terms of historical path and the Latin American movements. The universe of analysis is composed by the online magazines *Ana Maria*, *Claudia*, *Glamour*, *Marie Claire* and *Tpm*. The data is composed by 15 (fifteen) samples of the discourse genre *news*. The study revealed that the fragmentation of the readers of magazines enabled the emergence of various specialties, and one of them is the female magazines. In the study of the social dimension of the discourse genre *news*, it was showed that the broad chronotope of the news is defined by the undock process (GIDDENS, 1991), which enables the publication of the genre. In this way, the news establishes connections between the global and local as well as they respond to the increasing demand who read those publications. Regarding to the interaction situation of the genre, that is, the narrow chronotope, it is understood that the anchorage of the news in the magazines is still emergent, because there isn't a uniformity regarding to the sections or channels dedicated to this genre. In terms of periodicity, there is no established frequency, so that the news are discursivized according as new facts appears and the public is interested in it. Regarding to the position of authorship, we understand that it is established in the space of valorative crossings about the functions and the agents who act in different moments of its productions, guided, in turn, by a superior instance that defines the newspaper agenda. Lastly, the predictable interlocutor is projected by the news considering their interest for the publications, that is, why those interlocutors access these magazines, so that the magazine is oriented by the projected responses of the readers. In the analysis of the verbal dimension of the genre, it was verified that the authorial position of the news uses linguistic, grammatical and syntactic resources for the projection of the intended values to guide the responsive answer face to the utterance. Based on the results of the analysis, it is concluded that the genre *news* is revalued when published on the magazines, especially in stylistic terms, so that the links established between the authorial position and the public are fortified. In addition, the discursivization of the facts, the framework of the other voices in this

new interactional situation and the axiological orientation for these voices are guided by the anticipation of the responsible answer of the readers.

**Keywords:** genre *news*. Women's magazines. *Online* magazines. Dialogic Discourse Analysis.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Seção de comentários da revista Claudia.....	61
Figura 2: Possibilidades de interação .....	62
Figura 3: Versão online da revista Claudia. ....	88
Figura 4: Revista Ana Maria em sua versão online.....	90
Figura 5: Parte da publicação online da revista Glamour.....	92
Figura 6: Versão online da revista Marie Claire .....	94
Figura 7: Segunda parte da revista Marie Claire .....	95
Figura 8: Exemplar de notícia publicada na revista TPM .....	97
Figura 9: Parte da página da revista TPM. ....	98
Figura 10: Área de assinantes da revista Claudia.....	111
Figura 11: Seção de comentários da notícia AM01.....	112
Figura 12: Seção de comentários da notícia AM02.....	113
Figura 13: Trecho de publicação da Revista Feminina (1914).....	117
Figura 14: Notícia MC02 .....	119
Figura 15: capa do Jornal das Senhoras .....	132
Figura 16: Trecho da Revista Feminina .....	133
Figura 17: Notícia AM01 .....	135
Figura 18: Notícia AM02 .....	136
Figura 19: Notícia GL03 .....	138
Figura 20: Notícia GL02 .....	140
Figura 21: Notícia MC01 .....	142
Figura 22: Notícia TPM01 .....	144
Figura 23: Notícia CL01 .....	145
Figura 24: Notícia CL02 .....	147
Figura 25: Seções da revista Claudia .....	152
Figura 26: Seções da revista Glamour.....	153

Figura 27: Seções da revista TPM .....	153
Figura 28: Seções da revista Marie Claire .....	153
Figura 29: Trecho da notícia GL03.....	155
Figura 30: Trecho da notícia GL02.....	156
Figura 31: Trecho da notícia CL02.....	157
Figura 32: Trecho da notícia TPM03 .....	158
Figura 33: Trecho da notícia TPM01 .....	159
Figura 34: Marcação de autoria na notícia CL01 .....	162
Figura 35: Marcação de autoria na notícia CL03 .....	162
Figura 36: Marcação de autoria na notícia TPM01 .....	163
Figura 37: Marcas implícitas de autoria na notícia TPM01 .....	164
Figura 38: Marcas de autoria na notícia GL02.....	164
Figura 39: Marcas de autoria na notícia MC01.....	165
Figura 40: Marcas de autoria na notícia AM03 .....	165

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Dados da revista Ana Maria .....	100
Quadro 2: Dados da revista Claudia.....	101
Quadro 3: Dados da revista Glamour .....	101
Quadro 4: Dados da revista Marie Claire .....	102
Quadro 5: Dados da revista TPM .....	102





## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>2 O OLHAR PARA O GÊNERO DO DISCURSO .....</b>	<b>27</b>
2.1 ENUNCIADO E GÊNEROS DO DISCURSO .....	28
2.2 IDEOLOGIA E AVALIAÇÃO SOCIAL.....	45
2.3 RELAÇÕES DIALÓGICAS .....	53
2.4 CRONOTOPO .....	57
<b>3 O OLHAR PARA O DISCURSO DE GÊNERO.....</b>	<b>65</b>
3.1 ESTUDO(S) FEMINISTA(S): PERCURSO HISTÓRICO .....	66
3.2 FEMINISMO(S) NA AMÉRICA LATINA: PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL .....	71
3.3 ESTUDO DE GÊNERO.....	75
<b>4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....</b>	<b>79</b>
4.1 AS CIÊNCIAS HUMANAS E O PENSAMENTO FILOSÓFICO ..	80
4.2 UNIVERSO DE ANÁLISE E OBJETO DE ESTUDO .....	84
4.2.1 Revista <i>Claudia</i> .....	86
4.2.2 Revista <i>Ana Maria</i> .....	88
4.2.3 Revista <i>Glamour</i> .....	91
4.2.4 Revista <i>Marie Claire</i> .....	93
4.2.5 Revista <i>TPM – Trip para mulheres</i> .....	96
4.4 EXEMPLARES DE ENUNCIADOS DO GÊNERO <i>NOTÍCIA</i> .....	99
<b>5 A ESFERA DO JORNALISMO DE REVISTA .....</b>	<b>105</b>
5.1 O JORNALISMO DE REVISTA E O JORNALISMO DE REVISTA <i>ONLINE</i> .....	107
5.2 AS REVISTAS PARA MULHERES .....	115
<b>6 O CRONOTOPO.....</b>	<b>125</b>

6.1 O GRANDE CRONOTOPO DAS NOTÍCIAS PARA MULHERES: RESQUÍCIOS HISTÓRICOS .....	125
6.2 O PEQUENO CRONOTOPO DAS NOTÍCIAS PARA MULHERES: A AUTORIA E A INTERLOCUTORA PREVISTA ...	150
6.2.1 Lugar discursivo e periodicidade do gênero notícia em revistas online .....	151
6.2.2 A posição de autoria das notícias e seu interlocutor previsto.....	160
<b>7 A(S) IMAGEM(NS) DE MULHER DISCURSIVIZADA(S) NAS NOTÍCIAS.....</b>	<b>171</b>
7.1 A MULHER “RESPONSÁVEL” .....	172
7.2 A MULHER “SAUDÁVEL” .....	179
7.3 A MULHER “SEGURA” .....	183
7.4 A MULHER “CORAJOSA” .....	189
7.5 A MULHER DE “SUCESSO” .....	202
7.6 A MULHER “AUTÔNOMA” .....	207
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>215</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>221</b>
<b>ANEXO A - Notícia AM01 .....</b>	<b>233</b>
<b>ANEXO B - Notícia AM02 .....</b>	<b>234</b>
<b>ANEXO C - Notícia AM03 .....</b>	<b>235</b>
<b>ANEXO D - Notícia CL01 .....</b>	<b>236</b>
<b>ANEXO E - Notícia CL02 - parte 1 .....</b>	<b>237</b>
<b>ANEXO F - Notícia CL02 - Parte 2.....</b>	<b>238</b>
<b>ANEXO G - Notícia CL03 - Parte 1 .....</b>	<b>239</b>
<b>ANEXO H - Notícia CL03 - Parte 2 .....</b>	<b>240</b>

<b>ANEXO I - Notícia CL03 - Parte 3 .....</b>	<b>241</b>
<b>ANEXO J - Notícia GL01 - Parte 1.....</b>	<b>242</b>
<b>ANEXO K - Notícia GL01 - Parte 2 .....</b>	<b>243</b>
<b>ANEXO L - Notícia GL02 - Parte 1.....</b>	<b>244</b>
<b>ANEXO M - Notícia GL02 - Parte 2.....</b>	<b>245</b>
<b>ANEXO N - Notícia GL03 - Parte 1.....</b>	<b>246</b>
<b>ANEXO O - Notícia GL03 - Parte 2 .....</b>	<b>247</b>
<b>ANEXO P - Notícia MC01.....</b>	<b>248</b>
<b>ANEXO Q - Notícia MC02 .....</b>	<b>249</b>
<b>ANEXO R- Notícia MC03 .....</b>	<b>250</b>
<b>ANEXO S - Notícia TPM01.....</b>	<b>251</b>
<b>ANEXO T - Notícia TPM02 .....</b>	<b>252</b>
<b>ANEXO U - Notícia TPM03 - Parte 1.....</b>	<b>253</b>
<b>ANEXO V - Notícia TPM03 - Parte 2.....</b>	<b>254</b>



## 1 INTRODUÇÃO

As revistas destinadas potencialmente<sup>1</sup> ao público leitor feminino começam a circular no Brasil em 1852 com a publicação do *Jornal das Senhoras*. O referido periódico surge em um momento de constantes discussões acerca da presença da mulher em espaços públicos e, nesse contexto, o *Jornal das Senhoras* se colocava a favor da instrução e emancipação feminina, uma vez que até então o acesso de meninas à educação formal era bastante limitado e o ensino se mostrava ainda precário. O ensino era basicamente destinado aos meninos que pertencessem às famílias com boa condição financeira para arcar com todos os custos, enquanto que, às meninas, o acesso à escola era negado pois argumentava-se que não seria de utilidade nenhuma o aprendizado da leitura e, especialmente, da escrita, pois inclusive seu domínio por parte das mulheres era entendido como ameaça à moral da família.

No entanto, as propostas de educação e emancipação que o *Jornal das Senhoras* defendia não dizia respeito à participação da mulher na vida pública nem como incentivo para que exercessem funções e cargos fora do lar, mas baseava-se no pressuposto de que as mulheres precisariam aprender a ler e a escrever para que pudessem educar seus filhos cada vez mais cedo. Nessa medida, a imagem de mulher discursivizada nas primeiras revistas que circularam no Brasil era a de que não deveria ter acesso à instrução como forma de conquista da independência, mas para melhor educar seus filhos, pois, mesmo que comesse a se fazer presente em espaços como cafés, teatros, etc., as exigências no âmbito do lar persistiam.

No século XX surge a *Revista Feminina* (1914), que exerceu grande influência em seu período de circulação. Sua principal proposta consistia em ratificar a importância da mulher na manutenção do lar enquanto figura necessária para a preservação da união da família, além de constantemente trazer dizeres que enfatizavam a ligação da mulher com o sentimentalismo e com a emoção. Em contraponto, a figura do marido era apresentada à leitora como representação máxima da razão e autoridade. Assim como ocorria no século XIX, a imagem de mulher projetada nas publicações destinadas ao público feminino ratificava a importância da presença feminina no lar de modo a evidenciar para as

---

<sup>1</sup> Embora as revistas mencionadas no decorrer da dissertação sejam destinadas à princípio ao público feminino adulto, entendemos que esse fato não impede seu consumo por outros públicos não inicialmente projetados como possíveis interlocutores.

leitoras que elas exerciam papel decisivo na formação de cidadãos cultos.

A indústria das revistas para mulheres se consolida atualmente como uma das mais lucrativas da mídia, pois, assim como outros veículos, experimenta relevante fragmentação de público, o que proporciona a criação de inúmeras variantes das revistas para mulheres, como a revista para mães de bebês, de donas de casa, para interessadas cuidados com o corpo e com a saúde, etc. Outro fator determinante para o amadurecimento do segmento consiste na dedicação de espaços para anúncios publicitários, o que viabiliza sua publicação e contribui para atrair cada vez mais leitores. Nesse panorama favorável para o crescimento de revistas femininas, Heberle (2004, p. 87) discute que o estudo das referidas publicações se mostra relevante, também, “[...] pelas informações e pressuposições importantes que veiculam sobre a identidade das mulheres na sociedade contemporânea”.

Com base nessas considerações, a presente dissertação tem como objetivo geral analisar a(s) imagem(ns) de mulher discursivizada(s) nas notícias publicadas em revistas *online* direcionadas (potencialmente) ao público leitor feminino adulto. Em outros termos, propomos, neste trabalho, analisar que (ou quais) imagem(ns) de mulher, construídas socialmente em diálogo com posições axiologicamente valorativas que se consolidam cultural e historicamente e com vozes outras reenunciadas, são discursivizadas em notícias direcionadas potencialmente a esse público específico.

Justificamos a relevância de tal estudo na medida em que consideramos que as imagens discursivizadas pela mídia e, especificamente, pelas revistas, são construções sociais. A sociedade impõe, de forma velada ou não, quem a mulher deve ser, como ela deve agir e o que se espera dela. Em suma, há discursos institucionalizados que determinam o que é “ser mulher”. Esses dizeres reverberam em publicações como as revistas femininas, uma vez que são pensadas potencialmente para esse público e, conseqüentemente, esse interlocutor previsto determina ativamente o que será dito ou não, e como esses dizeres serão discursivizados nas publicações. Sendo assim, entendemos a importância do estudo uma vez que contribui para a desconstrução de concepções naturalizadas e constantemente acentuadas desde as primeiras publicações voltadas para o público feminino adulto, até as revistas que circulam atualmente.

Para o desenvolvimento da pesquisa proposta, sustentamos nossa análise em três ancoragens teóricas de diferentes áreas de estudo. Subsidiámos o presente estudo nos escritos do Círculo de Bakhtin<sup>2</sup> e nas pesquisas contemporâneas em Análise Dialógica do Discurso. As considerações do Círculo de Bakhtin em torno dos conceitos de enunciado e gênero, de relações dialógicas, de ideologia e valoração, assim como a compreensão do cronotopo de acordo com a perspectiva dialógica da linguagem oferecem o suporte teórico-metodológico para as reflexões e considerações subsequentes.

O segundo escopo teórico que subsidia a presente pesquisa consiste no(s) estudo(s) feminista(s) em termos de percurso histórico e principais momentos, em diálogo com teóricos culturais, sociólogos e filósofos como Lyotard (2009 [1979]) e Stuart Hall (1997; 2003). Nessa medida, realizamos um recorte das principais considerações da referida teoria e reenunciamos conceitos fundamentais para a realização desse estudo, como, por exemplo, a discussão em torno do que se entende por *gênero social*, em diálogo com as considerações do Círculo de Bakhtin. Ratificamos a importância dessa discussão na medida em que entendemos que as considerações em torno do discurso de gênero social consubstanciam a necessidade do constante questionamento de verdades consolidadas. Esses estudos têm como principais objetivos questionar relações sociais institucionalizadas e naturalizadas, as quais envolvem também o que se entende por ser homem ou mulher, as categorizações “masculino” e “feminino” como construções sociais determinadas pela relação entre o eu e o outro, além de buscarem desconstruir a concepção biologizante dos sexos.

Por fim, reenunciamos autores da Teoria do Jornalismo, mais especificamente suas considerações em torno do Jornalismo de revista, de revista *online* e do Jornalismo Feminino/feminista. Embora não seja o objetivo deste trabalho desenvolver um estudo longitudinal do percurso histórico das revistas femininas, será relevante para o desenvolvimento da pesquisa situar historicamente nosso universo de estudo para posterior análise, uma vez que ancoramo-nos nos escritos do Círculo de Bakhtin e, portanto, entendemos que todo enunciado responde a outro; todo dizer reverbera vozes outras com as quais

---

<sup>2</sup> “Círculo de Bakhtin é a denominação atribuída pelos pesquisadores ao grupo de intelectuais russos que se reunia regularmente no período de 1919 a 1974, dentre os quais fizeram parte Bakhtin, Volochínov e Medvedev. Bakhtin faleceu em 1975, Volochínov na década de 1920 e Medvedev, aproximadamente, na década de 1940” (RODRIGUES, 2005, p. 152).

estabelece relações de sentido. Portanto, ratificamos a relevância de compreendermos como o jornalismo de revista para mulheres se consolida, que posições axiológicas atravessam essas publicações e, conseqüentemente, como as construções sociais acerca do que é (ou não) de interesse da mulher adulta ainda reverberam nas revistas publicadas atualmente.

Ademais, justificamos a escolha de nosso objeto de estudo por causa de sua emergência nas revistas *online*. A publicação de notícias em revistas impressas é inviável devido ao espaçamento entre as tiragens, que são geralmente quinzenais ou mensais, o que deslocaria o gênero de sua real temporalidade, que é o imediatismo. Como os *sites* não têm a frequência de publicação definida *a priori*, é possível a atualização constante. Além disso, entendemos que, por causa dessa emergência do gênero *notícia* em revistas, há reacentuações e reelaborações do referido gênero, de forma que ele atenda às necessidades da situação concreta de interação que medeia. Em suma, a circulação do gênero publicado em suportes como o jornal, que não possui um público fragmentado, ganha reacentuações nas revistas, que almejam estabelecer elos com seus leitores.

Assim sendo, as discussões estão organizadas em oito capítulos. Na introdução, situamos o presente estudo em termos de bases teórico-epistemológicas, apresentamos o objetivo geral e a justificativa de escolha do nosso objeto de estudo. No segundo capítulo, reenunciamos as considerações do Círculo de Bakhtin quanto aos conceitos de enunciado e gêneros do discurso, ideologia e valoração, relações dialógicas e cronotopo.

No capítulo 3, discutimos algumas questões em torno dos estudos feministas, tanto em termos gerais, por meio do percurso histórico dos principais movimentos, quanto pela abordagem do feminismo latino-americano em específico, para finalizarmos com o que se entende por estudo de gênero. As discussões do referido capítulo buscam construir um percurso que evidencie as principais demandas e avanços do feminismo no contexto latino-americano, pois entendemos a complexidade das discussões de forma geral e optamos por fazer um recorte das considerações referentes ao contexto de circulação e publicação das revistas aqui analisadas.

No capítulo 4, discutimos os pressupostos metodológicos que subsidiam a análise dos dados a partir da retomada das diretrizes de Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) quanto ao método sociológico de estudo da linguagem como caminho a ser seguido no desenvolvimento do estudo aqui proposto. Além disso, delimitamos o nosso universo de



análise e objeto de estudo pela contextualização das revistas escolhidas, quais sejam, *Ana Maria*, *Claudia*, *Glamour*, *Marie Claire* e *TPM*, bem como apresentamos os critérios para a seleção dessas publicações.

No capítulo 5, trazemos considerações no que se refere à esfera do jornalismo de revista. Para tanto, dialogamos com as discussões da Teoria do Jornalismo a fim de esclarecermos a natureza do jornalismo de revista *online* e o surgimento do jornalismo feminino/feminista. A seguir, discutimos, no capítulo 6, o estudo da dimensão social da *notícia* a partir da análise do grande e do pequeno cronotopo. Na discussão acerca do grande cronotopo, apresentamos brevemente as primeiras revistas femininas publicadas no Brasil de modo a compreendermos que discussões eram trazidas para seu público potencialmente projetado, de modo que possamos entender as condições sócio-históricas de emergência das notícias nesse suporte. Acerca do pequeno cronotopo do gênero *notícia*, analisamos o lugar discursivo e periodicidade de publicação, bem como a posição de autoria das notícias e o interlocutor previsto das revistas.

Já no capítulo 7, direcionamos nossas reflexões para a compreensão das imagens de mulher que são discursivizadas nas notícias analisadas no presente estudo. Nessa medida, analisamos os já-ditos e os pré-figurados que são reenunciados pela instância autoral de acordo com seus objetivos, isto é, que vozes são trazidas para o contexto da notícia e que sentidos essas relações dialógicas entre a voz da autoria, os dizeres enquadrados, a antecipação do público leitor e o projeto de dizer das revistas, concretizam. Ainda nessa discussão, levamos em conta que as revistas atendem a determinadas construções sociais acerca do que se espera da mulher adulta atualmente, isto é, que seus dizeres e silenciamentos respondem às exigências da sociedade acerca do que pode ser oferecido ao público potencial das revistas, sendo que essas questões reverberam na discursivização das notícias. Para finalizar, apresentamos nossas considerações finais.



## 2 O OLHAR PARA O GÊNERO DO DISCURSO

No presente capítulo, discutimos os conceitos-chave trazidos pelo Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2004 [1924]; 2004 [1960]; 2008 [1965]; 2010 [1920/1924]; 2010 [1929]; 2011 [1979]; 2014 [1975]; BAKHTIN, 2015; BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929]; MEDVIÉDEV, 2012 [1928]; VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]) e discutidos por seus interlocutores contemporâneos (ACOSTA PEREIRA, 2008; 2012; ACOSTA PEREIRA; SOUZA, 2011; ANTUNES, 2008; BRAIT, 2014a; 2014b; FARIA E SILVA, 2010; PEREIRA; RODRIGUES, 2009; RODRIGUES, 2001; 2005; ROHLING DA SILVA, 2007; ROJO, 2005; 2013; SOBRAL, 2009; 2013; 2014). Entendemos que as seguintes discussões se fazem relevantes para o desenvolvimento do estudo proposto, dada a impossibilidade de abordarmos todas as conceituações apresentadas no conjunto das obras. Para tanto, reenunciamos primeiramente os conceitos de **enunciado** e **gêneros do discurso**, na medida em que entendemos a relevância de situar teoricamente as discussões do Círculo no que se refere à concepção de linguagem, tanto para esclarecermos a perspectiva que perpassa as discussões trazidas, assim como para retomarmos essas considerações nas seções seguintes.

Na seção 2.2, discutimos as noções de **ideologia** e **avaliação social/valorização**. Em seguida, para estabelecermos diálogos entre os referidos conceitos, procuramos entender como eles estão inter-relacionados, isto é, como se entrecruzam e convergem nos diferentes textos do Círculo, considerando as implicações dessa fluidez que não encerra as discussões em conceitos e denominações.

Na seção 2.3, retomamos a concepção de **relações dialógicas**, compreendendo-as enquanto relações semântico-valorativas, isto é, relações de sentido e atravessamentos de valores que são projetados na discursivização dos enunciados analisados. Entendemos a relevância dessa noção para esse trabalho, pois compreendemos o conjunto de vozes que se encontram na produção de todo enunciado.

Finalmente, na seção 2.4 reenunciamos as discussões que envolvem a compreensão do Círculo de Bakhtin em torno do conceito de **cronotopo**. Conforme Bostad (2004), as relações sociais que se concretizam no ambiente virtual oferecem novas possibilidades de interação, em diferentes espaços e tempos, questões essas que não apenas reorganizam essa relação espaço-temporal, mas também possibilitam a produção de sentidos outros. Além disso, ressaltamos a importância de discutirmos a questão do cronotopo, pois essa noção será

retomada durante o desenvolvimento da análise na busca da compreensão do pequeno e do grande cronotopo do gênero *notícia*.

## 2.1 ENUNCIADO E GÊNEROS DO DISCURSO<sup>3</sup>

A presente seção traz as considerações teórico-epistemológicas que orientam e situam o nosso olhar para o objeto de estudo e, portanto, norteiam as análises desenvolvidas nos capítulos posteriores. Primeiramente reenunciamos as discussões do Círculo de Bakhtin referentes ao conceito de **enunciado** enquanto unidade de comunicação verbal e, em seguida, retomamos a concepção de **gêneros do discurso**, sendo os gêneros entendidos sob uma perspectiva bakhtiniana como tipificação/estabilização dos enunciados nas diferentes esferas da interação<sup>4</sup>.

No que se refere ao estudo do **enunciado**, Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) afirmam que a interação verbal se concretiza, de fato, por meio da *enunciação* situada em uma perspectiva dialógica e materializada enquanto tal na interação verbal e, assim sendo, o enunciado é concebido enquanto *unidade de comunicação discursiva a serviço das situações de interação* (BAKHTIN, 2011 [1979]; MEDVIÉDEV, 2012 [1928]). Ao mesmo tempo em que não está dado de antemão, o enunciado se constitui enquanto materialidade irrepetível e singular na medida em que se orienta para condições da situação de interação, pois todo enunciado é determinado pela *situação social* que o envolve, considerando não só as condições da interação imediata, como também o contexto mais amplo.

Sobre a situação imediata, Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) discutem que, mesmo o interlocutor não estando corporificado na situação de interação, sua presença determina toda a construção do enunciado em termos de entonação, seleção das palavras e sua disposição na enunciação (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]). Como está orientado para o outro, dado que a palavra sempre se dirige à avaliação<sup>5</sup> de outrem, o enunciado será determinado por esse auditório real ou

---

<sup>3</sup> Entendemos que, frente à impossibilidade de dissociar os conceitos de *enunciado* e *gêneros do discurso*, procuramos reunir as considerações sobre ambos na presente seção de modo a estabelecer constantes diálogos no encaminhamento das reflexões.

<sup>4</sup> O conceito de *esferas da atividade humana* será retomado durante as discussões teóricas desenvolvidas na presente seção.

<sup>5</sup> O conceito de *avaliação* será discutido com mais atenção na seção 2.2.

potencial, pois a construção da enunciação “variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.)” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV; 2009 [1929], p. 116). Volochínov (2013 [1930]) compreende como *orientação social* essa relação sócio-hierárquica que se instancia entre os interlocutores enquanto uma das forças vivas que constituem o enunciado. A situação imediata determina, por assim dizer, a forma do enunciado, isto é, seu acabamento (relativo).

Em relação à situação social mais ampla, Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) afirmam que esse contexto mais complexo diz respeito às projeções e coerções ideológicas, axiológicas e histórico-culturais que se engendram na situação de interlocução. O enunciado não está alheio às condições sócio-histórico-culturais e ideológico-valorativas que o envolvem, pois todo dizer leva em conta não apenas os papéis sociais exercidos pelos participantes, mas também os valores, a história e a cultura subjacentes a esses papéis. A relação entre a situação imediata e o contexto mais amplo, portanto, define a orientação social do enunciado. Em outras palavras, Acosta Pereira (2012, p. 27) explica que:

[...] em termos bakhtinianos, **qualquer enunciado é sempre determinado pelas condições reais da situação extraverbal**, isto é, antes de tudo pela situação social imediata e, em sua totalidade, pela situação sociohistórica ampla. A partir disso, o enunciado é concebido como produto da interação de dois ou mais indivíduos socialmente constituídos. [...]. (ACOSTA PEREIRA, 2012, p. 27, grifos do autor).

Com isso, entendemos que o enunciado só pode existir na concretude das relações sociais. No âmbito dessas discussões, Bakhtin (2011 [1979]) delinea questões acerca da *real natureza do enunciado* e o contrapõe à *oração*, compreendida enquanto construção imanente, essencialmente gramatical. O autor afirma que somente nos comunicamos por meio de enunciações concretizadas na interação entre dois ou mais sujeitos sócio-historicamente situados, pois o discurso<sup>6</sup> só existe de fato na forma de enunciações concretas de determinado sujeito

---

<sup>6</sup> Segundo Bakhtin (2014 [1975]), o discurso é compreendido enquanto fenômeno social em todas as esferas de sua existência, sendo que nele se unem a forma e o conteúdo.

do discurso. Já a oração, entendida em um sentido estritamente linguístico, é de natureza gramatical tomada como forma da língua. Dessa maneira,

[...] a oração não se correlaciona de imediato nem pessoalmente com o contexto extraverbal da realidade (a situação, o ambiente, a pré-história) nem com as enunciações de outros falantes, mas tão somente através de todo o contexto que a rodeia, isto é, através do enunciado em seu conjunto. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 277).

Bakhtin (2011 [1979]) ainda explica que, enquanto unidade da comunicação discursiva, o enunciado possui características que o diferenciam da oração concebida em um sentido estritamente linguístico. Por mais distintas que sejam as enunciações, seja em termos de volume, do conteúdo e da construção composicional, bem como em relação às condições de interação na qual os dizeres dos sujeitos se concretizam, todo enunciado possui peculiaridades que lhe dão acabamento e o caracterizam enquanto tal, que são (i) a expressividade, (ii) a alternância entre os sujeitos do discurso e (iii) a conclusibilidade.

A **expressividade** do enunciado corresponde aos índices de valor que o atravessam, índices estes determinados pela “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 289). Na medida em que afirmamos a concretude do enunciado de natureza social, existente enquanto tal nas relações sociais, toda enunciação, por conseguinte, é atravessada por valores ideológicos<sup>7</sup> específicos das condições sociais de produção. Os elementos do sistema da língua não carregam, por si só, expressividade, mas ao constituírem enunciações concretas, são atravessados por juízos de valor.

Embora Bakhtin (2011 [1979]) esclareça a inexistência de expressão na oração enquanto unidade da língua, é possível que nos deparemos com situações que pareçam contradizer essa característica do enunciado, ou seja, pode haver a convicção de que a palavra, mesmo enquanto unidade da língua, carrega tons apreciativos e, portanto, entoação expressiva inerente a si. No entanto, ainda de acordo com o referido autor, a oração como parte do sistema da língua é neutra e,

---

<sup>7</sup> Na seção seguinte, aprofundaremos as discussões envolvendo os conceitos de *ideologia* e *valoração*.

portanto, não carrega o elemento expressivo, pois este se concretiza no enunciado pleno e é determinado pelas condições da interação.

Quando uma palavra é enunciada com entoação expressiva, deixa de ser neutra, pois já não constitui mais uma unidade do sistema e existe como enunciado concreto e socialmente orientado (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]). Todo enunciado é atravessado/consubstanciado por valores, apreciações, pontos de vista, pois não existe enunciado neutro, e sim graus vários de força do elemento expressivo. Com isso, a tomada da palavra sempre significa a expressão de uma posição social e esses índices valorativos só podem ser compreendidos quando levamos em conta a relação valorativa do sujeito com o enunciado e com o objeto do discurso, pois “só o contato do significado linguístico com a realidade concreta, só o contato da língua com a realidade, o qual se dá no enunciado, gera a centelha da expressão: esta não existe nem no sistema da língua nem na realidade objetiva fora de nós” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 292).

Além disso, essa peculiaridade do enunciado é o que determina, segundo Bakhtin (2011 [1979]) e Medviédev (2012 [1928]), a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado, que refletem tanto a relação valorativa do sujeito com o objeto do discurso, seu conteúdo temático, as condições sociais que circunscrevem a interação, assim como as relações que se estabelecem com outrem na interação verbal. Em outras palavras, os autores explicam que a expressividade/a avaliação orienta o falante acerca da escolha de recursos que constituirão a materialidade do enunciado, assim como direciona a relação valorativa e emotiva do sujeito em relação ao objeto do discurso, aos participantes da interação e aos dizeres outros.

Sobre a **alternância entre os sujeitos do discurso**, segunda peculiaridade apresentada por Bakhtin (2011 [1979]), podemos relacioná-la com o relativo acabamento da enunciação, uma vez que essa característica demarca os limites do enunciado e possibilita a passagem da palavra ao outro. Os limites do enunciado, demarcados pela alternância dos falantes, são o que permitem situá-lo enquanto elo da comunicação discursiva, estabelecem uma relação com os demais enunciados produzidos na mesma esfera da interação e possibilitam a responsividade, já que todo enunciado, seja uma sucinta réplica na interação face a face, seja um complexo tratado científico, tem limites precisos e que determinam seu início e seu fim, isto é, seu (relativo) acabamento.

Se o enunciado constitui um elo na comunicação discursiva, já que o falante não enuncia pela primeira vez, conforme explica Bakhtin

(2011 [1979]), todo discurso responde aos já-ditos, aos outros enunciados já proferidos sobre um dado objeto, uma dada posição, assim como constitui uma posição ativamente responsiva aos pré-figurados, ou seja, às possíveis atitudes responsivas dos participantes da interação (BAKHTIN, 2014 [1975]). Essa alternância dos sujeitos do discurso e a consequente necessidade de definição dos limites do enunciado, portanto, são o que possibilitam a passagem da palavra ao outro na interação verbal.

Nos mais diferentes campos da comunicação discursiva, essa alternância dos sujeitos do discurso é, conforme Bakhtin (2011 [1979]), de natureza diferente e assume formas variadas, pois é determinada pelas condições distintas da comunicação, bem como pelas especificidades da esfera. O autor explica que a alternância dos falantes está claramente explícita no diálogo face a face (embora, como bem postula Bakhtin (2011 [1979]), não se restringe a este), mas permeia todas as formas de comunicação discursiva, nos mais diferentes contextos sociais, já que cada enunciação, cada momento de participação do falante na interação tem início e fim precisamente demarcados.

Nos campos complexamente organizados, a delimitação dos enunciados é a mesma, embora possam assumir formas completamente distintas. Há alternância entre sujeitos do discurso e delimitação dos limites do enunciado também em campos/esferas mais complexo/as, como em enunciações dos campos científico, artístico, jurídico, etc., que se concretizam por meio de gêneros distintos, mesmo sem o contato imediato entre os interlocutores em um mesmo espaço e tempo.

A responsividade, por sua vez, pode se concretizar na compreensão silenciosa, na influência educativa, por meio das posteriores respostas críticas, enfim, está disposta para a resposta dos participantes da interação e pode tomar diferentes formas. Inerentemente relacionada à alternância dos sujeitos do discurso, há a **conclusibilidade**, que diz respeito ao acabamento do enunciado, e permite a alternância entre os sujeitos da enunciação, conforme esclarece Acosta Pereira (2012, p. 31): “quanto à conclusibilidade, esta significa o princípio e o término do enunciado, seus limites precisos, vistos a partir do interior do enunciado”. A conclusibilidade permite a atitude responsiva do falante, ao mesmo tempo em que atribui ao enunciado certa inteireza, ou seja, uma relativa finalização.

Bakhtin (2011 [1979]) nomeia de “*dixi conclusivo*” essa relativa conclusão do enunciado, acabamento percebido nitidamente pelos participantes da interação e que é determinado por categorias



específicas. O autor explica que o primeiro e mais importante critério da conclusibilidade é a possibilidade de poder responder ao enunciado, isto é, de ocupar uma posição responsiva frente à enunciação. Podemos responder ou não a um pedido cotidiano; podemos discordar ou concordar com o discurso científico, isto é, a atitude responsiva pode se concretizar de diferentes formas, mas, para que isso seja possível, é necessário que o enunciado tenha esse acabamento conclusivo.

Vale lembrar que, assim como a alternância entre os falantes, a conclusibilidade também vai além do diálogo imediato e assume formas variadas. A atitude responsiva não se dá unicamente de forma imediata, conforme ocorre no diálogo face a face, uma vez que pode perpassar o enunciado do interlocutor posteriormente, ou seja, pode tomar forma em uma ação posterior ou mesmo concluir enunciados produzidos em interações concretizadas em esferas como a científica ou a jurídica. De uma forma ou de outra, conforme Bakhtin (2011 [1979]), a resposta ao discurso alheio sempre se realiza e, para que isso seja possível, a conclusibilidade delimita o início e o fim do enunciado.

Ainda no que se refere à conclusibilidade, Bakhtin (2011 [1979]) explica que há três elementos intimamente ligados ao enunciado e que lhe conferem a possibilidade de resposta: (a) a exauribilidade do objeto e do sentido; (b) o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante e (c) as formas típicas de gênero do enunciado. Sobre a *exauribilidade semântico-objetal*, Bakhtin (2011 [1979]) afirma que é extremamente diversa, já que varia à medida que as condições da comunicação discursiva mudam. Em alguns contextos, esse esgotamento semântico-objetal pode ser quase pleno, como em campos de ordem militar nos quais o elemento criativo está pouco presente e há (certa) padronização. Já no campo das artes, em que o elemento criativo é característico das interações que se concretizam nesse contexto, como na ficção, por exemplo, a exauribilidade se dá de diferentes formas. A esse respeito, Sobral (2009) esclarece que:

A exaustividade varia de acordo com as coerções da esfera de atividade [...] em que o enunciado é proferido: num lado do espectro, as perguntas sobre eventos factuais, nas relações cotidianas, não quase totalmente exaustivas, ao passo que um tratado exhibe uma exaustividade relativa apenas suficiente para despertar uma resposta ativa. (SOBRAL, 2009, p. 93).

O segundo elemento, isto é, o *projeto de discurso* ou *vontade de discurso do falante*, está relacionado ao primeiro. Bakhtin (2011 [1979]) explica que a vontade discursiva do falante é o que determina o todo do enunciado, que é percebido pelo interlocutor e permite, portanto, a medição da conclusibilidade da enunciação. A concretização da vontade discursiva do sujeito se dá a partir da escolha de uma forma típica do enunciado, levando em conta as condições de enunciação, os participantes e as circunstâncias que determinam dada situação social, o que já direciona a discussão para o terceiro elemento, ou seja, *as formas típicas de gênero do enunciado*. Segundo o autor, a realização da vontade discursiva do falante está integrada à situação de interação e não depende, por conseguinte, da vontade subjetiva do sujeito, uma vez que é nesse horizonte espaciotemporal que o projeto de dizer se realiza. Em síntese, em todos os campos da comunicação discursiva, a intenção discursiva do falante se realiza mediada pela escolha de dado gênero do discurso.

Nesse escopo, Faria e Silva (2010) explica a indissolubilidade da relação entre a intenção discursiva do falante e a escolha dos gêneros do discurso. Para a autora,

A intenção discursiva do autor está associada à escolha do objeto que ganha “certa exauribilidade”, bem como ao volume e às fronteiras do enunciado. Da mesma forma, esses elementos associam-se à escolha do gênero em que se dará o enunciado. As formas estáveis de gêneros do enunciado, funcionando como forças coercivas, influenciam a intencionalidade do falante. (FARIA E SILVA, 2010, p. 80, grifos da autora).

A partir das discussões envolvendo a concepção de enunciado de acordo com o Círculo de Bakhtin, concordamos com Volochínov (2013 [1930]) quando o autor afirma que

A palavra na vida [...] não se centra em si mesma. Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido. (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930], p. 77).

Por isso, o conceito de enunciado está intimamente relacionado a outras discussões que oferecem uma visão dialogicamente constituída acerca da real natureza do discurso e, portanto, da comunicação discursiva, sendo que um desses conceitos envolve a realização do projeto discursivo, cujo pensamento foi desenvolvido anteriormente e que buscamos desdobrar a seguir ao abordarmos a questão dos *gêneros do discurso*.

Medviédév (2012 [1928]) discute que os gêneros do discurso são formas típicas do todo do enunciado, ou seja, constituem formas de dizer que se estabilizam relativamente e determinam, por assim dizer, a totalidade do enunciado. Em face a compreensão de cada elemento constitutivo da totalidade do enunciado só é possível na relação com o gênero. É nessa concepção de gêneros como formas típicas do enunciado que Bakhtin (2011 [1979]) explica como os gêneros do discurso possibilitam a mútua compreensão dos participantes da interação. O autor afirma que esse acabamento composicional do enunciado permite a tomada de uma atitude responsiva, pois a interação, concretizada pela linguagem, não seria possível se não dominássemos os gêneros do discurso e tivéssemos que reinventá-los a cada novo evento<sup>8</sup> discursivo/situação interlocutiva. Os gêneros do discurso oferecem, ao falante, formas de acabamento do enunciado, na medida em que delimitam seu volume e estabelecem seus limites, ou seja, o início e o fim da enunciação, e, ao mesmo tempo, permitem aos participantes da interação uma ideia da totalidade discursiva (o relativo acabamento do enunciado).

Assim sendo, para Bakhtin (2011 [1979]), o encaminhamento para o estudo dos gêneros do discurso está na compreensão do vínculo entre os diferentes usos da linguagem e *as esferas da atividade humana*<sup>9</sup> compreendidas como espaços de interação humana, fluidos e dinâmicos, não acabados e de caráter híbrido. Não falamos no vazio; todas as

---

<sup>8</sup> Segundo Sobral (2014, p. 26), “evento” pode ser definido como “o processo de irrupção de entidades, ou objetos, no plano histórico concreto [...] como a presentificação, ou apresentação, dos seres à consciência viva, isto é, situada no concreto”. Ainda segundo o autor, um evento ocorre num dado lugar e num dado espaço, ou seja, é visto sob a ótica do individualizável e do irrepetível, embora também sejam considerados os seus aspectos repetíveis e universalizáveis.

<sup>9</sup> No decorrer da obra do Círculo de Bakhtin, há diferentes referências conceituais para as esferas da atividade humana (intercâmbio comunicativo, campo, esfera, dentre outras).

esferas da atividade humana estão relacionadas com o uso da linguagem e a tentativa de compreender o enunciado separadamente das condições específicas da situação significaria abstrair-lo da dimensão social. Conforme Bakhtin (2011 [1979]), o conhecimento desses recortes sócio-históricos e ideológicos que instituem as mais diferentes formas de intercâmbio é necessário para a compreensão do dizer como ato socialmente orientado e dos gêneros como mediadores desse dizer.

Sobre essa relação entre gêneros e esferas, Grillo (2014) discute que as esferas organizam os enunciados, formando um todo orgânico e, ao mesmo tempo, é um espaço de refração no qual se encontram enunciados, objetos do sentido e coenunciadores. Nessa compreensão, os gêneros se orientam na realidade para funções ideológicas específicas e, à medida que as esferas se reorganizam, os gêneros também se reelaboram para atender às necessidades dessa dada esfera social. Sobral (2009) também discute a relação entre esferas sociais e gêneros do discurso e explica que cada esfera, enquanto arena de enunciados e espaço de interação de sujeitos, elabora incessantemente suas modalidades de uso da língua, isto é, gêneros, que são constantemente reelaboradas, alteradas, reacentuadas.

Grillo (2014) reenuncia as discussões do Círculo no que se refere às diferentes esferas da comunicação discursiva e que permeia as considerações acerca do todo orgânico do enunciado. A autora explica que a noção de esfera perpassa a construção dos enunciados no que se refere ao tema, pois, compreendendo este como uma apreensão delimitadora do objeto do discurso e levando em conta que todo discurso é atravessado valorativamente, a relação do enunciado com o objeto do discurso se orienta para a esfera da comunicação discursiva. Ademais, a relação com enunciados precedentes e as possíveis atitudes responsivas, bem como a reenunciação do discurso alheio diferenciam-se em função dos diferentes campos da comunicação, pois “o campo/esfera é um espaço de refração que condiciona a relação enunciado/objeto do sentido, enunciado/enunciado/, enunciado/coenunciadores” (GRILLO, 2014, p. 147).

Entendemos, assim, que compreender os gêneros do discurso segundo a perspectiva bakhtiniana significa levar em conta que estes circulam em esferas da atividade. Ao mesmo tempo, é necessária uma postura que dê conta da *relativa* estabilidade dos gêneros, que compreenda a sua fluidez e plasticidade, como também seu relativo acabamento. Sobre essa *tipificação* dos enunciados, Bakhtin (2011 [1979]) reitera que eles são estabilizados de certa maneira, isto é, em

relação às práticas discursivas que se realizam por meio da linguagem e que se concretizam na escolha do gênero do discurso.

Sobral (2009) esclarece a relação paradoxal entre “normatividade” e “relativa estabilidade”, isto é, como algo pode ser, ao mesmo tempo, estável e variável. O autor explica que a normatividade característica dos gêneros não constitui formas cristalizadas e imutáveis, mas que transcendem ao nível estrutural da língua, pois existe a necessidade, no ambiente sócio-histórico-cultural de interação humana, de que formas de dizer, formas de agir, se estabilizem e, portanto, tipifiquem e orientem as práticas sociais. Ademais, “sua lógica [dos gêneros] não é abstrata, porque se manifesta em cada variedade nova, em cada nova obra, portanto, o gênero não é rígido em sua normatividade, mas dinâmico e concreto” (SOBRAL, 2009, p.117).

Essa regularidade inerente aos gêneros parece não ser possível frente à multiplicidade de formas de agir socialmente, pois os gêneros são infinitos, frente à diversidade de formas de atividade humana. Nas mais diferentes esferas da atividade, há gêneros que medeiam as interações e que se ressignificam ou desaparecem à medida que as condições da esfera se reelaboram. Em outras palavras, da comunicação face a face aos contextos de interação mais complexos, as formas de dizer e de agir são mediadas pelos gêneros do discurso. A reorganização, reelaboração/reacentuação ou desaparecimento dos gêneros estão intrínsecos às condições de cada esfera, de modo que os gêneros atendam suas/a essas necessidades. Sem descurar da multiplicidade dos gêneros do discurso, Bakhtin (2011 [1979]) busca entender suas regularidades a partir do seu contato com a realidade.

Em face disso, Bakhtin (2011 [1979]) apresenta a noção de *gêneros primários* e *secundários*, não sob um enfoque que reduza as peculiaridades de ambos, mas que considere as semelhanças referentes a sua constituição e ao seu funcionamento. Sobre os *gêneros primários*, Acosta Pereira (2012), à luz dos escritos do Círculo, afirma que são os gêneros instanciados em situações de interação imediata, ou seja, estão vinculados às ideologias do cotidiano e circulam em esferas não-formalizadas da comunicação humana. Quanto aos *gêneros secundários*, Bakhtin (2011 [1979]) afirma que são gêneros complexos (romances, dramas, gêneros da esfera acadêmica, gêneros jornalísticos e publicísticos, dentre outros), que circulam em contextos mais organizados e complexos em relação aos gêneros primários, ou seja, surgem em condições mais elaboradas e formalizadas que os primários. Segundo Sobral (2009), os gêneros primários, ao serem reelaborados pelos secundários, perdem sua ligação direta com a realidade e passam a

fazer parte de uma nova situação social, ou seja, integram a realidade concreta no conjunto do enunciado secundário, no contato desse com a realidade. Assim, o processo de constituição dos gêneros secundários decorre não só da incorporação dos gêneros primários, como também pode resultar de fenômenos como hibridização e intercalação.

Sobre o fenômeno da *hibridização*, Bakhtin (2014 [1975]) explica que consiste no encontro de linguagens sociais no interior de um único enunciado, isto é, do enfrentamento de diferentes consciências linguísticas. Ademais, o autor atribui à hibridização a possibilidade de transformações das línguas e das linguagens, pois é pelo encontro dos enunciados que os sentidos se atualizam e se renovam. A *intercalação* constitui uma forma de hibridização e ocorre quando enunciados de determinados gêneros são incorporados por enunciados de outros gêneros que, segundo Bakhtin (2014 [1975]), podem ou não ser incorporados intencionalmente. Além disso, a incorporação de um gênero em outro permite que eles sejam atualizados e renovados em novas condições de interação. Em suma, os dois fenômenos evidenciam a plasticidade e dinamicidade dos gêneros, pois a incorporação de enunciados outros não destrói os gêneros, mas constitui novas condições de interação e de produção de sentidos.

Além da compreensão de gêneros primários e secundários, há peculiaridades que conferem aos gêneros seu caráter relativamente estável e são determinadas pelas condições de interação, ou seja, pelo contexto sócio-histórico-cultural. Bakhtin (2011 [1979]) reitera a ligação estreita entre os gêneros do discurso e condições de interação e, em face disso, propõe uma formulação genérica compartilhada pelos gêneros e que está orientada para as peculiaridades de cada campo da comunicação. Para Bakhtin (2011 [1979]), a relativa estabilização dos gêneros se dá a partir da relação entre três instâncias constitutivas: o *tema* (ou *conteúdo temático*), a *forma composicional* e o *estilo*. O primeiro aspecto, isto é, o *conteúdo temático*, constitui o domínio de sentido, a totalidade de sentido de que o gênero se ocupa, embora seja constantemente conceituado enquanto tema do enunciado (SOBRAL, 2009, p. 118). Fiorin (2014) esclarece que os enunciados de um gênero tratam de diferentes assuntos, sendo que estes apresentam o conteúdo temático próprio do qual o gênero dá conta e que é determinado sócio-historicamente.

Nesse sentido, é possível entendermos que cada gênero se ocupa de um conteúdo temático específico, isto é, de um dado objeto do discurso. No entanto, é necessário esclarecer, ainda, que o conteúdo temático não se resume à discursivização desse objeto, mas na relação

valorativa do sujeito em relação ao objeto do discurso, bem como na construção de sentido acerca dessa relação. Grillo (2006) traz a seguinte definição para tema: “O tema é definido como: individual, não reiterável, determinado tanto pelas formas linguísticas como pelos elementos não verbais da situação, fenômeno histórico e dotado de acento de valor ou apreciativo (sendo a entonação sua expressão mais óbvia).” (GRILLO, 2006, p. 2). Assim, é possível afirmar que o conteúdo temático envolve as diferentes atribuições de sentido acerca do objeto do discurso, bem como as relações de valores estabelecidas entre esse objeto e o sujeito que enuncia.

Quanto à *forma composicional*, esse conceito pode suscitar, à primeira vista, a ideia de estrutura, de forma ou modelo, mas Bakhtin (2011 [1979]) procura justamente distanciar o conceito de composição à ideia de forma rígida ao propor a forma composicional como a arquitetônica do enunciado. Conforme discutido, os gêneros do discurso são regularizados nas mais distintas situações de interação e refletem suas condições sócio-históricas e, diferentemente dessa compreensão, Bakhtin (2011 [1979]) não apresenta os gêneros enquanto modelos cristalizados, mas como enunciações relativamente estabilizadas, isto é, flexíveis, que se renovam a cada nova interação e que seguem modos de organização, atendendo às condições de interação e às peculiaridades da esfera.

Sob essa perspectiva, Acosta Pereira (2012) faz a distinção entre forma e composição, explicando que a última dá conta da disposição e orquestração dos gêneros, que se estabilizam relativamente em decorrência da sua constante renovação por meio do uso da linguagem. Todo gênero possui uma arquitetônica, ou seja, uma disposição de elementos de ordem linguística e também social que permitem a realização do projeto discursivo dos sujeitos nas situações de interação, e que, ao mesmo tempo, possibilitam a comunicação discursiva.

O *estilo*, por sua vez, diz respeito à seleção de recursos “fraseológicos, gramaticais e lexicais da língua” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 261), que estão intimamente relacionados à escolha do gênero e às condições da interação. Brait (2014b) explica que, ao se falar de estilo à luz do pensamento do Círculo de Bakhtin, é possível que se identifique algum tipo de contradição com as discussões tradicionais da estilística, uma vez que estilo tornou-se, para o senso comum, sinônimo de subjetividade, o que se contrapõe à concepção de linguagem fundamentalmente dialógica de Bakhtin.

Bakhtin (2011 [1979]) afirma que o estilo é produto da relação social e orientado a partir da relação do sujeito que enuncia e seu

possível interlocutor, ou seja, é determinado pelas relações sociais que se estabelecem entre os sujeitos e os papéis exercidos nessas relações. A depender das condições de interação, dos lugares ocupados nesse contexto e do compartilhamento do horizonte social, são feitas escolhas em termos lexicais, gramaticais e composicionais de construção do enunciado. Outra questão que determina o estilo do gênero é a relação emotivo-valorativa do sujeito com o objeto do discurso, isto é, os valores construídos sócio-historicamente determinam a relação valorativa do sujeito com esse objeto.

Bakhtin (2011 [1979]) também explica que os gêneros têm estilo próprio e que esse estilo está intimamente relacionado com a esfera na qual circulam. Conforme Bakhtin (2011 [1979]), em determinadas esferas, como a jurídica, a publicística e a religiosa, nas quais o estilo do gênero prevalece, há pouca expressão da individualidade do falante na construção dos enunciados. Por conseguinte, os gêneros que circulam nessas diferentes esferas, por serem padronizados e atenderem a funções específicas, oferecem menos possibilidade de expressão do estilo “individual”.

Já outros gêneros são mais propensos à expressão da individualidade e, portanto, flexíveis, nos quais o estilo próprio do gênero exerce menos força. São esses, por exemplo, os gêneros literários, dado que favorecem ampla expressão da individualidade. Ainda, Fiorin (2014) explica que mesmo os gêneros menos flexíveis permitem a construção de um novo sentido ao enunciado, quando lhe é dada, por exemplo, uma nova entonação, ou quando o gênero é transferido para esferas distintas, que possibilitam a *reacentuação* do gênero. É dessa forma que o estilo se integra ao gênero, pois essa peculiaridade se regulariza no contato da palavra com a vida e assim faz parte da construção do conjunto do enunciado, reflete a relação do falante com os outros participantes da interação, bem como as condições da própria esfera na qual o gênero circula e para qual se orienta.

A partir do esclarecimento das três dimensões constitutivas dos gêneros, entendemos que o Círculo concebe os gêneros como práticas sociais regularizadas. Ao assumirmos a relativa estabilidade dos gêneros do discurso, consideramos que os aspectos constituintes supracitados se reorganizam em uma relação dialética no contato com a realidade, pois há inúmeras formas de interação concretizadas por meio da linguagem, que não são estanques nem finalizadas. Em outras palavras, o tema, a forma composicional e o estilo são determinados pelas especificidades do campo, ou seja, pelas condições da interação, participantes e as relações que estabelecemos com o outro, a esfera da atividade, bem



como o contexto sócio-histórico no qual as práticas mediadas pelos gêneros estão inseridas. Em síntese, as regularidades inerentes aos gêneros refletem as condições de interação, são determinadas por elas e se reinventam à medida que as condições das esferas de interação também são reelaboradas.

Considerando a natureza desses elementos, entendemos que na constituição dos gêneros se unem elementos linguísticos e extralinguísticos, ou seja, “é o resultado dinâmico de uma atividade autoral dialógica a que se fazem presentes o conteúdo, o material e a forma, o composicional e o arquitetônico, o linguístico e o enunciativo, o verbal e o extraverbal” (SOBRAL, 2009, p. 120). Em face disso, Medviédev (2012 [1928]) nega a concepção de gênero como agrupamento de procedimentos, tal como propõem os estudos formalistas.

Portanto, cada gênero, levando-se em conta a totalidade discursiva, tem uma construção do todo distinta. Em outras palavras, cada gênero, com seus diferentes tipos de acabamento do todo tem uma *orientação específica na realidade*. É nessa compreensão da totalidade do enunciado e do gênero como tipos de acabamento que Medviédev (2012 [1928]) explica a dupla orientação dos gêneros na realidade. Primeiramente, o gênero está orientado no horizonte social compartilhado, isto é, leva em conta ouvintes e receptores participantes da interação, posto que o gênero ocupa um certo lugar na existência:

Na primeira orientação, a obra entra em um espaço e tempo real: para ser lida em voz alta ou em silêncio, ligada à igreja, ao palco ou ao teatro de variedades. [...] Ela pressupõe um ou outro auditório de receptores ou leitores, esta ou aquela reação deles, esta ou aquela relação entre eles e o autor. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 195).

Além disso, a orientação dos gêneros não se restringe ao tempo e espaço imediatos, pois Medviédev (2012 [1928]) explica que os gêneros refletem e refratam aspectos no mundo, uma vez que eles se constituem e se reorganizam à medida que as condições das esferas também são ressignificadas. O autor discute que os gêneros se orientam na realidade de forma dupla, seja para as condições de percepção e realização (para o tempo, lugar e circunstâncias mais próximas), seja em termos de unidade temática considerando o enunciado como ato sócio-histórico. As orientações do gênero na realidade estabelecem uma relação de

interdependência indissolúvel: “[...] os gêneros ‘novos’ que se formam são resultados da renovação de gêneros da tradição, como produtos de ‘novas’ formas de interação social” (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 45, grifos do autor).

Medviédev (2012 [1928]) explica que os gêneros se orientam na realidade e que a compreensão do mundo pelos *olhos* de dado gênero é acessível somente a ele, pois essa mesma compreensão do mundo em perspectiva, ou não é dominada por outros gêneros, ou lhes é acessível, porém de forma menos clara. Além disso, o autor explica que é impossível separar os meios de orientação na realidade dos gêneros. São justamente os gêneros que nos forcem a ver novos aspectos da realidade, que não eram acessíveis aos *olhos* de outros gêneros, pois

Novos meios de representação forcem-nos a ver novos aspectos da realidade, assim como estes não podem ser compreendidos e introduzidos, de modo essencial, no nosso horizonte sem os novos recursos de sua fixação. A ligação entre eles é inseparável. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 199).

A partir dessas colocações, podemos afirmar que o gênero é determinado tanto de fora quanto de dentro; de fora, pelos aspectos contextuais, já citados, que determinam sua regularização e realização enquanto enunciado relativamente estável, e por dentro, pela forma de apreensão do real e como ele é visto aos olhos de determinado gênero. Em face disso, os gêneros são sempre compreendidos em uma perspectiva dialógica e sócio-histórica, pois um estudo que envolva os gêneros sob um ponto de vista formal acaba por negligenciar sua real natureza. É sob esse panorama social, histórico e ideológico, portanto, que entendemos a natureza do enunciado e dos gêneros do discurso.

Aqui, finalizamos as considerações do Círculo de Bakhtin no que se refere à noção de gêneros discursivos e propomos uma breve retomada de nosso objeto de estudo, isto é o **gênero *notícia* do jornalismo de revistas *online*** com base nas considerações oferecidas pelas pesquisas realizadas na esfera jornalística.

No que se refere ao gênero *notícia*, Franceschini (2004) explica que há características inerentes e que permitem reconhecê-lo, como o usufruto da aura de imparcialidade, a busca pela neutralidade e objetividade, a temporalidade e o estilo das publicações. Sobre a aura de imparcialidade, por buscarem expressar uma aparente neutralidade, as

notícias possuem maior potencial de convencimento e são atravessadas pelo mito da objetividade, decorrente de certo tipo de acordo no jornalismo no que se refere à tentativa de produção de notícias de forma mais fiel possível à realidade e, portanto, sem distorções dos fatos. Lage (1998) explica que a escolha do léxico, como os adjetivos, por exemplo, é realizada cuidadosamente a fim de diminuir o risco de discrepâncias ou desentendimentos entre o que a notícia afirma e o que o leitor compreende. Há também técnicas comuns à grande imprensa de marcar a opinião da fonte, de modo que o suporte que a veicula se isente de responsabilidades, sob o risco de ser taxado de parcial<sup>10</sup>.

Além disso, segundo Lage (1998), a temporalidade da *notícia* é marcada pelo imediatismo e pela atualidade, isto é, pelo anúncio da novidade. Se o jornal ou revista não noticiam fatos recentes com rapidez, podem ganhar a reputação de desatualizados. Assim, a atualidade e rapidez são características da *notícia*.

Lage (2001) argumenta ainda que a distinção da *notícia* em relação a outros gêneros pode ser delineada a partir da forma pela qual é redigida. Sendo assim, o gênero *notícia* possui relativa estabilidade na construção composicional por causa da intenção em chamar a atenção do leitor com informações consideradas atrativas. Para tanto, Lage (1998) reitera que sua escrita segue três principais fases de produção: (1) Seleção dos eventos: são noticiados apenas os fatos mais relevantes; os acontecimentos considerados de importância secundária são omitidos. Segundo Rodrigues (2002), o acontecimento que gera a notícia irrompe na história em meio a uma diversidade de fatos, sendo a menor previsibilidade que torna um acontecimento receber referência entre os demais; (2) a ordenação dos eventos: o primeiro contato do interlocutor se dá com a informação mais relevante, pois a escrita da *notícia*, segundo o autor, parte da informação considerada mais relevante e é finalizada com as informações menos importantes. Isso pode ser explicado porque a notícia expõe os fatos “pelo interesse ou importância decrescente, na perspectiva de quem conta e, sobretudo, na suposta perspectiva de quem ouve” (LAGE, 1998, p. 21), em vez de narrá-los na sequência cronológica de seus acontecimentos, e (3) a nomeação, que dá conta do estilo da notícia, das escolhas léxico-gramaticais, etc. (LAGE,

---

<sup>10</sup> A afirmação de que as notícias são marcadas pela neutralidade é trazida da própria esfera jornalística. No entanto, entendemos que, conforme a teoria bakhtiniana, não existe enunciado neutro, já que toda enunciação constitui uma tomada ativa da palavra, apesar da tentativa de mostrar imparcialidade no discurso, como ocorre no gênero estudado.

1998). Em síntese, a linguagem jornalística permite a projeção da aura de imparcialidade, da objetividade almejada, pois “cada um de nós conceitua as coisas por comparação e contraste, do ângulo da utilidade, da função” [...] (LAGE, 1998, p. 6).

Em adição, entendemos a relevância de situar as discussões do Círculo de Bakhtin e acerca do gênero *notícia* em revistas *online* na relação com o texto multimodal<sup>11</sup>, já que os enunciados que constituem nossos dados são publicados virtualmente. Ao refletir sobre os desafios que o texto contemporâneo traz para a teoria de gêneros do discurso, Rojo (2013) esclarece a importância da não fragmentação dos textos multissemióticos em semioses tipológicas, isto é, a partir de classificação em categorias criadas previamente para sua identificação no texto multimodal.

Em vez disso, ressalta a necessidade de compreender que a relação de tecnologias e mídias e as modalidades ou semioses se estabelece na medida em que as primeiras selecionam as segundas, isto é, que as diferentes mídias e tecnologias selecionam suas modalidades/semioses. Também, as esferas se valem diferentemente da multissemiose, pois algumas podem se servir mais de tecnologias e mídias, enquanto que outras se apegam às tradições da escrita e do impresso. Nessa perspectiva, a autora explica que, se a teoria se aproxima das discussões acerca das multissemioses, é possível que se estabeleça uma relação significativa e de não fragmentação ou finalização.

Ademais, Bostad (2004) ressalta que, dadas as diferenças da época de publicação das obras do Círculo de Bakhtin em relação às tecnologias dominantes e às formas de representação e comunicação atuais, é necessário reenunciarmos as discussões de Bakhtin em novas condições de interação, que, no caso desta pesquisa, diz respeito às notícias publicadas em revistas *online*, já que os tempos e espaços<sup>12</sup> mudaram significativamente dos anos 1920 ao século XXI, e experimentam constantes ressignificações. O autor explica que “new electronic technologies of representation and communication contribute new material embodiments of the sign, or new signifiers for old

---

<sup>11</sup> Ratificamos que, frente à impossibilidade de aprofundarmos nossa discussão em torno do texto multimodal, não retornaremos a essa questão posteriormente.

<sup>12</sup> Ainda nesse capítulo, discutimos o conceito de *cronotopo* e, na ocasião, retomaremos a questão de tempo e espaço no ambiente virtual.

signifieds”<sup>13</sup> (BOSTAD, 2004, p. 173). Destarte, considerando que o avanço tecnológico possibilitou novas formas de interação, há também novos meios de mediação do discurso, o que altera seu conteúdo. Em síntese, novas formas de mediação do discurso influenciam os discursos que medeiam, já que essas tecnologias não são apenas “adicionadas” aos textos previamente existentes.

Seguindo as considerações teórico-metodológicas que subsidiam nossa discussão, direcionamo-nos para a seção que aborda os conceitos de ideologia e valoração/avaliação social.

## 2.2 IDEOLOGIA E AVALIAÇÃO SOCIAL

O conceito de **ideologia** que perpassa as obras do Círculo não está, segundo Faraco (2013), explicitamente colocado. O autor explica que Bakhtin (2014 [1975]) utiliza várias terminologias para identificar o fenômeno da ideologia, como *semântico e axiológico*, *verbo-ideológico*, *social e ideológico* e *cultural-ideológico*. Compreender os usos da palavra *ideologia* de acordo com as discussões do Círculo se torna uma atividade ainda mais complexa frente aos diferentes contextos aos quais o referido termo remete. Frente a essa amplitude de possibilidades envolvendo a discussão do conceito, situamos esta seção conforme Faraco (2013), que distancia o uso da palavra ‘ideologia’ de uma concepção negativa ou de um emprego pejorativo; ao mesmo tempo relaciona a discussão do termo com o atravessamento ideológico das diferentes linguagens sociais, isto é, de que qualquer linguagem é ideologicamente saturada e expressa uma posição axiológica, pois, segundo Bakhtin (2010 [1920/1924]), viver significa posicionar-se em relação a valores.

Nesse escopo, Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) abordam dois aspectos que estão ligados à condição de existência da ideologia e que situam a discussão em uma perspectiva bakhtiniana, que são a *natureza social* e a *materialização semiótica*. Rohling da Silva (2007) explica que o universo das ideologias entrecruza todas as atividades humanas, posto que, ao enunciar, o sujeito se posiciona em relação a dizeres outros. Ainda sobre essa relação, Faraco (2009) diz que todo enunciado sempre é ideológico em dois sentidos: seja porque sempre é produzido em uma

---

<sup>13</sup> “Novas tecnologias eletrônicas de representação e comunicação contribuem com novas encarnações materiais do signo, ou novos significantes para antigos significados” (BOSTAD, 2004, p. 173, tradução nossa).

das esferas da atividade humana, seja porque sempre expressa uma posição valorativa.

Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]), ao mesmo tempo em que afirmam a natureza do fenômeno ideológico, compreendem que sua existência assume um necessário valor semiótico, pois todo produto ideológico é semiotizado e remete a algo fora de si mesmo, portanto é um signo. Ambos têm essa relação intrínseca, porque toda ideologia tem valor semiótico, uma vez que, para ser convertido em signo, todo objeto deve ser revestido de um conteúdo ideológico. Se todo signo é ideológico, só pode emergir das relações sociais, pois os fenômenos ideológicos estão diretamente relacionados às formas e condições de interação social (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, 2009 [1929]). Em síntese, sem a materialização sónica não existe ideologia.

Ainda acerca da natureza semiótica da ideologia, Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) explicam que, a *priori*, todo produto ideológico faz parte de uma realidade, mas, ao tornar-se signo, reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior e é nessa perspectiva que abordam o conceito de *refração*. Nesse escopo, Faraco (2013) discute que todo dizer é sempre uma representação refratada, já que o processo de transmutação do mundo em material semiótico é necessariamente atravessado por posicionamentos axiológicos que constituem perspectivas de compreensão do mundo sempre situadas. Assim, os sujeitos refletem e refratam o mundo na medida em que apontam para algo que lhes é exterior, ao mesmo tempo em que o fazer em perspectiva, isto é, ocupam inevitavelmente uma posição valorativa.

Faraco (2009) diz que, com o conceito de refração, o Círculo propõe que não apenas descrevemos o mundo, isto é, a realidade que nos envolve, mas também o refratamos. É justamente na palavra, enquanto signo, que essas posições valorativas se entrecruzam. Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) explicam que o signo pode refratar a realidade de diferentes modos, isto é, “ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.)” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 32). Em outras palavras, as condições da realidade não nos são dadas de forma crua, pura, pois são refratadas e valoradas em perspectivas e sempre situadas, atravessadas por vivências únicas, com índices de valor distintos que dialogam e se entrecruzam na constituição da palavra ideológica. Nossa relação com a realidade só é possível quando encarnada em material semiótico, sendo este

atravessado por ideologias e valores que lhes dão o tom e se confrontam no próprio signo. Portanto,

A refração é, desse modo, uma condição necessária do signo na concepção do Círculo de Bakhtin. [...] Isso porque as significações não estão dadas no signo em si, nem estão garantidas por um sistema semântico abstrato, único e atemporal, nem pela referência a um mundo dado uniforme e transparente, mas são construídas na dinâmica da história e estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos, com suas inúmeras contradições e confrontos de valorações e interesses pessoais. (FARACO, 2009, p. 51).

Sendo a língua ideologicamente saturada que reflete e refrata o mundo, Bakhtin (2014 [1975]) explica que em todo momento de sua formação, a linguagem se diferencia e se estratifica em línguas sócio-ideológicas, ou seja, em espaços plurais constantemente ressignificados. Ao mesmo tempo em que a língua se estratifica, que experimenta a atuação de forças descentralizadoras (forças centrífugas), há a busca pela unificação, de centralização verbal-ideológica, pois no ininterrupto processo de formação da linguagem atuam forças que agem na centralização, isto é, as forças centrípetas. Para Bakhtin (2014 [1975]), essas forças atuam lado a lado e agem nesse processo de formação da linguagem que, saturada por compreensões e visões de mundo, se ressignifica a cada enunciação, já que todo enunciado concreto constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, seja das forças centrífugas. É nesse encontro entre a busca da unificação e da descentralização que compreendemos e significamos o mundo, ou seja, que o refratamos sempre em perspectiva.

Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) ressaltam que, apesar de todo objeto poder ser convertido em signo, é na linguagem que o material semiótico aparece de forma mais clara e sensível, pois “a palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 36). Se, conforme discutido, é na comunicação verbal que se constituem os signos ideológicos, toda a realidade é absorvida por sua função sógnica. Portanto, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 36, grifos dos autores).

Um objeto natural, por exemplo, pode tornar-se signo e adquirir “um sentido que ultrapasse suas particularidades” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 32), pois não há verdade única. Negar a natureza social dos signos é ignorar, também, a ligação direta dos signos com as diferentes esferas ideológicas, pois cada campo tem sua orientação para a realidade e, portanto, reflete e refrata o real de forma única.

Vale ressaltar que, se os signos são de natureza social, é essencial que eles não sejam separados de seus campos ideológicos, na medida em que estão diretamente vinculados a funções ideológicas específicas. Em outras palavras, Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) explicam que os sistemas sógnicos são específicos de certos campos ideológicos, pois “cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 37).

Assim sendo, ao assumirmos o caráter social de todo material semiótico, é possível compreendermos como a palavra ideológica permeia as mais diferentes esferas e, para tanto, se faz necessário entender que formas de orientação dialógica a palavra pode assumir. Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) defendem que a palavra, penetra todas as formas de interação humana, seja a *ideologia do cotidiano*, seja o domínio dos *sistemas ideológicos constituídos*. As *ideologias centradas sobre o domínio da vida cotidiana* não são fixadas em sistemas ideológicos específicos. Além disso, “estas [as ideologias do cotidiano] estão em contato direto com as ideologias formalizadas, porém são mais móveis e sensíveis, indicando e repercutindo as diferentes mudanças sociais de forma mais rápida do que as ideologias de sistemas constituídos” (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 54).

Os *sistemas ideológicos complexos*, segundo Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]), são o sistema da moral, da religião, da política e “cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 123). Ao mesmo tempo em que dão o tom à ideologia do cotidiano, os sistemas ideológicos constituídos possuem ligação direta com a primeira, já que sobrevivem dela e “morrem” fora dessa relação. Nessa perspectiva, compreendemos que a ideologia se cristaliza não somente nos sistemas ideológicos complexos, mas também vive na ideologia do cotidiano e dá o tom a esse domínio da interação verbal. É possível afirmar que, para o Círculo, o signo ideológico tem natureza social está intimamente ligado às condições de interação, seja ao



domínio da comunicação imediata, seja aos sistemas ideológicos complexos. O signo ideológico significa o mundo e é através do material semiótico que entramos em contato com esses aspectos do real. Por conseguinte, toda palavra ideológica

É a expressão de uma tomada de decisão, situada axiologicamente. Assim, é nesse jogo de estabilidades e instabilidades, que a ideologia se constrói entrelaçadas em nossas relações sociais, em nossa compreensão do mundo e, por conseguinte, significando nossas interações. (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 58).

A discussão acerca da ideologia e do signo enquanto formas de reflexo e refração do mundo, isto é, de único meio de existência do material ideológico, orienta para a compreensão de outros conceitos que perpassam as obras do Círculo, especialmente no que diz respeito aos índices de valor que atravessam toda enunciação. Nessa medida, entendemos a importância de uma discussão que dê conta do conceito de *valoração*, que está diretamente relacionado com a concepção de ideologia acima discutida e dialoga com as questões já trazidas.

Conforme as discussões anteriores, Bakhtin (2011 [1979]) explica que não há neutralidade no discurso, pois o enunciado é socialmente determinado e, portanto, atravessado por valores ideológicos construídos nas diferentes interpretações do mundo. Como já dito, diferentemente da palavra e da oração, que, concebidas no sentido estritamente linguístico, não têm expressividade nem entram em diálogo com outras unidades da mesma natureza, o enunciado nunca é neutro, pois toda enunciação carrega apreciações, julgamentos de outrem com as quais o próprio enunciado dialoga, já que “é no extraverbal, compreendido como a sua dimensão social, que o caráter social do enunciado se constitui e se confirma, ou seja, que ocorre o trabalho da ideologia e da valoração que lhe é decorrente” (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 6).

Com isso, entendemos que o sentido da enunciação só pode ser compreendido de forma completa quando levamos em conta sua natureza social. Bakhtin (2010 [1920/1924]) explica que a separação do conteúdo de sua real vivência resulta em um conteúdo indiferente e alheio aos tons emotivo-volitivos que o atravessam e que lhe determinam a singularidade, isto é, que o torna ato histórico, socialmente situado e atravessado por valores ideológicos. O conteúdo não chega a nossa consciência como criação individual e lá segue

fechado e impenetrável; a própria vivência do conteúdo já carrega valorações. É o tom emotivo-volitivo que incorpora o conteúdo no existir-evento unitário e singular e rompe a sua autossuficiência (BAKHTIN, 2010 [1920/1924]) na medida em que, “[...] para tornar-se realmente realizado e incorporado ao ser histórico do conhecimento real, o conteúdo válido em si de uma possível experiência vivida (de um pensamento) precisa entrar em uma ligação essencial com a valoração efetiva” (BAKHTIN, 2010 [1920/1924], p. 87).

Para Bakhtin (2010 [1920/1924]), os tons emotivo-volitivos envolvem o conteúdo e o relacionam ao existir do sujeito enquanto evento singular, isto é, (re)afirmam sua unicidade. Esses fios ideológicos, por sua vez, são tecidos a partir das vivências do sujeito enquanto existir-evento singular. Fora desse entrelaçado de tons valorativos, o conteúdo perde sua singularidade em relação ao valor atribuído pelo sujeito. Assim, “o tom emotivo-volitivo envolve o conteúdo inteiro do sentido do pensamento na ação e o relaciona com o existir-evento singular” (BAKHTIN, 2010 [1920/1924], p. 87). Em outras palavras, esses tons são orientados a partir do momento em que o conteúdo se integra às minhas vivências, ou seja, ao contexto unitário do qual participamos e ao qual atribuímos valores. É possível afirmar, em diálogo com as discussões do Círculo, que os tons emotivo-volitivos se orientam a partir existir-evento singular, e não unicamente em relação ao conteúdo do ato.

A relação do sujeito com a realidade, isto é, com o mundo semioticamente materializado, é sempre atravessada por entoações avaliativas. Os tons emotivo-volitivos que perpassam o ato do sujeito expressam um posicionamento ativo do ser, posição essa que, segundo Bakhtin (2010 [1920/1924], p. 91), é “uma orientação imperativa da consciência, orientação moralmente válida e responsavelmente ativa”. Por conseguinte, uma expressão, um pensamento, representam, para o Círculo, atos ativamente responsáveis do próprio sujeito, com suas vivências singulares, “pois o sujeito age e constrói valores para esse agir no evento” (ACOSTA PEREIRA, 2012, p. 61).

A unicidade da posição valorativa do sujeito não lhe exige da *responsabilidade* do agir, uma vez que o existir-evento singular atribui a unicidade ao ato. Ele explica que os tons emotivo-volitivos que valoram o ato não são de ordem casual, pois “com o tom emotivo-volitivo indicamos exatamente o momento do meu ser ativo na experiência vivida, o vivenciar da experiência como minha: eu penso-ajo com o pensamento.” (BAKHTIN, 2010 [1920/1924], p. 91). São os tons emotivo-volitivos, determinados pela vivência do sujeito no momento

dado, que atribuem unicidade ao ato e, ao mesmo tempo, lhe determinam a responsabilidade. Dessa maneira,

O ato “responsável” e participativo resulta de um pensamento não-indiferente, aquele que não separa os vários momentos constituintes dos fenômenos [...]. Dessa forma, o ato responsável envolve o conteúdo do ato, seu processo, e, unindo-os, a valoração/avaliação do agente com respeito a se próprio ato, vinculada com o pensamento participativo [...]. (SOBRAL, 2014, p. 21, grifo do autor).

É nessa acepção que o Círculo concebe o ato enquanto agir do sujeito em um contexto ideológico preciso, pois entende que ele não está diretamente vinculado ao ‘dado’ no mundo, mas às formas de compreensão do mundo, que são sociais. O Círculo concebe o ato em termos de processo e traz as implicações da concepção de ato como produto, pois isso excluiria as forças sociais que o envolvem, isto é, as condições nas quais esse ato se concretiza. Bakhtin (2010 [1920/1924]) propõe o ato humano enquanto ação situada, contextualizada, intencional e dotada de sentido, que não fica restrita ao seu próprio conteúdo, nem à própria apreciação do sujeito que enuncia, uma vez que envolve uma dimensão avaliativa socialmente significada.

Se todo ato é socialmente orientado, segundo as discussões acerca da concretude do enunciado trazidas no capítulo anterior, o agir do sujeito, seja a tomada de consciência, seja a atitude responsiva enunciada, é perpassado por projeções valorativas que evidenciam a posição ativamente responsável do ser que age socialmente. A valoração não se limita à avaliação dos próprios atos do sujeito, mas diz respeito, também, à construção de valores acerca da ação do outro, ou seja, o horizonte valorativo do sujeito não se orienta apenas para sua experiência vivida, mas também para a experiência de outrem. Essa dimensão social da valoração é reforçada na medida em que Bakhtin (2011 [1979]) admite que a valoração só existe no contato do significado linguístico com a realidade, isto é, é no contato da língua com a realidade que existe a expressão.

Ainda acerca dessa relação emotivo-valorativa com a palavra do outro, Acosta Pereira e Rodrigues (2014) explicam que a atitude responsiva do sujeito em face do discurso alheio já constitui um ato valorativo na medida em que respondemos ativamente aos outros

participantes da comunicação. Nossa resposta não é um eco da voz do outro, uma repetição dos já-ditos, mas avaliamos o discurso do outro, sendo este atravessado por valores, e esses tons avaliativos perpassam a nossa tomada ativa da palavra que, conforme as discussões anteriores, é socialmente orientada.

Segundo Acosta Pereira e Rodrigues (2014), ao mesmo tempo em que é irrepetível, concreto e historicamente individual, o enunciado é uma resposta ativa. Considerando o caráter social do enunciado, é possível afirmar que é na dimensão social que os valores ideológicos o integram, assim como a acentuação valorativa que lhe é própria. Bakhtin (2011 [1979]) explica que todo enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, de ressonâncias, que constituem uma resposta aos enunciados precedentes da mesma esfera. Toda tomada de posição expressa, ao mesmo, uma posição axiológica, uma atitude responsiva frente ao discurso do outro que, antes mesmo de ser concluído, já orienta para uma resposta valorativamente marcada.

Além dos tons emotivo-volitivos que integram a relação valorativa com o enunciado do outro, Bakhtin (2011 [1979]) explica que o sujeito também estabelece relações subjetivas emocionalmente valorativas com o objeto do discurso e seu sentido, bem como dialoga com as diferentes vozes que valoram esse mesmo objeto. O autor esclarece que o objeto do discurso não se torna objeto discursivizado pela primeira vez. Na verdade, já está ressalvado; neles se entrecruzam diferentes pontos de vista, visões de mundo e correntes, já que o sujeito não ocupa uma posição neutra frente ao objeto do discurso, nem o ressalva pela primeira vez como um Adão mítico, mas reenuncia pontos de vista e juízos de valor, na medida em que assimila e responde a esses tons dialógicos que já atravessam e valoram o objeto, pois este se torna palco de encontros de visões de mundo, correntes e teorias.

Em outros termos, Bakhtin (2011 [1979]) explica que as diferentes vozes que valoram o objeto do discurso também oferecem ao sujeito horizontes apreciativos, isto é, o objeto não é apresentado como produto neutro ou criação subjetiva, mas é valorado, ressalvado, enfim, nele se entrecruzam orientações valorativas que guiam a relação emotivo-volitiva do sujeito em relação a esse objeto. Portanto, para que o objeto possa entrar no horizonte social do grupo, deve estar necessariamente ligado às condições socioeconômicas do referido grupo, ou seja, deve ser valorado e ressalvado. Assim, retomando Acosta Pereira (2012), nenhum objeto se torna signo e adquire valor social fora do âmbito interindividual; é somente ao adquirir valor social que o signo pode entrar no domínio das ideologias.

Esses índices sociais de valor constituem a consciência individual dos falantes, que, por sua vez, os assimilam como seus. Segundo Bakhtin e Volochínov (2009 [1979]), embora esses índices de valor estejam presentes na voz de um dado sujeito, sua fonte não está na consciência individual, e sim no domínio social. Nessa medida, “todos os índices sociais de valor são ideologicamente construídos” (ACOSTA PEREIRA, 2012, p. 63).

A partir dessas discussões, é possível esclarecer como o Círculo aproxima as discussões envolvendo a *ideologia* e a *valoração*. Conforme discutido no início do capítulo, não há neutralidade no signo; todo material semiótico é elaborado no espaço social. Além disso, Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) explicam que todo signo é marcado pelo horizonte de uma época e de um grupo social determinado. Em decorrência disso, entendemos que nossa(s) compreensão(ões) do mundo não se constitui(em) em uma perspectiva individual, já que nessas constantes reflexão e refração do mundo, ideologias e valorações entrecruzam, entram em conflito.

Feitas as considerações no que se refere aos conceitos de ideologia e valoração em uma perspectiva bakhtiniana, abordamos a questão das relações dialógicas, que se aproximam dos conceitos trazidos neste capítulo e, em face disso, buscamos construir diálogos no caminhar das discussões.

## 2.3 RELAÇÕES DIALÓGICAS

Apesar de não negar a importância da materialização linguística do discurso, o Círculo propõe que a linguagem, enquanto mediadora das relações intersubjetivas, transcende os limites da materialidade da língua e se situa no domínio do extraverbal. Com isso, Bakhtin (2010 [1929]) argumenta que a Linguística do século XX não dá conta dos estudos da linguagem que passam a ganhar mais espaço dentre as teorizações sobre a língua e propõe a *metalinguística*<sup>14</sup> como campo de estudos no que concerne à análise e compreensão das relações semântico-valorativas. É

---

<sup>14</sup> Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2010 [1929]) propõe que um novo campo de estudos deve ser fundado para a compreensão da língua em uma dimensão social e discursiva. Trouxemos essa discussão para situar temporalmente a perspectiva do Círculo, uma vez que, na contemporaneidade, há diversos campos de pesquisa que tomam como subsídio a perspectiva dialógica da linguagem e reenunciam as discussões do Círculo empreendidas no século XX.

a partir da proposição desse campo de estudos em um contexto no qual dominavam teorias estruturalistas que são possíveis olhares outros para os fenômenos da língua.

Bakhtin (2010 [1929]) afirma que o estudo das relações estabelecidas na língua, sem qualquer referência à dimensão social do material estudado, não é suficiente para a compreensão do dialogismo em seu sentido mais amplo. O autor explica que, no estudo da língua, a linguística abstrai elementos da vida concreta do discurso, o que não basta para a análise das relações de sentido que se entrecruzam no enunciado concreto. Isso ocorre porque, segundo o autor, as relações de sentido não existem na relação entre os elementos do sistema da língua, pois as relações semântico-valorativas ultrapassam os limites da linguística e se concretizam na comunicação discursiva.

Assim, acerca das relações semântico-valorativas, Bakhtin (2010 [1929]) explica que as relações de sentido não são possíveis entre elementos do sistema da língua, ou seja, entre as unidades da língua compreendidas em um viés linguístico. Em vez disso, Faraco (2009) explica que, para haver relações dialógicas, qualquer material linguístico deve ter entrado na esfera do discurso, ou seja, deve ter se transformado em um enunciado e que “tenha fixado a posição de um sujeito social” (FARACO, 2009, p. 66).

É necessário afirmar que Bakhtin (2010 [1929]) não exclui o estudo da língua em sua materialidade, mas que a perspectiva dialógica de estudo da linguagem vai além dessa dimensão, pois é o estudo do discurso concreto que de fato lhe interessa. Brait (2014a) explica que Bakhtin não busca a exclusão da Linguística no estudo da linguagem em uso, mas que considera tanto a dimensão interna do discurso quanto a externa. Bakhtin (2010 [1929]) não busca estabelecer uma contraposição entre o ponto de vista interno e o externo da língua, e sim uma nova forma de enfrentar o objeto de estudo.

Bakhtin (2011 [1979]) esclarece a índole das relações semântico-valorativas, a fim de se distanciar de uma concepção de relações estritamente semânticas e objetivas: “As *relações dialógicas* são de índole específica: não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem meramente linguísticas (sintático-composicionais). Elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 323, grifos do autor). Para Bakhtin (2010 [1929]), ao considerarmos a natureza social dessas relações de sentido, o princípio estruturador das relações dialógicas reside na interação verbal.

Acosta Pereira (2012) discute que é na interação verbal que o diálogo em seu sentido mais amplo toma forma, sendo que é justamente nessas relações intersubjetivas que se concretizam as relações dialógicas. Conforme discutido nas seções anteriores, o enunciado se orienta para a situação social que o envolve, seja a situação imediata, seja o contexto mais amplo. Em face disso, entendemos que todo enunciado é atravessado por valores, pontos de vista, enfim, por tons valorativos que expressam a tomada de posição em um dado horizonte social.

Por conseguinte, ao assumirmos os tons dialógicos que se entrecruzam no enunciado, concordamos com Bakhtin quando o autor afirma que “[...] o discurso se converte em palco de lutas entre duas vozes” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 221). Para que haja relações dialógicas, o discurso deve estar em contato com a realidade e deve expressar, portanto, posições socialmente constituídas. No momento em que entra em contato com a realidade, a palavra não pertence somente a mim, pois é atravessada por tons dialógicos, por apreciações alheias e que determinam seu sentido.

Além disso, se é na interação verbal que se concretizam as relações dialógicas, não se pode entender o enfrentamento de diferentes vozes como encontro fortuito, mas como enfrentamento de valores, de posições sociais, de pontos de vista, que atravessam o enunciado. Ao enunciarmos, não construímos nossa posição paralelamente aos tons valorativos que a atravessam, nem enunciamos pela primeira vez como um “Adão mítico”, como discute Bakhtin (2011 [1979]), pois respondemos aos enunciados já-ditos, isto é, levamos em conta os enunciados já proferidos em dada esfera da interação humana, ao mesmo tempo em que consideramos as possíveis atitudes responsivas frente ao nosso discurso, ou seja, projetamos a possível apreciação valorativa do outro acerca de nossa palavra. Ademais,

As relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que *por si mesmas* carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 209, grifo do autor).

Na verdade, há relações semântico-axiológicas no confronto de pontos de vista, julgamentos e apreciações, entre estilos de linguagem, entre dialetos sociais, desde que, expressem posições. O enfrentamento dialógico é possível não só entre enunciações completas, mas em qualquer parte significativa, desde que ela expresse uma posição semântica, ou seja, “se ouvimos nela a voz do outro” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 210). É possível, também, a existência de relações dialógicas na própria enunciação de um sujeito, até mesmo em uma palavra, se de algum modo nos separamos dessas relações, se nos distanciamos dela.

Vale ressaltar que as relações de sentido aqui discutidas não se resumem ao diálogo face a face, isto é, na alternância das vozes dos sujeitos do discurso marcadas no diálogo, embora tenha nesse caso sua representação mais evidente (conforme seção sobre enunciados e gêneros do discurso). As tonalidades dialógicas, segundo Bakhtin (2010 [1929]), permeiam não só a comunicação imediata, mas também uma obra situada em determinado período de tempo, por exemplo. Também estão presentes na apreciação interior, mesmo que não seja explicitada, ou no dialogismo entre vozes sociais e históricas, desde que nesse enfrentamento haja relações semântico-valorativas.

Bakhtin (2011 [1979]) explica que o confronto de dois enunciados, mesmo que tenham sido produzidos em diferentes épocas e lugares, entram em relação dialógica quando confrontados em um plano de sentido. Mesmo que não se conheçam, dois enunciados alheios que toquem o mesmo tema entram em relações dialógicas entre si. Bakhtin (2011 [1979], p. 323) explica que “dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objeto e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica [...]”.

Dada a natureza das relações semântico-valorativas, o Círculo alerta para a possibilidade de serem reduzidas às suas formas mais evidentes, isto é, às discussões, polêmica ou à paródia. Conforme Bakhtin (2011 [1979]), essas formas são as mais evidentes de dialogismo, sendo a concordância é uma das formas mais ricas de relações dialógicas, pois é rica em variedades e matizes de valoração. Além dessas possibilidades, as relações de sentido se concretizam também na confiança em relação à palavra do outro, na aceitação da palavra autoritária, no aprendizado, na combinação de muitas vozes, enfim, existe dialogismo nas diferentes situações em que se assuma a concretude das relações dialógicas e que representem posições integrais (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 327).

Em síntese, as relações semântico-valorativas só existem no âmbito do discurso, isto é, na vida concreta da língua, pois são relações



de sentido possíveis somente no enfrentamento de vozes sociais, pertencentes a diferentes sujeitos. Após as discussões acerca das relações dialógicas, direcionamo-nos para nossas reflexões em torno do conceito de cronotopo.

## 2.4 CRONOTOPO

Nesta seção, reenunciamos o conceito de **cronotopo** discutido na obra do Círculo de Bakhtin e retomado por seus interlocutores contemporâneos. Primeiramente, ressaltamos que as considerações tecidas sobre esse conceito têm como condutores os textos literários analisados por Bakhtin (2011 [1979]; 2014 [1975]). Apesar do foco dessa discussão incidir sobre os estudos literários, ratificamos a atualidade e a universalidade do pensamento bakhtiniano, questão já discutida em seções anteriores, para a compreensão do conceito aqui discutido. Retomamos o conceito de cronotopo em diálogo com as considerações acerca do gênero *notícia* publicado no ambiente virtual e com base nas peculiaridades dos enunciados analisados, isto é, da multissemiose característica dos textos *online*. Ao mesmo tempo em que reenunciamos as teorizações do Círculo de Bakhtin, buscamos também discussões que *ressignificam* a noção de cronotopo na contemporaneidade.

A princípio, concordamos com Acosta Pereira (2008; 2012) quando o autor afirma, com base em Bakhtin, que “**o cronotopo é a porta de entrada para o estudo dos gêneros**, uma vez que ele funciona como o **centro de organização dos acontecimentos espaço-temporais**” (ACOSTA PEREIRA, 2012, p. 124, grifos do autor). Ademais, para Rodrigues (2001; 2005), cada gênero se situa em um determinado cronotopo na medida em que se orienta para dado horizonte temporal e espacial, temático e valorativo; apresenta recortes ideológicos específicos, posições de autoria e de destinatários específicos de determinadas condições sociais de interação, bem como as relações *potenciais* que os sujeitos podem construir e significar com os outros num dado tempo e espaço.

Ainda acerca do conceito de cronotopo, Morson e Emerson (2008) asseveram que não há uma definição precisa e explícita de cronotopo nas obras do Círculo de Bakhtin, mas que é possível observarmos os aprofundamentos nas discussões envolvendo esse conceito a partir dos diálogos que o Círculo estabelece com outras discussões teóricas e das análises desenvolvidas com exemplos concretos da literatura. Holquist (2015) também argumenta que essa

dificuldade em definir o que é cronotopo decorre das diferenças temporais de publicação do texto “Formas de tempo e de cronotopo”, já que as considerações finais só vieram à público alguns anos após as primeiras seções, e esse distanciamento temporal possibilita a Bakhtin repensar as discussões empreendidas anteriormente e ampliar suas reflexões.

Nas considerações em torno do cronotopo, Bakhtin (2014 [1975]) retoma os pressupostos da Teoria da Relatividade de Einstein e os reenuncia no decorrer de suas discussões. A partir do diálogo com a Teoria da Relatividade, entende o cronotopo como relação intrínseca entre tempo e espaço, isto é, ambos não são separados sem prejuízos, pois estão inerentemente ligados e constituem um todo. Por conseguinte, se tempo e espaço não são transcendentais e se Bakhtin, reenunciando a teoria einsteiniana, afirma que há diferentes percepções de tempo, não seria possível propor que todas as atividades sociais se definem pela mesma relação espaço-temporal.

Em diálogo com Bakhtin (2014 [1975]), Morson e Emerson (2008, p. 384) trazem a noção de cronotopo em sentido primário e afirmam que consiste em “uma maneira de compreender a experiência; é uma ideologia modeladora da forma específica para a compreensão da natureza dos eventos e ações”. Essas ações ocorrem necessariamente num contexto específico e os cronotopos diferem a partir das formas pelas quais compreendem o contexto, pelas relações que as ações e eventos mantêm com esses contextos, e como o tempo e o espaço operam dentro deles. Assim, “à interligação fundamental das relações temporais e espaciais [...], chamaremos de *cronotopo* (que significa tempo-espaço)” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 211, grifos do autor).

Em suma, Bakhtin (2014 [1975]) toma o **tempo** como princípio condutor de suas análises. Nesse contexto de mudanças históricas, percebidas pela natureza da imagem de homem e de suas ações com o mundo espaço-temporal no romance, a relação de espaço e tempo é ressignificada; um cronotopo novo para um novo homem e para as diferentes relações humanas: “ele quer devolver ao corpo a palavra e ao sentido a sua realidade e materialidade.” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 285). A questão do tempo ganha espaço tanto na obra do Círculo quanto nas discussões empreendidas por interlocutores contemporâneos. Morson (2015), por exemplo, assevera a convicção de Bakhtin de que a humanidade deveria ser entendida em termos de temporalidade humana, uma vez que é representada e entendida em distintos cronotopos

genéricos que expressam diferentes imagens de homem. Se o tempo é fechado, o mundo é algo dado, certo, assim como o próprio sujeito<sup>15</sup>, como Bakhtin (2014 [1975]) discute acerca dos romances gregos. Sendo assim, se o cronotopo representa o tempo como fechado e finalizado, não há criatividade, o agir humano não provoca mudanças, pois tudo já está dado.

Contrariamente, se o tempo é aberto, se há incerteza e possibilidade de mudanças, nem o mundo nem os sujeitos são dados de antemão. Há o devir, o potencial do que pode acontecer e das escolhas que podem ser feitas, assim como as consequências de nossas decisões. Daí a discussão do Círculo acerca da irrepetibilidade de acontecimentos e unicidade de enunciados, pois, mesmo que uma situação se repita, o tempo será outro e os sujeitos também, já que sempre aprendemos com a experiência. Para Morson (2015), nossa concepção de temporalidade aberta e a incerteza do devir caracterizam as pessoas como essencialmente indefinidas, pois “a realidade tem ‘outras possibilidades’, e nós excedemos todas as categorias sociais que nos modelam. Não importa o que escolhamos, poderíamos ter optado por algo distinto e, assim, poderíamos ter nos tornado outra pessoa” (MORSON, 2015, p. 130).

Bemong e Borghart (2015) afirmam que a amplitude da reflexão trazida por Bakhtin acerca dos diferentes níveis cronotópicos existentes possibilita discussões em torno dos seus diferentes níveis de abstração. Os autores discutem, dentre outras propostas<sup>16</sup>, as concepções de pequeno e grande cronotopos. Os pequenos cronotopos, de acordo com as discussões de Bakhtin (2014 [1975]), estão incluídos nos grandes cronotopos e com eles interagem profundamente. Além disso, Bemong e Borghart (2015) explicam que Bakhtin usa os termos *cronotopo* e *motivo* como sinônimos e que o cronotopo/o motivo não funciona isoladamente, pois é um elemento constituinte da obra. Por exemplo, Bakhtin (2014 [1975]) traz como motivações cronotópicas (ou pequenos cronotopos) a estrada, o castelo, o salão, entendidos do ponto de vista temático e composicional. Essas unidades concretas de cronotopo interagem e oferecem uma visão mais abrangente do gênero, ao mesmo tempo em que disputam entre si, sendo que Bemong e Borghart (2015)

---

<sup>15</sup> No presente trabalho, não discutiremos com mais profundidade o conceito de sujeito.

<sup>16</sup> Os autores discutem, também, os *microcronotopos*, *cronotopos genéricos*, sendo esses definidos em um maior nível de abstração (BEMONG; BORGHART, 2015).

denominam grande cronotopo o espaço unificador desses cronotopos locais.

A partir das discussões trazidas na presente seção, é possível entendermos como o Círculo concebe o cronotopo. Ademais, entendemos a relevância de retomarmos, também, discussões que reenunciam as teorizações do Círculo de Bakhtin a partir do estudo de textos contemporâneos, considerando a multisssemiose dos enunciados analisados na dissertação. Bostad (2004) traz que, embora a obra do Círculo tenha sido escrita em uma cultura na qual outras tecnologias dominavam e outras formas de representação se sobrepunham, as discussões continuam igualmente válidas e podem ser trazidas para a atualidade. A principal questão sobre a qual argumenta Bostad (2004) reside na mudança no espaço público, no qual as pessoas se reúnem a partir de um foco comum articulado. O avanço tecnológico e a ressignificação das formas de interação social, que deixam de acontecer necessariamente no mesmo espaço e tempo, medeiam os discursos de novas formas e, portanto, exercem influências sobre eles, ao mesmo tempo em que lhes atribuem novos sentidos, além de ressignificarem a compreensão do encontro, da distância e da proximidade propostas por Bakhtin no século XX.

Bostad (2004) ressalta a atualidade do pensamento de Bakhtin quando este propõe que, embora o conceito de cronotopo esteja ligado aos textos literários, é possível ir além e entender como a relação entre tempo e espaço pode mudar o caráter do contato humano e a própria comunicação social em geral. Essas considerações consubstanciam a proposta de que novas situações de interação constroem sentidos outros.

O advento da internet, segundo Bostad (2004), ressignifica o caráter sincrônico da comunicação e possibilita a criação de novos espaços públicos e privados de encontros, sendo que a comunicação pode ser sincrônica ou a-sincrônica, o que permite diferentes possibilidades de interação espaço-temporal. A primeira diz respeito à interação que ocorre necessariamente no mesmo espaço e no mesmo tempo, como a interação face a face. Nessas situações, por estarmos em contato direto com o interlocutor, temos acesso a elementos não-verbais, como expressão facial, entonação, expressão corporal, etc. A comunicação a-sincrônica, isto é, a interação que ocorre em diferentes espaços e tempos tem exemplos nos *e-mails* e nas listas de discussões, pois os interlocutores não precisam interagir simultaneamente, embora a resposta geralmente ocorra em um espaço curto de tempo.

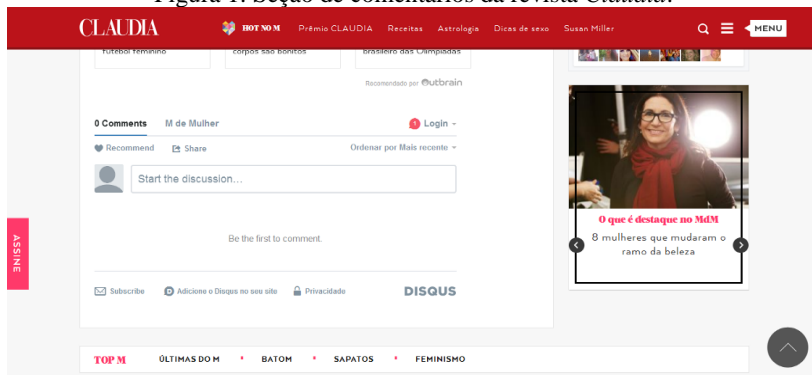
Além disso, há a possibilidade de comunicação sincrônica em diferentes espaços, como videoconferências, que permitem a interação

imediate entre pessoas localizadas nos mais diferentes lugares. As mudanças nas ferramentas tecnológicas não somente ressignificam a forma de acesso aos conteúdos, mas o próprio caráter da interação, os espaços nos quais interagimos e a temporalidade e rapidez na transmissão de informações.

Outra possibilidade consiste nas interações que podem ocorrer no mesmo espaço, mas em diferentes tempos, isto é, são interações assíncronas, pois locutor e interlocutor não precisam estar presentes simultaneamente. Bostad (2004) exemplifica as interações assíncronas com grupos de discussão e *e-mails*, dado que os participantes não necessitam estar presentes ao mesmo tempo nem no mesmo espaço, já que o acesso pode se dar em outro momento, bem como possuem maior potencial de colaboração por causa do maior alcance em relação aos participantes.

As notícias publicadas *online* são também exemplos dessa situação proporcionada pela internet, pois postagens em *sites*, por exemplo, podem não ser necessariamente lidas de imediato pelos internautas; enquanto a publicação estiver *online* e disponível, haverá a possibilidade de acesso. Essas publicações, assim como grupos de discussão e *e-mails*, não oferecem maior possibilidade de resposta verbal imediata por parte dos leitores, pois a forma de comunicação favorecida nesse contexto é a leitura. As possibilidades oferecidas são espaços para comentários, quando disponíveis, ou endereços de *e-mail* através dos quais os leitores podem entrar em contato com os editores, conforme exemplificado a seguir:

Figura 1: Seção de comentários da revista *Claudia*.

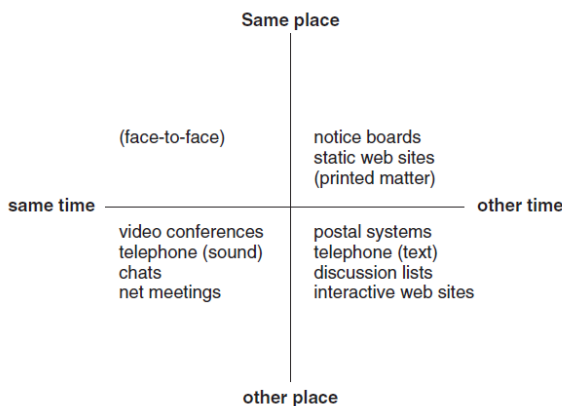


Fonte: <http://claudia.abril.com.br/>.

O material impresso também consiste em um exemplo de interação que ocorre no mesmo espaço, mas em tempos diferentes e ligados essencialmente à leitura, assim como postagens em *websites*. Entretanto, diferentemente do texto impresso, o material *online* é pensado numa nova situação de interação, isto é, é veiculado em outros suportes, para publicação em massa. No caso das notícias *online*, a leitura por parte do internauta não deve acontecer após um período de tempo muito longo, pois a rapidez com a qual as notícias se tornam ultrapassadas é característica do gênero e, especialmente, da mídia *online*.

A seguir, reproduzimos o esquema elaborado por Bostad (2004) que resume das diferentes possibilidades de relação espaço-temporal com o advento da internet e das tecnologias que medeiam a interação nas mais diferentes situações sociais:

Figura 2: Possibilidades de interação



Fonte: Bostad (2004, p. 178).

No esquema apresentado, o autor mostra as possibilidades de interação espaço-temporal e a ampliação possibilitada pelo advento da internet. Sendo assim, há a possibilidade de interação no mesmo tempo e espaço, como a comunicação face a face; ao mesmo tempo, mas em espaços diferentes, como em vídeo conferências, *chat*, conversas via telefone, etc.; em espaços e tempos distintos, como na comunicação por correspondência, mensagens de texto, portais interativos, dentre outras

e, por fim, pode ocorrer a interação no mesmo espaço e em tempos distintos, como quadros de avisos.

Em conclusão, os estudos de Bakhtin acerca da mudança da relação espaço-temporal nos romances ressignificam a própria natureza das relações sociais, que ocorrem em espaços e tempos únicos, bem como a imagem de homem, entendido como singular e não acabado. Ademais, o conceito de cronotopo se mostra atual na medida em que dá conta de novas possibilidades de interação social com o surgimento de tecnologias que proporcionam formas outras de comunicação.

Após a discussão de alguns dos principais conceitos do Círculo de Bakhtin em diálogo com estudiosos contemporâneos, passemos para o terceiro capítulo da presente dissertação, no qual reenunciamos questões em torno do feminismo, especialmente no contexto latino-americano.





### 3 O OLHAR PARA O DISCURSO DE GÊNERO

Neste capítulo, retomamos outra perspectiva teórica que, em diálogo com as discussões do Círculo de Bakhtin, constituem a base teórico-epistemológica que subsidia o estudo em tela. Tendo em vista que propomos compreender como a(s) imagem(ns) de mulher são discursivizadas nas *notícias* publicadas em revistas *online*, torna-se relevante entender como os discursos em torno de questões como sexualidade, gênero social e representação da mulher circulam atualmente e, por conseguinte, se são ou não enquadrados pelas publicações direcionadas potencialmente às mulheres, e, para tanto, reenunciamos as discussões de estudiosos da área (ADRIÃO, 2008; ALVAREZ, 2014; ARREAZA E TICKNER, 2002; BAHRI, 2013; CASTAÑEDA SALGADO, 2008; COSTA, 2013; CYPRIANO, 2013; FEMENÍAS, 2007; HARDING, 1998; KNOLL, 2007; MOHANTY, 1984; NARVAZ; KOLLER, 2006; PINTO, 2010; SCOTT, 1995; TAMANINI-ADAMES, 2010; WEEDON, 2007) com aproximações entre suas considerações e as reflexões da Sociologia e Filosofia. Ressaltamos ainda que a presente discussão não pretende exaurir as teorias e estudos feministas. Pelo contrário; reconhecemos sua amplitude e complexidade, mas, por limitações do presente trabalho e pela necessidade de direcionarmos nossas reflexões para os objetivos delineados, propomos uma discussão mais localizada no caminho percorrido por esses estudos e como se caracterizam contemporaneamente. Ademais, procuramos entender como esses movimentos feministas contribuíram (e contribuem) para a ressignificação de publicações destinadas ao público leitor feminino, discussão a ser retomada nos capítulos seguintes.

Assim sendo, este capítulo compreende, primeiramente, os encaminhamentos dos estudos e teorias feministas a partir de uma perspectiva histórica e em relação a diferentes movimentos que ressignificam os paradigmas da modernidade segundo concepções teóricas distintas (ADRIÃO, 2008). Em seguida, retomamos os avanços e caminhos percorridos pelas teorias feministas na América Latina e como se configuram contemporaneamente, seguida da discussão sobre a noção de gênero enquanto construção social, ao mesmo tempo em que propomos sua relação com a questão do corpo. Por fim, abordamos brevemente a aproximação entre ciência e feminismo e as discussões mais evidentes nesse campo.

### 3.1 ESTUDO(S) FEMINISTA(S): PERCURSO HISTÓRICO

Com o propósito de situar a discussão sobre *feminismo(s)* nesta seção, primeiramente delineamos um percurso histórico sucinto dos estudos feministas em relação aos paradigmas do **pós-modernismo**, **pós-colonialismo** e do **feminismo** para, na seção seguinte, refletirmos sobre como essas teorias são encaminhadas no presente cenário da América Latina.

Arreaza e Tickner (2002) retomam considerações acerca do pós-modernismo, pós-colonialismo e feminismo<sup>17</sup> e lançam olhares críticos a cada paradigma em questão. Ao mesmo tempo em que questionam determinados pressupostos e abordagens que cada período apresenta, as autoras mostram suas contribuições/encaminhamentos para os avanços dos estudos feministas. No que se refere aos três períodos em tela, exercícios reflexivos têm sido feitos acerca dos paradigmas e dos silenciamentos da modernidade para (res)significar discussões em torno de sujeito, da língua, de questões culturais, etc., e possibilitar a voz ao híbrido, ao múltiplo e ao ambíguo. Logo, cada corrente revê os postulados da modernidade a partir de um enfoque teórico diferente.

Se ha formulado una serie de ideas que obligan a reevaluar el pensamiento moderno en sus manifestaciones políticas, sociales y culturales. Entre éstas se destacan la crítica al hombre racional como sujeto de la historia, el rechazo a las nociones progresistas de la historia, el carácter social y construido de la realidad, el desvanecimiento de jerarquías dentro de la producción del saber; la relación entre distintos saberes y el ejercicio del poder; y el cuestionamiento de los fundamentos del conocimiento (ARREAZA; TICKNER, 2002, p. 15)<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Neste trabalho, retomamos os períodos do pós-modernismo, pós-colonialismo e feminismo de forma mais geral, isto é, não destacamos teorizações específicas, mas considerações em torno das principais contribuições de cada movimento para os estudos feministas.

<sup>18</sup> Foi formulada uma série de ideias que obrigam a reavaliar o pensamento moderno e suas manifestações políticas, sociais e culturais. Entre elas se destacam a crítica ao homem racional como sujeito da história, a rejeição às noções progressistas da história, o caráter social e construído da realidade, o

Inicialmente, as autoras abordam os principais pontos referentes ao *pós-modernismo* considerando as críticas levantadas por esse movimento às ideias modernistas, ao mesmo tempo em que questionam seus pressupostos. Os avanços, atribuídos à modernidade, são repensados desde a industrialização, a urbanização, a tecnologização do mundo, até a criação do estado-nação, a democracia liberal e o humanismo. Lyotard (2009 [1979]) discute que o pós-modernismo é marcado pelo questionamento das grandes narrativas<sup>19</sup> e do racionalismo<sup>20</sup>, isto é, do transcendentalismo e do sujeito coerente e estável, dono de seu próprio destino. Ademais, Castañeda Salgado (2008) afirma que o sujeito da modernidade é dotado de um conjunto de características atribuídas aos homens e somente pertencentes a eles, e que, portanto, excluía as mulheres: individuação, autonomia, capacidade crítica, sujeito reflexivo, participante de espaços públicos e dotado de poder.

Em face disso, esse escopo teórico é ressignificado em favor da compreensão de homem como artefato social, histórico e de linguagem. Arreaza e Tickner (2002) afirmam que o pertencente à vida foi deixado de lado no modernismo, mas é recuperado nesse período pós-moderno. Especialmente no que diz respeito à desconsideração do sujeito como agente transformador do seu entorno, esse apagamento acarreta, de acordo com os críticos dessa corrente, o silenciamento da fala e do pensamento e, conseqüentemente, impede a aquisição de agência pelos próprios atores tidos como marginais.

Sobre o *pós-colonialismo*, Stuart Hall (2003) argumenta que o termo pode suscitar usos que retornam a binarismos de oposições políticas, de fronteirização. Em contrapartida, esses binarismos não estabilizam o antagonismo político, já que os efeitos de fronteira não são criados, mas construídos no decorrer da história e se ressignificam nesse

---

apagamento de hierarquias na produção do saber; a relação entre saberes distintos e o exercício do poder; e o questionamento dos fundamentos do conhecimento (ARREAZA; TICKNER, 2002, p. 15, tradução nossa).

<sup>19</sup> Para Lyotard (2009 [1979]), as grandes narrativas são as crenças totalizantes da história tidas como consensos universais, mas que, na pós-modernidade, deixam de serem critérios enquanto validação e busca no campo científico.

<sup>20</sup> O racionalismo, enquanto corrente filosófica, envolve pelo menos uma das seguintes teses: a da intuição/dedução, a do conhecimento inato e a do conceito inato. O ponto em comum entre as teses do racionalismo diz respeito à prioridade atribuída ao pensamento lógico e à razão (MARKIE, 2015).

mesmo contexto<sup>21</sup>. Embora a expressão “pós-colonialismo” geralmente seja associada às sociedades pós-coloniais, Stuart Hall (2003, p. 108) explica que “o termo se refere ao processo geral de descolonização que, tal como a própria colonização, marcou com igual intensidade as sociedades colonizadoras e as colonizadas (de formas distintas, é claro)”. Ademais, o prefixo “pós” não traz um sentido de retorno ao eurocentrismo, nem designa o desaparecimento de sociedades colonizadas ou colonizadoras, mas as reorganiza em formas descentradas e a partir de novas posições discursivas. Não se trata de um período posterior apenas, mas de ir além, isto é, “certamente *não* significa que passamos de um regime de poder-saber para um fuso horário sem conflitos e sem poder” (HALL, 2003, p. 119, grifo do autor).

Arreaza e Tickner (2002) afirmam que os principais objetivos das abordagens pós-coloniais residem na (re)interpretação do sujeito e da história coloniais segundo a perspectiva Ocidental. As autoras mostram que uma das conquistas dessa abordagem é a mudança dos modelos de produção de conhecimento propostos pelo Ocidente e que dá voz aos autores pós-coloniais. Contudo, apesar de contribuir para a tomada da palavra por parte desses autores, Arreaza e Tickner (2002) levantam críticas no que diz respeito à separação das esferas sexual e cultural, além da evidente ausência desses temas na teoria pós-colonialista. A negação e desconsideração das esferas sexual e cultural, por conseguinte, contribuem para a manutenção de um imaginário do Oriente, criado a partir da relação hierarquizada, e esse “encobrimento” do Outro é constitutivo da própria identidade Ocidental. É do interesse do Ocidente, portanto, que esse imaginário do Oriente seja mantido. Weedon (2007) fala da tendência, especialmente no início da segunda onda feminista<sup>22</sup>, de generalização e apagamento de diferenças

---

<sup>21</sup> Na seção seguinte, retomaremos a discussão acerca do termo “pós-colonialismo”, com foco no contexto latino-americano.

<sup>22</sup> Pinto (2010) explica que a primeira onda do feminismo recebeu mais atenção no final do século XIX na Inglaterra, a partir de movimentos das mulheres na luta pelo direito ao voto. Assim como na Inglaterra, a primeira onda do feminismo no Brasil foi marcada pela luta para conquista do direito ao voto feminino. Ao mesmo tempo em que esse movimento perde força, a publicação da obra *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, se torna marco da segunda onda do feminismo. As principais lutas desse período giram em torno das relações de poder entre homens e mulheres. Além de mais espaço para as mulheres, buscou-se também uma relação mais igualitária. A autora explica que, enquanto no resto do mundo o movimento tinha caráter libertário, no Brasil

referentes à classe, raça, sexualidade e localização entre as mulheres, o que implica numa “irmandade” aparente, já que nesse apagamento, é o feminismo Ocidental que ocupa o papel de “referente normativo” acerca das opressões sofridas pelas mulheres. A autora não nega a importância do compartilhamento de opressão como forma de estratégia política no feminismo, mas se faz necessário um olhar sensível aos diferentes contextos, à cultura de cada local para evitar o reducionismo, além de combater outras formas de exclusão.

Os questionamentos da tendência ao apagamento de diferenças de classe, raça, sexualidade, etc., entre as mulheres foram levantados especialmente pelas chamadas mulheres do “Terceiro Mundo”, que, segundo Weedon (2007), geralmente são retratadas como vítimas da ignorância e de restrições religiosas e culturais. A autora explica que é necessário que as feministas ocidentais ouçam o que as mulheres do Terceiro Mundo têm a dizer e entendam os contextos em conjunto com o decorrer da história que marca as questões culturais e sociais de um dado espaço. Assim, esse movimento é necessário para que o feminismo do Terceiro Mundo seja respeitado, não como cópia do feminismo ocidental nem compreendido a partir de uma imagem estereotipada, mas enquanto resposta às necessidades locais.

Por fim, Arreaza e Tickner (2002) apresentam o *feminismo* como terceiro momento. As autoras propõem que as perspectivas feministas se aproximam do pós-modernismo e do pós-colonialismo no que se refere à compreensão de como o projeto da modernidade encaminhou para as relações hierárquicas de gênero, raça, classe, etc., nas quais certos grupos são privilegiados. Não obstante, o feminismo reconhece também os entraves oferecidos pelos referidos movimentos, como, por exemplo, a exclusão da categoria de gênero e silenciamento do sujeito no pós-modernismo e a separação da esfera sexual e cultural no pós-colonialismo, assim como a perpetuação de binarismos. Em linhas gerais,

---

o momento era de repressão por causa da ditadura militar e somente na década de 1980, com a redemocratização do país, é que o movimento feminista retoma a força. Por fim, segundo Narvaz e Koller (2006), a terceira onda feminista se concentra na análise da diferença, da diversidade, de produção discursiva da subjetividade, sendo também marcada pelo deslocamento do estudo do sexo para o estudo do gênero. Nesse momento, há, também, grande aproximação entre o movimento político de luta das mulheres e a academia.

El feminismo comparte con las otras dos corrientes de pensamiento discutidas anteriormente el supuesto de que el conocimiento se basa en intereses, y por lo tanto es socialmente construido, al tiempo que critica la supuesta objetividad y neutralidad de la ciencia positivista. Aunque no existe una única teoría feminista, todos sus enfoques buscan explicitar la forma en que distintos relatos y afirmaciones sobre la verdad son distorsionados por el sesgo masculino (ARREAZA; TICKNER, 2002, p. 29)<sup>23</sup>.

Esse terceiro momento é entendido pelas autoras como o que mais possibilita a agência e o empoderamento, já que, dentre outras propostas, procura superar o imaginário do Oriente formado a partir do olhar Ocidental. Além disso, embora apresentem divergências, as teorias feministas têm como ponto em comum superar a opressão masculina, proporcionando às mulheres posições igualitárias e melhorias das condições de vida. Para Castañeda Salgado (2008), o objetivo fundamental da teoria feminista, enquanto vasto campo conceitual, é o desenvolvimento de análise exaustiva das condições de opressão das mulheres, de modo a explicar quais são os fatores que sustentam a desigualdade entre mulheres e homens com base no gênero, realidade expressiva em sociedades patriarcais.

Longe de desconsiderarmos as contribuições dos movimentos pós-moderno e pós-colonial, é no próprio feminismo que as discussões em torno de opressões e exclusões das mulheres recebem evidência e se tornam foco das discussões. Com base nessa compreensão do feminismo, encaminhamos nossas considerações para a questão dos movimentos feministas na América Latina.

---

<sup>23</sup> O feminismo compartilha com as outras correntes de pensamento discutidas anteriormente o pressuposto de que o conhecimento se baseia em interesses, e, portanto, é socialmente construído, enquanto critica a suposta objetividade e neutralidade da ciência positivista. Embora não exista uma única teoria feminista, todos os seus enfoques buscam explicitar a forma em que diferentes relatos e afirmações sobre a verdade são distorcidos pelo sexo masculino (ARREAZA; TICKNER, 2002, p. 29, tradução nossa).

### 3.2 FEMINISMO(S) NA AMÉRICA LATINA: PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL

Após esse olhar mais geral para as contribuições e os entraves oferecidos pelo pós-modernismo, pós-colonialismo e feminismo, abordamos a seguir, de forma mais pontual, a crítica *feminista pós-colonial*, especialmente no que se refere ao feminismo do Terceiro Mundo no contexto latino-americano. Justificamos essa discussão na medida em que, conforme os diferentes estudiosos dessa perspectiva, a compreensão da “Mulher do Terceiro Mundo”<sup>24</sup> se distancia do imaginário que atravessa o feminismo ocidental e que engloba os contextos marginalizados como desvios da “normatividade”. A partir do diálogo com as considerações acerca do feminismo pós-colonial, buscamos entender como os movimentos feministas se encaminham na América Latina.

Sobre as feministas pós-coloniais, Weedon (2007) discute o questionamento levantado por elas acerca da tendência homogeneizadora ocidental, que oblitera diferenças de classe, raça, sexualidade e localização geográfica, pois, a partir desses apagamentos, é criada uma imagem homogênea e monolítica de mulher do Terceiro Mundo, a qual compartilharia dos mesmos problemas em qualquer localidade e contexto social que não fosse o Ocidente. Costa (2013) explica que, frente ao caráter polissêmico do termo “pós-colonial”, é necessário levarmos em conta as condições do contexto latino-americano e as especificidades que marcam o avanço dos estudos feministas nesse espaço. Segundo a autora, as teorias feministas, especialmente no que se refere às latino-americanas, se distanciam do modelo que subjaz as relações entre centro e periferia, entre a tradição e o novo: “Produto da transculturação e da diáspora que criam disjunções entre tempo e espaço, o cronotopo desses feminismos é o interstício e sua prática, a tradução, buscando abertura para outras formas de conhecimento e humanidade” (COSTA, 2013, p. 655).

Nesse contexto de expressão de hierarquias econômicas e políticas, tal como a questão da representação<sup>25</sup> da mulher, Mohanty

---

<sup>24</sup> O termo “Mulher do Terceiro Mundo”, de acordo com as discussões de Weedon (2007), seria uma espécie de agrupamento de todas as mulheres não brancas, não ocidentais, pobres e que precisariam ser salvas de sua “condição precária de vida”.

<sup>25</sup> Bahri (2013) explica que o termo “representação” traz diferentes e confusas conotações. De modo a delimitar a compreensão desse conceito no contexto dos

(1984) argumenta que há também a produção de discursos particulares e consequentes generalizações que desconSIDERAM a multiplicidade de movimentos feministas nas próprias pesquisas. Em linhas gerais, a pesquisadora mostra como determinados princípios analíticos se mostram reducionistas ao empregarem, até implicitamente, relações hierárquicas na medida em que esses princípios retomam um referente primário quando as pesquisadoras escrevem sobre suas próprias culturas. Esses estudos, por sua vez, não são apolíticos ou apenas propõem o conhecimento objetivo de certo assunto; são melhor vistos, segundo a autora, como modelos de intervenção.

Em sua pesquisa, Mohanty (1984) propõe que os estudos feministas por ela analisados<sup>26</sup> colonizam discursivamente as heterogeneidades das mulheres do Terceiro Mundo e constroem uma imagem monolítica e homogeneizadora, problemática já levantada anteriormente. Os discursos estudados se mostram geralmente reducionistas ao passo que englobam as mulheres em grupos homogêneos enquanto vitimadas por questões religiosas, culturais, etc., sem considerar as peculiaridades de cada contexto. Destarte, a mulher como categoria de análise e o feminismo Ocidental como referente normativo produzem diferentes efeitos na representação da mulher no

---

estudos feministas, Shohat (1995, p. 166 *apud* Bahri, 2013) sintetiza o termo no contexto da teoria pós-colonial e/ou feminista da seguinte forma: “o que todas essas ocorrências têm em comum é o princípio semiótico de que algo está ‘passando por’ outra coisa, ou que uma pessoa ou grupo está falando em nome de outras pessoas ou grupo”. Segundo Bahri (2013), não há garantia de que nem no próprio discurso feminista a perspectiva da Mulher do Terceiro Mundo será respeitada ou representada, daí a importância, além do próprio lugar de fala da mulher, a leitura crítica de discursos outros, já que “muitos críticos compartilham o preceito de que a representação possa conter o potencial para a interpretação equivocada mesmo quando as intenções são benévolas ou supostamente para o benefício daqueles que, finalmente, podem representar-se.” (BAHRI, 2013, p. 668). Ainda sobre o referido termo, Stuart Hall (1997) reitera o seu caráter polissêmico e procura problematizá-lo de acordo com diferentes perspectivas teóricas, seja pelo viés construtivista, seja por uma perspectiva discursiva.

<sup>26</sup> A autora estuda a produção discursiva da Mulher do Terceiro Mundo a partir da análise de diferentes categorias analíticas e como estas se apropriaram e codificaram estudos e conhecimento sobre as Mulheres no Terceiro Mundo tanto a partir do discurso feminista ocidental quanto às pesquisadoras do Terceiro Mundo que também usam esses princípios analíticos para falarem sobre suas culturas.



Terceiro Mundo, o que é constatado pela autora a partir do estudo do discurso Ocidental feminista. Assim explica a autora:

[...] it is in the production of this "Third World Difference" that Western feminisms appropriate and "colonize" the fundamental complexities and conflicts which characterize the lives of women of different classes, religions, cultures, races and castes in these countries. It is in this process of homogenization and systematization of the oppression of women in the third world that power is exercised in much of recent Western feminist discourse, and this power needs to be defined and named. (MOHANTY, 1984, p. 335, grifos da autora)<sup>27</sup>.

Especificamente no que diz respeito a esses estudos empreendidos na América do Sul, Alvarez (2014) compreende o feminismo como *campo(s) discursivo(s) de ação*, e não como movimento. Enquanto conjunto de ideias, pressupostos, temas e interpretações, os discursos feministas constroem um universo de significados não estanques, os quais se traduzem ou (re)constroem ao percorrer diversas teias político-comunicativas, norteando as estratégias e identidades das/dos autoras/es que se coligam nesse campo. Para Alvarez (2014), essa abordagem possibilita avanços nos principais momentos dos feminismos na América do Sul, pois tem implicações no repensar da homogeneidade do movimento feminista, o que a autora chama de “feminismo singular”.

O primeiro momento discutido pode ser caracterizado em relação ao seu exterior constitutivo, isto é, se diferencia de outros movimentos tidos como não feministas, ou movimentos feministas distintos. Apesar de esse movimento ter como consequência o apagamento da heterogeneidade no seu interior, Alvarez (2014, p.11, grifo da autora)

---

<sup>27</sup> [...] é na produção desta “Diferença de Terceiro Mundo” que os feminismos Ocidentais se apropriam e “colonizam” os conflitos e complexidades fundamentais que caracterizam as vidas de mulheres de diferentes classes, religiões, culturas, raças e castas nestes países. É neste processo de homogeneização e sistematização da opressão da mulher no terceiro mundo que o poder é exercido na maior parte do discurso feminista Ocidental, e este poder precisa ser definido e nomeado. (MOHANTY, 1984, p. 335, grifos da autora, tradução nossa).

propõe que o caráter heterogêneo do feminismo antecede essa tentativa de silenciamento: “apesar de essa hegemonia discursiva ter delimitado estreitamente o que e quem compunha ‘o’ movimento feminista, o campo feminista contemporâneo no Brasil e em muito da América Latina de fato já nasceu plural e heterogêneo”.

O segundo momento do feminismo latino-americano é marcado pelo descentramento e pluralização dos feminismos, fato esse que já se desenhava desde o primeiro momento, mas que foi apagado pela singularização presente no discurso oficial. Em adição, há forte institucionalização dos movimentos e aproximação com o Estado, sendo que os setores mais institucionalizados se tornam proeminentes e hegemônicos, e, conseqüentemente, privilegiados em relação à tomada da palavra e acesso aos recursos econômicos e culturais.

Por fim, Alvarez (2014) delimita um terceiro período, no qual ocorre aumento nas diferentes vertentes feministas e reações aos silenciamentos do neoliberalismo a partir de mobilizações não institucionalizadas. Em vista disso, esse momento histórico é caracterizado pela autora como marcado pelo surgimento cada vez maior de campos discursivos em ação, “contagiados por e intersectados com feminismos cada vez mais heterogêneos entre si e em si mesmos [...]” (ALVAREZ, 2014, p. 36).

Além das considerações de Alvarez (2014) e frente a esse contexto de constantes ressignificações e questionamentos de discursos oficiais homogeneizadores, Femenías (2007) ressalta a existência do feminismo latino-americano, necessário por causa do caráter excludente desse contexto e do reducionismo ao sexismo, que acaba por apagar outras questões importantes, como gênero, classe social, raça, etc. Segundo a autora, o feminismo na América Latina está localizado entre o feminismo ocidental e o pensamento pós-colonial, sendo que ambos veem o latino-americano como o “Outro” sob um olhar homogeneizador e generalista. Nessa medida, o feminismo localizado se mostra relevante a partir da necessidade de repensar/desconstruir postulados universais e se observar o contexto de inclusão e exclusão latino-americano a partir de suas particularidades, e não com base nos países hegemônicos.

Um dos caminhos possíveis para ressignificar discursos hegemônicos consiste na tomada da palavra pela própria mulher latino-americana e de construção de sua identidade cultural. Esse movimento possibilita lançar olhares críticos para discursos excludentes e reducionistas; as mulheres ocupam, portanto, o lugar de leitoras ativas e questionadoras, o que é possível a partir da (re)construção e reconhecimento da identidade:

Como mera *ficção política*, a construção de uma *identidade feminista mestiça* provisoriamente possibilitará nossa autoafirmação, na medida em que na América Latina a variação étnica opera tanto como fator de coesão e de reconhecimento como de quebra e exclusão. (FEMENÍAS, 2007, p. 23, grifos da autora).

Além disso, Cypriano (2013) explica que, no contexto latino-americano, a eclosão de movimentos de conscientização e reivindicação feministas se deu a partir do questionamento da evidente subordinação da mulher a uma sociedade patriarcal e esse deslocamento refletiu em diferentes movimentos, sejam eles políticos, partidários, em centros de estudo e organizações não governamentais, na tentativa de questionar a condição política, religiosa, cultural e econômica vigente de submissão da mulher. Portanto, são discussões retomadas nos diferentes espaços sociais e que mostram a (res)significação e fortalecimento do feminismo latino-americano.

### 3.3 ESTUDO DE GÊNERO

Após as discussões anteriores, nas quais situamos o movimento feminista tanto em relação a diferentes perspectivas que marcaram essas discussões quanto aos caminhos percorridos pelo feminismo na América Latina à luz da perspectiva pós-colonialista, a seguir retomamos o conceito de gênero social e, em seguida, tecemos breves considerações acerca do corpo na construção da identidade<sup>28</sup> feminina.

Knoll (2007) explica que, nos movimentos feministas, há uma unidade central nas reivindicações apresentadas, que consiste na “proposta política de discussão da condição feminina e, sobretudo, a contestação ao patriarcalismo” (KNOLL, 2007, p. 48). Esse questionamento das instituições sociais se trata da busca pela desconstrução da identidade feminina e deslocamento do poder para si. Além dessa demanda em comum, há diversas outras reivindicações que, mesmo não sendo totalmente atendidas, representam êxitos em relação à conquista dos direitos das mulheres, maior participação em diferentes setores da sociedade e problematizações de questões já naturalizadas. No que se refere ao último movimento, Knoll (2007) explica que esse

---

<sup>28</sup> O conceito de *identidade* não será discutido/analísado como foco de pesquisa.

estranhamento foi possibilitado pela apropriação da noção de **gênero** (gênero social) enquanto categoria de análise das disparidades sociais.

A noção de gênero social é introduzida a partir das teorias e dos movimentos feministas (cf. seção anterior). Tamanini-Adames (2010) explica que o termo gênero começou a ser utilizado pelas feministas ao se remeterem à organização social da relação entre os sexos, uma vez que possibilita a compreensão da relação entre o masculino e o feminino como construções sociais, e não entidades naturais, pois “como as identidades são socialmente elaboradas, falamos em identidade de gênero, e não em identidade de sexo, o qual corresponde à condição biológica, natural do ser humano” (KNOLL, 2007, p. 50). A categoria de gênero surgiu, assim, como viabilização dos fatores sociais da discussão em torno da subversão feminina e como possibilidade de ruptura com o determinismo biológico. Para Tamanini-Adames (2010), o emprego do conceito de gênero provocou rupturas no olhar biológico que atravessa o termo “sexo” e oferece uma noção social.

Knoll (2007) afirma ainda que, embora a discussão em torno do gênero tenha iniciado nos movimentos feministas, isso não determina a exclusão do masculino nas discussões desenvolvidas. Alguns grupos feministas mais radicais se contrapõem às contribuições de homens para os estudos sobre gênero e nos próprios movimentos feministas, sendo essa recusa uma tentativa de demarcação de terreno de pesquisa essencialmente feminina. No entanto, Knoll (2007) propõe que essa negação da participação dos homens pode acarretar em uma negligência da compreensão do gênero enquanto relação. A esse respeito, Tamanini-Adames (2010) explica que o termo gênero pode ser empregado sugerindo que as considerações sobre as mulheres são necessariamente também informações a respeito dos homens, ou seja, que não seria possível falar a respeito da mulher sem se remeter ao homem e vice-versa. A partir das discussões de Scott (1995), o gênero é destacado como categoria relacional, e dá conta, portanto, das relações sociais entre o feminino e o masculino, e não da evidência de um em detrimento do outro<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> Além da discussão em torno dos diferentes movimentos feministas e das discussões que se colocam contra ou a favor da inclusão de teorias assinadas por homens, há controvérsias no que se refere à questão da metodologia na pesquisa feminista, especialmente na existência, ou não, de métodos feministas. Harding (1998), por exemplo, afirma, *a priori*, que não existe um método feminista. No entanto, após certo período de discussões, retoma a afirmação e diz que, na verdade, existe sim um método feminista de pesquisa em termos

Assim sendo, o gênero evidencia, a partir de relações sociais, o que se entende por ser homem ou mulher em diferentes sociedades, pois os discursos que circulam reforçam os papéis e os *status* atribuídos a ambos. Knoll (2007), nesse escopo, discute que a noção de gênero problematiza a ideologia do determinismo biológico, quando as crianças são classificadas como homens ou mulheres desde o nascimento. Isso não significa que as mulheres e os homens não possam fugir dessas construções sociais e das expectativas projetadas, que não possam problematizar esses discursos naturalizados, já que nas discussões em torno da questão da identidade há enfrentamos de discursos distintos, tanto dizeres hegemônicos quanto renovadores, ou seja, atuam forças centralizadoras e descentralizadoras do discurso hegemônico. Ademais, ao mesmo tempo em que há a possibilidade de rompimento com o tradicional, por outro lado, o discurso hegemônico exerce significativa pressão negativa ao que é entendido como “desvio” da estrutura social, ao que não segue a ordem existente.

Além disso, a construção social de identidades não está alheia às relações de poder. Knoll (2007) explica que as relações entre o “mesmo” e o “outro” determinam o que somos a partir do que *não* somos. Nessa perspectiva, entende que as assimetrias de poder nas relações de gênero se projetam na medida em que a construção de identidades se dá necessariamente pela alteridade. Identificar implica classificar, agrupar, categorizar, atividades estas que não se realizam sob uma perspectiva neutra, já que atribuem características aos grupos em questão com base em normalizações e, por consequência, o que se considera “diferente” é entendido como desvio dessas normas. Se uma identidade é tida como parâmetro de comparação, prevalecerá sobre outras, já que se torna referência.

A determinação do que são homens e mulheres, em outras palavras, o estabelecimento do que se enquadra em uma categoria ou outra, se dá no contexto de um corpo social estratificado, em que

---

epistemológicos e considerando os contrastes entre esse método de pesquisa no feminismo e técnicas tradicionais. Castañeda Salgado (2008, p. 14) ratifica o posicionamento da autora e afirma que “La investigación feminista es, entonces, una manera particular de conocer y de producir conocimientos, caracterizada por su interés en que éstos contribuyan a erradicar la desigualdad de género que marca las relaciones y las posiciones de las mujeres respecto a los hombres. En ese sentido, está orientada por un interés claramente emancipatorio en el que se pretende realizar la investigación de, con y para las mujeres.”

o poder não é distribuído entre classes e grupos de maneira igualitária, pelo contrário, as disputas pelo poder resultam em assimetrias. (KNOLL, 2007, p. 56).

Na presente seção, discutimos como emerge a noção de gênero, suas implicações nos movimentos e reivindicações feministas, assim como o movimento que problematiza o determinismo biológico e propõe a construção das identidades nas relações sociais, e não a partir da noção de sexo. Entendemos a pertinência do conceito de gênero e como as discussões acerca do feminismo dialogam com essa noção, pois reconhecemos que há, de fato, um embate de discursos que retomam tanto o tradicional quanto o novo e, se nosso objetivo consiste na compreensão da discursivização da(s) imagem(ns) de mulher em revistas direcionadas ao público feminino, julgamos relevante compreender como as questões sobre identidade, gênero e sexo atravessam o(s) discurso(s) das revistas potencialmente direcionadas para as mulheres.

Após as considerações em torno dos estudos feministas, expomos, a seguir, os pressupostos metodológicos que subsidiam o estudo em tela.

## 4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

No presente capítulo, discutimos o percurso metodológico que subsidia o desenvolvimento da presente pesquisa, na medida em que nos consociamos a uma perspectiva sociológica de estudo da linguagem à luz do pensamento do Círculo de Bakhtin. Para tanto, reenunciamos as propostas do Círculo no que se refere às diretrizes e encaminhamentos no movimento de interpretação e reflexão acerca do fenômeno da linguagem em diálogo com pesquisadores contemporâneos do Círculo de Bakhtin e que se filiam à Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD), no campo da Linguística Aplicada.

Conforme Brait (2014a), compreendemos que Bakhtin não propõe, de fato, uma teoria ou análise de discurso organizada. Ainda assim, as teorizações do Círculo acerca da natureza da linguagem (e, indo mais além, dos demais conceitos que essa perspectiva retoma) possibilitaram o nascimento de uma ADD. Filiar-se a uma perspectiva dialógica de análise do discurso significa compreender a relação indissolúvel entre língua, linguagem, história e sujeitos. Mais ainda, implica “uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados” (BRAIT, 2014a, p. 10).

Portanto, não encontramos, nas obras do Círculo, o que se compreende, de fato, enquanto ADD. Para adentrarmos nessa concepção de língua/linguagem e situarmos-nos na ADD, é necessário um percurso pelas discussões apresentadas nas diferentes obras do Círculo, considerando suas condições em termos de publicação, posto que, especialmente no Brasil, as obras não são publicadas com base na cronologia da escrita. Além disso, o pesquisador não se depara com conceitos finalizados, acabados e aplicados a um determinado *corpus*, uma vez que o movimento percorrido nas discussões do Círculo é outro: a partir da leitura e análise das obras, configuramos determinados conceitos que emergem do enunciado, do discurso.

As considerações de Fabrício (2006) no que se refere às relações estabelecidas na contemporaneidade ratificam a necessidade de considerarmos a não fixidez das considerações teórico-metodológicas. Fabrício (2006) ressalta que nos situamos em um campo de forças plurais, no qual se entrelaçam novas formas de produção de sentido, relações discursivas e formas de objetivação, contexto esse que torna problemática a redução da pesquisa em termos de perspectivas

simplistas. No que concerne à pesquisa no campo da LA, a autora explica que a abordagem da linguagem se relaciona com essa complexa *movência* na qual as relações sociais se inscrevem, levando-se em conta, portanto, a linguagem como prática social. Em face disso, as pesquisas em LA seguem a tendência de estudos de perspectiva transdisciplinar, isto é, que ultrapasse os limites de uma disciplina claramente delimitada. A partir da compreensão da LA como campo problematizador e responsável por problemas linguísticos socialmente relevantes e da ADD como área que leva em conta as relações de sentido que se concretizam na comunicação discursiva, situamos o presente estudo em uma perspectiva transdisciplinar, já que dialoga com teorizações de áreas outras, ao mesmo tempo em que considera o território movente sobre o qual a linguagem se constitui na atualidade.

Nessa perspectiva, organizamos o capítulo de metodologia em quatro seções. Na seção 4.1, estabelecemos um diálogo, à luz do pensamento de Bakhtin, entre as ciências humanas e o pensamento de natureza filosófico. Em seguida, na seção 4.2, delimitamos nosso universo de pesquisa e objeto de estudo. Por fim, na seção 4.3, categorizamos os enunciados que constituem nosso objeto de estudo.

#### 4.1 AS CIÊNCIAS HUMANAS E O PENSAMENTO FILOSÓFICO

Bakhtin (2011 [1979]) estabelece uma distinção entre os objetivos das Ciências da Natureza e as Ciências Humanas, considerando as peculiaridades de cada concepção. Para Bakhtin (2011 [1979]), há distinções entre o estudo da coisa “morta”, do qual se ocupam as ciências da natureza, e o estudo do indivíduo, espaço das Ciências Humanas. O estudo da coisa objetificada só existe para o outro e pode ser revelada em um ato unilateral. Assim, a pesquisa nas ciências naturais é compreendida como um estudo essencialmente monológico, que está centrado na “coisa morta” (BAKHTIN, 2011 [1979]), e na qual só há um sujeito; o que observa é o mesmo que enuncia.

Já no que se refere às Ciências Humanas, Acosta Pereira e Souza (2011) discutem que sua preocupação reside na compreensão das ações humanas, e não na explicação objetiva dos fenômenos do mundo. Com isso, para Bakhtin (2011 [1979]), o objeto das Ciências Humanas coincide com o indivíduo enquanto ser que age socialmente e que entra em relações emotivo-volitivas com o mundo e com o outro. Os limites já não se estabelecem na distância em relação à coisa morta, mas estão situados na relação do eu com o outro; o sujeito das Ciências Humanas é falante e expressivo, pois, conforme Bakhtin (2011 [1979], p. 394),



“aqui, o cognoscente não faz a pergunta a si mesmo nem a um terceiro em presença da coisa morta, mas ao próprio cognoscível”.

Bakhtin (2011 [1979]) entende essa relação do *eu* para o *outro* como um ato bilateral de conhecimento-penetração. O autor explica que o sujeito, no ato da expressão, não conta apenas com o conhecimento do meio acerca de sua própria expressão, pois ele conhece a si mesmo, isto é, ele tem o horizonte do meio e seu próprio horizonte, sendo que ambos estabelecem uma relação dialética. Assim, “os elementos da expressão (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos, etc.); neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro)” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 394).

Em face das considerações do Círculo acerca da natureza da pesquisa nas Ciências Humanas, entendemos que há uma postura distinta no que está relacionado à concepção de linguagem, de sujeito e, de forma mais geral, do próprio objeto de estudo. Entendemos que o Círculo ressignifica não apenas a concepção acerca das pesquisas desenvolvidas no campo das Ciências Humanas, como também propõe uma nova postura acerca dos estudos da linguagem, que envolve não somente o estudo da língua com fins em si mesma, mas como realidade concreta situada em um dado tempo e espaço e que vive na interação verbal.

Nesse contexto, Bakhtin (2010 [1929]) discute que a Linguística do início do século XX, compreendida enquanto disciplina que se ocupa do estudo da linguagem enquanto abstração, não dá conta de um estudo da língua que a conceba enquanto integridade concreta e viva. O autor explica que essa Linguística abstrai aspectos da realidade concreta da língua e elimina, por conseguinte, elementos contextuais indispensáveis para a compreensão da real natureza da língua. Com o intuito de se distanciar de discussões teóricas outras, que ofereçam diferentes possibilidades de estudo da linguagem e que se afastam da perspectiva discutida pelo Círculo, Bakhtin (2010 [1929]) propõe uma disciplina<sup>30</sup> distinta da Linguística do século XX, que ultrapasse seus limites e possua um objeto de estudo autônomo.

Conforme exposto na seção que trata sobre as relações dialógicas, Bakhtin (2010 [1929]) nomeia esse campo como *metalinguística*, que estuda o discurso sob diferente ângulo de visão. Brait (2014a) explica

---

<sup>30</sup> Como discutido nos capítulos anteriores, a discussão que retoma o campo de estudos proposta por Bakhtin se situa no período de escrita das obras do Círculo, isto é, no século XX. Estabelecemos esse movimento para fins de contextualização do referencial teórico-metodológico do presente trabalho.

que, ao propor um novo campo de estudos, Bakhtin reveste o objeto de estudo em uma dimensão extralinguística, na medida em que passa a se preocupar, *a priori*, com as relações semântico-valorativas existentes na língua concreta, já que a metalinguística permite o estudo das relações dialógicas que não existem entre as unidades da língua.

Ressaltamos que, ao apresentar esse novo campo para o estudo dos fenômenos da linguagem, denominados por ele relações dialógicas, Bakhtin (2010 [1929]) não propõe uma oposição entre as discussões da Linguística do século XX e a Metalinguística enquanto estudo que parte da leitura para a compreensão do conjunto da obra e, portanto, relacionada unicamente na configuração de conceitos, isto é, o esquecimento da materialidade da língua. Brait (2014a) explica que o estudo do discurso não pode se dar somente a partir de um dos polos, sob o risco da destruição do ponto de vista dialógico da linguagem:

O pensamento bakhtiniano [...] ofereceu a ocasião de um salto qualitativo no sentido de observar a linguagem não apenas no que ela tem de sistemático, abstrato, invariável, ou, por outro lado, no que de fato tem de individual e absolutamente variável e criativo, mas de observá-la em uso, na combinatória dessas duas dimensões, como uma forma de conhecer o ser humano, suas atividades, sua condição de sujeito múltiplo, sua inserção na história, no social, no cultural pela linguagem, pelas linguagens. (BRAIT, 2014a, p. 22-23).

Brait (2014a) retoma a discussão acerca do pensamento bakhtiniano e ressalta a contribuição da concepção do Círculo para os estudos da linguagem. Conforme discutido na introdução do capítulo, o Círculo busca entender a obra e, a partir disso, desenvolve a apreensão de aspectos peculiares a ela. É na compreensão desses aspectos no discurso que Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) propõem diretrizes de construção e produção de sentidos, na busca de “deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir de ponto de vista dialógico, num embate.” (BRAIT, 2014a, p. 24).

É nessa perspectiva que retomamos as considerações de Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) no que se refere ao *estudo sociológico da linguagem*, que propõe a postura dialógica frente aos dados, uma vez que reconhecemos como necessárias essas considerações para a compreensão do objeto de estudo proposto nesta dissertação. Os autores

propõem *etapas de estudo sociológico da linguagem* que possibilitam o enfrentamento dialógico e que concebem, portanto, a postura dialógica frente aos dados, de modo que o pesquisador possa alcançar uma compreensão integral do objeto de estudo:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala [gêneros do discurso] isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 124).

Ainda nesse matiz teórico-metodológico, trazemos as considerações de Rodrigues (2001) no que se refere à *análise das dimensões social e verbal do gênero*. A autora propõe que a pesquisa envolvendo os gêneros do discurso deve ser desenvolvida considerando etapas inter-relacionadas e que envolvam o estudo de ambas as dimensões. Assim, no estudo da dimensão social, a autora propõe a investigação da esfera social de produção, distribuição e circulação do gênero, situação social de interação, que envolve o estudo do auditório social e das condições de produção do gênero, assim como a confluência entre horizontes temporal, espacial, temático e axiológico, dentre demais aspectos sociais que envolvem a produção e circulação dos gêneros.

Correlacionado com o estudo da dimensão social do gênero, Rodrigues (2001) propõe a análise da dimensão verbal, isto é, a análise das regularidades linguístico-textuais, que dá conta do estudo do funcionamento dos gêneros em termos de conteúdo temático, estilo e projeções estilístico-composicionais, isto é, da arquitetônica do gênero. Ressaltamos, conforme a referida autora, que o estudo de ambas as dimensões deve prever etapas inter-relacionadas, que não descurem do aspecto social do gênero, mas que, por outro lado, não eliminem o estudo da materialidade do enunciado, conforme Rojo (2005) e Brait (2014a). Ainda nesse escopo, Acosta Pereira (2008; 2012) propõe

também o estudo da dimensão verbo-visual<sup>31</sup> do gênero, isto é, a análise das regularidades de sua arquitetônica, mas ao mesmo tempo considerando outras manifestações multissemióticas.

Com base nessas considerações, podemos situar a presente dissertação no campo da Análise Dialógica do Discurso, na medida em que procuramos entender a discursivização da(s) imagem(ns) de mulher nos enunciados do gênero jornalístico *notícia* em revistas *online* direcionadas potencialmente ao público-leitor feminino. Com base nesse objetivo, buscamos entender que imagens de mulher são construídas e projetadas nas revistas que têm as mulheres adultas como principal interlocutor presumido. Para tanto, é necessário relembrarmos, conforme Bakhtin (2011 [1979]), que os gêneros do discurso são enunciados tipificados em interações sociais relativamente regularizadas, e será, portanto, a partir da análise de enunciados do gênero *notícia* que desenvolvemos nossa pesquisa, dialogando, conforme explicado, com os escritos do Círculo e demais pesquisadores contemporâneos que adotam o mesmo viés teórico-metodológico.

#### 4.2 UNIVERSO DE ANÁLISE E OBJETO DE ESTUDO

A seguir, delimitamos o **universo de análise** da presente pesquisa, bem como apresentamos o **objeto de estudo**. Sendo assim, primeiramente expomos as justificativas de escolha das revistas selecionadas para o desenvolvimento do presente estudo. Em seguida, contextualizamos as revistas *online* que constituem o universo de pesquisa desta dissertação, e, por fim, expomos o *corpus* de pesquisa.

Com o objetivo de delimitarmos o universo de análise, escolhemos as revistas das quais selecionamos os exemplares de enunciados do gênero *notícias* do jornalismo de revista *online*. Para tal, foram eleitas 5 (cinco) publicações, a citar: *Glamour*, *Marie Claire*, *Claudia*, *Ana Maria* e *TPM (TRIP para mulheres)*, publicadas por editoras diferentes e escolhidas com base em uma série de fatores, elencados a seguir:

(i) **Posição axiológico-ideológica**<sup>32</sup>: selecionamos revistas pertencentes a diferentes editoras e que, *a priori*, apresentem, pois, posicionamentos

---

<sup>31</sup> No escopo da presente pesquisa, analisamos apenas a dimensão verbal dadas as limitações da dissertação e a complexidade do estudo da dimensão visual.

<sup>32</sup> Embora consideremos a possibilidade de outros estudos considerarem que todas as revistas ocupam a mesma posição axiológico-ideológica, concebemos,

ideológico-valorativos distintos. Com isso, selecionamos revistas publicadas pelas Editoras *Globo*, *Abril*, *Caras* e *Trip Editora*. As revistas *Glamour* e *Marie Claire* são publicadas pela *Globo*; a revista *Claudia*, pela *Abril*; a *Ana Maria* atualmente é veiculada pela *Editora Caras*<sup>33</sup> e, por fim, a revista *TPM* é publicada pela *Trip Editora*.

(ii) **Frequência de publicação de notícias**<sup>34</sup>: Embora não tenham uma frequência específica de atualização do *site*, todas as revistas são atualizadas constantemente.

(iii) **Acesso gratuito ao conteúdo da revista**: todas as revistas *online* oferecem a possibilidade de acesso gratuito. Apesar de contarem com áreas restritas a assinantes, as revistas possuem seções que oferecem acesso gratuito, incluindo a publicação de enunciados do gênero *notícia*.

(iv) **Público leitor**: após a definição do gênero estudado, estabelecemos critérios no que diz respeito à escolha das revistas que compõem nosso universo de análise. Com base nisso, optamos por revistas que têm um público leitor em potencial, sendo que, no caso do presente estudo, as revistas escolhidas são direcionadas potencialmente ao público leitor feminino, conforme dito.

Após a apresentação dos critérios norteadores, discutimos, a seguir, os dados referentes às revistas selecionadas. A contextualização das revistas *online* se faz necessária na medida em que possibilita ao pesquisador entender que temáticas são abordadas nas referidas publicações e como os temas tratados são valoradas na discursivização do gênero estudado. Ademais, essa contextualização se faz importante uma vez que justifica a escolha do objeto de estudo da dissertação. Dentre os gêneros que circulam nas revistas apresentadas, optamos pelas *notícias* porque, *a priori*, o principal suporte do gênero em estudo é o jornal, que é publicado diariamente e viabiliza a circulação do gênero. Apesar disso, constatamos que as revistas *online*, pela possibilidade de

---

para a presente pesquisa, que a revista *TPM* ocupa uma posição ideológica distinta das demais revistas constitutivas do universo de análise.

<sup>33</sup> A revista *Ana Maria*, antes publicada pela *Editora Abril*, passou a ser veiculada pela *Editora Caras* a partir de 2015. Fonte: <<http://www.valor.com.br/empresas/4078346/editora-abril-transfere-sete-titulos-de-revistas-para-editora-caras>>. Acesso em 17 jul. 2016.

<sup>34</sup> A questão da periodicidade de publicação de notícia será retomada na seção 6.2.1.

constante atualização, se mostram um suporte viável para esse gênero, e, por isso, optamos pelas publicações virtuais pela emergência de circulação de notícias. Além do mais, optamos pelas respectivas versões *online* na medida em que reconhecemos a importância do diálogo entre as teorias do Círculo de Bakhtin e a representatividade que as interações *online* têm na vida contemporânea (BOSTAD, 2004; ROJO, 2013).

Considerando as justificativas delineadas, a exposição das revistas se dá de forma individual. Assim, a primeira revista apresentada será a *Claudia*, da Editora Abril. Em seguida, apontamos informações sobre a publicação *Ana Maria*, da Editora Caras. Por conseguinte, contextualizaremos as revistas publicadas pela Editora Globo, isto é, as revistas *Glamour* e *Marie Claire*. Finalizamos, então, com as discussões sobre a revista *TPM – Trip para mulheres*, da Trip Editora. Ressaltamos que, para a seguinte contextualização, buscamos informações nos portais institucionais de editoras, bem como pesquisas anteriores envolvendo estudos sobre as referidas revistas (ACOSTA-PEREIRA, 2012; ANTUNES, 2008)<sup>35</sup>.

#### 4.2.1 Revista *Claudia*

A revista *Claudia* circula há mais de cinquenta anos e possui, de acordo com informações fornecidas no *site*, mais de dois milhões de leitoras. Criada em 1961, é denominada pela própria editora como “a maior marca feminina do Brasil<sup>36</sup>” e “a maior revista feminina do país e porta-voz da mulher brasileira<sup>37</sup>”, além de ser destinada essencialmente ao público feminino. Segundo informações publicadas pelo marketing da revista, o público leitor é majoritariamente feminino, uma vez que gira em torno de 94%. Desse público, a maioria está em uma faixa de

---

<sup>35</sup> Embora outras pesquisas possam afirmar que as revistas *Ana Maria*, *Claudia*, *Glamour*, *Marie Claire* e *TPM* ocupam a mesma posição ideológica, no presente estudo consideramos que a *TPM* se coloca em uma perspectiva distinta das demais, apesar de haver diversas semelhanças entre todas as publicações.

<sup>36</sup>Disponível em:

<<http://www.publiabril.com.br/marcas/claudia/revista/informacoes-gerais>>.

Acesso em 01 fev. 2015.

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/pensoumulherpensouabril/>>.

Acesso em 01 fev. 2015.

idade específica, qual seja, acima de 50 anos e grande parte pertence às classes sociais<sup>38</sup> B e C.

Segundo informações publicadas pela editora, um dos lemas da revista é de “mudar o mundo, um dia de cada vez”, buscando, ao mesmo tempo, sempre se aliar à leitora. Destarte, há sempre um reforço no discurso de poder transformador e na intenção de deixar um legado, conforme reforça a revista ao responder o questionamento *O que nos une?*: “‘A busca do sentido’; ‘o desejo de deixar um legado’; a crença no nosso poder transformador’; a força para mudar o mundo ao nosso redor’<sup>39</sup>.”

Relativamente às temáticas abordadas pela revista, as publicações da versão *online* giram em torno de temas como comportamento, moda, beleza, saúde, carreira, família, culinária e decoração, conforme pôde ser observado nas diferentes seções presentes no *site*, além de haver uma seção dedicada ao gênero *notícia*. Acosta Pereira (2012), ao longo de seu estudo, constatou que, além dos temas citados, a revista também aborda questões atuais, enunciados através de gêneros diversos, como notícia, reportagem, editorial, carta do leitor, carta de conselhos, dentre outros.

Quanto ao *design* da revista *online*, há um grande destaque no nome da revista, que aparece já no início em tamanho bastante diferenciado em relação às demais informações. Na parte superior esquerda, está localizado o logo “M de Mulher”, que direciona o leitor a uma página que reúne todas as revistas *online* direcionadas ao público feminino publicadas pela Editora Abril. Observamos, ainda, que todas as seções estão dispostas já no início da página, em uma mesma linha horizontal e, mais acima, determinadas publicações ganham mais destaque. Logo, vemos que a revista busca facilitar o acesso do leitor e emprega diversos recursos visuais, como imagens e *slides*. A título de ilustração, apresentamos amostras da página principal da versão *online* da revista:

---

<sup>38</sup> Consideramos importante entender as informações que as revistas oferecem acerca de seu público leitor. No entanto, nosso interesse para esta pesquisa incide no interlocutor projetado pelas publicações.

<sup>39</sup> Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas/claudia/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em 01 fev. 2015.

Figura 3: Versão *online* da revista *Claudia*.

Fonte: <<http://mdemulher.abril.com.br/claudia>>. Acesso em 24 jan. 2017.

## 4.2.2 Revista *Ana Maria*

Segundo o *slogan* da revista *Ana Maria*, o objetivo que guia as publicações consiste na união com a leitora, que se torna uma aliada, visto que o veículo traz os seguintes dizeres: “A parceira e amiga da mulher/para a mulher que gosta de cuidar de si e de toda a família. Também toma como missão “Ser aquela que estimula, orienta e acolhe a mulher, ajudando-a a melhorar sua autoestima, sua vida em família e seu cotidiano”. Bauchwitz (2009) explica que *Ana Maria* foi a primeira revista da nova safra que se voltou para questões envolvendo comportamento, uma vez que até então o foco das revistas envolvia basicamente novelas, celebridades e bastidores.

De acordo com informações publicadas no *site*<sup>40</sup>, 94% do público é composto por mulheres entre 25 e 34 anos que, majoritariamente, pertencem às classes B e C com maior representatividade das regiões Sudeste (63%) e Sul (17%) no tocante ao local de origem do público-leitor. A revista traça o perfil da leitora com base na classe social mais representativa (Classe C, que representa 50% do total de leitoras). Diante disso, a revista apresenta seus maiores interesses, que são saúde/bem-estar, beleza/estética e culinária, como também traça o perfil financeiro da mulher que pertence a essa classe, a qual contribui,

<sup>40</sup> As informações sobre a revista *Ana Maria* são referentes aos dados fornecidos no portal da Editora Abril, portanto, antes da transferência da publicação para a Editora Caras.



segundo a revista, com 41% na renda familiar e que está mais consciente acerca do orçamento familiar. Em adição, a mulher é vista como confiante e desejosa de grandes conquistas e crescimentos no futuro.


No que corresponde ao *design* do *site* da revista, identificamos uma configuração mais simples. No início da página, aparece o título da revista em destaque, seguida das seções propostas e pelas últimas publicações. Abaixo, trazemos um exemplar da página da revista:

Figura 4: Revista Ana Maria em sua versão online

UOL Assine 0800 720 3000 UOL Bate-papo E-mail Notícias Esporte Entretenimento Mulher PagSeguro

# AnaMaria


RECEITAS BEM-ESTAR BELEZA DIETA CASA DINHEIRO FAMÍLIA




**Peito de frango com groselha**  
Karla Precioso

REGULAR  
15/07/2016


**ÚLTIMAS**




**Bata antes de entrar**  
Se você acha que a privacidade dos filhos não existe quando o assunto é namoro e educação, até lá! Confira os limites dessa delicada relação.  
15/07/2016 | FAMÍLIAFILHOS




**Coma bem e afaste a gripe**  
Enquanto o H1N1, comum alias, é tão importante quanto tomar a vacina, saiba quais alimentos reduzem seu risco de ficar doente.  
15/07/2016 | BEM-ESTAR E SAÚDE




**Sanduíche picante**  
Fazenda 3 porções  
15/07/2016 | Karla Precioso | RECEITAS




**Manga descascada sem sujeira?**  
Acabou a malícia na pia e ocorrendo no bico. É um jeito muito simples.  
15/07/2016 | Raquel Maldonado | MÁGICAS NA COZINHA



**Ana Hickmann na vida real**  
O ex-esquadrão da área enfadada levantou um alerta: qualquer mulher pode ser alvo da extorsão!  
15/07/2016 | Luciana Bugh | ACERVO



**Delicioso mix de ervas derrete 4 kg em 21 dias**  
E ainda reduz até 15 centímetros de cintura! Se enfiar medidas é o que você precisa, siga o nosso plano regado a chás para 16 gestões!  
15/07/2016 | DIETA



**Arroz com lingüiça de frango ao forno**  
Fazenda 3 porções  
14/07/2016 | Karla Precioso | RECEITAS

**CONECTE-SE**  
+7 M  
6.940 seguidores

**NESTA EDIÇÃO**  
Já nas bancas  
Começa nossas promoções  
Assine Agora

**MAIS LIDAS DE HOJE**  
Peito de frango com groselha  
Bata antes de entrar

Fonte: <<http://anamaria.uol.com.br/>>. Acesso em 17 jul. 2016.

### 4.2.3 Revista *Glamour*

Lançada no Brasil em 2012, a revista *Glamour* é uma das três maiores revistas femininas do país no que se refere ao tempo de permanência no ar, número de visitantes e de visualizações de página. Surgiu em 1939 nos Estados Unidos, onde, segundo a editora, exerce grande representatividade, além de ser publicada em diferentes países. A editora da revista ainda a classifica como nova geração das revistas: hiperconectada, moderna e multicanal.

A semelhança das revistas anteriores, aborda diferentes temáticas, que são publicadas em enunciados de diferentes gêneros, distribuídos, por sua vez, nos canais Certo & Errado, moda, celebridades, beleza, amor e sexo e *lifestyle*. Ressaltamos que, diferentemente das revistas publicadas pela Editora Abril, a revista *Glamour* está mais voltada para o mundo das celebridades e da moda, além de explorar especialmente a temática “beleza”. Segundo a diretora da redação, a revista é direcionada a mulheres de 25 a 35 anos, que não são casadas nem tiveram filhos, interessadas essencialmente por moda e beleza. O perfil da leitora da revista em questão é concebido como mulher independente e que têm um estilo de vida distinto do que as mulheres da mesma idade vivenciaram há alguns anos. Em adição, de acordo com informações publicadas, 87% do público-leitor é feminino, sendo que 66% pertence às classes A e B.

No que se refere ao *design* da revista virtual, há o logo da revista localizado em destaque na parte superior esquerda. Logo abaixo, estão distribuídos os canais da revista, através dos quais a leitora terá acesso às publicações. Além disso, são exibidas as principais notícias, de diferentes seções, além de enquetes e vídeos. Há também *links* distribuídos no decorrer da página, que direcionam o leitor para assinatura da revista em sua versão impressa, seção para cadastro na *newsletter*, assim como os demais *sites* das revistas publicadas em outros países. Por fim, há *hiperlinks* conectados a redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*. A seguir, mostramos um exemplar da versão *online* da revista:

Figura 5: Parte da publicação *online* da revista *Glamour*

**GLAMOUR** Busca OK

Facebook 248 mil Twitter Google+ YouTube

**Home** / Certo & Errado / Celebridades / Moda / Beleza / Amor & Sexo / Lifestyle

**e mais:** BLOGS PILULAS DA LELE LISTAS DA MÔNI GLAMOURSCOPO NA REAL TV GLAMOUR REDAÇÃO PROMOGLAMOUR

**ASSINE GLAMOUR E GANHE 2 MEIAS-CALÇAS E UMA NECESSAIRE EXCLUSIVA - Trifill**

**ASSINE JÁ!**

**Winona Ryder**  
Tudo o que é Glamour agora!  
Depois de sofrer muito bullying na vida, modelo com vitiligo estrela campanha da Diesel

**voto Certo & Errado**  
Inna Sharyk na Califórnia  
Superglam Não relaxa  
voto em todas

**ASSINE GLAMOUR E GANHE 2 MEIAS-CALÇAS E UMA NECESSAIRE EXCLUSIVA - Trifill**

**As últimas**

- NOVELA**  
Capote e Irene fazem dobechas! por exaite Tim Alana
- COMUNIDADE GLAMOUR**  
V'arias looks cool & fresh para você votar! Nossas leitoras estilosasimas
- QUESTÃO BELEZA**  
V'm aqui escolher a musa do bilbo Gueri-Gueri
- NOVAS MEDIDAS**  
Um mais que reduz até cinco centímetros de cintura é um sonho possível!
- FRESH**  
Nutricionista de belezas dá receitas de picolés leves e saudáveis

**AS+ lidas comentadas**

- Antes & Depois | Sala Colozida — Reizaus
- Modelo com vitiligo conquista o mundo da moda e aparece em campanha da Diesel...
- Beleza Hi-tech: Cabelo pixelado é a nova febre em Madri! - GLAMOUR | Fashio
- Sombria, água fresca e... coxão! 5 dicas de expert pra secura na praia! - GLAMOUR
- Nutricionista de belezas dá receitas de picolés leves e saudáveis - GLAMOUR |...

**TV Glamour**

**Enquete**  
'Bad Blood', que seria sobre Katy Perry. Agora, dizem que os looks das dançarinas

Fonte: <[http://editora.globo.com/midiakit/gl/midiakit\\_gl.pdf](http://editora.globo.com/midiakit/gl/midiakit_gl.pdf)>. Acesso em 04 fev. 2015.

#### 4.2.4 Revista *Marie Claire*

Além da revista *Claudia*, a *Marie Claire* é também publicada pela Editora Globo no Brasil. Embora circule no Brasil há pouco mais de 20 anos, foi lançada em 1937 na França e já está presente em mais de 26 países. Conforme Antunes (2008), sua publicação foi interrompida em 1939 em decorrência da Segunda Guerra Mundial e somente voltou a circular em 1954. Lançada em 1991 no Brasil, é descrita pelo editorial da revista como uma das mais importantes publicações femininas no mundo e com personalidade forte. De acordo com as informações trazidas pela editora, a revista traz mensalmente reportagens e notícias corajosas e depoimentos profundos sobre tendências de comportamento, sexo, saúde e cultura. Ademais, a revista é conhecida por tratar de temas mais profundos, isto é, as chamadas grandes reportagens e, segundo afirma o editorial da revista, os temas profundos podem ser aliados a matérias de moda, beleza e culinária.

A editora da revista traz informações detalhadas acerca dos leitores da revista no Brasil. De acordo com informações fornecidas pela editora da revista, o público-leitor é formado em grande parte por mulheres, que representam 85% dos leitores, sendo que 37% pertencem à classe B e 32%, à classe C. Sobre o nível de instrução, 35% têm nível superior e metade das leitoras é solteira e tem entre 35 e 44 anos. Ao observarmos os dados fornecidos pela editora, percebemos que grande parte das leitoras tem interesse em assuntos de beleza e moda. Em consonância com as informações publicadas, 92% se interessam por esse tema, sendo que, dentre estas, 67% declaram que têm muito interesse nesse assunto. Ademais, é afirmado, no *site* da revista, que *Marie Claire* é a publicação mais lida dentre as mulheres que pretendem realizar algum tratamento estético e que frequentam academias de ginástica.

No que concerne ao *design* do *site*, há grandes semelhanças com a revista publicada pela mesma editora, pois seguem um mesmo padrão. No início da página, é exibido o nome da revista com bastante destaque. Logo em seguida, são apresentadas as seções da revista, sendo que cada seção apresenta *links* com direcionamentos a subseções ou às principais notícias. À semelhança da revista *Glamour*, oferece a opção de cadastro nas atualizações da revista, bem como *links* para direcionamento às redes sociais integradas à revista. Por fim, há sugestões de compras e ofertas de assinaturas, tanto da revista em questão, quanto das demais publicadas pela mesma editora, conforme ilustrado a seguir:

Figura 6: Versão online da revista *Marie Claire*

**marie claire** 3x Parcelar em 3x R\$ 10,90

HOME MODA BELEZA CELEBRIDADES COMPORTAMENTO LIFESTYLE MULHERES DO MUNDO REVISTA COLAB. ADY

● EDITORA VÍDEOS ENQUETES GALERIA DE FOTOS HORÓSCÓPO @MCLIFE ASSINE

PRINCIPAIS EDITORIAIS

**ASSINE JÁ!**

**SITE TRANSFORMA TELEFÉRICO EM SUÍTE DE LUXO A 2,7 MIL METROS DE ALTURA**

**Beleza de verão** Confira um guia rápido para cuidar da pele no calor com dicas de especialistas

**Com apenas 4 kg a mais**, Fernanda Machado conta como mantém a boa forma no grávido

**Ponte-viça das maiores ruínas de cabeleireiro de SP** ensinam a lavar o cabelo ganhando metros água

**Modança de hábitos** Veja sete atitudes que estão demandando as suas roupas

**Eu, leitora: "Venci o zozinho um processo de assédio sexual contra meu chefe na justiça inglesa"**

**Hortelão mental: saiba as previsões dos astrôlogos para o seu signo no mês de fevereiro**

**TOP 5 AS + LIDAS**

1 Em vídeo, humoristas ironizam comportamento de turistas brasileiros na Disney

2 Sabrina Sato relembra início de namoro e revela: "Sempre estou bebada no trânsito"

3 "Perdi o assassino de meu filho e ajudei a família dele", diz comerciante que...

4 Gêmeas de estilo: combata seis duplas de famosas que compartilham dos mesmos gostos...

5 8 lições sobre plantar as unhas em casa que você deve aprender já. Marie Claire | ...

**É CARNAVAL!** LISTAMOS ACESSÓRIOS E RÓMPAS QUE FAZEM AS VEZES DE FANTASIA INSPIRE-SE!

**NASCE UMA IT-GIRL!** VEJA OS PRIMEIROS PASSOS PARA SE TORNAR UMA GAROTA ANTENADA NA MODA

**ADEUS, SALÃO!** CONTRA OITO LUGARES SOBRE PENTAR AS UNHAS EM CASA QUE VOCÊ DEVE APRENDER JÁ!

**TENDÊNCIA NA MESA** CONTRA 5 ALIMENTOS QUE PROMETEM SER OS NOVOS ALIADOS DAS DIETAS E SEUS BENEFÍCIOS

**CAPE DA MANHÃ** BATALHA NA COZINHA: CUSCÚZ OU TAPIÓCA? SAIBA OS BENEFÍCIOS E CALORIAS DE CADA UM

**LOOKS**

USARIA NÃO USARIA

**ENQUETE**

Marie Claire quer saber: qual

Fonte: <[http://editoraglobo.globo.com/MC\\_midiakit.pdf](http://editoraglobo.globo.com/MC_midiakit.pdf)>. Acesso em 01 fev. 2015.

Figura 7: Segunda parte da revista *Marie Claire*

The screenshot displays the second part of the Marie Claire magazine website. At the top, there are several article teasers with images and headlines:
 

- "A energia sexual de uma paraplégica passa por mim", diz Paula Oliveira
- Livro investiga trajetória de mulheres flagradas em fim símbolo da segregação racial nos EUA
- "Perdi o assassinio do meu filho e minha família dele", conta comerciante de 37 anos
- Fale com ele: há um tédio na relação? Entenda que o sentimento faz parte da vida em casal

 To the right, there is a "Marie Claire quer saber: qual capa de Sabrina fará você mais gostar? Vote!" poll with a "CLIQUE AQUI PARA VOTAR" button. Below this is a "NEWSLETTER" sign-up form with fields for "nome" and "email", a "CADASTRAR" button, and a "Seguir" button with a "+1" icon.

Below the teasers, there are five more article teasers:
 

- CABELO TENDÊNCIA**: Corvetas Exotica e mais feminas apontam nos tons brancos e raiz escura
- MALHAÇÃO**: Saiba como manter a forma de forma divertida durante as viagens de férias
- S.O. À BELEZA**: Conheça os oito pontos certos que você deve com sua pele e corjaça os já!
- CHULADO**: Listamos 15 dicas essenciais para cuidar de cabelos cacheados

Next is a "5 MINUTOS" section with three small images:
 

- Ivan Martins: o erotismo dos banhos de luar ao amor rústico
- Blogueiras vão participar de desfile na Sapucaia
- Dalmata é um ótimo companheiro da família

Below this is a "GLOBOSHOPPING" section featuring a search bar and five car listings:
 

- HB20 2014**: R\$ 35.900,00
- Gei 2012**: R\$ 19.900,00
- Cerato 2012**: R\$ 49.900,00
- Polo 2012**: R\$ 21.500,00
- Honda Cb 600 2012**: R\$ 35.000,00

At the bottom, there is a "ASSINE GLOBO" section with a red header and five magazine covers:
 

- EPICA**: aproximadamente R\$ 29,90
- CASA E JARDIM**: aproximadamente R\$ 10,90
- QUE?**: aproximadamente R\$ 24,90
- GAITEU**: aproximadamente R\$ 10,90
- GLAMOUR**: aproximadamente R\$ 6,90

The footer of the website includes the "marie claire" logo, the text "Principais Editoriais | Revistas | Assine", a "Quem Somos" link, and a list of international editions: AUSTRIA | CHINA | ESPANHA | ESTADOS UNIDOS | FRANÇA | HONG KONG | INGLATERRA | ITALIA | JAPÃO | MALÁSIA | TAIWÃ. It also includes a "NOTÍCIAS GLOBO" logo, a list of topics: Saúde | Arte | Ciência | Carreira | Estilo | Saúde, and a copyright notice: "Copyright © 2015 - Editora Globo S/A".

Fonte: <[http://editoraglobo.globo.com/MC\\_midiakit.pdf](http://editoraglobo.globo.com/MC_midiakit.pdf)>. Acesso em 01 fev. 2015.

#### 4.2.5 Revista *TPM* – Trip para mulheres

Finalmente, contextualizamos a revista *TPM – Trip para Mulheres*, publicada pela Editora Trip. A Marca Trip tem como títulos, já nas primeiras páginas do seu *Mídia Kit*, “Ousadia. Provocar para inspirar reflexão” e “Emoção é o que nos move”. Lançada em 1986, propõe a inovação e o questionamento de padrões impostos não somente na revista *TPM*, mas em todas as publicações. Já a revista *TPM- Trip para Mulheres* circula desde 2001 e, assim como a marca propõe, difere da maioria das publicações voltadas especialmente para o público feminino. Segundo as informações da editora, a revista tem conteúdo inovador e procura se distanciar de publicações que repetem “receitas” de sucesso nos relacionamentos, na família e na carreira. Também reforça seu posicionamento acerca da mulher contemporânea e a necessidade de questionar imposições com o lançamento do Manifesto TPM, iniciado em 2012 e que abordam matérias problematizadoras dos padrões impostos socialmente às mulheres, como, por exemplo, a busca pelo corpo perfeito ou pela família-modelo, além de abordar também tabus como a descriminalização do aborto. No que se refere ao público-leitor da *Revista TPM*, 92% dos leitores são mulheres, sendo que, do total desse público, 69% tem entre 26 e 45 anos. Diferentemente das demais revistas, não há indicações das classes sociais às quais a maioria do público leitor pertence.

Ademais, a revista *online* não apresenta seções fixas ou canais, conforme as demais revistas organizam as publicações. Diferentemente, há *tags* que agrupam as publicações em diferentes temáticas, mais do que por gêneros. Algumas das *tags* mais encontradas no decorrer da página principal foram: “lgbt”, “política”, “ativismo”, “decoração”, “arte”, “ensaio tpm”, “relacionamento”, “racismo”, “preconceito”, dentre inúmeras outras. Ademais, cada matéria recebe entre duas e cinco *tags*, ou seja, os diferentes gêneros são agrupados conforme as *tags* atribuídas e orientam o leitor acerca das principais discussões que atravessam a notícia. A notícia a seguir faz parte de nosso *corpus* de estudo e é classificada com as seguintes *tags*: Violência, feminismo, machismo e argentina.



Figura 8: Exemplar de notícia publicada na revista *TPM*



**ARGENTINAS INSISTEM  
NO GRITO: NOS  
QUEREMOS VIVAS!**

Milhares de pessoas foram às ruas do país pelo fim da violência de gênero após primeira greve nacional de mulheres

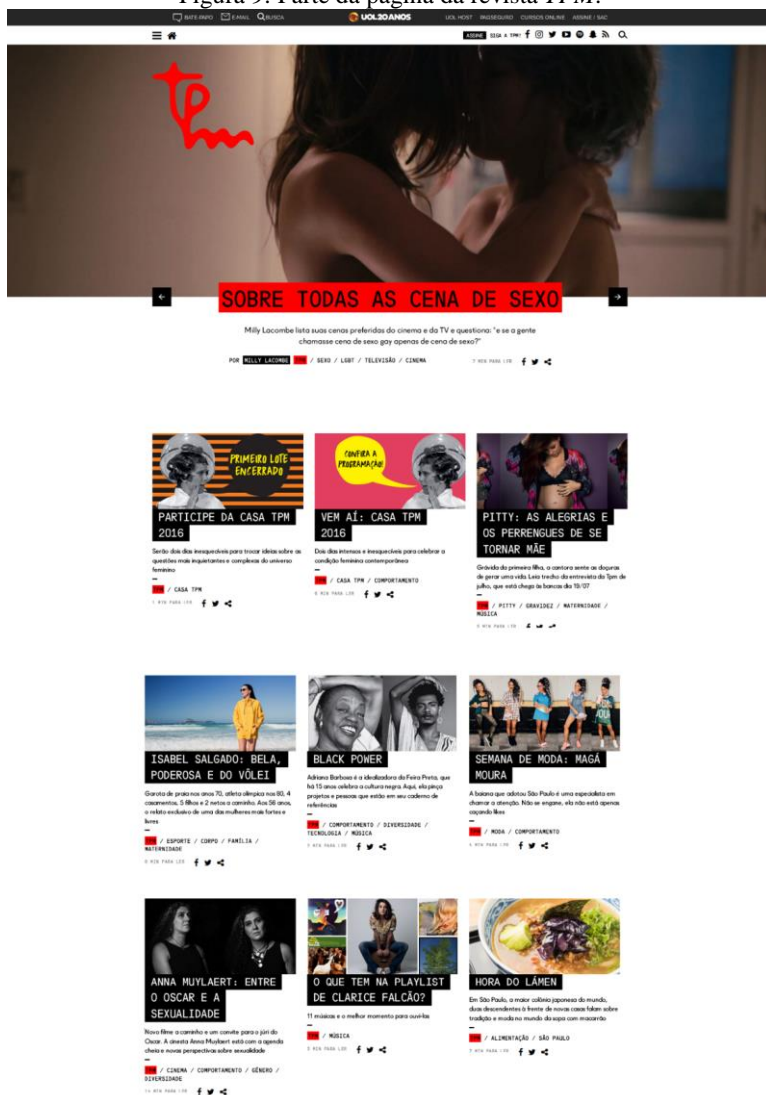
**TPM** / VIOLÊNCIA / FEMINISMO / MACHISMO / ARGENTINA

5 MIN PARA LER   

Fonte: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm.>>. Acesso em 08 jan. 2017.

Quanto ao *design*, apresenta matérias em destaque e, em seguida, reportagens, entrevistas, notícias sobre temáticas variadas, conforme as figuras a seguir:

Figura 9: Parte da página da revista TPM.



Fonte: <<http://revistatpm.uol.com.br/tpm>>. Acesso em 17 jul. 2016.

Com base nos dados fornecidos pelas revistas, é possível percebermos que a classe B é a que tem maior representatividade de público, pois as publicações *Claudia*, *Ana Maria*, *Marie Claire* e *Glamour* têm as maiores porcentagens de leitores. Contrariamente, a classe A é a que menos lê revistas femininas, uma vez que a somente a revista *Glamour* indica essa classe como parte de seu público leitor.

Nesta subseção, contextualizamos nosso universo de análise com a apresentação das revistas escolhidas para a seleção dos enunciados. Com isso, trouxemos informações referentes à função das revistas, ao perfil dos leitores, às temáticas abordadas, assim como a questão do *design* de cada publicação. Entendemos que a contextualização é relevante visto que proporciona um conhecimento mais pontual acerca do suporte do gênero estudado e como ele é veiculado para um público-leitor projetado pelas revistas (segundo informações publicadas em seus respectivos *sites*). Destarte, feitas as considerações acerca das publicações eleitas e que constituem nosso universo de análise, direcionamo-nos para as discussões acerca do **objeto de pesquisa**.

#### 4.4 EXEMPLARES DE ENUNCIADOS DO GÊNERO *NOTÍCIA*

Conforme reiterado no decorrer da dissertação, o gênero escolhido para o desenvolvimento do presente estudo consiste na *notícia* do jornalismo de revistas *online*. A escolha do referido gênero se justifica por diversos fatores, como, por exemplo, pela abrangência que ele representa na revista, visto que aborda diferentes temáticas. Outrossim, reconhecemos que as peculiaridades do próprio gênero estudado (conferir seção sobre gêneros do discurso, na qual reenunciamos algumas considerações sobre o gênero *notícia*) contribuem para o desenvolvimento da pesquisa, considerando os objetivos definidos.

Com isso, será possível o estudo dos enunciados considerando diferentes temáticas, de modo a compreendermos como a imagem da mulher contemporânea é discursivizada nas publicações voltadas potencialmente para o público feminino. Em face disso, essa heterogeneidade temática das notícias, bem como a possibilidade de compreendermos diferentes posições axiológico-valorativas, levando em conta que serão analisados enunciados veiculados por editoras que possuem posições ideológico-valorativas distintas, permitem uma visão multifacetada de nosso objeto de estudo.

Para o desenvolvimento da análise, foram selecionados 15 (quinze) enunciados do gênero *notícia*, sendo 3 (três) exemplares de

cada revista virtual. Acerca do gênero, Lage (2001) explica que, a partir dos anos 1980, pesquisas no âmbito da esfera jornalística apontam que as definições dos gêneros da referida esfera se tornam mais fluidas, diferentemente das definições anteriores, que situavam os gêneros da esfera jornalística em dois grandes grupos, o do jornalismo informativo, que dá conta da nota, da notícia, da reportagem e entrevista, e o jornalismo opinativo, envolvendo os gêneros editorial, artigo, resenha, crônica, caricatura e carta. Essa classificação é repensada pelo aumento de matérias que fugiam das referidas ordenações e não separam claramente textos informativos dos opinativos, além das profundas modificações causadas pelo advento da internet e a possibilidades de leitura não linear (LAGE, 2001).

Essa fluidez dos gêneros da esfera jornalística reverbera a proposta do Círculo de Bakhtin no que diz respeito à relativa estabilidade dos gêneros discursivos. Em face disso, selecionamos o *corpus*, tendo (i) enunciados do gênero *notícia*, com gêneros intercalados, como cartas do leitor e entrevistas<sup>41</sup> e (ii) enunciados com temáticas diversificadas abordadas pelas publicações, tais como carreira/vida profissional e financeira, contexto familiar, sexualidade e discussões sobre feminismo.

Esclarecidos os critérios, passemos para a apresentação dos dados. Para fim de exposição e organização, definimos siglas para todas as notícias coletadas, sendo que as categorias são formadas (i) pelas iniciais dos títulos de cada revista e (ii) pela numeração atribuída. Por exemplo, a primeira notícia selecionada da revista *Claudia* recebeu a categorização CL01, e a primeira notícia da revista *Marie Claire*, MC01. Em adição, trazemos dados referentes aos enunciados selecionados, como título da notícia, seção/canal da revista na qual foi publicada e data de publicação. A seguir, expomos quatro tabelas com as referidas informações acerca das publicações, organizadas em ordem alfabética.

Quadro 1: Dados da revista *Ana Maria*

<b>Título</b>	<b>Seção</b>	<b>Código</b>	<b>Data de publicação</b>
Faça sua parte.	Notícias	AM01	16/06/2016
Fumantes ficam mais tempo	Notícias	AM02	22/07/2016

<sup>41</sup> Observamos a presença de entrevistas, de dicas para leitores, etc. No entanto, percebemos que, nos enunciados, são gêneros intercalados.

desempregados			
Abrir conta pela internet agora pode!	Notícias/Dinheiro	AM03	22/07/2016

Fonte: autora.

Quadro 2: Dados da revista *Claudia*

<b>Título</b>	<b>Seção</b>	<b>Código</b>	<b>Data de publicação</b>
Cada vez mais insatisfeitas, mulheres lutam contra padrões de beleza.	Beleza	CL01	13/07/2016
Malala Yousafzai passou seu aniversário no maior campo de refugiados do mundo	Estilo de vida	CL02	13/07/2016
Casos de abuso sexual no transporte público crescem 29% em um ano	Notícias	CL03	03/11/2016

Fonte: autora.

Quadro 3: Dados da revista *Glamour*

<b>Título</b>	<b>Seção</b>	<b>Código</b>	<b>Data de publicação</b>
Projeto pede inclusão de novos verbetes sobre gêneros no dicionário	<i>Lifestyle/</i> Cultura	GL01	15/07/2016
Facebook e Instagram lançam programa que incentiva a mulher a abrir o seu próprio negócio	<i>Lifestyle/</i> Carreira e dinheiro	GL02	22/06/2016
Motorista de Uber salva adolescente de sequestro e tráfico humano	Na Real	GL03	30/12/2016

Fonte: autora.

Quadro 4: Dados da revista *Marie Claire*

<b>Título</b>	<b>Seção</b>	<b>Código</b>	<b>Data de publicação</b>
Chega de tabu! Papa Francisco defende a amamentação em público	Notícias	MC01	09/01/2017
Gravidez provoca mudança no cérebro das mulheres, garantem pesquisadores	Notícias	MC02	20/12/2016
Abortos não provocam problemas mentais nas mulheres, mas a sua proibição sim, diz pesquisa	Notícias	MC03	16/12/2016

Fonte: autora.

Quadro 5: Dados da revista *TPM*

<b>Título</b>	<b>Tags<sup>42</sup></b>	<b>Código</b>	<b>Data de publicação</b>
Chega de silêncio	Comportamento; ativismo; São Paulo; feminismo.	TPM01	04/03/2016
Artesanal e independente	TPM; livros; empreendedorismo; trabalho.	TPM02	13/02/2017
Argentinas insistem no grito: Nos queremos vivas!	Violência; feminismo; machismo; argentina.	TPM03	20/10/2016

Fonte: autora.

---

<sup>42</sup> Como explicado anteriormente, a revista *TPM* organiza as publicações através do uso de *tags*, e não por seções ou canais.

Com a organização das notícias, finalizamos a seção dedicada à apresentação dos dados analisados nesse estudo. Nessa perspectiva, nossa discussão envolveu (i) aspectos teóricos acerca da metodologia nas ciências humanas e procedimentos teórico-metodológicos que guiam o desenvolvimento da pesquisa; (ii) a contextualização das revistas *online* das quais selecionamos os exemplares de enunciados que constituirão *o universo de estudo* e (iii) contextualização do objeto – a notícia - no universo de análise, dando ênfase à justificativa de escolha do gênero em questão.

No próximo capítulo, retomamos considerações da esfera do jornalismo e, com base nas discussões, situamos o jornalismo de revista para, em seguida, realizarmos uma breve abordagem das revistas para mulheres, desde o jornalismo impresso do século XIX até as publicações atuais, tanto impressas quanto *online*.





## 5 A ESFERA DO JORNALISMO DE REVISTA

No capítulo 2, reenunciamos, com base no Círculo de Bakhtin, o conceito de esferas da interação enquanto princípio de organização dos gêneros discursivos. Para Bakhtin (2011 [1979]), as esferas da atividade estão relacionadas com os diferentes usos da linguagem, pois, sendo recortes históricos e ideológicos, instituem as mais diversas formas de intercâmbio, isto é, os gêneros discursivos, que medeiam a interação verbal nessa ou naquela esfera. O uso dos gêneros do discurso está vinculado à esfera na qual eles circulam e se reorganiza a partir de suas finalidades, não podendo os gêneros serem separados dessas condições sócio-histórico de interação. Nessa medida, enquanto espaços de interlocução, as esferas apresentam condições de enunciação e necessidades específicas, originando, estabilizando e reorganizando os gêneros que nelas circulam e que medeiam a comunicação discursiva de forma dinâmica.

Ademais, as esferas refletem e refratam o real, dado que cada esfera se orienta na realidade de forma única (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929]). Se as esferas apresentam condições ideológicas específicas e são elas que originam os gêneros discursivos, percebemos que esses gêneros não são alheios às condições ideológicas e valorativas da esfera na qual circulam, já que “[...] a obra [o gênero] ocupa certo lugar na existência, está ligada ou próxima a alguma esfera ideológica” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 195). Sendo assim, as esferas da atividade possuem orientações ideológico-valorativas distintas e essas peculiaridades se realizam na linguagem, produzidos nessas condições da comunicação discursiva.

Com base nas considerações do Círculo de Bakhtin acerca dos conceitos de gêneros do discurso e esferas da atividade, é possível entendermos as especificidades da esfera jornalística e as condições de circulação do gênero *notícia* em revistas virtuais. Para tanto, reenunciamos as discussões de estudiosos da área (AGUIAR, 2011; AVEIRO; PRADO, 2014; BANDEIRA, 2012; BAUCHWITZ, 2009; FERRARI, 2008; HEBERLE, 2004; LAGE, 1998; 2001; LÉVY; DA COSTA, 1993; LIMA, 2009; LIRA, 2009; LOBATO, 2013; LONGHI, 2000; 2008; LONGHI; SILVEIRA, 2010; MELO, 2006; PRIMO, 2013; SCALZO, 2003; SOUSA, 2013; SWAIN, 2001; TAVARES, 2012; TRAQUINA, 2005; 2008), como subsídio para nosso estudo do jornalismo de revista, de revista *online* e o jornalismo feminino/feminista.

Traquina (2008) explica que o campo<sup>43</sup> jornalístico surge à medida que grupos se especializam no conhecimento teórico e prático envolvendo a notícia e, a cada vez que esses grupos se especializam, a competitividade e a posição de profissionais atribuem aos jornalistas a autoridade de atuarem nesse meio. Além disso, a questão da delimitação do profissionalismo implica que há ideologias por traz da função exercida, que permitem o surgimento e fortalecimento de grupos que interagem em um espaço comum e, no caso dos jornalistas, criam uma identidade comum entre os que exercem a função de noticiar fatos. Dessa forma, segundo Traquina (2005), há dois processos que marcam a evolução da atividade jornalística em sua história universal: a sua comercialização e a profissionalização de seus trabalhadores.

No entanto, aliado a esse processo de especialização, o campo jornalístico ganha força no ocidente no século XIX especialmente com o avanço do capitalismo e paralelamente a processos como a industrialização, a urbanização, a educação em massa, o progresso tecnológico e o surgimento da imprensa como *mass media*, pois foram os fatores mais importantes para que a imprensa alcançasse uma escala massiva.

Com base na contextualização feita quanto à consolidação do campo jornalístico e os principais valores que orientam as práticas dos jornalistas, propomos, no presente capítulo, o estudo da esfera do jornalismo de revista. Para tanto, inicialmente, situamo-nos na área do jornalismo e, com base em considerações de pesquisadores da área e em pesquisas recentes (FERRARI, 2008; GUERREIRO NETO, 2013; LAGE, 1998; 2001; LÉVY; DA COSTA, 1993; LONGHI, 2000; 2008; LONGHI; SILVEIRA, 2010; LIRA, 2009; MELO, 2006; PRIMO, 2013; SCALZO, 2003; SOUSA, 2013; TAVARES, 2012), reenunciamos algumas questões em torno (i) da esfera do jornalismo, (ii) do jornalismo de revista e (iii) do jornalismo de revista *online*.

Na seção 5.2, situamos nosso universo de análise no campo do jornalismo de revista para mulheres (AGUIAR, 2011; ALVAREZ, 2014; AVEIRO; PRADO, 2014; BAUCHWITZ, 2009; HEBERLE, 2004; LIMA, 2009; LIRA, 2009; LOBATO, 2013; LONGHI, 2000; 2002; LONGHI; SILVEIRA, 2010; MANDAJI, 2016; MELO, 2006;

---

<sup>43</sup> Para o autor, “campos” podem ser conceituados como “universos relativamente autônomos de relações sociais. [...]” (TRAQUINA, 2008, p. 19). No entanto, mesmo considerando o conceito nas Teorias do Jornalismo, na dissertação, nos consociamos ao conceito de esfera dos escritos do Círculo de Bakhtin.

SWAIN, 2001), desde o surgimento do chamado “jornalismo feminino”<sup>44</sup> até as revistas atuais voltadas potencialmente para o público feminino. Pretendemos realizar uma breve análise das publicações antigas e atuais, posto que esse não é o objetivo central da pesquisa, mas entendemos que o conhecimento das mudanças sofridas pela mídia feminina contribui para a compreensão do caráter atual das revistas femininas.

## 5.1 O JORNALISMO DE REVISTA E O JORNALISMO DE REVISTA ONLINE

Para Scalzo (2003), o que marca o surgimento e a evolução do jornalismo de revista é a constante reafirmação das receitas empregadas pelas editoras na construção dessas revistas. Desde as primeiras publicações, que mais se assemelhavam a livros, até as revistas especializadas e segmentadas que circulam atualmente, são inúmeras mudanças que as caracterizam, como o estilo empregado, o *design*, formato, gêneros que circulam nesse suporte, assuntos discutidos e até mesmo os títulos das publicações.

Segundo a autora, as publicações que iniciaram o jornalismo de revista, na verdade, tinham características menos de revistas e mais de livros. A revista *Edificantes Discussões Mensais (Erbauliche Monats-Underredungen)*, publicada na Alemanha em 1663, é a primeira publicação do gênero de que se tem notícia e só era considerada revista por se especializar em uma temática – teologia –, trazer diversos artigos sobre o assunto e se direcionar a um público específico. Em 1672, surge a revista *Le Mercure Galant* na França e basicamente publicava poesias, anedotas e notas curtas, modelo que se mostrou eficaz e logo foi

---

<sup>44</sup> Bandeira (2012, p. 43) conceitua o jornalismo feminino, considerando sua presença de forma mais geral na mídia, como “direcionado às mulheres, presente, sobretudo, em revistas femininas, seções femininas dentro de jornais e também programas de rádio, televisão e páginas na internet cujo público-alvo são as mulheres. Jornalismo como segmentação voltada para questões tipicamente femininas, que, segundo premissas de dissolução de conflitos sociais, seria o jornalismo tradicional, que mantém as estruturas que condicionam os papéis da mulher dentro da sociedade. Portanto, um jornalismo cujos temas abordados giram em torno da moda, beleza, educação dos filhos, culinária, decoração. Jornalismo produzido para um público-alvo com alto potencial de consumo e detentor de um papel que exerce determinada influência na sociedade moderna no processo de produção e reprodução de valores, sobretudo dentro do contexto familiar”.

copiado. É somente em 1731, com a publicação da revista *The Gentleman's Magazine*, em Londres, que começam a serem lançadas revistas com formatos mais semelhantes às que circulam atualmente. No Brasil, a revista *As Variedades ou Ensaios de Literatura* (1812) é a primeira a ser publicada e, assim como as demais que circularam entre os séculos XVII e XIX, seguia o modelo de livros. No início do século XX, com o aprimoramento das técnicas de impressão e recursos gráficos, a imprensa perde seu caráter artesanal e passa a ganhar características de empresa industrial e comercial.

Além das mudanças no modelo e *design* das revistas, também muda a relação que as publicações estabelecem com os leitores, especialmente por causa da contínua segmentação sofrida. Para Lira (2009), houve a reorganização das empresas de comunicação para atender demandas de públicos particulares e individualizados: enquanto que as primeiras revistas eram direcionadas essencialmente aos homens da elite, as publicações atuais são destinadas a diferentes públicos, leitores de diferentes faixas etárias, de diferentes classes, profissões, níveis de escolaridade e interesses. Isso se dá porque a relação entre uma revista e seus leitores é caracterizada pelo contato mais íntimo, uma vez que as diferentes revistas buscam conhecer cada vez melhor seu público e atender as suas expectativas, as quais são ancoradas em valores e ideologias.

Em decorrência disso, as revistas são marcadas pela efemeridade e pela necessidade de serem constantemente repensadas. Se os jornais conseguiam manter a mesma “fórmula” por anos, sem que ficassem obsoletos ou os leitores perdessem o interesse, esses aspectos não podem ser atribuídos às revistas. Scalzo (2003) explica que o jornal ocupa o lugar do público, do cidadão, e o jornalista sempre fala com uma plateia heterogênea, às vezes sem rosto. Diferentemente, as revistas têm um público cativo, o qual interessa conhecer e saber seus interesses em participar da vida privada do leitor. A constante reorganização e adaptação das ideias aos interesses do público é um dos fatores que garantem sua sobrevivência, assim como a sintonia com seu tempo, com os hábitos e assuntos de interesse do momento:

[...] revistas representam épocas [...]. Sendo assim, só funcionam em perfeita sintonia com seu tempo. Por isso, dá para compreender muito da história e da cultura de um país conhecendo suas revistas. Ali estão os hábitos, as modas, os personagens de

cada período, os assuntos que mobilizaram grupos de pessoas. (SCALZO, 2003, p. 16)

Essa aproximação das revistas com o público se confirma na atualidade, com o surgimento de tecnologias que marcam e ressignificam não somente o jornalismo de revista, mas especialmente as possibilidades de acesso à informação e notícias. Sousa (2013) mostra que as notícias estão presentes em diferentes espaços, seja no meio impresso, no rádio, na televisão, no computador, no *tablet* e até em videogames. A distribuição de conteúdos nos mais diversos espaços se dá pela cada vez maior refinação e fragmentação do público consumidor, bem como o encontro de diferentes linguagens e mídias, projeto chamado jornalismo convergente ou convergência jornalística<sup>45</sup>.

Para Longhi e Silveira (2010), o conceito de convergência pode ser entendido a partir de dois aspectos que se relacionam entre si: a combinação de linguagens e a remodelação de meios, através de sua hibridação. O fato de não surgirem apenas novos suportes para os mesmos textos que circulam nos jornais impressos requer, conforme Longhi (2008), a concepção de *intermídia*, colaborando para o entendimento das estratégias de convergência de linguagens. A autora conceitua *intermídia* como síntese qualitativa da hibridação de meios e, por isso, pode dar conta da fusão conceitual operada pelas estratégias de remodelação e linguagens que marcam os produtos digitais. Sendo assim, a noção de *intermídia* oferece outro olhar para essa aglutinação de meios, a qual vai além da colocação de elementos já existentes na tela do computador. Dá conta da combinação conceitual, pela junção de meios, que, ao se mesclarem, produzem formatos específicos de linguagem, mantendo algumas características e criando outras (LONGHI; SILVEIRA, 2010).

A compreensão da *intermídia* como processo de convergência de linguagens em meio digital implica também nos conceitos de *hipertexto*

---

<sup>45</sup> O conceito de convergência, segundo Sousa (2013) e Primo (2013), foi ressignificado no decorrer do tempo no contexto da comunicação. No cenário atual, a convergência não pode ser considerada uma aglutinação de tecnologias, mas envolve antigas e novas mídias, produtores e consumidores, isto é, diz respeito tanto à forma de produção quanto de consumo de informações. Longhi e Silveira (2010) entendem a convergência como conceito-chave para entender as transformações sofridas pela linguagem digital. O referido termo define o atual estado da arte não somente dos formatos jornalísticos, mas de diversas manifestações da comunicação hipermediática.

e *hipermídia*. O *hipertexto* pode ser entendido como quebra da linearidade da leitura dos textos e que envolve diferentes mídias e conecta itens diversos, ligados por meio de *links* textuais ou não. Assim, para Lévy e Da Costa (1993, p. 33), “[...] navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira”. A *hipermídia*, por sua vez, é conceituada por Longhi (2000) como uma evolução natural do hipertexto, uma vez que há semelhanças entre ambos, mas, no caso da *hipermídia*, ela permite ao usuário navegar livremente pelos textos em uma leitura não linear e acessar fotos, ilustrações, animações, vídeos, etc.<sup>46</sup>

A natureza da linguagem no ambiente virtual nos ajuda a compreender como as revistas virtuais se organizam a fim de atender as necessidades e interesses do público leitor. Segundo Ferrari (2008), o leitor que acessa um dado portal quer se sentir único, tem o interesse de interagir e de se posicionar em relação ao que lê. A autora explica que dificilmente os internautas se prendem a determinado *site* por muito tempo, já que o público *online* tende a ser mais ativo do que os telespectadores, por exemplo, e se algum *site* não agrada, o internauta logo irá partir para outro. Essa necessidade delinea o novo padrão de entretenimento de massa, “[...] é uma combinação da mídia antiga e da nova, que se complementam e ao mesmo tempo competem entre si” (FERRARI, 2008, p. 38). Assim como os leitores que assinam revistas e estabelecem uma espécie de fidelidade com a editora, é de interesse das versões *online* também cativarem esse público, o que demanda estratégias diferentes das que são adotadas pelas publicações impressas.

A peculiaridade do leitor *online* levanta questões que influenciam nas revistas voltadas para públicos potenciais específicos. Ferrari (2008) levanta argumentos relevantes para o sucesso de um determinado *site*, argumentos esses que também funcionam como síntese do que foi discutido no decorrer da presente seção. Algumas questões que influenciam nesse fator são a (i) qualidade do conteúdo veiculado que, conforme dito, não pode ser transposto de mídias impressas, e que também não pode ser feito com descuido, mas prezando sempre pela qualidade; (ii) conhecer cada vez mais o público, seus objetivos, como navegam pelos *sites* e que mídias podem ser empregadas para manter seu interesse e (iii) o estilo usado na redação das matérias e a presença de elementos da mídia impressa, como o *lead*,

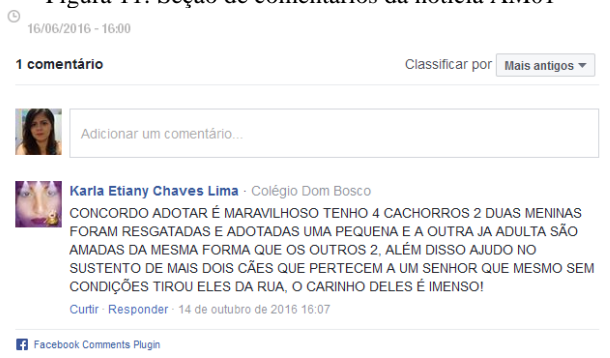
---

<sup>46</sup> Frente às limitações do presente trabalho, não analisamos questões como multimodalidade e hipertextualidade.



mídia produzir informações e entreter o público, sempre se adaptando a essas mudanças para garantir sua sobrevivência, como atinge também a forma como essas informações são consumidas pelo público, cada vez mais refinado, exigente e participativo na produção de informação, interagindo especialmente nas seções de comentários dos *sites* e nas redes sociais vinculadas às páginas. Um dos espaços dedicados para essa participação do público leitor na produção do conteúdo oferecido consiste na área destinada à publicação de comentários, conforme os exemplos a seguir:

Figura 11: Seção de comentários da notícia AM01



Fonte: <<http://anamaria.uol.com.br/noticias/acervo/faca-sua-parte.shtml#.WHKeNNIrLIU>>. Acesso em 18 jul. 2016.

Os comentários publicados mostram que os leitores participam como se estivessem numa conversa ao darem opiniões acerca do que está sendo publicado. Na figura 11, a leitora mostra concordância em relação ao que a notícia propõe, que é o incentivo à prática da adoção. Para tanto, ela concorda com o que foi dito na notícia e conta sua história e as atividades que realiza para contribuir com a mudança da realidade de animais abandonados. A leitora se coloca como praticante da responsabilidade transmitida pela revista, pois já inicia o texto com a frase “Concordo, adotar é maravilhoso” e, no decorrer de seu comentário, mostra diversos pontos positivos que a adoção lhe trouxe. Os termos “maravilhoso”, com o qual se refere à prática da adoção, e “duas meninas”, usado para se remeter aos animais que adotou funcionam como estratégias de convencimento, como se respondesse ao apelo que finaliza a notícia AM01 (“Então, se você estiver doida por um

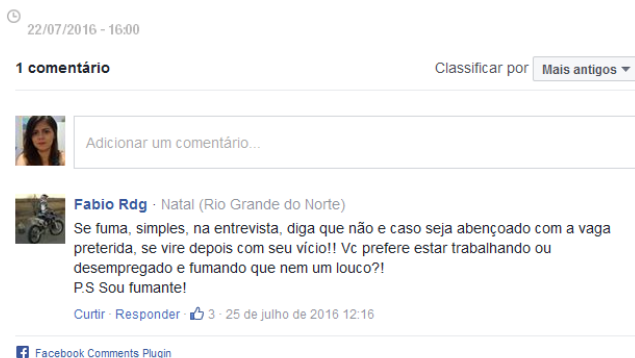


bichinho, o que acha de adotar um no lugar de incentivar o comércio de animais? Há tantos precisando de carinho...”).

Ademais, outras escolhas estilísticas como “são amadas” e “o carinho deles é imenso” ressaltam o lado positivo da prática de adoção e, por dialogar e concordar com a proposta da notícia, atribui maior força ao apelo feito, ou seja, reforça a responsabilidade da leitora em intervir nessa realidade e ser agente de mudanças. Dessa maneira, o sentido projetado pela notícia reverbera no comentário da leitora, que assimila positivamente essa “responsabilidade” que lhe foi transmitida e aceita, ao mesmo tempo em que emprega expressões semelhantes às que foram usadas na notícia.

A seguir, reproduzimos o comentário publicado por um leitor na notícia AM02. Uma curiosidade pertinente no estudo desse comentário é que foi publicado por um homem, embora a revista seja destinada potencialmente ao público feminino. Além disso, diferentemente do caso anterior, não há movimento de assimilação e concordância com as informações fornecidas pela notícia, conforme mostrado a seguir:

Figura 12: Seção de comentários da notícia AM02



Fonte: <<http://anamaria.uol.com.br/noticias/acervo/fumantes-ficam-mais-tempo-desempregados.phtml#.WHKexdIrLIU>>. Acesso 29 jul. 2016.

Nessa resposta, o leitor entende que a responsabilidade de arcar com o tratamento de saúde dos empregados não é da empresa, mas é uma consequência com a qual os funcionários precisam lidar, posto que foi uma decisão deles mesmos em continuarem fumando (conferir anexo B). A notícia é finalizada com a frase “De um jeito ou de outro, o vício atrapalha bastante a vida, né?”, sendo que a resposta do leitor se coloca numa posição contrária ao que a notícia propõe, posto que apresenta

outra “solução” para essa dificuldade dos fumantes em conseguirem emprego.

O autor do comentário usa expressões como “simples” e “se vire depois com seu vício”, pois quer mostrar que, na verdade, a responsabilidade de lidar com o vício é do próprio funcionário. De forma semelhante ao texto da notícia, finaliza seu comentário com a pergunta: “Você prefere estar trabalhando ou desempregado e fumando que nem um louco?”, mas, nesse caso, utiliza uma pergunta retórica para o potencial leitor da notícia como um “choque de realidade” ao mostrar as duas opções que ele teria. Mesmo sendo fumante, como ele próprio indica ao final de sua resposta, ele confronta o leitor e questiona se, de fato, vale a pena arriscar seu emprego por causa do cigarro.

A análise dos comentários publicados e a retomada das notícias as quais respondem consubstanciam a discussão trazida na seção 2.1 na medida em que exemplificam alguns possíveis movimentos dos leitores dessas notícias, sejam movimentos de concordância ou discordância, de assimilação ou afastamento do que é proposto na notícia. Embora a atitude responsiva do leitor não seja discursivizada na seção de comentários, é possível entendermos que, conforme Bakhtin (2011 [1979]), todo enunciado é pretexto de resposta, que pode ser verbalizada, como no caso dos comentários, ou ocorrer na compreensão silenciosa do leitor, sem necessariamente ser publicada no *site* da revista.

Para finalizar a discussão, vale esclarecer que a internet não tornou o jornalismo impresso obsoleto, como se imaginava na época de difusão da rede. Lobato (2013) explica que as revistas impressas continuam sendo lucrativas nesse mercado, sempre com grandes tiragens e oferecendo lucros para as editoras, mesmo que as páginas *online* se coloquem como concorrentes de peso ao suporte impresso, especialmente em função das propagandas e espaços pagos de divulgação de produtos e marcas.

Depois de tecermos considerações em torno do jornalismo de revista e especificamente do jornalismo *online*, dedicamos a seção seguinte para as considerações acerca do jornalismo feminino, considerando especificamente as revistas publicadas potencialmente para o público leitor feminino adulto.

## 5.2 AS REVISTAS PARA MULHERES<sup>47</sup>

Segundo Swain (2001), há discussões que anunciam o fim do feminismo, pois afirmam que todas as reivindicações das mulheres em relação aos seus direitos foram atendidas e que o movimento feminista acabou enfraquecido. No entanto, apesar dessa posição evidenciar apenas as conquistas da igualdade de direitos, Swain (2001) mostra o outro lado esquecido nesse anúncio, que acaba recoberto e diz respeito à polarização de formatos binários acerca do que se entende por homem e mulher, concepções estas que atuam fortemente nas relações sociais. Sendo assim, apesar do movimento feminista alcançar conquistas significativas, como participação em movimentos políticos e a atuação em esferas antes dominadas pelos homens, as representações de gênero, enquanto construções sociais (conferir seção 3.3), produzem corpos biológicos moldados, assujeitados a práticas normativas naturalizadas e que tendem a subjugar a mulher em relação ao homem.

As representações de gênero, assim como a relação hierárquica entre homem e mulher, na qual o homem ocupa o lugar do ser racional e da esfera pública, enquanto a mulher é designada como emotiva e pertencente à vida privada, encontram na linguagem e, especificamente, na mídia, um meio de difusão e fortalecimento. Para Lira (2009), a linguagem contribui para a construção da identidade de grupos sociais e, sendo o gênero uma construção social, a mídia feminina, pensada e destinada à mulher, carrega a expectativa do que socialmente se espera desse público, naturalizando concepções arraigadas dos papéis sociais, pois o que de fato as primeiras revistas femininas buscavam era que as mulheres se educassem, para que pudessem criar melhor seus filhos, que pudessem formar cidadãos cultos. Destarte, sem desmerecer as conquistas do movimento feminista em garantir o direito de acesso à

---

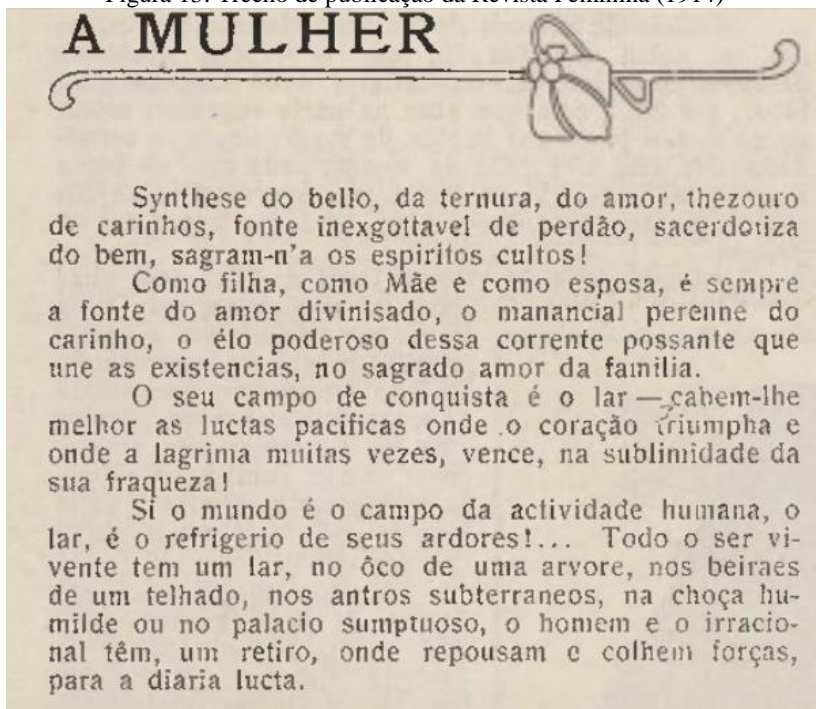
<sup>47</sup> Salientamos que há inúmeras forças atuantes na construção dos sentidos projetados pelas notícias. Entretanto, para esse trabalho, consideramos que o principal embate concretizado entre as vozes consiste na tensão entre o discurso da *tradição* (por exemplo, discursos machistas, centralizadores, que silenciam a busca de direitos por parte da mulher, imposições sociais acerca do que se espera da mulher adulta, assim como outras vozes que atuam como forças centrípetas em relação à mobilização da mulher em relação à posição que ocupa) e o discurso de *renovação* (por exemplo, movimentos feministas, questionamentos acerca de concepções naturalizadas e deslocamentos que buscam entender e desconstruir compreensões arraigadas sobre o que se espera da mulher, ou seja, são as forças centrífugas).

educação, o movimento da imprensa tendia a manter (e qualificar) a mulher em seus papéis de dona de casa, mãe e esposa.

Assim a televisão, as novelas, os romances, as revistas em quadrinhos, as revistas em geral, os jornais, a internet etc., em seu espaço de recepção e interação veiculam representações sobre as mulheres, os homens, a sociedade. Imagens e textos compõem um mosaico que integra a maneira de se perceber o mundo e o desenho de sua positividade (SWAIN, 2001, p. 14).

É possível percebemos resquícios históricos dessa construção social no que diz respeito à mulher tanto em publicações antigas quanto nas revistas que circulam atualmente. Na *Revista Feminina* (1914), diversos exemplos mostram a busca por reforçar a importância da mulher no lar, da divinização de sua imagem e da sua ligação com o sentimentalismo e com a emoção. O trecho a seguir, extraído da 19ª publicação da *Revista Feminina*, é parte do texto “A mulher”, que faz reverência à importância da presença feminina na manutenção do lar, na educação dos filhos, na transformação do lar em um lugar aconchegante para o marido, etc.:

Figura 13: Trecho de publicação da Revista Feminina (1914)



Fonte: <[http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/revistas/BR\\_APESP\\_IHGSP\\_RFEM\\_191512019.pdf](http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/revistas/BR_APESP_IHGSP_RFEM_191512019.pdf)> Acesso em 13 mar. 2017.

Esses parágrafos introdutórios divinizam a imagem da mulher “como filha, como mãe e como esposa” e atuante no fortalecimento dos elos da família. É afirmado que suas maiores conquistas são alcançadas no lar, onde “cabem-lhe as melhores lutas pacíficas” e onde por vezes a emoção toma conta. É a mulher que acolhe o homem que trava lutas diárias fora de casa e que lhe ajuda a recuperar as forças para o dia seguinte. No trecho em destaque, essa construção de imagem de mulher está explícita e, em diálogo com os demais textos publicados na *Revista Feminina*, tem o intuito de sedimentar a aproximação da mulher com o lar e a sua submissão ao marido.

Melo (2006) argumenta que nessas publicações não há espaço para o jornalismo, pois a atualidade, considerada seu preceito básico, é deixada de lado, além de não haver incentivo para a participação política. Pelo contrário; o que marca as publicações direcionadas para a mulher moderna é a ênfase no lar, nas compras e na vida social. A partir

do estudo realizado, notamos essas características das revistas femininas não são exclusividades das revistas que circularam no século XVIII. Nas revistas atuais, é possível percebemos como ainda há a busca pela manutenção dessa imagem de mulher.

Afirmamos isso com base em Traquina (2005) quando o autor levanta alguns dos critérios de noticiabilidade que guiam a escolha de fatos que recebem a atenção pública. De acordo com Traquina (2005), os valores notícia de seleção do que será noticiado são a morte, considerada valor fundamental para o jornalismo; a notoriedade do “ator principal” envolvido no fato noticiado; a proximidade cultural e/ou geográfica do acontecimento em relação ao público que lê as notícias; a relevância do impacto de determinado acontecimento; a novidade, que consiste em um elemento necessário para a retomada de determinado assunto, seja pela primeira vez ou não; o tempo, dado que a efemeridade do fato se torna justificativa para noticiabilidade; a notabilidade do fato; o inesperado, que surpreende a comunidade jornalística e atrai a atenção pública e, por fim, o conflito ou a controvérsia, seja a luta física ou simbólica envolvendo figuras públicas, autoridades, etc.

Ao relacionarmos os valores notícia acima mencionados com as publicações analisadas neste trabalho, podemos afirmar que um dos principais valores notícia que perpassa essas publicações consiste na **novidade**. A análise das notícias publicadas mostra que a maior parte dos fatos noticiados não é guiada pela efemeridade e pelo imediatismo, e sim por assuntos considerados relevantes para o público potencial e que possa trazer algum elemento novo, como uma informação nova ou resultado de pesquisas, por exemplo. A notícia a seguir traz dados novos acerca das mudanças que a gravidez provoca no cérebro da mulher:

Figura 14: Notícia MC02

■ NOTÍCIAS | 20.12.2016 - 17H54 - ATUALIZADO ÀS 20.12.2016 17H55 | POR REDAÇÃO MARIE-CLAIRE

## Gravidez provoca mudança no cérebro das mulheres, garantem pesquisadores

O estudo identificou uma redução na massa cinzenta de gestantes, transformação que seria responsável por reforçar o laço afetivo entre mãe e filho

Compartilhe em: Facebook, Twitter, LinkedIn, Google+, YouTube, Email, Print, RSS



Estudo europeu mostrou uma redução da massa cinzenta do cérebro de mulheres grávidas (Foto: Thinkstock)

Uma pesquisa europeia divulgada nesta segunda (19) pela revista científica *Nature Neuroscience* constatou uma redução da massa cinzenta em áreas específicas do cérebro de mulheres grávidas. A alteração, segundo especialistas, ajuda as futuras mães a criarem laços com o bebê e se prepararem para as exigências da maternidade.

O levantamento foi feito pela Universitat Autònoma de Barcelona, em parceria com a Leiden University, da Holanda, e baseado em imagens de ressonância magnética de 25 mulheres, ao longo da gestação e até dois anos após o nascimento do bebê.

O resultado foi de redução significativa da massa cinzenta no cérebro de gestantes, em sua primeira gravidez, independente da origem – se natural ou com fertilização in vitro. As transformações foram identificadas justamente na área cerebral responsável pelas interações sociais e, segundo os pesquisadores, são responsáveis por mudanças vantajosas, como melhor identificação das necessidades do recém-nascido, atenção reforçada sobre potenciais ameaças e uma ligação afetiva maior com o filho.

Para chegar a essa conclusão, foram avaliados também os cérebros de 19 pais de primeira viagem, 17 homens sem filhos e 20 mulheres que nunca engravidaram. Em nenhum desses casos a alteração foi identificada. Por outro lado, os computadores foram capazes de atestar aquelas que já haviam dado à luz ao menos uma vez na vida só com a análise das imagens cerebrais.

Tais mudanças estruturais, ainda de acordo com o estudo, afetam as mulheres até dois anos após o parto. E apesar de muitas se queixarem de esquecimentos durante a gestação, não foi identificada nenhuma relação entre a redução da massa cinzenta e problemas de memória, nestes casos específicos.

**NOTÍCIA**

**Chega de tabu! Papa Francisco defende a amamentação em público**

**Apesar de proibidos, testes de virgindade invasivos continuam sendo feitos em países árabes**

**"Não preciso mais dar cochadas para conquistar meu espaço": de filha que inspirou Mauricio de Sousa**

**GRAVIDEZ**

**SAÚDE**

### + LIDAS

- 1 **DE BÍQUINI, FERNANDA VASCONCELOS MOSTRA COMPAD AO LADO DO NAMORADO E ENTÃO**
- 2 **LAURA KELLER POSE DE TOP NA ACADEMIA E IMPRESSIONA COM CINTURA SUPERFINA**
- 3 **FLÁVIA ALESSANDRA COMPARA SEU BRONZEADO COM O DA FILHA GIULIA COSTA**
- 4 **12 OPÇÕES DE MAÍO E BÍQUINIS PARA VOCÊ ABRASAR NO VERÃO**
- 5 **12 ACESSÓRIOS PARA VOCÊ ABRASAR NO LOOK DE VERÃO**

Fonte: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2016/12/gravidez-provoca-mudanca-no-cerebro-das-mulheres-garantem-pesquisadores.html>>.  
Acesso em 22 dez. 2016.

De acordo com a notícia, essas mudanças são importantes para a mulher uma vez que ajudam as mães a “criarem laços” afetivos com os filhos e “se prepararem para as exigências da maternidade”. A mesma pesquisa que publicou esses resultados mostrou que os homens não passam por qualquer alteração cerebral após a descoberta da futura paternidade. O exemplo anterior consubstancia a proposta de que é a novidade que guia a publicação (e o silenciamento) dos acontecimentos

que são discursivizados e, ao mesmo tempo, reforça a exigência desse preparo da mulher para a maternidade, o que é entendido como algo natural com o qual as mulheres já sabem lidar de forma intuitiva, enquanto que, aos pais, é oferecido uma espécie de “aval” pelo fato de não terem contribuições biológicas para lidar com essa responsabilidade, como o trecho a seguir mostra:

*“Para chegar a essa conclusão, foram avaliados também os cérebros de 19 pais de primeira viagem, 17 homens sem filho e 20 mulheres que nunca engravidaram. Em nenhum desses casos a alteração foi identificada. Por outro lado, os computadores foram capazes de atestar aquelas que já haviam dado à luz ao menos uma vez na vida só com a análise das imagens cerebrais.”. (MC02).*

Enquanto que para as mulheres é oferecido o contraponto entre as que nunca foram mães e as que já tinham engravidado pelo menos uma vez na vida, para os homens, só é mostrado o resultado negativo, ou seja, foram estudados apenas os que nunca tinham tido filhos. Knoll (2007) apresenta as tentativas do movimento feminista em questionar essas instituições sociais que sustentam a atuação da mulher enquanto mãe, esposa e dona de casa (conferir capítulo 3). O conceito de gênero social contribui para questionar a identidade de sexo e a sua biologização. Entretanto, o que a notícia MC02 evidencia é o silenciamento desses estudos e discussões e, ao mesmo tempo, mostra ecos de uma construção social que permeia as primeiras revistas femininas, conforme analisado no exemplo anterior, e que reverberam nas publicações atuais.

Para Swain (2001), o discurso da tradição no que se refere à imagem de mulher socialmente construída atua de forma emblemática nas revistas, posto que pressupõe um público interessado em assuntos específicos, ao mesmo tempo em que traz vozes de autoridades que reforçam a submissão feminina. Por causa da característica dessas publicações, Melo (2006) as define enquanto conformistas e alienantes, apesar de se denominarem como modernizadoras. O autor explica que as publicações femininas são caracterizadas como tal pela intenção de sustentar o papel da mulher enquanto mãe, administradora do lar e esposa, conforme exemplificado anteriormente, pois o incentivo à participação política, às discussões que ganham espaço em veículos relevantes acabariam por ampliar a dimensão do mundo no qual a mulher está inserida e quebrar o isolamento e a obrigação com os deveres que são social e culturalmente atribuídas à mulher adulta. O



jornalismo feminino atuaria, segundo o autor, como facilitador da manutenção desses papéis, pois,

Como centro dos assuntos, das histórias, das dicas e de tudo o mais que é publicado nesse segmento jornalístico, a mulher pode encontrar, nas revistas, suplementos e demais veículos destinados a ela, não só uma forma de se enxergar, mas, sobretudo, maneiras de se projetar, de projetar a própria vida, o próprio corpo, a própria realidade (BANDEIRA, 2012, p. 23).

A falta de debates políticos, de questões jurídicas e opinativas é sintomática, segundo Swain (2001), pela própria concepção das editoras quanto à capacidade de engajamento das leitoras em discussões que fujam desses interesses definidos *a priori*. Ademais, as revistas procuram atender às necessidades da sociedade atual, deprimida, estressada e individualista, que busca nas revistas a solução para seus problemas. As revistas, por sua vez, se colocam no papel de conselheira, de irmã mais velha ou amiga através da conquista da confiança da leitora e do estabelecimento de relações afetivas (AGUIAR, 2011). Para Lira (2009), as revistas femininas são marcadas pelo interesse pela vida privada, com enfoque educativo, informador e que deve atender às expectativas da feminilidade. Em síntese, as publicações são pensadas com base no que se entende por “ser mulher” atualmente, no consenso do que é de interesse da mulher e que atende às suas expectativas, conforme Swain (2001, p. 19, grifos da autora):

O feminino aparece reduzido à sua expressão mais simples e simplória: consumidoras, fazendo funcionar poderosos setores industriais ligados às suas características “naturais”: domesticidade (eletrodomésticos, produtos de limpeza, móveis), sedução (moda, cosméticos, o mercado do sexo, do romance, do amor) e reprodução (produtos para maternidade/crianças em todos os registros, da vestimenta/alimentação aos brinquedos).

Esse reforço da concepção de mulher como esposa, mãe e administradora do lar persiste, segundo Melo (2006), a fim de ser introjetado nas novas gerações e garantir o fortalecimento desse papel da mulher moderna. Em decorrência do fortalecimento desse discurso da

tradição e mantenedor da mulher subjugada, Melo (2006) afirma que publicações que intentam situar a mulher na conjuntura política e de inseri-la como participante ativa experimentam dificuldades para circular, muitas vezes sucumbindo por falta de apoio financeiro e divulgação. Apesar de terem circulado publicações de caráter feminista no decorrer do século XIX, como, por exemplo, o *Jornal das Senhoras* (1852), *O Belo Sexo* (1862) e *O Sexo Feminino* (1873), que, ainda de forma tímida, criticavam a condição feminina da época, essas revistas foram perdendo a força à medida que se encaminhava para o final do século, além de se assemelharem às publicações femininas no que diz respeito ao reforço dos papéis da mulher como mãe, dona de casa e esposa. Em contraponto, Lima (2009) traz como exemplo a *Revista Feminina* (1914), que, diferentemente das revistas citadas, se dizia defensora dos “bons costumes”, procurava educar as mulheres para serem esposas e mães, manter o pudor e escrúpulos. A *Revista Feminina*, ainda segundo Lima (2009), não atualizava as mulheres acerca do que acontecia a sua volta, já que o interesse estava no fortalecimento do papel da mulher no seio familiar e, por isso, circulou por um período de tempo considerável.

Bandeira (2012) explica que o ano de 1975 foi um divisor de águas quanto ao avanço de ideias feministas no Brasil, quando a luta pelos direitos das mulheres e a conscientização feminina voltam a ganhar fôlego. Apesar da atuação cada vez mais expressiva do discurso da tradição no século XX, Melo (2006) cita a revista *Mulherio* (1981-1988), publicada pela Fundação Carlos Chagas, como exemplo de publicações que conseguiram lugar estabilizado na imprensa e manter seus ideais, mesmo com a atuação de forças contrárias. Inicialmente pensada como boletim de notícias que desse conta de informações acerca da condição feminina, o grupo responsável pela publicação definiu o compromisso do jornal em tratar de matérias de forma séria, mas sem perder o bom humor<sup>48</sup>. Entretanto, Bandeira (2012) explica que a imprensa *feminista* acaba perdendo a força e se dilui na imprensa *feminina*, pois esta continuou crescendo e se difundindo com inúmeros títulos.

Historicamente, a revista consolidou-se como um produto jornalístico cuja identidade foi elaborada não só no diálogo e concorrência com os outros

---

<sup>48</sup> Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/historia.html>>. Acesso em 25 nov. 2016.

meios, principalmente impressos, mas também no amadurecimento de um patrimônio de processos editoriais ligados a aspectos jornalísticos e também a outros institucionais e sociais. Tanto na abordagem de acontecimentos quanto na “tradução” de temáticas da vida social, a revista segmentou-se e passou a ser desenvolvida por grandes empresas e corporações, trazendo para a sua elaboração editorial um complexo fazer (TAVARES, 2012, p. 102).

Aveiro e Prado (2014) mostram que, embora algumas publicações tenham “como um de seus pontos nodais construir a figura da mulher pós-liberação sexual e econômica” (AVEIRO; PRADO, 2014, p. 148-149), conforme se propõe a revista *Nova*, os autores observam que ocorre o fortalecimento dos papéis de gênero naturalizados e que são reforçados no século XXI, por meio de veículos de comunicação e em diferentes espaços sociais. Em outras palavras, algumas revistas que estão em circulação se denominam como desconstrutoras de relações de poder naturalizadas e se colocam em favor da liberação sexual das mulheres, mas, ao mesmo tempo, retomam discursos antigos sob nova roupagem, conforme analisam os referidos autores:

A enunciativa [da revista *Nova*] não apresenta diversidade nos arranjos afetivos e nas formas de ser no mundo: ao homem ela anuncia os imperativos da virilidade animal; à mulher, a sexualidade solta, mas apenas enquanto não emplaca o bom matrimônio como projeto de realização última da vida. Diante dessa contradição aparente, a liberação sexual, fora do escopo matrimonial, é autorizada, porém, repleta de recomendações para que a leitora controle seu desejo por compromisso a fim de não sofrer as agruras do gozo “liberto”. (AVEIRO; PRADO, 2014, p. 160, grifo dos autores).

Diante do que foi discutido, podemos relacionar as considerações no que diz respeito às revistas voltadas para a mulher moderna com as considerações do Círculo de Bakhtin acerca do encontro de vozes sociais no enunciado. Percebemos que há o *discurso da renovação*, aqui mencionado como o movimento feminista e discussões que almejam

ressignificar a imagem de mulher na atualidade, de desnaturalizar a imagem de mulher como mãe, esposa e administradora do lar e que, se almeja ter sucesso no trabalho e construir uma carreira sólida, a vida no seio familiar está fadada ao “fracasso”.

Em contraponto, há o discurso machista, dominante, isto é, o *discurso da tradição*, que busca, de forma velada ou não, manter a condição feminina submissa e se sobrepõe a discursos que desconstruam essa imagem de mulher. Conforme as discussões em torno das diferentes revistas femininas publicadas desde o século XIX até o presente, percebemos que essas vozes não raro se encontram e que ora o discurso da renovação se sobressai, ora o discurso da tradição perpassa as publicações. Logo, buscamos compreender como a imagem de mulher é projetada nas revistas *Claudia*, *Ana Maria*, *Glamour*, *Marie Claire* e *TPM – Trip para Mulheres*, que circulam atualmente e têm as mulheres como público em potencial, ou seja, que imagem de mulher é construída a partir do diálogo entre diferentes vozes, do enfrentamento de discursos distintos. Desse modo,

A relevância de se estudar RF [Revistas femininas] pode ser atestada não só pelo fato de que elas representam uma das indústrias mais lucrativas da mídia, que atinge um público considerável em vários países, mas também pelas informações e pressuposições importantes que veiculam sobre a identidade das mulheres na sociedade contemporânea. (HEBERLE, 2004, p. 87).

Após a discussão acerca das revistas publicadas potencialmente para o público feminino<sup>49</sup>, com breve percurso histórico no qual tecemos algumas considerações em torno da representação da mulher desde o século XIX até hoje, direcionamo-nos para a compreensão do pequeno e grande cronotopo das notícias para mulheres.

---

<sup>49</sup> Outras considerações analíticas serão abordadas nos capítulos subsequentes.

## 6 O CRONOTOPO

Neste capítulo, propomos a discussão do grande e do pequeno cronotopo das notícias publicadas em revistas para mulheres. Em relação ao grande cronotopo, relembramos as discussões trazidas na seção 2.4 e as considerações de Bakhtin (2011 [1979]) no que se refere ao conceito de esferas da atividade humana (conferir seção 2.1) para compreendermos a situação social de circulação do gênero *notícia* potencialmente destinado a mulheres. Quanto ao pequeno cronotopo, analisamos a posição de autoria e a interlocutora prevista pelas revistas.

### 6.1 O GRANDE CRONOTOPO DAS NOTÍCIAS PARA MULHERES: RESQUÍCIOS HISTÓRICOS

Nesse momento, analisamos as condições sócio-históricas de constituição e funcionamento do gênero *notícia* para mulheres. Para tanto, retomamos brevemente o conceito de cronotopo, já discutido em momento anterior. Ademais, relacionamos as condições de constituição do gênero *notícia* na esfera jornalística e, especificamente, das notícias destinadas potencialmente ao público feminino, em diálogo com as discussões em torno das marcas históricas das revistas voltadas para as mulheres e da própria concepção naturalizada acerca do que se entender por “ser mulher” atualmente.

Primeiramente, relembramos que o cronotopo funciona como porta de entrada para o estudo dos gêneros na medida em que atua como centro de organização dos acontecimentos localizados espacial e temporalmente. Machado (2010, p. 209) afirma que o *continuum* espaço-tempo só pode ser cogitado quando entendido como experiência, isto é, quando a informação do mundo físico se transforma em signo. Nessa compreensão, tempo e espaço não existem como entidades absolutas, mas são “[...] transformações semióticas de vivências em sistemas culturais produtores de sentido [...]”.

Segundo Medviédév (2012 [1928]), as experiências são apreendidas de formas distintas pelos diferentes gêneros, posto que cada gênero oferece um acabamento temático e essencial diferente do todo, constitui um sistema de meios e métodos de domínio consciente e de acabamento da realidade. A partir dessas considerações, estudamos o cronotopo do gênero *notícia* à luz de suas condições de interação, sem que a situação social seja esquecida, pois, segundo Acosta Pereira (2012, p. 129), “[...] o cronotopo em cada gênero nos apresenta uma imagem de homem, isto é, uma determinada visão da história, da

cultura, das pessoas, das experiências e da realidade”, que nos são disponibilizados apenas nessas condições de análise. Ademais, para Bakhtin (2011 [1979]; 2014 [1975]), os gêneros são meios de representação do tempo. Entender o funcionamento dos gêneros envolve compreender a experiência à luz do cronotopo, pois há diferentes relações entre espaço e tempo que podem ser experimentadas de formas diversas e simultâneas:

Cronotopo se firmou como categoria que define não apenas o *continuum* espaço-tempo, mas a semiose de diferentes sistemas de signos que enfrentam a difícil tarefa de representar a continuidade da experiência por meio de signos discretos da cultura. Da semiose verbal de onde emerge, o cronotopo orienta a compreensão da comunicação na cultura de sistemas audiovisuais, audiotáteis e dos sistemas virtuais que constroem as relações espaço-tempo em composições arquitetônicas imprevisíveis, desafiando todo o nosso conhecimento sobre as condições da própria natureza humana (MACHADO, 2010, p. 212).

A discussão em torno do *continuum* espaço-tempo, isto é, o cronotopo, conforme o Círculo de Bakhtin, pode ser relacionada com as considerações de Bostad (2004) quando o autor confronta o advento da internet e o surgimento de novas condições de comunicação discursiva. Segundo o autor, a possibilidade de publicarmos textos na rede altera as condições de interação, as quais se ampliam enormemente, já que não necessitamos da coincidência de presença física e/ou temporal, além dessas condições proporcionarem maior alcance das informações, isto é, a interação via internet pode ser sincrônica ou a-sincrônica, a depender da situação social, do gênero que medeia a interação, das necessidades e objetivos dos participantes, etc. Reiteramos que essas novas condições de interação verbal são de natureza única, uma vez que atribuem novos sentidos ao discurso e ressignificam as condições de leitura e de acesso à informação por parte dos internautas.

Nessa discussão acerca da ressignificação das possibilidades de interação social, reenunciamos os estudos de Giddens (1991) no que diz respeito ao *desencaixe*. Segundo o autor, o desencaixe é marcado pela possibilidade de estabelecermos relações sem necessariamente convivemos no mesmo espaço, ou seja, as possibilidades de interação são ampliadas em diferentes espaços e tempos. O autor explica que essa

separação entre tempo e espaço penetra também nas relações sociais, desvinculando-as de seus contextos de presença, ao mesmo tempo em que libera determinado espaço de seus hábitos locais, pois o deslocamento do espaço em relação ao lugar<sup>50</sup> permite um modo de vida moderno e dinâmico, que constantemente se reorganiza. Destarte, a dinamicidade da vida moderna tem influência em dois planos, seja no extensional (o qual possibilita formas de interconexão social que envolvem todo o globo e conectam o local com o global), ou no intensional (que provocam interferências nas mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana).

Além de ampliar as possibilidades de relações sociais, o processo de desencaixe causa a dúvida, a incerteza, pois além de não termos conhecimentos plenos e controle sobre tudo que acontece, não podemos presenciar todos os acontecimentos. Em suma, a incerteza leva à constante vigilância reflexiva, dado que os conhecimentos acumulados, especialmente de natureza científica, já não são suficientes para prevermos e quantificarmos o devir. A reflexividade constante diz respeito à forma como somos afetados pelas transformações sem precedentes que foram instauradas com a modernidade. Para Giddens (1991), estamos em contínua atenção acerca do comportamento e do contexto, pois as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas com base nos próprios conhecimentos que construímos sobre essas práticas. A reflexão se tornou exacerbada na modernidade, proporcionando a nossa consciência acerca do mundo a nossa volta, bem como as possibilidades de transformá-lo. Sendo assim,

A reflexividade é uma rica possibilidade de explicação sobre a organização da vida social em nossos tempos, à medida que ela nos dá uma dimensão do quanto somos afetados por todas as transformações – consequências, na proposição de Giddens – instauradas com a modernidade. Ao buscarmos as contribuições do autor, queremos sugerir que a reflexividade é um conceito que se presta a uma dimensão metodológica na explicitação dos modos como a mídia, e particularmente o jornalismo, interagem com o conjunto social, processo que afeta não somente as mudanças de enfoque no tratamento de certas

---

<sup>50</sup> Giddens (1991) conceitua lugar através da ideia de localidade, a qual se refere ao cenário físico da atividade social situada geograficamente.

temáticas, a partir das pressões vindas de atores sociais diversos, mas que incorpora também transformações tecnológicas e estratégias narrativas permanentemente renovadas (DE CARVALHO, 2008, p. 82).

Relacionando o conceito de cronotopo, os estudos de Giddens (1991) e as considerações de Bostad (2004) com nosso objeto de estudo, podemos entender que a circulação do gênero *notícia* se justifica pela impossibilidade de presenciarmos tudo que ocorre ao nosso redor e, naturalmente, o que acontece também em espaços que não conhecemos pessoalmente ou sobre os quais temos conhecimentos mínimos, condição essa viabilizada pelo processo de *desencaixe*, discutido anteriormente.

Segundo De Carvalho (2008), a incorporação como esfera comercial do capitalismo e em sintonia com o novo sistema econômico atribuiu ao jornalismo o papel de espécie de narrador do cotidiano. Há o interesse das mídias em se colocarem como “detentoras” dessas informações, embora, de fato, a publicação desses acontecimentos esteja sujeita a diversos interesses da própria instituição jornalística em controlar o que chega ao conhecimento do público e como essas informações são discursivizadas na retomada de vozes outras, revalorizadas e reenunciadas em um novo acontecimento. Dito de outro modo, o que as instâncias jornalísticas almejam com essa imagem de possensora de todas as informações a serem divulgadas é que possam controlar o que vai chegar ao seu público potencial, o que esses leitores ou telespectadores irão consumir ou que não chegará ao seu alcance. Também há o interesse em controlar *como* as informações são discursivizadas e chegam ao público, de modo que os leitores, no caso das notícias, avaliem as informações de acordo com a posição da própria instância jornalística.

Além disso, há também interesses políticos, sociais e econômicos que são priorizados na divulgação de determinado acontecimento e silenciamento de outros; do que se entende por relevante para o público feminino adulto e o que é de interesse dos homens, sendo que essas projeções de interesse e possível atitude responsiva são construções sociais naturalizadas. Em suma, o mito da objetividade do campo do jornalismo surge como meio de mascaramento dos silenciamentos, da manipulação e parcialidade do que é oferecido ao leitor. Esse mito está aliado à aura da imparcialidade que envolve as notícias e ambos



projetam a falsa compreensão de que as notícias têm a responsabilidade (e de que a cumprem) de transmitir informações sem se posicionarem.

Vale ressaltar que afirmamos existir uma *aura* de imparcialidade nas notícias, bem como a *tentativa* de neutralidade porque, de acordo com Bakhtin (2011 [1979]), não existe enunciado neutro. Por mais que busquemos a total imparcialidade no nosso discurso e que sejam usadas estratégias para a escrita que projetem essas tentativas, como Franceschini (2004) afirma acerca do estilo e da construção composicional do gênero, essa neutralidade dos enunciados não é alcançada, pois somente existe no nível da oração, conforme discutido anteriormente<sup>51</sup>.

Logo, a própria esfera jornalística envolve a notícia com a falsa sensação de veracidade e objetividade, colocando-se como sistema perito<sup>52</sup>, papel necessário para que as revistas<sup>53</sup> ocupem posições de autoridades. Essas mídias se valem da impossibilidade de presenciarmos tudo o que ocorre para estabelecerem relações de confiança<sup>54</sup> com os consumidores. Nessa conexão que se estabelece entre revista e leitor, a primeira se coloca como autoridade e responsável por trazer informações, como sistema perito quanto à tarefa de tornar públicos os acontecimentos, e que se dirige a um público específico e interessado no que ela tem a dizer.

No que concerne às revistas direcionadas potencialmente ao público leitor feminino, essa relação de confiança entre revista e leitor se torna ainda mais próxima. De acordo com as discussões desenvolvidas em momentos anteriores, as primeiras revistas eram direcionadas especificamente ao público masculino de elite e envolviam temáticas de

---

<sup>51</sup> Analisamos com mais profundidade a questão do estilo e da composição do gênero *notícia* no estudo de sua dimensão verbal.

<sup>52</sup> De acordo com Giddens (1991), os sistemas peritos dizem respeito a sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam diversos aspectos da vida social e do ambiente material. Sendo assim, estabelecemos uma relação de confiança com esses sistemas, já que não é possível conferirmos exaustivamente os conhecimentos que possuem e aplicam.

<sup>53</sup> Embora o foco do presente trabalho sejam as revistas *online*, entendemos que os jornais e demais mídias também exercem esse papel de sistema perito.

<sup>54</sup> Giddens (1991) diferencia a confiança da crença, sendo a primeira o fato de o indivíduo considerar os riscos que corre ao tomar determinada decisão, ou seja, considera as possibilidades de ação e suas consequências. No caso da crença, o indivíduo não calcula os possíveis riscos de suas ações e, quando há desapontamento, culpa os outros e não assume responsabilidade sobre tais riscos.

interesse desse interlocutor. É somente com a fragmentação e individualização do público que surgem revistas para adolescentes, para meninos, meninas, mulheres, etc., pensadas especialmente para esses leitores e nos seus interesses, preferências que, por sua vez, também são construídos socialmente. No caso da mídia feminina, há um grande interesse em adentrar na vida privada, de se colocar como amiga da leitora, de dar conselhos acerca do seu casamento, da criação dos filhos, de como se comportar socialmente e de manter a boa aparência e, para que isso seja possível, deve haver uma projeção desse público e do que ele espera que as revistas tragam. Essa projeção dos interesses da mulher adulta, casa e com filhos é construída socialmente, uma vez que a discursivização de determinados acontecimentos e o silenciamento de outros são guiados pela antecipação das intenções dessa interlocutora ao buscar revistas para mulheres adultas. Segundo Melo (2006), existe a tendência, desde as primeiras revistas femininas, de reforçar concepções arraigadas de mulher como mãe-esposa-administradora do lar, sendo que esse interesse pela mulher nesses papéis, de acordo com o autor, persiste até os dias atuais.

A partir da compreensão de as revistas estarem sempre em sintonia com a sua época e seu tempo, entendemos que as revistas femininas trazem resquícios históricos da imagem de mulher já consolidada desde as primeiras publicações, assim como construções sociais no que diz respeito ao que é ou não de seu interesse e, à medida que as revistas alcançam públicos maiores, essa imagem da mulher dona de casa, responsável por organizar o lar, se assentava como verdade, discursos esses trazidos pelas revistas e consumidos pelas leitoras. Ao alcançá-las, as revistas buscam “educar” as mulheres para as tarefas que lhes são atribuídas, já que o interesse primário reside na manutenção da mulher na esfera da vida privada.

Baseamos essa afirmação a partir da leitura de revistas antigas e atuais, de estudos desenvolvidos por pesquisadores como Melo (2006), que assim justifica a função primária das revistas destinadas às mulheres, bem como nas considerações de Bakhtin (2011 [1979]; 2014 [1975]) quando o autor explica que não enunciemos no vazio; sempre temos um interlocutor previsto para a nossa palavra que, nesse caso, é a mulher adulta, casada, com filhos, que geralmente se dedica ao trabalho doméstico. Ademais, ao direcionarmos nossa palavra para o outro, temos um projeto discursivo, que construímos a partir das condições imediatas e amplas de enunciação e se materializa no enunciado. No caso das revistas femininas, a intenção colocada desde seu surgimento

era discursivizada nos diferentes gêneros que circulavam nesse suporte. Sobre esse assunto, Bandeira (2012, p. 45-46) explica que

Tratar do aspecto familiar e profissional, sem deixar de lado temáticas como decoração, sexo, moda e beleza, abrangendo também conteúdos de economia, tanto no que se refere a investimentos quanto à abordagem voltada ao serviço de economia doméstica. É esse o universo que as mídias dirigidas ao público feminino, neste e em outros tempos, reflete ou constrói para seu público-alvo. Temas muito próximos aos tratados nos impressos femininos surgidos ao longo da década de 1940 e, sobretudo, a de 1950. Com abordagens distintas, respeitando os aspectos culturais das diferentes épocas, as revistas – impressas ou eletrônicas – dialogam sobre semelhantes assuntos com suas leitoras.

Assim sendo, os dizeres que as revistas trazem não estão lá por acaso; já em uma das primeiras revistas voltadas para as mulheres, como o *Jornal das Senhoras*, lançado em 1852, os objetivos primários eram de educar a mãe para que os filhos adquirissem conhecimento e educação. Apesar de ter como proposta a emancipação moral e intelectual da mulher por meio do aprendizado da leitura, essa emancipação da mulher diz respeito à vida privada, restrita à residência e não à ocupação de cargos e conquista de direitos fora do lar. Os textos publicados nessas primeiras revistas abordam questões como moda, romance, poemas, etc. pois se entendia que eles não ameaçariam essas responsabilidades da mulher. O gênero *notícia*, por exemplo, não tem espaço nessas revistas antigas, já que se acreditava que questões da atualidade não eram de interesse da mulher; deveriam circular nos jornais, lidos pela elite masculina. Na figura a seguir, que traz a publicação de três de abril de 1853, o jornal se coloca como renovação no que diz respeito à discussão de temas como literatura, belas artes e crítica, mas todas essas considerações eram trazidas com o intuito de manter a mulher no espaço privado:

Figura 15: capa do Jornal das Senhoras



Fonte: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/per700096/1853/per700096\\_1853\\_14.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per700096/1853/per700096_1853_14.pdf)>. Acesso em 15 mar. 2017.

Na *Revista Feminina* (1918), o fio condutor repousava sobre a defesa dos “bons costumes”, de educar a mulher para que ela pudesse

criar cidadãos cultos. Em sua 19ª edição<sup>55</sup>, a referida revista traz, na página 14, o título “Como as esposas devem pensar”, e o longo texto começa com os seguintes parágrafos:

Figura 16: Trecho da *Revista Feminina*



Fonte: <[http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/revistas/BR\\_APESP\\_RFEM\\_11512019.pdf](http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/revistas/BR_APESP_RFEM_11512019.pdf)>. Acesso em 13 jan. 17.

Conforme os dizeres do primeiro e segundo parágrafo, percebemos que a revista se coloca como controladora do comportamento da mulher, especialmente em relação ao seu marido. Já no título, que afirma a discussão a ser empreendida no decorrer do texto, a posição da revista em relação à mulher fica clara: a de submissa ao marido, ao qual deve respeitar e obedecer sem questionar. No decorrer do texto, o esquecimento das ordens do marido ou sua desobediência por parte da mulher são vistas como falta de juízo, algum comprometimento de natureza neurológica ou pela dispersão do pensamento. Além disso, o texto afirma que, para evitar o aborrecimento do marido e o esquecimento de suas ordens, a mulher deve aprender a pensar segundo a razão.

Com isso, notamos que a mídia feminina é marcada, desde o início, por posições valorativas acerca da imagem de mulher, do que se entende por “ser mulher”. De acordo com Bakhtin (2011 [1979], p. 289), “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido”. Ademais, Acosta Pereira e Rodrigues (2014) afirmam que todo

<sup>55</sup> Escolhemos essa edição de forma aleatória, dentre os exemplares digitalizados que estavam mais legíveis.

discurso, materializado na forma de enunciados, se constitui em uma dada esfera social e, portanto, é refratado pela ideologia e sempre valorado. Dessa maneira, os dizeres discursivizados pelas revistas evidenciam uma posição, um ponto de vista acerca da imagem da mulher na sociedade, ao mesmo tempo em que essas publicações se colocam como perpetuadoras dessa imagem.

Ao compararmos as primeiras publicações voltadas para as mulheres com as revistas atuais e analisarmos as notícias publicadas, notamos que as atitudes valorativas acerca da imagem da mulher projetada pelas revistas antigas se encontram com discursos outros, se tornam cada vez mais veladas, mas ainda estão fortemente presentes. Conforme discutido, as revistas se atualizam constantemente, de modo que atendam às necessidades e exigências de seu público, pois se reorganizam constantemente de acordo com o modo de vida dinâmico da modernidade, acompanhando as constantes mudanças culturais, históricas, sob o risco de desaparecerem caso não se atualizem constantemente. De modo a se protegerem de questionamentos acerca do que está sendo veiculado, pois dizeres como os da *Revista Feminina* provavelmente seriam questionados atualmente, as revistas buscam ratificar essa imagem da mulher de formas sutis e indiretas.

Movimentos como o feminismo, cada vez mais difundido pela possibilidade de alcance na difusão de informações, contribuíram (e ainda contribuem) para que discursos outros também ganhassem espaço nas revistas voltadas para as mulheres e que concepções naturalizadas da imagem da mulher fossem questionadas. Nesse âmbito, a mídia feminina se tornou um espaço de enfrentamento de posições, de embate de forças centrífugas e centrípetas, pois enquanto determinadas publicações seguem uma linha mais tradicional, seja de forma expressa ou velada, outras buscam atuar de forma contrária a essas revistas ou mesmo apresentam indícios de mudanças no discurso, mas sem se posicionarem explicitamente.

Identificamos essa atuação de diferentes forças nos dizeres que as revistas discursivizam nas notícias e especialmente dos assuntos que recebem atenção nessas publicações. No decorrer da análise, notamos distintos movimentos envolvendo a atuação de forças centrípetas e centrífugas nas revistas que compõem nosso universo de análise. Na revista *Ana Maria*, percebemos que o espaço destinado ao gênero *notícia* na versão *online* da publicação é bastante restrito. Em meio a diversas entrevistas, receitas, dicas de cuidados com os filhos e com o lar, há algumas notícias que tratam de temas gerais, mas que não discutem questões como política, economia, etc.. Uma das notícias

publicadas nessa revista é intitulada “Faça sua parte” (AM01) e aborda o problema do abandono de animais no Brasil. Com base nos dados apresentados pela ONU, a notícia informa que mais de 30 milhões de animais estão abandonados no país e, ao final, incentiva as leitoras a adotarem um bichinho:

Figura 17: Notícia AM01

## Faça sua parte

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), há mais de 30 milhões de animais abandonados no Brasil



*Faça sua parte | Crédito: Shutterstock*

A cada dia, a população de cachorros e gatos cresce. Porém, são poucos os pets que conquistam um dono e uma vida decente. Para se ter uma ideia, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), há mais de 30 milhões de animais abandonados no Brasil, sendo 10 milhões de gatos e 20 milhões de cães. De acordo com a veterinária Gabriela Muniz, a castração é a única saída para reduzir o número de animais de rua. “O procedimento também diminui o risco de infecções e doenças, como câncer de mama, útero, próstata e testículos nos animais”, explica. Ela ainda faz o alerta de que o procedimento ajuda a diminuir o roubo de animais de raça para a procriação e venda clandestina. Então, se você estiver doida por um bichinho, o que acha de adotar um no lugar de incentivar o comércio de animais? Há tantos precisando de carinho...

---

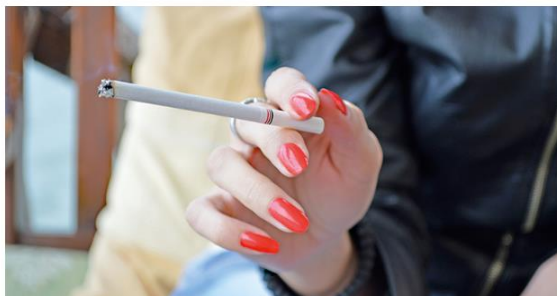
Fonte: <<http://anamaria.uol.com.br/noticias/acervo/faca-sua-parte.phtml#.WHKeNNIrLIU>>. Acesso em 18 jul. 2016.

Assim como a notícia anterior, que aborda a realidade dos animais abandonados no Brasil, a publicação a seguir também é marcada menos pela atualidade e imediatismo da informação, característica peculiar ao gênero aqui analisado, e mais com a expressão de algum fato ou informação que possa ser relevante para o leitor. A notícia AM02 versa sobre a constatação de um estudo acerca da preferência, pelas empresas, em contratar não fumantes. Além disso, ao final do texto, há uma espécie de recado para a leitora, pois é dito que, de qualquer forma, o cigarro atrapalha a vida:

Figura 18: Notícia AM02

## Fumantes ficam mais tempo desempregados

Uma das hipóteses para a desvantagem é o medo das empresas de terem de arcar com mais gastos com a saúde dos empregados fumantes



*Fumantes ficam mais tempo desempregados | Crédito: Shutterstock*

Estudo recente comprovou um dado curioso: os fumantes têm até 30% menos chances de conseguir novo emprego. Uma das hipóteses para a desvantagem é o medo das empresas de terem de arcar com mais gastos com a saúde dos empregados fumantes. Há ainda uma segunda explicação: a de que eles, em geral, têm níveis menores de educação e menor qualificação para o mercado de trabalho, encontrando assim mais dificuldades em serem contratados. De um jeito ou de outro, o vício atrapalha bastante a vida, né?

22/07/2016 - 16:00

Fonte: <<http://anamaria.uol.com.br/noticias/acervo/fumantes-ficam-mais-tempo-desempregados.phtml#.WHKexdIrLIU>>. Acesso 29 jul. 2016.



Frente a essa análise dos enunciados que compõem nossos dados, bem como pelo olhar exotópico que lançamos sobre a revista, notamos que os enunciados que nela circulam se voltam majoritariamente para a esfera privada, para o cuidado com o lar, de como lidar com os filhos e com o próprio corpo. Em síntese, as forças centrípetas, isto é, o discurso da tradição, atuam de maneira mais evidente, dado que, embora o gênero *notícia* circule na revista, o faz ainda de forma tímida e pouco expressiva, além de não abordar, de fato, acontecimentos recentes.

Assim como a revista *Ana Maria*, a publicação *Glamour* se coloca como perpetuadora de fórmulas mais tradicionais e de tratamento de temas como vida das celebridades e mundo da moda, se tomarmos como base os *slogans* publicados pelas editoras e as notícias que veiculam. Dessa forma, publicação em questão explora de forma significativa a temática “beleza”, tendência discutida por Melo (2006) de as revistas abordarem temáticas voltadas apenas para a vida privada, para a individualidade da mulher e esquecerem assuntos envolvendo política, economia, etc. e, conseqüentemente, excluírem as mulheres dessas esferas por não atenderem o preceito básico do jornalismo, isto é, a atualidade.

No entanto, de acordo com nossos dados de pesquisa, percebemos que a revista aborda temáticas que vão além dessa atenção focada na vida de glamour das celebridades. A notícia GL03, por exemplo, divulga que um motorista de *Uber* salvou uma adolescente de tentativa de tráfico humano. Ao ser transmitido ao vivo pelo *Facebook*, o fato ganhou notoriedade e logo ocupou espaço na mídia. Dessa maneira, percebemos que o discurso que a revista traz sobre si mesma foca na vida de glamour da mulher, de como se torna uma aliada das mulheres para que se sintam bonitas, poderosas, etc., mas não fica restrita a dicas e receitas de como atingir esse objetivo. Envolve também fatos cotidianos e de interesse das leitoras, já que o aplicativo *Uber* é muito usado atualmente e essa notícia alerta para esse e outros possíveis acontecimentos envolvendo o meio de transporte. Entretanto, conforme analisado no capítulo 7, a tentativa de trazer a atualidade para as revistas femininas se orienta ainda para a discursivização da imagem de mulher que necessita de alguém para protegê-la em momentos de perigo. A seguir, apresentamos a publicação em questão.

## Figura 19: Notícia GL03

**Keith Avila**, motorista de Uber, de 34 anos, deixou duas mulheres e uma adolescente em um hotel em Elk Grove na Califórnia, na última segunda-feira, dia 26. Durante o percurso, ouviu as mais velhas comentando que iriam entregar a menina para um homem chamado John em troca de dinheiro.

———— *Leia mais* ————

Jovem denuncia assédio dentro de Uber: "Não podemos continuar sendo vítimas de monstros"

Atento ao crime que estava prestes a acontecer, Keith chamou a polícia, após deixar as três passageiras no local. Quando os agentes chegaram, Keith transmitiu a prisão dos traficantes ao vivo no Facebook, viralizando o caso mundo afora. "[Fox News](#)" repercutiu a notícia nesta sexta-feira, 30.

———— *Leia mais* ————

Como se tornar motorista da Uber, passo a passo

...

Uber dá dicas de segurança após casos de falsos motoristas viralizarem nas redes

No vídeo, o motorista disse que a menina parecia ter 12 anos, mas a polícia confirmou que a idade correta é 16, segundo "NBC Latino". As cafetinas presas são Destiny Pettway, 25, e Maria Westley, 31. Será necessário pagar uma fiança de US\$ 500 mil (R\$ 1,6 milhão). Já a vítima foi encontrada no quarto do hotel de Disney Vang, rapaz de 20, que também foi preso, mas já foi solto.

———— *Leia mais* ————

Motorista de Uber bate carro por cansaço e texto de passageiro viraliza nas redes

...

Mulher escapa de sequestro de falso motorista do Uber, no Rio

Segundo a polícia, a adolescente tinha fugido de casa. Por isso, foi mandada para um "lar alternativo" enquanto procuram os pais ou responsáveis.

Fonte: <<http://revistaglamour.globo.com/Na-Real/noticia/2016/12/motorista-de-uber-salva-menina-de-sequestro-e- trafico-humano.html>>. Acesso em 05 jan. 2017.

Outra notícia da referida revista é intitulada “*Facebook e Instagram* lançam programa que incentiva a mulher a abrir o seu próprio negócio” (GL02). A notícia traz lançamentos feitos pelas redes sociais citadas no título, que incentivam a mulher a realizar seus planos e alcançar seus objetivos no negócio próprio, de forma a incentivar e capacitar o empreendedorismo feminino. No decorrer da notícia, são apresentados exemplos de mulheres que conseguiram destaque nos diferentes campos de trabalho, além de indicar espaços de capacitação:

## Figura 20: Notícia GL02

"No futuro não haverão mulheres líderes, apenas líderes". A autora da citação é Sheryl Sandberg, CEO do Facebook desde 2008.

E para fazer a sua parte pra realizar essa previsão, **Facebook** e **Instagram** lançaram nesta quarta, 22, em São Paulo, o projeto **#ElaFazHistória**, que tem como objetivo principal inspirar mulheres a realizarem seus planos e conquistarem objetivos no **negócio próprio**, por meio de histórias de sucesso de outras empreendedoras. "O programa conscientiza, celebra, divulga e capacita o empreendedorismo feminino", resume Camila Fusco, diretora de empreendedorismo do Facebook. Ou seja, a plataforma extrapola os limites da internet e vai oferecer oficinas e cursos para capacitação e treinamento, em eventos exclusivos. Além de premiar as melhores práticas num futuro próximo.

### ————— *Leia mais* —————

+Jessica Alba entra pra lista das 40 mulheres mais ricas da América

\*\*\*

+Executivas top dão suas lições de carreira e sucesso

\*\*\*

+Carreira: 10 dicas para se tornar uma boa líder

Exemplos de histórias? Os cases de **Zica Assis**, da rede de salões e marca de cosméticos para cabelos cacheados Beleza Natural, que hoje emprega mais de 4 mil mulheres; de **Milena Curado**, que fez do bordado um grande negócio social na cidade de Goiás, inspirada pela avó - e ela ainda ensinou a técnica pra presidiários e eles multiplicam o conhecimento, além de produzir -; e da **Ana Paula Padrão**, que além de apresentadora, também empreendeu, e comanda as empresas Tempo de Mulher e Touareg Conteúdo, e multiplica o conhecimento na Escola de Você, que ajuda as mulheres a acreditarem no seu poder. E por aí vai...

#### **O cenário atual**

**#ElaFazHistória** chega num momento em que existem cerca de 8 milhões de empreendedoras no Brasil, segundo o Sebrae. Se somarmos o mercado informal, o número chega a 22 milhões. Nos últimos dez anos, o número de empreendedoras por aqui cresceu 16%. E, de acordo com o Facebook, o número de mulheres que têm páginas de negócios na rede social dobrou no último ano - estamos abrindo negócios, hein?

#### **Capacitação**

As oficinas do projeto vão munir as empreendedoras de ferramentas e conhecimento pra abrir e cuidar do próprio negócio. Desenvolvidas em parceria com instituições de peso como **Think Olga**, **ONU Mulheres**, **Rede Mulher Empreendedora**, **Escola de Você** e **ConnectAméricas Mulheres do BID**, serão ministradas em Recife, Porto Alegre, Belém, Brasília e São Paulo.

O resultado é uma grande teia de empoderamento, à disposição de todas as mulheres no portal [fb.me/elafazhistoria](http://fb.me/elafazhistoria).

Fonte: <<http://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Carreira-e-dinheiro/noticia/2016/06/facebook-e-instagram-lancam-programa-que-incentiva-mulher-abrir-o-seu-proprio-negocio.html>>. Acesso em 22 jul. 2016.

Assim como a notícia anterior, o enunciado GL02 traz informações atuais e que possam ser de interesse do público leitor. Percebemos que há interesse em proporcionar às leitoras a oportunidade de se capacitar e ampliar seus negócios, além de indicar instituições conhecidas e que apoiam a iniciativa. No entanto, ressaltamos que o gênero *notícia* não experimenta grande representatividade nesse veículo em particular: embora observemos deslocamentos da proposta da revista ao tratar de empoderamento feminino, os destaques são dados para blogs e colunas, dicas de moda, fofocas, receitas, etc.

Por forças centrífugas entendemos a publicação de notícias em revistas femininas, pois, conforme discutido anteriormente, essas publicações não são o suporte para esse gênero. Além disso, também entendemos que as forças centrífugas atuam na descentralização do discurso da tradição uma vez que ecoam vozes de estudos e movimentos feministas nessas publicações. Apesar disso, o que, de fato, demarca a orientação valorativa das notícias consiste no discurso da tradição, ou seja, a atuação das forças centrípetas, de discursos machistas e sexistas, que buscam reforçar a posição da mulher na esfera privada, e não objetivam emancipá-la dessas obrigações socialmente construídas e atribuídas às mulheres. Esses discursos são trazidos sempre de forma velada de modo a evitar questionamentos sobre o que está sendo veiculado, como discutido anteriormente.

Acerca da revista *Marie Claire*, mencionamos anteriormente que as temáticas giram em torno de tendências sobre comportamento, sexo, saúde e culinária. Além disso, é mais lida por mulheres que frequentam academias e/ou pretendem realizar algum procedimento estético. Com base nas informações fornecidas pela editora e aqui reenunciadas, entendemos que se coloca como uma publicação de cunho mais tradicional, pois o interesse maior incide sobre a cultura da beleza e do cuidado da família.

Sendo assim, notamos que a revista se coloca entre o discurso da tradição e, ao mesmo tempo, traz algumas marcas do discurso da inovação. Observamos que as publicações da revista abordam diversas temáticas, sendo que há grande atenção para tabus, como aborto, estupro, dentre outros, juntamente com diversas matérias e dicas que focam na questão da moda e da beleza. Segundo as notícias selecionadas e os dados apresentados pela revista, há enunciados que reforçam a necessidade da mulher estar sempre bonita, arrumada e na moda. Por outro lado, também discute temas que até pouco tempo não circulariam nesses veículos, ou seja, tanto a atuação do discurso da tradição quanto

dos deslocamentos em relação a essas forças atravessam os dizeres da revista. Um dos enunciados que compõem nossos dados é intitulado “Chega de tabu! Papa Francisco defende a amamentação em público” (MC01) e é reenunciado a seguir:

Figura 21: Notícia MC01

**O** Papa Francisco fez um pronunciamento importante sobre amamentação em público neste domingo (09), durante uma cerimônia marcada pela presença de mães na Capela Sistina. Segundo o pontífice, as mulheres não precisam hesitar em alimentar os seus bebês dentro das igrejas.

“A cerimônia é muito longa, alguém está chorando porque está com fome. Essa é a vida”, disse. “Você mãe, vá em frente e amamente, sem medo. Assim como a Virgem Maria amamentou Jesus.”

Em um momento em que a amamentação em público ainda é encarada como tabu, o apoio do Papa reforça a necessidade de se naturalizar o ato.

---

Fonte: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2017/01/chega-de-tabu-papa-francisco-defende-amamentacao-em-publico.html>>. Acesso em 10 jan. 2017.

A notícia traz os dizeres do Papa Francisco, que se coloca em defesa da amamentação em locais públicos, tema que tem gerado controvérsias após estabelecimentos como shoppings e praças de alimentação proibirem que as mães amamentem seus bebês nesses locais. A revista sai na defesa das mulheres e, como voz de autoridade, reenuncia afirmações do papa, referência maior da igreja Católica. Entretanto, conforme as análises posteriores, há a projeção da imagem de mulher que necessita do “aval” de instituições outras para realizar ou não determinadas práticas, como o exemplo da amamentação em público.

Nesse contexto de mudanças que atingem a relação do local com o global e, especialmente, a vida privada, as revistas femininas exercem o papel de amigas, de conselheiras, que buscam se aproximar da mulher no momento de dúvida ou de solidão, principalmente nas questões envolvendo família, casamento, educação dos filhos, etc. Também atuam como amigas no tratamento de questões sobre sexualidade, empoderamento, preconceito, identidade, violência, etc. Assim como reforça concepções tradicionais, a imprensa feminina também se coloca como questionadora de concepções arraigadas acerca do papel social da mulher, como, por exemplo, nas revistas que apresentam valorações negativas acerca da atuação da mulher unicamente como esposa e administradora do lar. A revista *TPM – Trip para mulheres* se coloca nessa posição distinta da maioria das revistas, pois se autodenomina ousada e propõe a inovação na medida em que questiona os padrões impostos e socialmente naturalizados, procura se distanciar de revistas que oferecem receitas para o sucesso em relacionamentos, na família e na carreira, bem como das exigências por um corpo perfeito, conforme explícito na proposta da “Marca TPM”, enunciada anteriormente. Vale ressaltar também que, embora a revista *TPM* se coloque numa posição distinta das demais revistas, ela também mantém semelhanças com elas, seja como estratégia para manutenção de sua circulação, seja como forma de mostrar assimilação do discurso da tradição, ainda que de forma sutil (conferir capítulo 7).

Uma notícia que tenta corroborar esse posicionamento ideológico da revista em questão consiste na publicação “Chega de silêncio” (TPM01), que fala sobre a criação do projeto “Precisamos Falar do Assédio”, fundado após a criação de *hashtags* como #meuprimeiroassédio e #meuamigosecreto, que incentivaram a quebra de silêncio por parte das mulheres que sofreram algum tipo de abuso e que a revelação dessas histórias não perdesse força. Além disso, o projeto tem como objetivo produzir um filme com base nos depoimentos para ser exibido em locais públicos:

Figura 22: Notícia TPM01



POR CAMILLA EIRÓ 04.03.2016



Depois de mulheres se organizarem de maneira autônoma nas redes sociais através de hashtags como #meuprimeiroassédio e #meuamigosecreto, denúncias de casos de abuso vieram à tona. Muitas, que até então escondiam suas histórias ou por vergonha, ou por medo, conseguiram tomar coragem para quebrar o silêncio. Para que a prática da denúncia não perdesse a força, a documentarista Paula Sachetta, 28 anos, criou o projeto [Precisamos Falar do Assédio](#), que será lançado na semana em que se comemora o Dia Internacional da Mulher.

Uma van equipada com câmeras vai circular em pontos estratégicos da cidade de São Paulo do dia 7 ao 11 de março, recolhendo o depoimento de mulheres que já passaram por alguma situação de assédio. Regiões centrais, terminais de ônibus e também universidades são alguns dos lugares escolhidos. Parceira da iniciativa, a Secretaria Municipal de Política para as Mulheres vai disponibilizar uma funcionária para acompanhar as mulheres que precisarem de acompanhamento jurídico ou psicológico.



Os depoimentos recolhidos serão transformados em um filme que será exibido em locais públicos – como prédios em projeções simultâneas ao ar livre e, posteriormente, em centros culturais e unidades do CEU. “A gente quer ocupar os espaços da cidade com o projeto. É tipo assim: ‘amigo, você não quer ler o relato que foi postado na internet?’ Então, quando você estiver andando pela rua, vai ver esse relato exibido em um prédio”, diz Paula.

As mulheres entram na van sozinhas, apertam o botão de gravar e fazem seus depoimentos. A intenção é que todas fiquem à vontade. Máscaras serão disponibilizadas para quem não quiser ser identificada.

**Toda e qualquer mulher** pode gravar seu relato. Se interessou? Então se liga no dia e horário das gravações e vai lá:

Fonte: <<http://revistatrpm.uol.com.br/tpm/projeto-precisamos-falar-do-assedio-recruta-mulheres-em-sao-paulo-para-gravarem-depoimentos>>. Acesso em 20 jul. 2016.



Um exemplo de revista que tenta se aproximar da proposta da revista *TPM* em seu editorial é a revista *Claudia*, que traz um lema que demonstra deslocamento em relação às demais revistas que se aproximam do discurso da tradição: se propõe a mudar o mundo um dia de cada vez. Apesar de não nomear o “alvo” desse poder transformador, no *slogan* já não se coloca explicitamente como defensora da família e do papel (esperado) da mulher no seio familiar, mas de apoiadora de mudanças no mundo, tendo a mulher como agente dessas mudanças únicas envolvendo as conquistas femininas. Assim como nos casos anteriores, a revista mostra a constante tensão entre diversos discursos e forças que determinam a posição ideológica da revista: ao mesmo tempo em que busca manter a mulher na posição em que se encontra, deve fazê-lo de forma sutil a fim de evitar críticas e possíveis consequências para os lucros da editora. A notícia CL01 informa acerca de mobilizações das mulheres contra os padrões de beleza impostos pela sociedade:

Figura 23: Notícia CL01

Em um mundo que supervaloriza a aparência (e que boas selfies são mais importantes do que qualquer outra coisa), não é de se surpreender que a autoestima esteja longe de ser o nosso forte. Segundo o Relatório Global de Autoconfiança Feminina encomendado e divulgado hoje pela Dove, **92% das mulheres brasileiras afirmam abrir mão de importantes atividades (como sair com amigos ou entrar para um time no clube, por exemplo) quando se sentem insatisfeitas com a própria aparência.**

O impacto da baixa autoestima feminina é gigante: **66% das brasileiras dizem, ainda, que se não estão felizes com o que veem no espelho, não se sentem seguras para defender suas opiniões ou tomar decisões importantes.** Por conta disso, **92% delas já deixaram de se alimentar ou fizeram algo que colocasse a saúde em risco para se aproximar mais do “padrão estabelecido”** e quase sete em dez mulheres se sentem pressionadas a nunca cometer erros.

A boa notícia é que, **apesar da baixa autoestima ainda muito presente nas mulheres do mundo todo, 77% delas concordam que a autenticidade é um grande valor e, um número ainda maior (86%), prefere encontrar a melhor versão de si mesma,** respeitando suas características, do que seguir um padrão de beleza pré-estabelecido. Um grande passo para a autoaceitação - e o caminho certo para a urgente necessidade de melhorarmos nossa autoestima.

Fonte: < <http://mdemulher.abril.com.br/beleza/claudia/cada-vez-mais-insatisfeitas-mulheres-lutam-contrapadros-de-beleza>>. Acesso em 29 jul. 2016.

Outra notícia publicada na mesma revista diz respeito a um fato atual e considerado relevante para o público leitor. O enunciado CL02 informa que a ativista paquistanesa Malala Yousfzai passou seu aniversário de dezenove anos em um campo de refugiados localizado no Quênia. Sabemos que a referida ativista foi a pessoa mais jovem a ser laureada com o prêmio Nobel da Paz pelas mobilizações que realiza em prol dos direitos das mulheres e de ter arriscado sua vida nessas buscas. Entendemos que a revista demonstra um deslocamento em relação ao discurso da tradição na medida em que julga como relevante noticiar fatos acerca da vida de Yousfzai, conhecida mundialmente. Há, portanto, a tentativa da revista em mostrar à leitora que é sua aliada na busca pelos seus direitos, de modo que trazer fatos sobre uma ativista atende a essa expectativa do público leitor, embora não haja qualquer convite para que o público também se engaje nos trabalhos da ativista:

## Figura 24: Notícia CL02

Quem achou que **Malala Yousafzai** passaria seu aniversário de 19 anos comemorando com familiares e amigos em casa, se enganou: a ativista paquistanesa conhecida mundialmente por ter **arrriscado a própria vida para lutar pelo direito das mulheres à educação** passou a última terça-feira (12) visitando o maior campo de refugiados do mundo, localizado no município queniano de Dadaab, que está prestes a ser fechado após 25 anos de funcionamento.

*foto: Reprodução/Twitter/Malala Fund*

### **Veja também: Conheça a jovem adolescente que luta contra o casamento infantil.**

Símbolo de persistência e coragem, Malala, **pessoa mais jovem a ser laureada com o Nobel da Paz**, em 2014, chamou a atenção para o que parece ser a maior crise dos refugiados em nível global, em seu discurso. "Estou aqui para falar em nome de minhas irmãs da Somália que não medem esforços diários para conquistarmos a oportunidade de estudarmos", disse ela após ter entrado em contato com o trabalho das garotas em uma conferência via Skype.

### **Leia mais: Documentário sobre a paquistanesa Malala, Nobel da Paz de 2014, estreia neste mês.**

A ativista explicou a motivação de sua ida à Dadaab: todo ano, ela escolhe à dedo um local ao redor do globo no qual o ensino feminino é negligenciado para conhecer em seu aniversário. Os rumores de que esta área, abrigo de cerca de 30000 pessoas, seria desativada se confirmaram após o presidente queniano Uhuru Kenyatta anunciar seu fechamento em 2017 por motivos de segurança.

*foto: Khalil Senosi/Associated Press*

### **Veja mais: Malala Yousafzai criou um lenço para arrecadar fundos e financiar o estudo de garotas.**

O grupo terrorista Al-Shabab, ligado à Al Qaeda, prometeu continuar atacando a região oriental do país, onde está localizado o campo, que já vem vitimando dezenas de refugiados desde 2011. Líderes locais cobram posicionamento de autoridades internacionais pela situação de risco constante e pela recorrência de expulsões forçadas. "Nós não vamos aceitar um mundo onde decisões sobre o nosso futuro são tomadas em espaços em que mulheres não tem acesso", disse Malala em uma das partes mais inspiradoras e emocionantes de seu discurso.

### **Veja também: 5 momentos marcantes do encontro entre Emma Watson e Malala Yousafzai.**

Atualmente, Malala vive com sua família na Grã-Bretanha por ter sido impossibilitada de voltar para a sua terra natal devido a questões de segurança após ter sofrido um atentado organizado pelos talibãs, no qual foi baleada na cabeça em outubro de 2012 - mas nem por isso a pequena (grande) ativista arrefeceu e permanece lutando pelos direitos:

*foto: Reprodução/Twitter/Malala Fund*

Disponível em: < <http://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/claudia/malala-yousafzai-comemora-seu-aniversario-de-19-anos-em-visita-ao-maior-campo-de-refugiados-do-mundo>>. Acesso em 20 jul. 2016.

Ademais, o gênero *notícia* é relativamente representativo na revista virtual, assim como reportagens, dicas de beleza, receitas e discussões envolvendo o relacionamento com os filhos. Dessa maneira, a partir de uma visão holística da página *online*, concluímos que há certa representatividade do gênero *notícia* com temáticas consideradas polêmicas, ao mesmo tempo em que a revista se preocupa com questões em torno de beleza e do papel de mãe, ou seja, atuam tanto forças centrífugas que deslocam a mulher da esfera privada e lhes oferecem informações relevantes, assim como se volta para a vida no lar, na necessidade de manutenção da beleza e de saber lidar com os problemas dos filhos. Nesse embate, o que de fato caracteriza a posição ideológica da revista é reforçar, de forma sutil, o papel da mulher dona de casa, mãe e esposa, uma vez que discursos que questionem essas imposições e incentivem a busca pela igualdade de direitos são geralmente silenciados ou trazidos de forma vaga, sem convidar a leitora a refletir sobre essas questões nem se engajar em projetos ou movimentos.

As diferentes posições apresentadas pelas próprias revistas corroboram com a discussão de Giddens (1991) no que diz respeito ao dinamismo da modernidade reflexiva, que possibilita a ordenação e reordenação graças ao próprio conhecimento que temos acerca das relações sociais. O desencaixe (GIDDENS, 1991) abre diversas possibilidades de mudanças e reorganização das relações, pois, mesmo que a imagem de mulher projetada desde as primeiras revistas reverbere atualmente, como identificado nas publicações *Ana Maria*, *Glamour*, *Marie Claire* e *Claudia*, há tentativas deslocamentos dessa tendência homogeneizante, como o caso da revista *TPM*, mas que ainda experimenta significativas limitações e lacunas no que se refere à luta pelos direitos das mulheres. As discussões em torno do movimento feminista e da conquista de diversos direitos por parte das mulheres são questões que contribuem para ressignificar e mobilizar concepções arraigadas acerca do papel da mulher e de sua atuação na sociedade, movimentos que atualmente encontram públicos cada vez maiores, mas que, no entanto, ainda encontram pouco espaço nas revistas destinadas ao público leitor feminino.

Além das posições ideológico-valorativas das revistas, percebemos mudanças também nos gêneros que circulam nas publicações ao compararmos as primeiras publicações com as revistas atuais. Antes, o espaço era destinado a contos, crônicas, poemas, instruções para atividades domésticas, como costura e culinária, etc., voltados essencialmente para a vida privada e para as atividades que a mulher desenvolvia no lar. Nas revistas atuais, especialmente nas

versões *online* por causa da primazia pela atualidade e constante atualização, o gênero *notícia* ganha mais espaço e atravessa todas as revistas atuais selecionadas para o presente estudo. Entretanto, ressaltamos que a publicação desse gênero nas revistas femininas é marcada especialmente pela intenção de manter a mulher na esfera familiar, de perpetuar as responsabilidades que lhes são histórica e culturalmente atribuídas. Ao compararmos as primeiras revistas direcionadas potencialmente ao público leitor feminino e as publicações atuais, percebemos que, embora de forma mais velada na maioria das vezes, há o silenciamento de discussões que possam levar a mulher a pensar criticamente, a participar da vida pública. Mesmo que as revistas se coloquem como revolucionárias e modernas, o estudo das publicações, especialmente das notícias veiculadas, mostram que o discurso da tradição atravessa essas publicações e é recorrente nas publicações analisadas.

Com base nas considerações acerca das condições sócio-históricas de constituição do gênero *notícia*, concluímos que esse gênero nasce a partir da possibilidade de troca de informações sem que haja coincidência espacial ou temporal, isto é, o processo de desencaixe que marca a modernidade tardia (GIDDENS, 1991) oferece condições para que tomemos conhecimento sobre fatos próximos ou distantes de nossa realidade. Com o avanço das técnicas de impressão e aumento da circulação de jornais, bem como a profissionalização do jornalista são fatores que consolidam esse gênero e sua função na esfera jornalística.

Além disso, conforme discutido, as notícias passam a circular em suportes que a *priori* não são marcados pela atualidade, como as revistas. Nas publicações *online*, a circulação do gênero *notícia* é favorecida pela constante atualização dos *sites*, que não seguem frequências fixas e correm o risco de ficarem desatualizadas, como ocorre com as revistas impressas, que geralmente são semanais, quinzenais ou mensais. A circulação de notícias em revistas femininas, também ressignifica algumas de suas principais características básicas. Ao serem publicadas em revistas femininas, marcadas historicamente pelo interesse pela vida privada das mulheres, as notícias apresentam peculiaridades que não lhes são características, que são a atualidade, o imediatismo e a impessoalidade, pois percebemos que, em alguns casos, as notícias estão voltadas para a novidade, e não para a atualidade dos fatos, além de apresentarem explicitamente a opinião da instância midiática.

Nesse estudo, observamos que algumas revistas apresentam maior equilíbrio no que diz respeito à publicação do gênero *notícia*,

pois, ao mesmo tempo em que proporcionam maior espaço para a atualidade, lidam com assuntos considerados tabus e que não seriam discutidos dessa forma em revistas do século XX, por exemplo, enquanto outras dedicam menos espaço para a publicação desse gênero e são orientadas pela novidade, não pela atualidade. Entendemos que essas reacentuações são possíveis pela plasticidade e flexibilidade dos gêneros do discurso, na medida em que ressaltamos sua capacidade de constante reorganização e reelaboração. Além desse fator, a circulação do gênero *notícia* em espaços que historicamente não lhes são destinados ocorre graças aos movimentos que permitem a desnaturalização de concepções arraigadas e que abrem espaço para o questionamento, para o diálogo com discursos outros e para a participação na vida pública, pois

Se na realidade a valoração aparece condicionada pela própria existência de um coletivo dado, costuma ser reconhecida dogmaticamente como algo subentendido e que não está sujeito à discussão. Pelo contrário, quando a valoração principal tem que se enunciar e demonstrar, então já se tornou duvidosa, separou-se de seu objeto, deixou de organizar a vida, e, por conseguinte, perdeu seu vínculo com as condições de vida da coletividade dada. (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930], p. 81)

Após a análise do grande cronotopo do gênero *notícia* publicado em revistas femininas, abordamos, na seção seguinte, as condições da situação de interação a partir do estudo do pequeno cronotopo do referido gênero.

## 6.2 O PEQUENO CRONOTOPO DAS NOTÍCIAS PARA MULHERES: A AUTORIA E A INTERLOCUTORA PREVISTA

Em diálogo com a discussão sobre as condições sócio-históricas do grande cronotopo das notícias publicadas em revistas *online* para mulheres, analisamos, a seguir, o pequeno cronotopo do gênero em estudo, ou seja, sua situação social de interação imediata. Para tanto, dedicamos a subseção 6.2.1 para as considerações acerca do lugar discursivo do gênero *notícia* nas revistas *online* e a sua representatividade, uma vez que, conforme Rodrigues (2001), entendemos que a organização, distribuição e segmentação dos gêneros

nas revistas já constituem atos estilísticos, temáticos e composicionais. Além disso, esclarecemos a periodicidade de publicação das notícias com base em Melo (2006) no que diz respeito ao agrupamento, seleção e discursivização dos acontecimentos na esfera jornalística.

Na subseção 6.2.2, analisamos a posição de autoria das notícias direcionadas potencialmente ao público leitor feminino, com base nas discussões anteriores acerca do gênero *notícia* e nas peculiaridades do jornalismo de revista para mulheres. Em seguida, na mesma subseção, tecemos considerações sobre o interlocutor previsto pelas revistas e, por conseguinte, pelo gênero estudado.

### **6.2.1 Lugar discursivo e periodicidade do gênero notícia em revistas online**

Iniciamos nossa análise do lugar discursivo com base nas discussões de Rodrigues (2001) quando a autora afirma que a atuação da esfera jornalística na definição do universo temático-discursivo em diferentes cadernos, seções, etc., já se constitui como ato temático, estilístico e composicional de base cronotópica. Segundo a autora, esse processo de segmentação do suporte em diferentes rótulos, bem como o privilégio que é dado em cada divisão do suporte (o lugar/o espaço de publicação) constituem índices de produção e interpretação dos gêneros.

Ao analisarmos os espaços que ancoram o gênero *notícia* nas revistas que constituem nosso universo de análise, percebemos que seu lugar discursivo não é bem definido, pois enquanto a revista *Claudia* dedica uma seção exclusiva para esse gênero, a *Ana Maria*, *Glamour*, *Marie Claire* e *TPM* publicam os enunciados em meio a outros gêneros e em diversas seções, sem que as notícias recebam grande destaque no início da página.

Na análise do lugar discursivo das notícias na revista *Claudia*, dentre as seções de moda, beleza, gastronomia, etc., encontramos a seção direcionada à publicação de notícias, apesar de não estar em destaque na barra horizontal superior, mas no menu que o leitor precisa acessar. Ademais, percebemos que as notícias não ficam restritas a essa seção em especial, pois o enunciado CL02, por exemplo, estava disponível, ao mesmo tempo, nas seções “Estilo de Vida” e “Notícias”. A seguir, reproduzimos uma parte do *site* da revista *Claudia* com o menu ativado, de modo que seja possível a visualização da seção “Notícias”:

Figura 25: Seções da revista *Claudia*

Fonte: <<http://claudia.abril.com.br/>>. Acesso em 24 jan. 2017.

Já nas revistas *Ana Maria*, *Glamour*, *TPM* e *Marie Claire*, as notícias circulam em diferentes seções que não são exclusivas do gênero, já que não há um espaço diretamente dedicado a elas. Na revista *Ana Maria*, embora dois dos enunciados que selecionamos sejam “categorizados” como notícias em seus respectivos *links*, não há essa seção no menu para que o leitor tenha acesso direto, como ocorre na revista *Claudia*, por exemplo. A notícia AM01, embora indicada como tal no *link* de acesso, circula em mais de uma seção, com base na proximidade das temáticas. Quanto à revista *Glamour*, percebemos que, embora haja subseções intituladas “Beauty News”, “Hot News”, etc., há poucos ou nenhum enunciado do gênero *notícia* nesses espaços, dando mais atenção a fofocas, dicas de beleza, reportagens, etc. Além disso, os enunciados que compõem nossos dados de análise foram publicados em mais de uma seção, como as notícias GL01 e GL02, por exemplo.

A revista *TPM*, por sua vez, também não possui seções definidas *a priori*, como afirmado anteriormente. Percebemos que os diferentes gêneros circulam na mesma página e os textos são organizados em diferentes *tags*, com base nos assuntos discutidos. Por fim, a revista *Marie Claire* não possui seção destinada unicamente à publicação de notícias e, assim como nas demais revistas, o gênero é publicado nas mais diferentes seções, de acordo com a temática. A título de ilustração, mostramos, a seguir, a distribuição das seções nas quatro revistas aqui citadas:



Figura 25: Seções da revista *Ana Maria*

Fonte: <http://anamaria.uol.com.br/>. Acesso em 24 jan. 2017.

Figura 26: Seções da revista *Glamour*

Fonte: [http://editora.globo.com/midiakit/gl/midiakit\\_gl.pdf](http://editora.globo.com/midiakit/gl/midiakit_gl.pdf). Acesso em 04 fev. 2015.

Figura 27: Seções da revista *TPM*

Fonte: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm>. Acesso em 24 jan. 2017.

Figura 28: Seções da revista *Marie Claire*

Fonte: [http://editoraglobo.globo.com/MC\\_midiakit.pdf](http://editoraglobo.globo.com/MC_midiakit.pdf). Acesso em 01 fev. 2015.

Com base nas considerações do Círculo de Bakhtin, entendemos que o lugar discursivo ainda não estabilizado das notícias decorre de questões valorativas. Afirmamos anteriormente que as notícias não circulam em revistas femininas especialmente por questões culturais e

históricas, que atribuem apenas aos homens o interesse pela vida pública. Desse modo, ainda há resistência em permitir que gêneros como notícia circulem em revistas pensadas para o público feminino adulto, uma vez que poderiam constituir uma ameaça em relação a sua participação no lar, à dedicação ao cuidado dos filhos, etc. Mesmo que haja a publicação de notícias nas revistas aqui estudadas, esse gênero recebe atenção secundária, publicado em meio a diversas receitas, cartas do editor que antecipa as angústias das mães no que se refere à criação dos filhos, reportagens e entrevistas com celebridades.

Em suma, a valoração que perpassa a publicação do gênero notícia é diferente do que ocorre em outros suportes, como o jornal, ou em *sites* destinados a públicos distintos, dado que a resistência pela participação da mulher na vida pública, assim como a construção social que antecipa os interesses da mulher adulta e guia a publicação de determinados acontecimentos e o silenciamento de outros são fatores que orientam a posição valorativa da mídia feminina quanto ao que será publicado ou não, e como os acontecimentos são discursivizados.

Em termos de periodicidade, as notícias apresentam temporalidade razoável, pois continuam disponíveis nos *sites* mesmo após meses de publicação. Além disso, não há regularidade no que diz respeito à frequência de publicação das notícias nas diversas páginas. Traquina (2005) traz, com base em Tuchman (1978), que a circulação do gênero acompanha diferentes fatores que organizam os acontecimentos para a construção e publicação de notícias, que são (i) acontecimentos noticiosos localizados, definidos como uma subclassificação de notícias de relevo (ou *hard news*), que aparecem de forma súbita e devem ser processados rapidamente. O exemplar GL03 noticia a atitude de um motorista de Uber que consegue impedir um crime após deixar duas passageiras no destino escolhido. O fato ocorreu nos Estados Unidos, mas, pela repercussão na mídia, também foi trazido por revistas brasileiras. Por não ser um fato previsível, ou seja, surge subitamente, entendemos que pode ser situado nessa terceira classificação. A seguir, trazemos um trecho da notícia analisada:

Figura 29: Trecho da notícia GL03

**Keith Avila**, motorista de Uber, de 34 anos, deixou duas mulheres e uma adolescente em um hotel em Elk Grove na Califórnia, na última segunda-feira, dia 26. Durante o percurso, ouviu as mais velhas comentando que iriam entregar a menina para um homem chamado John em troca de dinheiro.

————— *Leia mais* —————

Jovem denuncia assédio dentro de Uber: "Não podemos continuar sendo vítimas de monstros"

—————

Atento ao crime que estava prestes a acontecer, Keith chamou a polícia, após deixar as três passageiras no local. Quando os agentes chegaram, Keith transmitiu a prisão dos traficantes ao vivo no Facebook, viralizando o caso mundo afora. "[Fox News](#)" repercutiu a notícia nesta sexta-feira, 30.

————— *Leia mais* —————

Como se tornar motorista da Uber, passo a passo

...

Uber dá dicas de segurança após casos de falsos motoristas viralizarem nas redes

—————

Fonte: <<http://revistaglamour.globo.com/Na-Real/noticia/2016/12/motorista-de-uber-salva-menina-de-sequestro-e-trafico-humano.html>>. Acesso em 05 jan. 2017.

O segundo critério apresentado por Traquina (2005, *apud* Truchman, 1978) diz respeito aos acontecimentos noticiosos em continuação, os quais são definidos como intencionais e pré-anunciados,

que se estendem ao longo de determinado período em momentos específicos. A notícia GL02 constitui um exemplo desse caso levantado pelos autores, pois o lançamento do projeto “Ela faz história” pode ser um acontecimento pré-anunciado, já que a organização e preparo desse programa podem demandar um longo período. A seguir, reproduzimos os dois primeiros parágrafos da notícia em questão, nos quais a publicação é introduzida e é noticiado o lançamento do projeto:

Figura 30: Trecho da notícia GL02

“No futuro não haverá mulheres líderes, apenas líderes”. A autora da citação é Sheryl Sandberg, CEO do Facebook desde 2008.



destacar em ambientes masculinos

E para fazer a sua parte pra realizar essa previsão, **Facebook** e **Instagram** lançaram nesta quarta, 22, em São Paulo, o projeto **#ElaFazHistória**, que tem como objetivo principal inspirar mulheres a realizarem seus planos e conquistarem objetivos no **negócio próprio**, por meio de histórias de sucesso de outras empreendedoras. “O programa conscientiza, celebra, divulga e capacita o empreendedorismo feminino”, resume Camila Fusco, diretora de empreendedorismo do Facebook. Ou seja, a plataforma extrapola os limites da internet e vai oferecer oficinas e cursos para capacitação e treinamento, em eventos exclusivos. Além de premiar as melhores práticas num futuro próximo.

— siga a glamour —



PROMOGLAMOUR



Fonte: <<http://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Carreira-e-dinheiro/noticia/2016/06/facebook-e-instagram-lancam-programa-que-incentiva-mulher-abrir-o-seu-proprio-negocio.html>>. Acesso em 22 jul. 2016.

Outra notícia que exemplifica esse critério consiste na publicação CL02, que informa sobre a decisão de Malala Yousafzai de passar seu aniversário de dezenove anos em um campo de concentração. Esse fato é considerado intencional e pré-anunciado pois já é uma prática comum para ela, como é trazido na própria notícia:

Figura 31: Trecho da notícia CL02

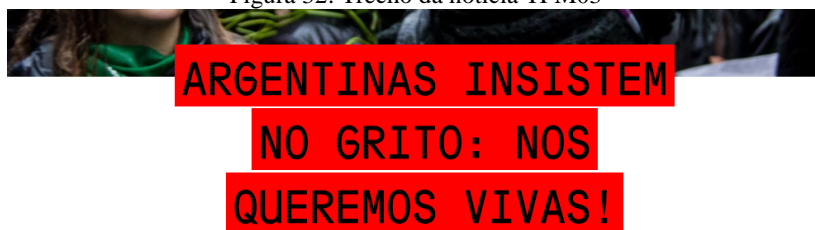
A ativista explicou a motivação de sua ida à Dadaab: todo ano, ela escolhe à dedo um local ao redor do globo no qual o ensino feminino é negligenciado para conhecer em seu aniversário. Os rumores de que esta área, abrigo de cerca de 30000 pessoas, seria desativada se confirmaram após o presidente queniano Uhuru Kenyatta anunciar seu fechamento em 2017 por motivos de segurança.

*foto: Khalil Senosi/Associated Press*

Fonte: < <http://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/claudia/malala-yousafzai-comemora-seu-aniversario-de-19-anos-em-visita-ao-maior-campo-de-refugiados-do-mundo>>. Acesso em 20 jul. 2016.

O terceiro critério apresentado diz respeito aos acontecimentos noticiosos em desenvolvimento, que não são programados mas estão associados a uma “estória súbita”. Em outras palavras, esses acontecimentos surgem de forma súbita, mas estão de alguma forma ligados a um fato prévio, já programado. Sobre esse fator, entendemos que a notícia TPM03 traz um fato súbito, imprevisível, mas que ganha repercussão pelos movimentos que foram organizados após o caso se tornar público. Após o assassinato cruel de uma argentina de dezesseis anos, os movimentos que já ocorriam previamente ganharam maior notoriedade e, por isso, voltaram receber espaço na mídia. A seguir, reproduzimos a primeira parte da notícia, na qual o movimento “Ni Una Menos” é apresentado e o crime também é noticiado:

Figura 32: Trecho da notícia TPM03



TPM / VIOLÊNCIA / FEMINISMO / MACHISMO / ARGENTINA

Milhares de pessoas foram às ruas do país pelo fim da violência de gênero após primeira greve nacional de mulheres



POR LUCIANA TADDEO 20.10.2016



Muitas vozes argentinas se unem, desde o ano passado, para dizer *basta*. Basta de violência contra a mulher, basta de desigualdades de direitos. Em junho deste ano, milhares se juntaram ao movimento **Ni una menos** (“nem uma a menos”), que acontece desde 2015.

As exigências ganharam força e o debate sobre a violência de gênero de fato cresceu, mas isso não foi suficiente para impedir feminicídios como o da jovem de 16 anos, Lucía Pérez, no começo deste mês. A garota foi drogada, estuprada e empalada pelo anus até a morte por dois homens, na cidade litorânea de Mar del Plata. O assassinato chocou o país e levou uma massa feminina a protestar de novo na tarde de ontem, 19/10.

VEJA TAMBÉM: **Homem tem lugar no feminismo?**

Fonte: <[http://revistatrip.uol.com.br/tpm/ni-una-menos-primeira-greve-nacional-de-mulheres-pelo-fim-da-violencia-de-genero-na-argentina?utm\\_source=trip.com.br&utm\\_medium=home-box&utm\\_campaign={category}](http://revistatrip.uol.com.br/tpm/ni-una-menos-primeira-greve-nacional-de-mulheres-pelo-fim-da-violencia-de-genero-na-argentina?utm_source=trip.com.br&utm_medium=home-box&utm_campaign={category})>. Acesso em 20 dez. 2016.

Outro exemplar que ratifica o terceiro fator levantado consiste na publicação TPM01. Nessa notícia, é apresentado o projeto “Precisamos falar do assédio”, lançado como incentivo para que as mulheres tomem coragem e consigam falar sobre histórias de abusos sofridos. Entendemos que o projeto em questão está vinculado a uma “estória súbita” porque a proposta de divulgação de casos de assédio já existia, e foi com base nesse movimento criado de forma autônoma pelas mulheres que o projeto “Precisamos falar sobre o assédio” foi lançado. Além disso, a notícia é publicada alguns dias antes de sua realização e consiste em uma novidade no que diz respeito aos acontecimentos prévios, daí ser entendido como súbito e não pré-anunciado. A seguir,

expomos um trecho da notícia no qual é apresentada a justificativa do projeto:

Figura 33: Trecho da notícia TPM01



Depois de mulheres se organizarem de maneira autônoma nas redes sociais através de hashtags como #meuprimeiroassédio e #meuamigosecreto, denúncias de casos de abuso vieram à tona. Muitas, que até então escondiam suas histórias ou por vergonha, ou por medo, conseguiram tomar coragem para quebrar o silêncio. Para que a prática da denúncia não perdesse a força, a documentarista Paula Sachetta, 28 anos, criou o projeto [Precisamos Falar do Assédio](#), que será lançado na semana em que se comemora o Dia Internacional da Mulher.

Uma van equipada com câmeras vai circular em pontos estratégicos da cidade de São Paulo do dia 7 ao 11 de março, recolhendo o depoimento de mulheres que já passaram por alguma situação de assédio. Regiões centrais, terminais de ônibus e também universidade são alguns dos lugares escolhidos. Parceira da iniciativa, a Secretaria Municipal de Política para as Mulheres vai disponibilizar uma funcionária para acompanhar as mulheres que precisarem de acompanhamento jurídico ou psicológico.

Fonte: <[http://revistatrip.uol.com.br/tpm/ni-una-menos-primeira-greve-nacional-de-mulheres-pelo-fim-da-violencia-de-genero-na-argentina?utm\\_source=trip.com.br&utm\\_medium=home-box&utm\\_campaign={category}](http://revistatrip.uol.com.br/tpm/ni-una-menos-primeira-greve-nacional-de-mulheres-pelo-fim-da-violencia-de-genero-na-argentina?utm_source=trip.com.br&utm_medium=home-box&utm_campaign={category})>. Acesso em 20 dez. 2016.

Em suma, a periodicidade de publicação das notícias é marcada pelas características que concebem os acontecimentos e os situam enquanto súbitos, pré-anunciados ou imprevisíveis mas vinculados a fatos prévios. São esses fatores, aliados à importância atribuída ao acontecimento e à projeção dos interesses do público leitor, que esses fatos são discursivizados ou não. As considerações de Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) acerca do confronto de índices de valor no signo ideológico subsidiam nossa análise, uma vez que entendemos que todo signo é um espaço de constante tensão e de enfrentamento de valores. Ademais, consubstanciamos nossa discussão com a afirmação do Círculo de que o signo também consiste em um instrumento de

refração e de deformação do ser na medida em que há, nas revistas, a tentativa de manter a estabilidade e resistir às mudanças. A resistência em dedicar mais espaço para a publicação de notícias em revistas femininas, a pouca representatividade do gênero e a seleção de fatos que serão ou não discursivizados são atos axiológico-valorativos que orientam as escolhas das editoras na produção e publicação das revistas.

Após situarmos o lugar discursivo do gênero *notícia* em revistas *online*, bem como a periodicidade de publicação, considerando os aspectos propostos por estudiosos do campo jornalístico, direcionamos para as considerações acerca da posição de autoria e aos interlocutores previstos pelas publicações.

### **6.2.2 A posição de autoria das notícias e seu interlocutor previsto**

Com base em Bakhtin (2011 [1979]) e nos estudos de Acosta Pereira (2008; 2012) e Rodrigues (2001), entendemos que todo enunciado tem uma posição de autoria, que, por sua vez, não se confunde com o indivíduo empírico. Entender a posição discursiva de acordo com a perspectiva do Círculo nos remete à concepção de enunciado já discutida (c. seção 2.1), isto é, de que a tomada da palavra se realiza na comunicação discursiva, no diálogo com dizeres outros e na renovação de sentidos somente possível nessas condições. Portanto, a posição de autoria de acordo com a perspectiva dialógica da linguagem envolve a situação de interação, tanto no que diz respeito ao contexto imediato quanto o mais amplo, os participantes da interação, a relação hierárquica (ou não) entre eles, enfim, as condições de enunciação.

Se a realização concreta do enunciado só ocorre socialmente situada e pela mediação dos gêneros, cada gênero do discurso tem uma concepção de autor, orientando a tomada de posição nessa ou naquela esfera da comunicação discursiva, na infinidade de condições sociais de interação com o outro. “Assim, ser autor nesse sentido é assumir, de forma permanentemente negociado, posições que implicam diferentes modalidades de organização dos textos, a partir da relação com o herói e com o ouvinte” (SOBRAL, 2013, p. 131). Em suma, o autor em Bakhtin “é um elemento da organização do discurso, algo que engloba igualmente as coerções por assim dizer institucionais que incidem sobre o discurso” (SOBRAL, 2013, p. 139).

No que diz respeito à posição de autoria do gênero *notícia*, ratificamos a discussão do Círculo de Bakhtin na medida em que compreendemos que as notícias são escritas num movimento interlocutivo e de alteridade, isto é, num contexto de encontro tenso de



posicionamentos valorados e reenquadrados numa nova situação de interação, uma vez que a construção das notícias se dá pela reenunciação de discursos outros, de diferentes vozes. Ao mesmo tempo, é mantido o distanciamento desse discurso reenunciado por meio de diversos movimentos valorativos, como de atribuir credibilidade às notícias, atribuição de responsabilidade, autoridade, ou, por outro lado, para refutar e desqualificar vozes outras. Para o presente estudo, retomamos as considerações de Bakhtin (2011 [1979]; 2014 [1975]) no que diz respeito à reenunciação do discurso do outro e o contexto dialógico criado por esse movimento de enunciação e demarcação da voz alheia. Para o autor, esse movimento cria uma nova situação de interação, emoldura esse dizer em contextos outros, já que esse movimento não ocorre despido de intenções, pois, conforme Bakhtin (2011 [1979], p. 309), o segundo sujeito que reproduz o enunciado do outro, o faz com determinado fim, ao mesmo tempo em que o envolve com outro texto emoldurador.

Com base nas considerações do Círculo quanto à posição de autoria e na compreensão das condições de produção das notícias, podemos esclarecer como se constitui essa instância autoral. Entendemos que, na esfera jornalística, a produção das notícias se realiza em movimentos de constante (re)enunciação de discursos outros e (re)valorização por parte de diferentes instâncias e condições discursivas, dado que atuam inúmeros agentes em diferentes etapas até sua publicação. Portanto, as notícias são espaços de diálogo entre dizeres trazidos por diferentes fontes, que são valorados pelas instâncias de concepção, editoração e responsividade, que, por sua vez, são organizadas pela pauta (ROSSI, 2006). Em outras palavras, cada etapa de produção da notícia é de responsabilidade de uma instância em particular, sendo que essas instâncias de concepção, editoração e responsividade atuam conforme diretrizes oferecidas pela pauta, o que mostra os diferentes momentos de escrita e reescrita desses enunciados, além de exercerem funções específicas e, portanto, lançarem olhares diversos nos momentos de escrita e reescrita dessas publicações.

No que diz respeito às marcas de autoria das notícias analisadas, baseamo-nos no estudo de Acosta Pereira (2008) quanto à sinalização de autoria, considerando as condições de produção das notícias publicadas em revistas *online*. Diante da observação das notícias selecionadas, percebemos que há marcas de autoria tanto explícitas quanto implícitas. As primeiras foram encontradas nas revistas *Claudia* e *TPM*. Em ambas, todas as notícias são assinadas por mulheres e seus nomes são indicados nas publicações, como exemplificado a seguir:

Figura 34: Marcação de autoria na notícia CL01



Fonte: < <http://mdemulher.abril.com.br/beleza/claudia/cada-vez-mais-insatisfeitas-mulheres-lutam-contra-padres-de-beleza>>. Acesso em 29 jul. 2016.

Figura 35: Marcação de autoria na notícia CL03

NOTÍCIAS

## Casos de abuso sexual no transporte público crescem 29% em um ano

O número de ocorrências foi de 92 para 119, em apenas um ano. Os dados não contabilizam os abusos que não foram denunciados às autoridades.

Por **Débora Stevaux**

3 nov 2016, 16h43 - Atualizado em 3 nov 2016, 17h01

Fonte: <<http://claudia.abril.com.br/noticias/casos-de-abuso-sexual-no-transporte-publico-crescem-29-em-um-ano/>>. Acesso em 01 dez. 2016.

Figura 36: Marcação de autoria na notícia TPM01



Depois de mulheres se organizarem de maneira autônoma nas redes sociais através de hashtags como #meuprimeiroassédio e #meuamigosecreto, denúncias de casos de abuso vieram à tona. Fonte: <[http://revistatrip.uol.com.br/tpm/ni-una-menos-primeira-greve-nacional-de-mulheres-pelo-fim-da-violencia-de-genero-na-argentina?utm\\_source=trip.com.br&utm\\_medium=home-box&utm\\_campaign={category}](http://revistatrip.uol.com.br/tpm/ni-una-menos-primeira-greve-nacional-de-mulheres-pelo-fim-da-violencia-de-genero-na-argentina?utm_source=trip.com.br&utm_medium=home-box&utm_campaign={category})>. Acesso em 20 dez. 2016.

Ademais, a revista *TPM* também traz marcas de autoria implícitas no decorrer dos enunciados, pois há diversas marcas que indicam posições valorativas e opiniões. Na notícia TPM01, por exemplo, identificamos marcas de autoria na medida em que a instância autoral se posiciona a favor do projeto e, ao mesmo tempo, convida a leitora a participar. Em seguida, trazemos a parte final da notícia em questão, na qual são usados argumentos para convencer os leitores a participarem do projeto:

Figura 37: Marcas implícitas de autoria na notícia TPM01

As mulheres entram na van sozinhas, apertam o botão de gravar e fazem seus depoimentos. A intenção é que todas fiquem à vontade. Máscaras serão disponibilizadas para quem não quiser ser identificada.

**Toda e qualquer mulher** pode gravar seu relato. Se interessou? Então se liga no dia e horário das gravações e vai lá:



Fonte: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/projeto-precisamos-falar-do-assedio-recruta-mulheres-em-sao-paulo-para-gravarem-depoimentos>>. Acesso em 20 jul. 2016.

Já em *Glamour*, *Marie Claire* e *Ana Maria*, há marcas autorais implícitas. Na *Glamour* e na *Marie Claire*, a responsabilidade da autoria é atribuída à “Redação”, além de estarem presentes outras indicações implícitas no decorrer dos textos. A revista *Ana Maria* traz apenas marcas estilísticas nos enunciados, sem trazer qualquer referência à autoria da notícia. A título de ilustração, mostramos a seguir os diferentes tipos de marcação de autoria nas revistas em questão:

Figura 38: Marcas de autoria na notícia GL02

*Carreira e dinheiro*

**Facebook e Instagram lançam  
programa que incentiva a mulher a  
abrir o seu próprio negócio**

Fonte: <<http://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Carreira-e-dinheiro/noticia/2016/06/facebook-e-instagram-lancam-programa-que-incentiva-mulher-abrir-o-seu-proprio-negocio.html>>. Acesso em 22 jul. 2016.

Figura 39: Marcas de autoria na notícia MC01

■ NOTÍCIAS | 09.01.2017 - 20H00 - ATUALIZADO ÀS 09.01.2017 20H00 | POR REDAÇÃO MARIE CLAIRE

## Chega de tabu! Papa Francisco defende a amamentação em público

A declaração foi feita durante uma cerimônia na Capela Sistina

Fonte: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2017/01/chega-de-tabu-papa-francisco-defende-amamentacao-em-publico.html>>. Acesso em 10 jan. 2017.

Figura 40: Marcas de autoria na notícia AM03

## Abrir conta pela internet agora pode!

Tudo pode ser feito sem sair de casa



Fonte: <<http://anamaria.uol.com.br/noticias/acervo/fumantes-ficam-mais-tempo-desempregados.phtml#.WHKexdIrLIU>>. Acesso em 29 jul. 2017.

Em síntese, concluímos que a posição autoral das notícias se mostra complexa, uma vez que sua produção envolve diferentes etapas, desde a seleção de fontes até a publicação da versão final para os leitores. Ademais, devemos considerar os diferentes agentes que atuam na produção das notícias, os quais ocupam posições hierárquicas distintas e, portanto, têm maior ou menor poder de decisão acerca do que será oferecido aos leitores. Além das diversas etapas de produção das notícias, há vozes de sujeitos que podem ou não pertencer à instância midiática, que, ao serem reenunciadas em contextos outros e com diferentes objetivos, emolduram esses dizeres em uma nova situação de interação, projetando novos sentidos. Dessa maneira, ratificamos as considerações de Bakhtin (2011 [1979]) quando o autor explica que todo enunciado tem um projeto de dizer e se orienta para as condições sociais de produção, já que a construção, revisão e publicação

das notícias são etapas que seguem posições ideológicas outras, bem como atendem a objetivos pré-definidos para cada função exercida nas diferentes etapas de produção das notícias.

Após o estudo da posição de autoria, analisamos também o **interlocutor previsto** das revistas e, especificamente, das notícias. Relembramos as considerações de Volochínov (2013 [1930]) quando o autor explica que a linguagem humana é um fenômeno de duas faces, pois todo enunciado pressupõe não somente um falante, mas também um ouvinte. Toda palavra, mesmo que não seja pronunciada, sempre é orientada para um outro, mesmo quando esse outro não existe como pessoa real. Para Bakhtin (2011 [1979]), o interlocutor real ou potencial atribui essa ou aquela entonação ao enunciado, orienta as escolhas linguísticas do falante e, portanto, participa ativamente da construção da enunciação. Em suma, “a orientação social é uma das forças vivas organizadoras que, junto com a situação da enunciação, constituem não só a forma estilística, mas também a estrutura puramente gramatical da enunciação” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930], p. 169).

Em relação ao nosso universo de análise, sabemos que as revistas têm a característica de estabelecer uma relação de proximidade com seu público leitor e com sua época, de modo que se atualizam constantemente à medida que os interesses de seus leitores também mudam. No que diz respeito às revistas femininas, conforme discutido anteriormente, há uma relação de proximidade entre as publicações e suas leitoras, pois, ao estreitarem laços de cumplicidade e de amizade com seu público, as revistas procuram atender aos seus interesses, de se colocarem como amigas, conselheiras, etc.

Considerando a importância, para as revistas, de conhecerem seu público leitor, expomos na seção 4.3 as principais características do público potencial de cada revista, concebido por meio de pesquisas realizadas pelas editoras, do estabelecimento de contato próximo com os leitores, especialmente com os assinantes das versões impressa e *online*. Com base na compreensão de quem é esse leitor das revistas, é possível compreendermos o interlocutor previsto das notícias e como elas se orientam para esse público leitor. Sendo assim, retomamos os dados previamente expostos e apresentamos a seguir, de forma resumida.

No que diz respeito ao público leitor da revista *Claudia* (Editora Abril), 94% dos leitores são mulheres, sendo que a maioria dessas leitoras tem mais de 50 anos e pertence às classes B e C. Além disso, os principais temas abordados pela revista são comportamento, moda, beleza, saúde, carreira, família, culinária e decoração. A revista *Ana Maria* (Editora Caras) mostra que 94% do público tem entre 25 e 34

anos e pertence majoritariamente às classes B e C. Ademais, a revista, que trata de temas como culinária, comportamento, saúde/bem-estar e beleza/estética, afirma que a leitora de *Ana Maria* contribui com cerca de 41% do total da renda familiar.

A revista *Glamour* (Editora Globo) informa que 87% dos leitores são mulheres solteiras com idades entre 25 e 35 anos, sendo que a maioria pertence às classes A e B. A publicação se coloca como interessada especialmente pelo mundo das celebridades e da moda. Quanto à revista *Marie Claire* (Editora Globo), 85% do público leitor é composto por mulheres pertencentes às classes B e C e, dentre essas leitoras, 35% tem ensino superior. Os principais temas tratados na referida revista dizem respeito a comportamento, sexo, saúde e cultura, com grande interesse também por questões que envolvem beleza e moda.

Por fim, a revista *TPM* (Trip Editora) mostra que 92% do seu público é composto por mulheres entre 26 e 45 anos. Não indica dados acerca das classes sociais e nem a escolaridade de seus leitores. Sobre as temáticas abordadas, sabemos que a revista se coloca como questionadora da mídia feminina, na medida em que esta apresenta receitas prontas para mulheres atuarem no lar, na relação com os filhos e com o marido, além de tratar de temas polêmicos e tabus.

Além das informações fornecidas pelas revistas que, com base em dados estatísticos, constroem essas imagens de leitor empírico, entendemos que cada gênero tem autores e interlocutores previstos, uma vez que oferece ao falante formas de acabamento de seu enunciado e, aos interlocutores, oferece a noção da totalidade discursiva, isto é, dá o relativo acabamento ao enunciado. Ainda, conforme as considerações trazidas na seção 2.1, ressaltamos que todo enunciado se orienta para a avaliação de outrem, pois, ao antecipar os interesses do interlocutor previsto, constrói seu enunciado com o intuito de atender as expectativas do outro sejam atendidas.

Com base nessas informações, podemos entender quem é o leitor previsto das revistas, ou seja, quem é esse leitor que acessa as revistas e busca as notícias publicadas por determinado *site*. Se as notícias são construídas a partir dos interesses pré-figurados do leitor que acessa a revista, compreendemos que o objetivo que leva o público a acessar determinada revista e não outra diz respeito às temáticas que são discursivizadas nas notícias, assim como a orientação valorativa das revistas frente aos fatos reportados. Em outras palavras, as revistas ocupam diferentes posições ideológico-valorativas acerca dos acontecimentos que serão reenunciados pelas notícias, pois a projeção

da expectativa do leitor leva a revista a eleger determinado fato como relevante e a silenciar outro, a projetar essa ou aquela orientação valorativa para um fato de modo que o leitor assimile sua posição ideológica.

Sendo assim, o leitor que acessa uma revista polêmica e que aborda assuntos considerados tabus espera que as notícias publicadas tratem de assuntos e temáticas a partir de uma dada posição discursiva, ou seja, é o interesse em ler sobre determinados fatos que o leva a acessar essa publicação e não outra. Diferentemente, se o leitor tem interesse em ler notícias que reportem fatos sobre celebridades, sobre novidades do mundo da moda, irá buscar uma publicação em específico, de modo que atinja seus objetivos e, para que isso se concretize, a revista, a partir da visão construída acerca de seu interlocutor, irá abordar temáticas que atendam a expectativa do público, assim como se posiciona ativamente frente ao fato reportado guiada pela concepção que tem do seu interlocutor previsto.

Em suma, ressaltamos a relevância de conhecermos o interlocutor previsto pelas revistas publicadas potencialmente às mulheres, isto é, como essas revistas constroem imagens do interlocutor previsto a partir da antecipação de seus interesses e de suas possíveis atitudes responsivas frente aos fatos reportados e às projeções de sentido, para que a posição de autoria oriente a realização de seu projeto discursivo sempre em relação ao outro, a fim de estreitar laços com esse interlocutor previsto, pois essas publicações são pensadas com base nos interesses de quem as consome e no que esse público espera, em um constante diálogo entre editoras e leitores. É nessa interação concreta entre a posição de autoria das revistas, que envolve inúmeros agentes, funções e etapas de produção, e o público leitor projetado com base em seus interesses e suas posições ideológico-valorativas, que as revistas e, especificamente, as notícias, são produzidas, pois “[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor [...]*” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 116, grifos dos autores).

Finalizamos aqui o estudo do cronotopo do gênero *notícia* publicado em revistas *online* direcionadas potencialmente às mulheres, no qual procuramos entender as condições sócio-históricas de interação do referido gênero, a partir do estudo de sua dimensão social. Para tanto, trouxemos considerações acerca da esfera social do jornalismo, pois



buscamos entender as características do jornalismo de revista e, mais pontualmente, do jornalismo de revistas *online*.

A partir desse estudo, pudemos compreender o grande e pequeno cronotopo do gênero *notícia*. Sobre o grande cronotopo, analisamos as condições sócio-históricas de constituição e circulação do gênero na esfera jornalística, além de considerarmos os deslocamentos proporcionados pela participação do jornalismo feminino na vida pública, fenômeno recente e possibilitado pelo questionamento de concepções arraigadas acerca do papel da mulher na sociedade. Entendemos que o gênero *notícia* é marcado pela atualidade e imediatismo e ganha espaço na esfera jornalística à medida que as técnicas de impressão são modernizadas. Por causa dessas características, as revistas não são os principais suportes desse gênero, especialmente em suas versões impressas, por causa da periodicidade de circulação. No entanto, as revistas *online* favorecem a atualização constante e a publicação de notícias em tempo real, embora nem todas as revistas ofereçam grande espaço para circulação desse gênero.

Sobre o pequeno cronotopo, analisamos a situação de interação do gênero em estudo a partir da compreensão da posição de autoria das notícias e a interlocutora prevista. Concluímos que a instância autoral das notícias envolve diferentes agentes, que exercem funções específicas na produção desses enunciados, além de haver etapas como concepção, editoração e responsividade, organizadas pela pauta, sendo que a realização de todos esses estágios leva em conta o leitor potencial e seus interesses, de modo que a projeção valorativa da instância autoral frente aos fatos seja assimilada pelo público. É nessa interação entre agentes, entre diferentes papéis exercidos na construção desses enunciados, que os dizeres outros (trazidos como fontes para as notícias) são reenunciados e valorados em um novo contexto de interação, sempre antecipando os interesses, os dizeres e as possíveis atitudes responsivas do seu interlocutor.

No capítulo a seguir, analisamos a(s) imagem(ns) de mulher discursivizada(s) nas notícias publicadas em revistas *online*, ou seja, que imagem de mulher é projetada pelas revistas a partir da concepção de leitor que essas publicações antecipam, quais os interesses desse público e suas possíveis respostas frente aos enunciados publicados.



## **7 A(S) IMAGEM(NS) DE MULHER DISCURSIVIZADA(S) NAS NOTÍCIAS**

Bakhtin (2011 [1979]) afirma que a percepção de nós mesmos nos é dada pelo outro, pelo olhar exterior que o outro lança sobre nós e dá acabamento a nossa imagem. Nesse sentido, a construção de nossa imagem exterior não é uma atividade subjetiva e solitária; ocorre necessariamente nas relações sociais, no contato com o outro e com seus valores, suas posições axiológico-valorativas, com as quais dialogamos, estabelecemos relações de assimilação ou rejeição, etc., mas sempre as levando em conta. Conforme Bakhtin (2011 [1979], p. 45), “[...] em sua íntegra, o valor da minha pessoa externa (e antes de tudo de meu corpo exterior, a única coisa que aqui nos interessa) é de natureza emprestada, que eu construo mas não vivencio de maneira imediata”.

A partir das considerações do Círculo acerca da construção de nossa imagem pelo olhar exterior e avaliativo do outro, analisamos as imagens de mulher projetadas em notícias publicadas em revistas virtuais e destinadas a esse público em potencial. Na subseção 6.2.2, analisamos, a partir do estudo do pequeno cronotopo, como as revistas apresentam o perfil de suas leitoras empíricas com base nos interesses que levam o público a acessar essas revistas e buscar as notícias. Agora, nos voltamos para a discursivização das imagens de mulher pelas notícias de modo a compreendermos como o diálogo com vozes de instituições e sujeitos que ocupam posições de autoridade, ou pela reenunciação de discursos outros em movimentos de discordância e afastamento, bem como a antecipação da atitude responsiva do leitor projetam sentidos nas notícias à medida que a instância midiática reenuncia esses dizeres em novas situações de interações, valora e enquadra vozes alheias em condições outras.

A seguir, analisamos diferentes imagens de mulher discursivizadas nas notícias. O enquadramento de vozes alheias em novas situações de interação, outras condições de comunicação e, portanto, com projetos discursivos construídos na esfera jornalística, além da seleção das fontes, a discursivização desses acontecimentos e as escolhas léxico-gramaticais para a realização do projeto de dizer da instância autoral são fatores que consideramos relevantes para o desenvolvimento da análise, pois, conforme dito, esses movimentos já são situados, valorados e constroem sentidos outros. Para tanto, analisamos essas marcas linguísticas à luz do conceito de relações dialógicas (conferir seção 2.3) que se concretizam no interior das notícias, isto é, analisamos as tonalidades dialógicas que, na produção

das publicações, projetam o movimento de validação e afastamento de modo a consubstanciar a posição da instância autoral e orientar a atitude responsiva do leitor.

### 7.1 A MULHER “RESPONSÁVEL”<sup>56</sup>

A construção da imagem de mulher “responsável” retoma características que são naturalizadas como pertencentes às mulheres, tais como instinto de proteção ou de responsabilidade (KNOLL, 2007). No desenvolvimento das análises, percebemos que esse papel é evocado pelas notícias e projetado para as leitoras, seja pela tentativa de estreitar laços com seu público e sensibilizá-lo, seja pela seleção de fatos e acontecimentos que a revista entende como relevantes para esse público potencial, mesmo que esses acontecimentos não sejam marcados pela atualidade (conferir o conceito de “valor notícia” discutido na seção 5.2).

Compreendemos que um desses exemplos está presente na notícia AM01, a qual traz dados disponibilizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre a quantidade de animais abandonados atualmente - aproximadamente 30 milhões somente no Brasil -, bem como o discurso de uma veterinária, que levanta a castração e adoção de animais como saídas para esse problema. Ambos os discursos reportados funcionam como vozes de autoridades que confirmam esses fatos e são renunciados pela notícia com o intuito de convencer a leitora e transferir para ela essa responsabilidade:

Ex. 1: “[...] *Para se ter uma ideia, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), há mais de 30 milhões de animais abandonados no Brasil, sendo 10 milhões de gatos e 20 milhões de cães [...]*” (AM01).

---

<sup>56</sup> Para a análise das diferentes imagens de mulher projetadas nas notícias, reenunciamos a discussão de Fiorin (2008) acerca da demarcação do discurso alheio com o uso do recurso das aspas. No caso das imagens em questão, demarcamos cada imagem com o referido recurso de modo a deixar explícito que há dois sentidos construídos pelos adjetivos escolhidos: a imagem que a revista busca projetar para a leitora de modo a mantê-la no mesmo lugar socialmente esperado e, por outro lado, as relações de sentido construídas no encontro de diferentes vozes reenquadradas no contexto das notícias.

Ex. 2: “[...] *De acordo com a veterinária Gabriela Muniz, a castração é a única saída para reduzir o número de animais de rua. ‘O procedimento também diminui o risco de infecções e doenças, como câncer de mama, útero, próstata e testículos nos animais’, explica. Ela ainda faz o alerta de que o procedimento ajuda a diminuir o roubo de animais de raça para a procriação e venda clandestina [...]*” (AM01).

No exemplo 1, a apresentação das informações fornecidas pela OMS, reenunciadas como autoridades, é realizada pelo modalizador “Para se ter uma ideia”. O emprego do modalizador no início da explicação indica a assimilação das informações oferecidas, já que esses dados são discutidos com o intuito de mostrar à leitora a gravidade do problema, além de tentar evidenciar que a autoria da notícia, de fato, está preocupada com essa realidade e busca a solidariedade da leitora. Em suma, a posição autoral retoma um já-dito e, ao enquadrá-lo na notícia, se utiliza desse modalizador para que a leitora avalie essa realidade, ou seja, ao mesmo tempo em que reage aos já-ditos, leva em conta o discurso-resposta futuro (BAKHTIN, 2014 [1975]), que provoca essa e não outra avaliação, por exemplo.

O exemplo 2 retoma dizeres de mais uma autoridade para ratificar as condições precárias nas quais vivem os animais de rua, uma vez que sua formação acadêmica atribui propriedade ao seu discurso. A introdução da voz da veterinária se dá primeiramente de forma indireta e modalizada, já que o uso da palavra “única” indica a limitação de opções para a solução do problema e a urgência para que se tome alguma atitude. O emprego do termo “alerta” ainda no exemplo 2 ratifica essa assimilação de sua voz, posto que chama a atenção do leitor para a informação que vem a seguir.

O movimento de validação do discurso da veterinária é projetado também pela escolha do verbo *dicendi* “explicar” na delimitação da alternância de vozes. O emprego do verbo “explicar” atribui nuances de sentidos diferentes de verbos como “dizer” ou “falar” na medida em que, para desenvolver uma explicação sobre determinado assunto, o interlocutor deve ter propriedade e, ao balizar o discurso da veterinária com essa escolha, a instância autoral segue essa orientação semântico-valorativa como estratégia de convencimento do leitor.

Além disso, reenunciamos as considerações de Bakhtin (2010 [1929]) no que se refere às relações semântico-valorativas concretizadas entre os diferentes dizeres reenquadrados no contexto das notícias. Segundo Bakhtin (2010 [1929]), as relações dialógicas são fenômenos

que penetram toda a linguagem humana, tudo o que manifesta vida e projeta sentidos. Desse modo, só são possíveis entre enunciados concretos, por menores que sejam, se nesses enunciados é ouvida a voz do outro. Com base nessas considerações, entendemos que o movimento de reenunciação do dizer da OMS e dos argumentos apresentados pela veterinária, ambos sugerindo a urgência do processo de adoção e cuidados com os animais de rua, consubstanciam a imagem de mulher concebida pela revista e discursivizada na notícia, isto é, de que cabe à leitora tomar alguma providência. A reenunciação das vozes de sujeitos cujos dizeres se cruzam no plano do sentido e convergem para a mesma compreensão, de modo a atender ao projeto discursivo da instância autoral de antecipar atitude responsiva da leitora, qual seja, a de participante e incumbida de mudar essa realidade.

Ao final da publicação AM01, é feito um apelo à leitora para que ela adote um animal caso tenha interesse em criar um bichinho em casa. Fazendo o pedido, a posição autoral da notícia “chama” a mulher para se tornar participante da solução desse problema, na medida em que as escolhas léxico-gramaticais do pedido realizado pela autoria da notícia diferem em relação ao estilo do resto do enunciado e ratifica a projeção de sentido das vozes enquadradas, conforme mostrado a seguir:

Ex. 3: “[...] *Então, se você estiver doida por um bichinho, o que acha de adotar um no lugar de incentivar o comércio de animais? Há tantos precisando de carinho...*” (AM01).

Enquanto que no resto da notícia não há o emprego da segunda pessoa, no pedido há um direcionamento para a leitora, pelo uso do marcador conversacional “você” e pela pergunta que lhe é direcionada logo a seguir, introduzida pela expressão “o que acha”, como numa conversa entre conhecidos. Ademais, as escolhas lexicais indicam um apelo por meio da comoção, pelo uso dos marcadores afetivos “bichinho”, “precisando” e “carinho”, que são mobilizados nessa notícia como estratégia de convencimento da leitora e atribuem a expressividade (BAKHTIN, 2011 [1979]) esperada pela autoria da notícia. Em outros termos, a projeção de sentido com o uso desse léxico em especial atribui a expressividade ao enunciado a partir do contato da língua com a realidade, que, nesse caso, se realiza concretamente na situação de interação entre posição de autoria da notícia e leitor. Com isso, entendemos que as escolhas lexicais e gramaticais da notícia se orientam pelos coeficientes de avaliação e pelas condições sociais de realização concreta do enunciado (BAKHTIN, 2011 [1979]; 2014

[1975]). Ademais, a tentativa de estreitar laços com a leitora a partir das escolhas léxico-gramaticais ratifica a análise da reenunciação de vozes de autoridades como estratégia de convencimento da leitora, conforme analisado anteriormente.

No caso das revistas femininas, como há o interesse pela proximidade com a leitora, o gênero *notícia* é ressignificado, nesse exemplo, quanto ao estilo, pois a revista espera que esse contato íntimo com a leitora seja reforçado. Assim, entendemos que a confluência entre discursos de autoridade, quais sejam, da Organização Mundial da Saúde e da veterinária, que são trazidos tanto de forma indireta quanto direta e são assimilados pela autoria da notícia, a mudança de estilo evidente no fechamento da publicação e a estratégia de se remeter à leitora por meio do uso da pergunta são marcas enunciativo-discursivas que orientam a leitora para uma dada compreensão e valoração do que está sendo noticiado, ou seja, projeta sentidos esperados pela instância autoral e que antecipam a atitude responsiva da autoria. Enfim, a reenunciação dessas vozes por parte da autoria projeta novas orientações valorativas e sentidos outros (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]).

Outro exemplo de projeção da imagem de mulher “responsável”, que possui instinto maternal e já está biologicamente preparada para a maternidade, consiste na publicação MC02. A notícia em questão discute as mudanças que uma gravidez provoca no cérebro das mulheres, assunto trazido a partir da apresentação dos resultados de uma pesquisa realizada pela revista científica “Natural Neuroscience”. A voz da revista científica é trazida como autoridade e seu discurso é avaliado positivamente pela instância autoral, uma vez que já no título da publicação fica evidente a orientação valorativa em relação ao discurso dos pesquisadores:

Ex. 4: “*Gravidez provoca mudanças no cérebro das mulheres, garantem pesquisadores*” (Título da notícia MC02).

O uso do verbo “garantir” para enquadrar e demarcar os dizeres dos pesquisadores que realizaram o estudo mostra como a posição de autoridade é respeitada, já que o verbo *dicendi* escolhido para tal tem maior força de validade do que outros verbos como “dizer”, “explicar”, etc. Ao mesmo tempo em que a instância autoral delimita sua voz e a voz dos pesquisadores, enquadrada os dizeres destes de forma valorada, de modo que o leitor assimile esses dizeres também como verdades e não questionem os dados. Conforme Bakhtin (2011 [1979]), entendemos que a retomada do discurso de outrem em uma nova situação de

interação projeta sentidos outros, sendo que, na publicação aqui analisada, os dizeres das autoridades no assunto foram enquadrados como estratégia de convencimento pelo movimento de assimilação.

No decorrer da notícia, o encaminhamento do estudo é descrito de forma mais clara e discute que, para chegar à conclusão de que as mulheres realmente sofrem alterações cerebrais devido à gravidez, foram avaliados também os cérebros de pais de primeira viagem, homens que nunca foram pais e mulheres que nunca engravidaram, conforme mostrado no enxerto a seguir:

Ex. 5: *“Para chegar a essa conclusão, foram avaliados também os cérebros de 19 pais de primeira viagem, 17 homens sem filho e 20 mulheres que nunca engravidaram. Em nenhum desses casos a alteração foi identificada. Por outro lado, os computadores foram capazes de atestar aquelas que já haviam dado à luz ao menos uma vez na vida só com a análise das imagens cerebrais”* (MC02).

No trecho acima, entendemos que há o reforço da projeção da imagem de mulher “responsável”, pois a apresentação dos dados não se dá de forma paralela. Na primeira parte do estudo, na qual foram avaliados homens e mulheres que não tinham filhos, o estudo foi enfático ao afirmar que não houve nenhuma alteração em nenhum dos casos levados em conta. No entanto, na segunda parte da pesquisa, o foco incide sobre as mulheres e as alterações que o cérebro sofre. A informação é tratada como óbvia, pois mostra que os computadores foram bastante eficazes ao perceberem as alterações cerebrais “só” com o estudo de imagens cerebrais, ou seja, essa informação é tratada como dado latente e de fácil observação.

Além disso, não há qualquer menção a possíveis mudanças, mesmo que psicológicas, pelas quais o homem pode passar ao se tornar pai. Com base nas discussões de Knoll (2007) acerca da condição biológica do ser humano e da diferenciação pelo sexo, entendemos que os resultados da pesquisa tendem a reforçar a binarização dos sexos, do que se espera do homem e da mulher em casos como o apresentado pela pesquisa, ou seja, da chegada de um filho. Enquanto que para a mulher é passada a responsabilidade pelo cuidado com o bebê, o homem está isento de responsabilidades, já que a mãe teria vantagens biologicamente oferecidas para que ela saiba como cuidar do bebê, como lidar com toda a mudança e necessidades que um recém-nascido traz, etc., conforme os trechos a seguir:



Ex. 6: “A alteração [no cérebro da mãe], segundo especialistas, ajuda as futuras mães a criarem laços com o bebê e se prepararem para as exigências da maternidade” (MC02).

Ex. 7: “[...] As transformações foram identificadas justamente na área cerebral responsável pelas interações sociais e, segundo os pesquisadores, são responsáveis por mudanças vantajosas, como melhor identificação das necessidades do recém-nascido, atenção reforçada sobre potenciais ameaças e uma ligação afetiva maior com o filho” (MC02).

Nos exemplos anteriores, são apresentadas diversas vantagens proporcionadas para a mãe pelas mudanças cerebrais que sofre, como a criação de laços, a preparação para as exigências da maternidade, a identificação das necessidades do bebê, a atenção para potenciais ameaças e ligação afetiva, sendo que não é feita qualquer menção à necessidade de que o pai do bebê também se prepare para a paternidade, mesmo que não sofra as mesmas alterações cerebrais que as mães, de que ele também crie laços afetivos com o filho, pois todas essas mudanças são exigidas da mãe, já que ela é favorecida biologicamente, conforme evidencia o estudo.

Reenunciamos a discussão de Bakhtin (2014 [1975]) quando o autor explica que toda palavra evoca uma opinião concreta sobre o mundo, pois toda enunciação, independentemente de sua extensão, sempre será ativamente responsiva. Nessa medida, segundo o autor, todo enunciado necessariamente entra em relação dialógica, dado que não dialogamos com unidades da língua, mas respondemos ativamente ao outro, concordamos, discordamos, assimilamos ou refutamos a palavra alheia, dentre inúmeras outras possibilidades, já que

Todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida, uma geração, uma idade, um dia, uma hora. Cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções. Nela são inevitáveis as harmônicas contextuais (de gêneros, de orientações, de indivíduos). (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 100).

No caso do exemplo 6, entendemos que a descriminação das vantagens biologicamente atribuídas às mulheres são dizeres que remetem à naturalização da maternidade, à noção de que as mulheres devem ser mães, pois já estão preparadas para lidar com todas as responsabilidades e, portanto, deve arcar com todas as necessidades do bebê. Historicamente e culturalmente, é função apenas da mãe de cuidar do filho, de estabelecer relações afetivas com ele, e, para o pai, fica a responsabilidade de trabalhar e sustentar a família, conforme discutido anteriormente. Portanto, a retomada desses diversos pontos tidos como vantajosos para as mulheres reverbera compreensões consolidadas socialmente e que continuam sendo cobradas das mulheres. Ao mesmo tempo, o silenciamento estratégico da importância da participação do pai na criação do filho, não como boa vontade, mas como obrigação também dele, ratifica a passagem da responsabilidade apenas para a mãe. Em suma, não há “obrigações da paternidade”, mas apenas as “exigências da maternidade”, conforme exemplo 6.

Os diferentes pontos levantados no enxerto 7 também dialogam com o título da notícia, que, conforme analisado anteriormente, utiliza o verbo *dicendi* “garantir” para atribuir voz de autoridade aos pesquisadores que desenvolveram o estudo. Por haver esse reforço de confiança na palavra dos estudiosos, o levantamento de diferentes mudanças sofridas pelas mulheres é feito como estratégia para convencer a leitora de que ela deve arcar com as diferentes responsabilidades, elencadas na própria notícia. Desse modo, o verbo *dicendi* no título e os diferentes pontos referentes às responsabilidades da mulher, eximindo o pai de suas obrigações, dialogam por convergirem para um mesmo sentido (a obrigação é apenas da mãe), ecoam concepções naturalizadas pela sociedade (de que a mulher já nasce “pronta” para ser mãe) e silenciam qualquer responsabilidade do homem, de modo a convencer a leitora de que, de fato, a gravidez irá prepará-la para a maternidade.

Corroboramos nossa discussão acerca da tentativa de projetar essa imagem de mulher responsável com base nas considerações de Arreaza e Tickner (2002), reenunciadas no capítulo 3. As autoras afirmam que o questionamento dos principais pressupostos do “pós-modernismo”, “pós-colonialismo” e “feminismo” é fundamental para que se possa reavaliar o pensamento moderno. No pós-modernismo, há uma série de concepções naturalizadas, como a racionalidade, reflexividade e autonomia, características atribuídas exclusivamente ao homem, mas que posteriormente são questionadas e desconstruídas, especialmente pelos movimentos feministas. No entanto, o que a notícia

em estudo evidencia é que o papel e imagem de mulher naturalizados desde o pós-modernismo estão presentes nas primeiras publicações para mulheres e ainda vigoram atualmente.

Portanto, a imagem de mulher “responsável” e que tem instinto protetor é projetada de modo a conservar a leitora no lugar que lhe é atribuído historicamente, de modo que ela não questione as imposições e exigências da sociedade acerca de suas obrigações. No caso da notícia AM01, o instinto de responsabilidade e de cuidado é atribuído à mulher para que ela adote animais abandonados e a realidade muda e, com base na imagem historicamente construída de mulher, a revista seleciona esse fato e notícia, ao mesmo tempo em que faz um apelo para a leitora, o que provavelmente não seria encontrado em revistas direcionadas a outros públicos. Na notícia MC02, as discussões trazidas e as informações apresentadas pela notícia, que retoma dados oferecidos pela pesquisa desenvolvida, ratificam a naturalização da maternidade e a obrigação da mulher em ser mãe e saber lidar com todas as mudanças, ao mesmo tempo em que conserva o lugar do homem apenas na esfera pública e o exime das responsabilidades da paternidade.

## 7.2 A MULHER “SAUDÁVEL”

A análise das notícias mostra que esses enunciados projetam para as leitoras a imagem de mulher cautelosa e precavida, que não abre mão da saúde e, portanto, que precisa sempre se cuidar (KNOLL, 2007; SCOTT, 1995). Entendemos que há a projeção dessa imagem na medida em que reenunciamos as discussões de Bakhtin (2014 [1975]) no que diz respeito às relações dialógicas, existentes somente no plano do enunciado. De acordo com o autor, a linguagem é pluridiscursiva graças às contradições sócioideológicas entre passado e presente, entre diversos grupos sócioideológicos, em um constante diálogo com vozes outras, às quais sempre haverá resposta ativa. Com base nessas considerações, entendemos que a projeção de imagem de mulher “saudável”, que sempre cuida da saúde e proporciona o bem-estar da família é construída pela reenunciação de dizeres oferecidos em uma pesquisa de modo a reforçar esses dizeres já naturalizados.

Um exemplo dessa imagem está presente na notícia AM02. A referida notícia explica que determinado estudo mostra as dificuldades enfrentadas por fumantes em conseguir empregos, posto que as empresas preferem funcionários não fumantes de modo que não precisem arcar com prováveis problemas de saúde que seus colaboradores poderiam enfrentar. Com base em Bakhtin (2010 [1929]),

entendemos que, em todo enunciado, há uma vontade criativa, uma posição ideológico-valorativa, com a qual sempre entramos em diálogo, já que as relações dialógicas são possíveis apenas entre enunciados concretos, e não entre palavras impessoais da língua. No caso da notícia AM02, percebemos que a publicação reenuncia dizeres de determinada pesquisa e os utiliza como argumentos de convencimento, isto é, são assimilados como verdades e que, trazidos no contexto da notícia, consubstanciam a projeção de imagem de mulher “saudável”, que sempre cuida da saúde e, portanto, que deve assimilar os dados oferecidos pelo estudo. Ao mesmo tempo, é mantido o distanciamento da autoria da notícia em relação a essas informações, já que esses dizeres são valorados como alerta para os futuros leitores, ou seja, como se a intenção da pesquisa fosse a conscientização dos leitores.

Como afirmam Bakhtin (2010 [1929]) e Volochínov (2013 [1930]), quando reenunciamos o discurso de outrem, ocupamos uma posição ativa em relação a essa voz, isto é, dialogamos e nos posicionamos em relação aos discursos outros que relatamos; em suma, estabelecemos sempre relações dialógicas com vozes outras. Na notícia analisada, há uma valoração negativa dos resultados da pesquisa realizada pela empresa e publicada na notícia AM02, já que essas consequências deveriam sempre ser evitadas pela leitora, além de haver o uso de estratégias para a construção de sentidos com base nas intenções discursivas da notícia e o constante reforço, para a leitora, de que deve manter sempre a saúde em dia e ter consciência das consequências negativas que irá sofrer caso tenha o hábito de fumar. Em suma, entendemos que toda linguagem é ideologicamente saturada (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929]) e, portanto, expressa uma posição avaliativa (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]).

Ainda em relação à notícia AM02, percebemos que os dados são apresentados sem a indicação do período de realização da pesquisa, apenas situando-a temporalmente de forma vaga com o adjetivo “recente”, além de não nomear a instituição que realizou esse estudo, como a pesquisa foi desenvolvida, etc. O apagamento das fontes faz com que a notícia perca credibilidade, já que outros possíveis resultados podem ter sido obtidos e ocultados, o que pode ser entendido como manipulação das informações. A discussão de Bakhtin (2010 [1929]) acerca da necessidade de demarcação da voz do sujeito que enuncia no movimento de assimilação desse dizer nos permite entender o porquê da perda da credibilidade, posto que, por não haver identificação da fonte, nem qualquer referência à empresa realizadora da pesquisa para que atue como discurso de autoridade, essa outra voz é silenciada e apagam-se

também as tonalidades dialógicas no contato com a palavra alheia, isto é, outros possíveis resultados construídos pela pesquisa mas que foram ocultados nesse movimento de reenunciação. Entretanto, esse silenciamento não significa que a construção dessa notícia alcance a neutralidade, posto que, conforme discutido na seção 2.2, todo enunciado é ideológico (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929]) e tanto a citação quanto o apagamento de vozes outras são marcas discursivas.

Ademais, esse apagamento da fonte e de informações pontuais acerca da pesquisa realizada podem ser entendidos também como resquícios da emergência da notícia em revistas femininas e a resistência que ainda existe no que se refere à publicação de gêneros que circulam na esfera jornalística em revistas direcionadas potencialmente ao público leitor feminino. Conforme discutido na seção 5.2, só recentemente as notícias começaram a circular nessas publicações, já que eram (e continuam sendo) voltadas para a vida privada. Mesmo com a publicação de notícias em revistas femininas, há manipulação das informações apresentadas e apagamento de informações importantes, o que pode ser entendido como resistência em manter as leitoras informadas e que o foco não incida na validade da pesquisa, mas na transferência da obrigação para a leitora. A seguir, reenunciamos alguns trechos da notícia analisada que evidenciam a posição valorativa da instância autoral quanto às informações apresentadas:

Ex. 8: “*Estudo recente comprovou um dado curioso: os fumantes têm até 30% menos chances de conseguir novo emprego [...]*” (AM02).

Ex. 9: “[...] *Uma das hipóteses para a desvantagem é o medo das empresas de terem de arcar com mais gastos com a saúde dos empregados fumantes. Há ainda uma segunda explicação: a de que eles, em geral, têm níveis menores de educação e menor qualificação para o mercado de trabalho, encontrando assim mais dificuldades em serem contratados. [...]*” (AM02).

No exemplo 8, o emprego do advérbio “recente” mostra que não há especificação quanto ao período de realização da pesquisa, nem indicação da instituição que fez e divulgou o estudo, conforme analisado anteriormente. Logo em seguida, a informação a ser apresentada é chamada de “dado curioso”, o que mostra a estratégia da notícia em atrair a atenção do leitor, já que informações concebidas como

curiosidades costumam atrair maior atenção dos leitores e também atribui o valor de novidade para o dado apresentado.

No exemplo 9, compreendemos que a análise das hipóteses levantadas pela notícia para justificar a rejeição das empresas comprova a assimilação dos dados por parte da instância autoral, como afirmado, pois Bakhtin (2011 [1979]) argumenta que a relação valorativa do falante com seu objeto do discurso determina as escolhas lexicais e gramaticais na construção do enunciado. No referido exemplo, entendemos que as escolhas lexicais não ocorrem de forma aleatória, mas de modo a atender a intenção discursiva da autoria da notícia, além de evidenciarem a relação valorativa estabelecida com o dizer da empresa realizadora da pesquisa. Os marcadores avaliativos “desvantagem”, “medo”, “arcar” e “dificuldades” reforçam a negatividade dessas possíveis consequências a serem enfrentadas pelas empresas num cenário construído, pois entendemos que a escolha desses marcadores está orientada pela projeção da avaliação negativa do hábito de fumar e que, reenunciadas nesse contexto, valoram negativamente as informações apresentadas. Consubstanciamos nossa posição ao evocarmos as discussões empreendidas na seção 2.2, na qual discutimos o fenômeno da refração, pois entendemos que as escolhas lexicais da notícia são guiadas pela apreciação da autoria e projetam a interpretação do real (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929]), para que seja assimilado pela leitora.

A orientação avaliativa (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]) da notícia frente às informações é ressaltada pelo constante uso dos advérbios de intensidade “menores”, “menos” e “mais”, que funciona como estratégia da autoria para reforçar a valoração negativa da realidade complicada dos fumantes, pois a intenção é ressaltar os prejuízos para a leitora, de modo que ela se aproxime dessa avaliação e, portanto, assimile a negatividade do hábito, conforme destacado no exemplo 9. A orientação avaliativa da notícia quanto aos resultados da pesquisa se volta para a antecipação da resposta por parte do leitor (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]).

Ainda, ao final, a instância de autoria manda uma espécie de recado para a leitora, pois altera levemente o estilo da última frase e a finaliza com uma interrogação, como se buscasse a concordância em relação ao que foi mostrado, caso semelhante ao que ocorre na notícia anteriormente analisada. O uso do marcador conversacional “né” e de pergunta retórica, ao final, convida o leitor a concordar com essa discussão, e, portanto, constrói o efeito de aproximação:

Ex.10: “[...] *De um jeito ou de outro, o vício atrapalha bastante a vida, né?*” (AM02).

Por não atender algumas das regularidades de construção da notícia, seja pela ocultação das fontes, ou pela mudança de estilo, a produção e publicação desse enunciado são orquestrados pelo projeto de dizer da notícia, que é o de levar a leitora a assimilar as informações discutidas, e não de mantê-la informada (CASTAÑEDA SALGADO, 2008), reverberações ainda do surgimento do “jornalismo feminino” voltado para a esfera privada e para a manutenção da mulher como dona de casa e pertencente apenas ao lar (cf. seções 5.1 e 5.2).

Com base em Castañeda Salgado (2008), entendemos que o objetivo fundamental da teoria feminista consiste em analisar os fatores de sustentação da desigualdade entre mulheres e homens, ou seja, o feminismo enquanto campo conceitual busca desconstruir concepções naturalizadas acerca do que se entende por ser mulher. Entretanto, enquanto construção social, esses dizeres sobre a mulher entram em diálogo com posições ideológico-valorativas outras no plano do sentido. No caso da notícia AM02, há o silenciamento de vozes que questionam o lugar subjugado no qual a mulher é constantemente colocada, e são enunciados dizeres que têm como objetivo contribuir com a manutenção da mulher nessas posições que evidenciam sua constante preocupação com a saúde.

Dessa maneira, a imagem de mulher “saudável”, que deve sempre cuidar da saúde é validada positivamente pela notícia, uma vez que a instância autoral busca projetar para a leitora e que esta, por sua vez, assimile e concorde com essa projeção de imagem. Ao mesmo tempo em que tentam mostrar à leitora a positividade dos cuidados com a saúde, as notícias repetem concepções naturalizadas acerca do que se espera da mulher adulta em termos de cuidados e de responsabilidade com a própria saúde e com a da família, dizeres que reverberam concepções historicamente sedimentadas e que até hoje atravessam esses discursos.

### 7.3 A MULHER “SEGURA”

A imagem de mulher segura aqui analisada é concebida em dois sentidos: (a) de mulher segura de si mesma em termos de autoestima e de relação com o próprio corpo e (b) de forma literal, na medida em que se projeta a imagem de mulher protegida, que tem alguém com quem contar para lhe defender em alguma situação de risco. Acerca da

primeira imagem, entendemos que há a tentativa de silenciar a mulher e evitar que ela questione a insegurança com a qual precisa conviver diariamente.

Temos um exemplo dessa imagem projetada na notícia CL01, na qual ocorre a assimilação e reenunciação dos dados da pesquisa realizada pela empresa “Dove”, bem como há o emprego de estratégias linguístico-textuais na retomada dos resultados do estudo. Para a discussão desse assunto, a referida notícia traz dados do Relatório Global de Autoconfiança Feminina, encomendado e divulgado pela “Dove”, e os resultados mostram que as mulheres que não se encaixam no padrão de beleza esperado, ou que questionam a uniformização da aparência da mulher, são inseguras e têm baixa autoestima, pois, ao se colocarem nesse lugar que vai de encontro ao que se espera da mulher adulta em termos de aparência, vivenciam situações desconfortáveis.

Narvaz e Koller (2006) explicam que a terceira onda feminista é marcada pela análise da diferença, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade (conferir capítulo 3). Graças a essas discussões, há um retorno para a individualidade da mulher, de modo a evidenciar a diversidade e a diferença. Há ecos desses dizeres na notícia CL01, posto que a referida publicação leva em conta a diversidade da beleza da mulher, mas os tons dialógicos que atravessam a notícia atuam apenas como estratégia de silenciamento e conformação da leitora. Dito de outro modo, a discussão apresentada pela notícia CL01 não questiona a imposição de padrões de beleza, já que a responsabilidade é passada para as mulheres e a autoria trata de forma superficial a questão da diferença.

Diferentemente do que Narvaz e Koller (2006) discutem sobre a análise da diferença, o foco da notícia incide sobre as mulheres que não se adequam a imposições socialmente construídas, já que a identificação dessas construções sociais sobre o que significa “ser bonita” não são usadas pela autoria para questionar as referidas imposições, e sim para constatar uma situação já naturalizada e analisar apenas as consequências.

Na análise da notícia CL01, primeiramente percebemos que há dissonâncias entre o sentido projetado pelo título da notícia e o que, de fato, é discutido no decorrer do texto. A seleção do léxico para a construção do título da referida publicação expressa a reação ativa da autoria quanto à posição das mulheres acerca dos padrões de beleza:

Ex. 11: “*Cada vez mais insatisfeitas, mulheres lutam contra padrões de beleza*” (Título da notícia CL01).



Ex. 12: “*Pesquisa realizada pela Dove, que ouviu mais de 10.500 mulheres de 13 países, revela uma baixa autoestima generalizada e crescente repulsa pelos padrões de beleza irreais ainda impostos pela sociedade” (Lead da notícia CL01).*

A dissonância percebida entre o título e o *lead* em relação à notícia em si é que, enquanto no título e *lead* a autoria sugere que as mulheres se colocam ativamente contra esses padrões e de fato “compraram a briga”, essa discussão é silenciada na notícia. Isso se justifica se entendermos que, historicamente, as mulheres são pressionadas a atenderem determinados padrões de beleza, que podem variar em diferentes culturas, mas que se assemelham ao normatizarem a referência de beleza feminina. Como a revista *Claudia* é pensada potencialmente para o público feminino adulto, o título e o *lead* projetam esse sentido na medida em que reverberam esses discursos, de modo a chamar a leitora para a discussão, mas sem mobilizá-la. Entendemos, conforme Bakhtin (2010 [1929]), que o encontro de diferentes vozes no plano do sentido sempre concretiza relações semântico-valorativas, sejam enunciados completos ou até mesmo palavras, desde que nelas se choquem duas ou mais vozes. No caso do título da notícia analisada, o uso dos termos “insatisfeitas” e “lutam contra” projeta o sentido de que as mulheres “compraram a briga” e se mobilizaram para questionar e derrubar as imposições (BAHRI, 2013; PINTO, 2010), dadas as condições e o contexto em que esses dizeres foram reenunciados.

No exemplo 12, o uso do verbo *dicendi* “revela” sugere uma conclusão relevante, isto é, atribui importância ao que foi constatado pelo estudo, instigando a leitora a ler o que vem a seguir. Essa orientação valorativa da notícia é ratificada pelo emprego do marcador avaliativo “crescente repulsa”, que dialoga com os movimentos feministas e discussões que questionam as imposições sociais ao nomearem esses padrões de beleza “irreais” e “ainda” impostos socialmente. Em outras palavras, há constante tensão entre dizeres que reforçam a manutenção de padrões de beleza e também vozes que questionam essas imposições, sendo que o *lead* busca mostrar a assimilação dessas vozes questionadoras, de modo a projetar para a leitora a imagem de que ela é segura de si mesma em termos de aparência, mas não a convida para juntar-se a movimentos que combatem essas determinações, de modo que a leitora não questione sua posição subjugada. Esse movimento de assimilação de discursos questionadores dos padrões de beleza não é mantido na notícia em si,

uma vez que a posição indicada no título e no *lead* dá lugar aos problemas de autoestima que as mulheres têm por causa dessa pressão social. Ou seja, o diálogo com os dizeres de movimentos feministas é silenciado, de modo que a mulher não se revolte de fato, mas que se sinta compreendida ao perceber que ela não é a única a enfrentar problemas de autoestima.

No exemplo 13, há o uso do verbo *dicendi* “afirmar”, que, além de demarcar a alternância de vozes, orienta a projeção de valor de verdade do discurso das mulheres. A assimilação dessa voz é ratificada pelo emprego do marcador avaliativo “importante”, posto que projeta a avaliação da autoria da notícia acerca das atividades das quais as mulheres abrem mão por causa da baixa autoestima. No exemplo 14, o enquadramento dos dizeres das mulheres projeta o valor de verdade dessas afirmações com a escolha do verbo “concordar”, além de projetar a imagem de força desse grupo de mulheres a partir do consenso para mostrar a leitora que também existem mulheres com o mesmo problema, mas não para convidá-la a questionar essa padronização naturalizada:

Ex. 13: “*Segundo o Relatório Global de Autoconfiança Feminina encomendado e divulgado hoje pela Dove, 92% das mulheres brasileiras afirmam abrir mão de importantes atividades (como sair com amigos ou entrar para um time no clube, por exemplo) quando se sentem insatisfeitas com a própria aparência*” (CL01).

Ex. 14: “*A boa notícia é que, apesar da baixa autoestima ainda muito presente nas mulheres do mundo todo, 77% delas concordam que a autenticidade é um grande valor e, um número ainda maior (86%), prefere encontrar a melhor versão de si mesma, respeitando suas características, do que seguir um padrão de beleza pré-estabelecido*” (CL01)

Em suma, entendemos que a materialização do estilo da notícia é balizada pela orientação valorativa da autoria em relação às informações reportadas e aos discursos enquadrados. As relações dialógicas estabelecidas entre dizeres de movimentos feministas, que reverberam no título e no *lead* da notícia, em contraposição a um discurso conformista, que perpassa toda a publicação e silencia a proposta trazida nos dois itens anteriores, evidenciam a tensão entre discursos que se enfrentam no plano do sentido, que tocam o mesmo tema, mas adotam posições ideológico-valorativas diferentes (BAKHITIN, 2010 [1929]).

Ao assimilar as vozes das mulheres que participaram da pesquisa e que enfrentam problemas semelhantes, a notícia busca a adesão da leitora por meio da valoração das mulheres como grupo coeso de modo que o leitor acompanhe essa projeção valorativa. Em outras palavras, a tentativa de projetar para o leitor uma imagem de grupo coeso envolve a intenção de que a leitora simpatize com as demais participantes da pesquisa em termos de problemas e dificuldades enfrentadas por não se adequarem aos padrões de beleza, já que essa reenunciação dos resultados da pesquisa não tem a intenção de levar a leitora a questionar essas imposições. Nessa medida, a notícia traz marcas discursivas que balizam a reenunciação dessas vozes, de modo que alcance a concordância da leitora. Além disso, os resultados da pesquisa são usados como constatação para os problemas que as mulheres enfrentam, e não para questionar essas imposições sociais.

A notícia GL03 atua como exemplo do segundo sentido analisado acerca da projeção da imagem de mulher “segura”, ou seja, de que as mulheres estão sempre protegidas e, apesar dos riscos enfrentados no dia a dia, sempre haverá alguém para protegê-las. O acontecimento relatado na notícia GL03, ocorrido nos Estados Unidos, envolve o transporte *Uber* e a atuação do motorista Keith Avila, que percebeu a intenção das mulheres que acompanhavam a adolescente e avisou a polícia.

Nesse sentido, a notícia valoriza positivamente os atos do motorista e da polícia, pois impediram o sequestro de uma adolescente e sua entrega a traficantes. :

Ex. 15: “*Motorista de Uber salva adolescente de sequestro e tráfico humano*” (Título da notícia GL03).

Ex. 16: “*Em vídeo, o herói mostra os traficantes sendo presos*” (Lead da notícia GL03).

Ex. 17: “***Keith Avila**, motorista de Uber, de 34 anos, deixou duas mulheres e uma adolescente em um hotel em Elk Grove na Califórnia, na última segunda-feira, dia 26. Durante o percurso, ouviu as mais velhas comentando que iriam entregar a menina para um homem chamado John em troca de dinheiro. [...] Atento ao crime que estava prestes a acontecer, Keith chamou a polícia, após deixar as três passageiras no local. [...]*”. (GL03)

De acordo com Bakhtin (2010 [1929]), as relações dialógicas não existem entre as unidades da língua, mas apenas entre enunciados concretos, mesmo que entre palavras, se não são palavras retiradas do sistema da língua, mas sim dizeres de outrem situados, pois estas palavras “devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 209). Portanto, entendemos que a reenunciação do fato por parte da notícia é realizada de forma valorada e situada, isto é, atravessada por posições ideológico-valorativas, quais sejam, as de que as mulheres não devem questionar as situações de risco que enfrentam e de que, mesmo com os riscos aparentes, as mulheres podem contar com alguém num momento de perigo.

No exemplo 15, a ação do motorista é valorada positivamente pelo uso do verbo de ação “salvar”, uma vez que a autoria discursiviza o acontecimento como retirada de alguém de uma situação de perigo. A escolha do verbo “salva”, portanto, mostra o movimento de assimilação da notícia acerca da atitude do motorista e o projeta para a leitora como algo positivo. Logo a seguir, no trecho 16, a notícia se refere ao motorista pelo uso do substantivo “herói” como modalizador que indica a atitude responsiva da notícia frente à ação do motorista, reiterando a orientação apreciativa frente ao acontecimento. A escolha desse termo em especial ratifica a discussão de Bakhtin (2010 [1929]) quando o autor explica que as relações dialógicas podem ocorrer até mesmo entre palavras, se nelas ouvimos a voz do outro, ou seja, se elas são socialmente situadas e constituem posições ativas. Com base nisso, compreendemos que a expressão “herói” reverbera concepções histórica e culturalmente naturalizadas acerca do papel do homem como forte, corajoso e que deve proteger a mulher, vista como frágil.

Por fim, no exemplo 17, ao narrar as ações que resultaram na prisão dos traficantes, o emprego do adjetivo “atento” em referência à posição de Keith, e a nomeação do acontecimento como “crime” modalizam a avaliação da atitude do motorista, vista positivamente e enaltecida, o que ainda reverbera a imagem de homem forte, heroificado e, por outro lado, de mulher frágil e silenciada (ARREAZA; TICKNER, 2002; CASTAÑEDA SALGADO, 2008), ratificando a discussão trazida no parágrafo anterior. Nessa medida, a referência feita ao motorista do *Uber* reverbera discursos outros que atravessam a notícia e dialogam com o discurso da autoria, de modo a projetar para a leitora a imagem de mulher sempre “segura”, que será salva por um “herói” quando estiver em perigo.

Além disso, Arreaza e Tickner (2002) explicam que o feminismo reconhece alguns dos entraves provocados pelo pós-modernismo e pelo pós-colonialismo, sendo alguns exemplos desses entraves a exclusão da categoria de gênero, o silenciamento do sujeito e a perpetuação de binarismos, pois são questões consideradas importantes mas que foram silenciadas. Se relacionarmos as discussões das autoras com a discursivização dos fatos nas notícias analisadas, é possível notarmos resquícios ainda dessas discussões atuando na constituição das notícias, no que será ou não dito e como as vozes outras são reenunciadas. A assimilação positiva da atitude do motorista no caso noticiado tem subsídio na construção social da imagem de homem como representante da força e da coragem, que pode proteger a mulher do perigo, o que remete ao binarismo mencionado pelas autoras. A atitude tomada pelo motorista poderia ter sido também tomada por qualquer outra pessoa que estivesse em seu lugar. No entanto, por ser uma figura masculina, sua atitude é louvada como ato heroico. Ademais, a projeção dessa imagem pelas notícias não é uma decisão aleatória da autoria da notícia, uma vez que é de interesse das editoras manter esse binarismo na relação entre homem e mulher, de sustentar a mulher nesta posição de fragilidade, mas que pode contar com um homem para protegê-la.

Em suma, a projeção da imagem de mulher “segura”, nos dois sentidos possíveis, são estratégias das revistas para que a leitora assimile a posição das editoras, uma vez que tanto a imagem de mulher segura em termos de autoestima e de segurança num sentido literal devem ser aceitas pela leitora para que ela não questione os padrões de beleza que são impostos e que “castigam” as que não se adequam a eles, e para que ela não lute por segurança especialmente em lugares públicos.

#### 7.4 A MULHER “CORAJOSA”

A imagem de mulher corajosa foi identificada em diversos momentos, uma vez que é projetada de modo a mostrar ao leitor que há alguém buscando os direitos das mulheres. Ao mesmo tempo, a revista não convida o leitor a participar desses movimentos, especialmente ao público feminino no que se refere à luta pela conquista e manutenção dos direitos, pois é de interesse do jornalismo feminino que o lugar da mulher casada e com filhos se mantenha estável. Em outros termos, a revista não convida a leitora para participar dessa busca pelos direitos, não a leva a pensar criticamente a sua própria condição nem a coloca como agente de mudanças de sua realidade, pois manter esse seu lugar

na esfera familiar é justamente a intenção das revistas e, de forma mais ampla, da sociedade de forma geral.

Um exemplo de projeção dessa imagem de mulher corajosa está presente na notícia CL02 e diz respeito à mulher que questiona concepções naturalizadas acerca das desigualdades e dificuldades que enfrenta numa sociedade ainda machista (MOHANTY, 1984; NARVAZ; KOLLER, 2006). Entendemos que essa imagem é projetada pela mobilização do léxico para a construção da referenciação no decorrer da notícia quando a autoria se refere à Malala Yousafzai, sendo que essa seleção lexical é balizada pela orientação valorativa da notícia acerca da imagem de Malala, a qual é idealizada a todo momento. Os termos usados para se remeter a ela valoram positivamente sua imagem, como a “Nobel da Paz”, a “ativista paquistanesa”, “símbolo de persistência e coragem”, presentes nos exemplos 18, 19 e 20, respectivamente:

Ex. 18: “*Nós não vamos aceitar um mundo onde decisões sobre o nosso futuro são tomadas em espaços em que mulheres não têm acesso*’, disse a Nobel da Paz durante discurso no município de Dadaab, Quênia” (CL02).

Ex. 19: “[...] a ativista paquistanesa conhecida mundialmente por ter arriscado a própria vida para lutar pelo direito das mulheres à educação passou a última terça-feira (12) visitando o maior campo de refugiados do mundo [...]” (CL02).

Ex. 20: “Símbolo de persistência e coragem, Malala, pessoa mais jovem a ser laureada com o Nobel da Paz, em 2014, chamou a atenção para o que parece ser a maior crise dos refugiados em nível global, em seu discurso [...]” (CL02).

Ex. 21: “*Nós não vamos aceitar um mundo onde decisões sobre o nosso futuro são tomadas em espaços em que mulheres não têm acesso*’, disse Malala em uma das partes mais inspiradoras e emocionantes de seu discurso” (CL02).

No exemplo 21, o emprego dos marcadores avaliativos “inspiradoras” e “emocionantes” demarca a orientação valorativa da notícia em relação ao discurso de Malala, isto é, indica movimento de assimilação dessa voz e reenunciação com o intuito de conquistar a adesão da leitora. É possível afirmar também que a escolha desses

marcadores projeta um movimento de modalização afetiva, posto que enxergamos a entonação expressiva (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]) como manifestação evidente da posição avaliativa da notícia com referência ao discurso reportado, já que os termos usados se remetem aos sentimentos despertados pelo discurso.

No entanto, conforme constatado anteriormente, é mostrado à leitora que a realidade na qual Malala atua está distante da sua, que a ativista exerce atividades em locais como campos de refugiados, países com leis rígidas e opressoras, lugares que enfrentam guerras civis, etc., de modo a mostrar para a leitora que a sua própria condição é confortável e positiva e, portanto, que não precisa ser mudada. Esse movimento de conformação da leitora em relação a sua própria condição ratifica a discussão de Bahri (2013), já que é de interesse da própria revista manter a leitora no lugar onde está, que ela não questione sua condição nem que busque seus direitos. Bahri (2013) ratifica a importância do próprio lugar de fala da mulher e a necessidade da constante leitura crítica de discursos outros. A autora reenuncia a discussão em torno da representação da “Mulher do Terceiro Mundo”, mas que, em termos de empoderamento, pode servir como suporte para análise da referida notícia, pois o interesse em não mobilizar a leitora, em não levá-la a questionar sua condição nem tomar a palavra revela as intenções que motivam esse silenciamento da leitora.

Em contraposição à imagem de Malala, construída a partir da seleção de termos que, reenunciados numa nova situação de interação, atualizam os sentidos projetados desses signos num fenômeno-enunciado histórico (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]), a notícia projeta um movimento de afastamento do discurso contrário ao ressaltar a natureza do grupo “terrorista” que insiste em atacar determinadas regiões do país:

Ex. 22: *“O grupo terrorista Al-Shabab, ligado à Al-Qaeda, prometeu continuar atacando a região oriental do país, onde está localizado o campo, que já vem vitimando dezenas de refugiados desde 2011. [...]”* (CL02).

A construção verbal “prometeu” introduz e avalia o discurso do grupo terrorista na medida em que a posição semântica dada pela notícia em relação a esse discurso é de alerta, pois projeta o sentido de comprometimento do grupo nas suas ações. Ademais, o advérbio de tempo “já” e a locução verbal “vem vitimando” reforçam o tom de ameaça do discurso do grupo assimilado e projetado pela notícia. As estratégias linguístico-enunciativas empregadas pela notícia na

discursivização dos dizeres do grupo terrorista projetam a atitude valorativa da posição autoral frente ao discurso enquadrado e reenunciado.

O enquadramento da fala do grupo terrorista, que se coloca como força contrária à atuação de Malala, reforça a construção de sua imagem heroificada e da urgência de intervenção no contexto em que ela atua, o que dispensa a interferência na condição da leitora. Nessa medida, a relação de sentido concretizada entre dizeres de diferentes orientações ideológico-valorativas (BAKHTIN, 2010 [1929]) ratifica o movimento de assimilação da notícia acerca da atuação de Malala, de modo que a leitora também assimile essa imagem de forma positiva.

Nessa medida, a imagem de mulher corajosa é construída pelas diferentes formas de referenciação empregadas pela revista, que ressaltam a posição ocupada por ela, sendo que é trazido o discurso da renovação, ou seja, atuam as forças centrífugas. Em contraponto, a urgência e a ameaça sugeridas pelas marcas discursivas na reenunciação da voz do grupo terrorista valoram negativamente a manutenção dessa violência, diálogo que também evoca discussões feministas em torno da necessidade de tomada da palavra pela mulher e de se colocar coletiva e ativamente na busca por seus direitos (ADRIÃO, 2008; ALVAREZ, 2014; HALL, 2003), ou seja, atuam também forças centrípetas, prevalecendo, portanto, a tentativa de convencer a leitora de que sua realidade está distante das situações nas quais Malala intervém.

Outro exemplo de projeção da imagem de mulher corajosa está presente nas notícias que evidenciam as situações de risco enfrentadas pelas mulheres, bem como diversos crimes que receberam repercussão e levantaram essa discussão em torno da segurança. Em face disso, o diálogo entre as diferentes fontes que relatam os acontecimentos enfrentados pelas mulheres, os discursos enquadrados que procuram alertar para essas condições enfrentadas constantemente e que trazem números de ocorrências registradas, projeta a imagem de mulher insatisfeita e que deve tomar a decisão de denunciar esses casos. Entretanto, assim como no exemplo anterior, a intenção das revistas em projetarem a imagem de mulher que pode denunciar os casos, é que ela passe a fazer as denúncias, e não a questionar sua situação de insegurança. Em outros termos, o apoio que é dado à mulher diz respeito às possibilidades de denúncia dos casos de violência, mas não de levá-la a pedir mais segurança ou de questionar a naturalização da violência no transporte público.

Ratificamos nossa discussão com base em Bakhtin (2014 [1975]) quando o autor explica que todo discurso é dialogicamente



orientado e, portanto, sempre dialoga em uma interação viva e intensa com discursos outros. Na notícia analisada a seguir, as vozes reenunciadas se encontram no plano do sentido e dialogam acerca da condição da mulher, sendo que essas vozes são estrategicamente orquestradas de modo que sua atitude responsiva seja antecipada e sejam evitados quaisquer questionamentos da insegurança pública.

Uma das notícias que buscam incentivar a leitora a denunciar os crimes e levá-la a assimilar essa imagem de mulher “corajosa” consiste na publicação CL03. Nessa notícia, a voz da polícia é reenunciada com o intuito de apresentar os índices de ocorrência de casos de abuso sexual no transporte público, que aumentaram de 92 para 119 em um ano, considerando os crimes formalmente denunciados. A discursivização dessas informações projeta a orientação valorativa da notícia pelo marcador avaliativo “apenas”, pois avalia negativamente o aumento do índice em um espaço considerado curto. Além disso, atribui a relevância de informar que esses valores dizem respeito aos casos não contabilizados ao empregar o marcador avaliativo “importante”:

Ex. 23: *“O número de ocorrências foi de 92 para 119, em apenas um ano. É importante ressaltar que os dados não contabilizam os abusos que não foram denunciados às autoridades [...]”* (CL03).

Ao enquadrar o discurso da polícia, a notícia emprega recursos linguísticos que reforçam a intenção dessa instituição em incentivar as denúncias, pois mostra que há resultados caso as vítimas registrem queixa:

Ex. 24: *“No mesmo período analisado, as ocorrências de violação sexual mediante fraude aumentaram de dois para três. Mediante denúncia, os agressores responsáveis por praticarem tal ato podem ser condenados a cumprir na prisão uma pena prevista de 2 a 6 anos. Quando se trata de estupro, o levantamento aponta que o número caiu de seis para zero. O tempo de reclusão estimada para os estupradores pode chegar até uma década”* (CL03).

Para informar as consequências que podem ser sofridas pelos acusados, a notícia utiliza a condicional “mediante denúncia”, pois reforça que isso só é possível caso haja queixa formal. Além disso, especificam a informação de que a pena seria cumprida “na prisão”, o

que a *priori* já se espera que ocorra, mas que, ao ser enunciada, reforça para a leitora o sentimento de segurança e justiça, já que o denunciado acabaria preso. No caso de estupro, o uso do modalizador “até” reforça o senso de justiça, pois orienta o leitor para essa compreensão de que a pena cumprida pelo denunciado será rigorosa e justa.

Há também estratégias de aproximação com o leitor indicada pelo uso do marcador conversacional “você” de forma explícita e pela desinência verbal, pois cria elos de adesão e incentiva o internauta a denunciar, conforme o exemplo a seguir:

Ex. 25: “[...] *Caso você esteja em perigo em alguma das estações de metrô, o número de denúncia é 97333-2252, caso esteja na CPTM, o telefone é 97150-4949*” (CL03).

Com base na análise desenvolvida, entendemos que as estratégias discursivas empregadas pela autoria da notícia não ocorrem de forma aleatória, mas guiadas pelo movimento de assimilação das informações apresentadas pela polícia, que avaliam os dados e índices fornecidos como relevantes para as leitoras, e pela intenção de obter a convergência do público quanto à valoração desses dados. Ademais, o silenciamento das vítimas, conforme a discussão de Bahri (2013), pode funcionar como estratégia para não despertar a indignação das mulheres, dado que o incentivo está na realização das denúncias, e não no reforço da segurança, e a passagem da palavra para as vítimas poderia consistir em uma facilitação de seu empoderamento ao serem ouvidas (FEMENÍAS, 2007).

O diálogo entre as vozes da autoria da notícia e da polícia reforça essa projeção de sentido na medida em que retomamos a discussão de Bakhtin (2010 [1929]) quanto às relações semântico-valorativas. O autor afirma que as relações dialógicas só existem no plano do sentido, uma vez que não são possíveis entre as unidades da língua, sendo que, no caso da notícia, ocorre o diálogo entre a voz de autoridade, ou seja, a polícia, que toma para si a responsabilidade de manter a segurança da mulher, da questão da violência contra a mulher, especificamente no que se refere aos casos de assédios, discussões geralmente trazidas por movimentos feministas, e a voz da autoria da revista, que, reenunciando as discussões de diferentes sujeitos, enquadra esses dizeres de modo que seja projetada, para a leitora, a imagem de mulher segura e que ela não precisa questionar o descaso com a violência, e sim apenas denunciar caso seja vítima.

Temos outro exemplo na notícia TPM01, uma vez que a publicação em análise busca levar a leitora a assimilar essa imagem de mulher corajosa. No entanto, diferentemente dos casos anteriores, há uma tentativa de empoderamento da mulher, de passagem da palavra a ela, de modo que consiga falar sobre os casos de violência sofridos como forma de sensibilizar a sociedade e para que a própria vítima consiga superar o trauma. Entendemos que isso se dá por causa da posição ideológica na qual a revista se coloca, intitulando-se como inovadora pois aborda questões consideradas polêmicas. Conforme discutido anteriormente, a revista *TPM* busca se distanciar de revistas como *Claudia*, *Ana Maria*, *Marie Claire* e *Glamour*, uma vez que as discussões trazidas pela *TPM* não ganhariam espaço nas demais publicações.

Sendo assim, entendemos que a notícia TPM01 projeta sua atitude valorativa frente aos dados a partir da seleção de elementos linguístico-discursivos que balizam a materialização de sua posição ativa no enquadramento de diferentes vozes na construção da notícia, como no exemplo a seguir:

Ex. 26: “*Muitas, que até então escondiam suas histórias ou por vergonha, ou por medo, conseguiram tomar coragem para quebrar o silêncio” (TPM01).*

Há o emprego do verbo de ação “esconder” para designar o silenciamento das mulheres sobre suas histórias, o que valoriza esse ato como uma tentativa consciente de ocultar determinado fato. Sendo assim, ao empregar esse verbo em especial, a posição autoral da notícia reenuncia a ação das mulheres de forma valorada, pois, ao caracterizá-la como tentativa consciente de omitir os assédios sofridos por elas, consubstancia a posição de solidariedade e, ao mesmo tempo, projetam essa avaliação para a leitora, de modo a orientar sua atitude responsiva.

Por outro lado, a decisão das mulheres de trazerem à tona essas histórias é indicada valorativamente pelo emprego da locução verbal “conseguiram tomar”, isto é, a posição autoral valoriza a atitude como um passo de superação, de que a exposição das histórias ocorreu de forma bem sucedida e sinaliza uma conquista por parte das vítimas. A caracterização dessa atitude pelo marcador discursivo “coragem” ratifica a valoração positiva da autoria quanto às ações empreendidas pelas mulheres. Ao final, o emprego da metáfora “quebrar o silêncio” funciona como modalizador que ratifica a valoração atribuída à decisão

das mulheres em relatarem suas histórias e a força desse ato (COSTA, 2013; CYPRIANO, 2013; FEMENÍAS, 2007).

A apreciação da autoria em torno do projeto sobre o qual se remete na notícia ressalta a importância de dar voz às mulheres, e as escolhas lexicais para se referir à ocultação e revelação das histórias indicam a posição ideológico-valorativa da notícia, qual seja, de que busca a adesão do leitor ao seu discurso e que também valore positivamente essas informações como meio para que a sociedade tome conhecimento do sofrimento dessas mulheres. Um dos parágrafos da notícia traz que a intenção é justamente fazer com que a sociedade conheça essa realidade (WEEDON, 2007):

Ex. 27: “[...] *Para que a prática da denúncia não perdesse a força, a documentarista Paula Sachetta, 28 anos, criou o projeto ‘Precisamos Falar do Assédio’, que será lançado na semana em que se comemora o Dia Internacional da Mulher*” (TPM01).

A reenunciação do objetivo que impulsionou a criação do projeto é concretizada de modo a ressaltar sua principal finalidade. Para tanto, a seleção da conjunção “para que”, assim como sua disposição sintática no início da frase, antecipam para a leitora a justificativa de realização do projeto, como se apresentasse uma justificativa para a produção desse filme.

A partir das considerações acerca da notícia TPM01 e com base nas discussões de Bakhtin (2010 [1929]) no que se refere às relações dialógicas, percebemos que o diálogo entre as vozes da criadora do projeto e do seu relato pela notícia a partir do enquadramento de vozes de participantes do projeto constrói uma orientação valorativa que se intenta oferecer às leitoras, qual seja, do incentivo para que as mulheres falem sobre o que sofreram, que isso não vire apenas mais uma estatística, bem como a busca da conscientização do interlocutor, enfim, de engajamento na causa.

Ex. 28: “[...] *Parceira da iniciativa, a Secretaria Municipal de Política para as Mulheres vai disponibilizar uma funcionária para acompanhar as mulheres que precisarem de acompanhamento jurídico ou psicológico*” (TPM01).

Ex. 29: “***Toda e qualquer mulher** pode gravar seu relato. Se interessou? Então se liga no dia e horário das gravações e vai lá”* (TPM01).

O uso do verbo “precisar” no trecho 28 ratifica a atenção que deve ser destinada às mulheres de forma individual e que os casos não são somente estatísticas, mas necessitam de apoio constante. Em outras palavras, a seleção do verbo modal deôntico “precisar” e seu uso nesse enunciado atualizam seu sentido, de modo que ratifica o incentivo para que as mulheres busquem a ajuda oferecida, pois o sentido não seria o mesmo se a escolha da autoria fosse outra, como o verbo “quiser” ou a forma “tiver interesse”, que não projetariam a mesma urgência.

No exemplo 29, há diversos marcadores avaliativos no convite feito pela autora. Primeiro, a repetição dos pronomes indefinidos e o destaque a ambos consiste numa estratégia discursiva para dar ênfase à receptividade do projeto e incentivar a participação. Ou seja, o uso reiterado dos pronomes “toda” e “qualquer” deve ser entendido como estratégia de convencimento das leitoras, por meio do reforço, de que há abertura a todas as interessadas. Ademais, o marcador conversacional “você” é usado em diversos momentos com o intuito de aproximar notícia e leitora e estreitar laços, assim como no uso dos marcadores conversacionais “se interessou?”, “se liga” e “vai lá”. Há também o uso de pergunta e resposta como estratégia de convencimento da leitora, já que sua possível resposta ativa é antecipada (a de que há a assimilação da leitora e interesse na participação) e, logo em seguida, respondida pela autora da notícia com o objetivo de incentivar a participação do público.

Por fim, o uso do verbo “ir” na forma imperativa projeta uma ordem encoberta para que a leitora faça parte do projeto, ratificando a importância atribuída pela revista e de convencê-la de que vale a pena participar. Ressaltamos que esse uso do imperativo é, ainda, modalizado, já que a expressão “se liga” geralmente é usada em contextos menos formais e entre interlocutores que já possuem certos níveis de intimidade. A forma verbal “vai lá” também é modalizada de modo a não projetar a ideia de ordem para a leitora, e sim de incentivo e de empoderamento pela coletividade (ARREAZA; TICKNER, 2002).

Além disso, entendemos ser relevante esclarecer as aproximações e os distanciamentos dessa notícia quanto ao enunciado anteriormente analisado. Ressaltamos que a notícia TPM01 difere da CL03 na medida em que oferece a possibilidade de empoderamento das mulheres por meio da publicação dos assédios que sofreram, o que pode funcionar tanto como meio de superação do trauma, como reconhecimento público do que as mulheres enfrentam. Entretanto, percebemos que, semelhante

ao caso da notícia CL03, o foco está apenas na “remediação” dos acontecimentos e não há questionamento da naturalização da insegurança para a mulher, da grande quantidade de assédios em transporte público tida como normal e o silêncio de autoridades em relação a esses crimes. Embora a proposta da notícia TPM01 se aproxime do que propõem Arreaza e Tickner (2002), há outras questões, acima mencionadas, que merecem atenção e discussão, mas que foram silenciadas em ambas as notícias.

Vale ressaltar que o incentivo da revista *TPM* para que as mulheres falem sobre suas histórias é possibilitada pela posição em que ela mesma se coloca em relação às demais, conforme dito, de modo que questões como superação de traumas por parte das vítimas enquanto atos de coragem parte de movimentos de apoio às mulheres. No entanto, ainda silencia discussões que questionem a persistência da violência, conforme ocorre na notícia CL03, o que demonstra ainda a resistência por empoderar as mulheres e silenciar questões que possam mobilizá-las na busca de seus direitos.

A revista *TPM* ainda traz outra notícia que projeta a imagem de mulher “corajosa”. Nela, as vozes reenunciadas são assimiladas pela autoria e envolvidas pela aura avaliativa que projeta o movimento de concordância e, assim, constroem a imagem de mulher corajosa, que deve ser assimilada pela leitora, embora, de fato, os silenciamentos privem as mulheres de participarem de discussões que questionem as condições já naturalizadas socialmente. A notícia TPM03 trata dos protestos que pedem o fim da violência contra a mulher, movimentos esses que acontecem desde 2015 e que ganharam força após o assassinato de uma adolescente argentina de dezesseis anos em 2016.

A notícia reenuncia vozes de mulheres que participaram dos movimentos, sendo que, no contexto da notícia, funcionam como vozes de autoridades para projetar para a leitora a força e o peso do protesto, como se houvesse a intenção de mostrar que algo está sendo feito por elas. Para tanto, os dizeres da notícia se ancoram no paradigma do feminismo como propiciador do empoderamento das mulheres (ARREAZA; TICKNER, 2002), que questiona a desigualdade de direitos, e na proposta da categoria de gênero como construção social para ruptura com o determinismo biológico (KNOLL, 2007; TAMANINI-ADAMES, 2010) e a naturalização da desigualdade de gêneros:

Ex. 30: “*Muitas* vozes argentinas se *unem*, desde o ano passado, para dizer ***basta***. ***Basta*** de violência contra a mulher, ***basta*** de desigualdade de direitos” (TPM03).

A notícia TPM03 é iniciada com o trecho acima, no qual a autoria projeta a orientação valorativa no enquadramento dessa voz por meio de diversas estratégias e recursos linguístico-enunciativos. O uso do advérbio “muitas” e do verbo “unem” projetam a ideia de grandiosidade do movimento, já que as projeções de sentido do léxico escolhido funcionam como marcadores avaliativos do fato noticiado e, nesse contexto, projetam para a leitora a percepção de união desse grupo. Além disso, o destaque em negrito dado na versão original à interjeição “basta” e a estratégia de repetição desse termo que indica insatisfação e reprovação evidenciam a orientação apreciativa da notícia quanto ao acontecimento reportado. Ou seja, a repetição desse termo na notícia, em diálogo com a orientação valorativa da autoria no que se refere ao fato reportado, não se torna redundante, pois funciona como recurso linguístico de convencimento e busca da adesão da leitora, por meio do reforço desse sentimento de indignação.

Além da modalização de seu discurso e da projeção de sua atitude valorativa acerca do fato reportado, a notícia também enquadra a voz de Vanina Escales, integrante do movimento argentino “Ni Una Menos”, que ratifica a importância de juntar forças para combater essa situação de vulnerabilidade vivida pela mulher, não somente no Brasil, mas também em países vizinhos, como Argentina, Chile e Bolívia (COSTA, 2013; CYPRIANO, 2013; WEEDON, 2007). Enquanto participante do movimento e incentivadora do fim da violência, a voz de Escales é reenunciada como discurso de autoridade, que ratifica a indignação projetada no trecho anterior:

Ex. 30: “*A violência de gênero não pode ser pensada como um problema isolado. A população feminina é a que tem maior precariedade laboral e maiores problemas de desemprego e é sobre ela que recai a violência’, diz Vanina Escales, integrante do coletivo **Ni Una Menos**. Segundo ela, é preciso pensar nas estruturas sobre as quais esta violência se assenta. ‘Desde a primeira marcha os debates no governo não puderam se esquivar dos problemas vividos por mulheres e travestis. Foi-se o tempo em que as mulheres eram um adicional minoritário dentro dos partidos políticos. Hoje somos sujeitos de peso’, afirma” (TPM03).*

A voz da participante é trazida essencialmente de forma direta, introduzida pelos verbos *dicendi* “dizer” e “afirmar”, que, além de delimitarem a alternância dos sujeitos do discurso e darem relativo acabamento à voz reenunciada (BAKHTIN, 2011 [1979]), ratificam sua posição de autoridade na medida em que é passada a palavra. Na citação indireta, introduzida pelo conector “segundo”, a autoria da notícia ressalta que “é preciso” pensar na raiz do problema, sendo que a escolha dessa expressão consubstancia a voz da autoridade ao enfatizar a necessidade de discussão como única opção de acabar com essa violência.

O discurso de Escalles coloca a mulher numa posição diferente da que culturalmente é situada, pois é enfática ao afirmar que as mulheres têm “maior precariedade laboral” e “maiores problemas de desemprego”, observações que questionam a posição inferiorizada da mulher. Com base nas considerações sobre os avanços dos movimentos feministas (cf. capítulo 3), nas quais discutimos sua atuação na conquista dos direitos das mulheres especialmente no contexto latino-americano, percebemos que essas colocações estão ancoradas nas discussões em torno da desconstrução da imagem inferiorizada da mulher, ou seja, trazem os tons avaliativos das discussões dos estudos feministas e essas tonalidades dialógicas penetram o discurso de Escalles, além de ser assimilado pela notícia pela urgência projetada no uso da expressão “é preciso”, conforme mostrado no parágrafo anterior.

Assim como a reenunciação da voz de uma participante do movimento, assimilada como autoridade pela notícia, a passagem da palavra às mulheres que participaram do protesto consiste num movimento que desloca o poder para si (KNOLL, 2007), pois a conscientização das mulheres permite que elas questionem a situação em que se encontram.

Além disso, a valoração positiva da notícia acerca dos protestos realizados pelas mulheres latino-americanas ratifica as discussões de Femenías (2007) quando a autora afirma que a tomada da palavra pela mulher latino-americana permite o empoderamento e a construção de sua própria identidade. Ao orientar a assimilação da leitora, a notícia evoca a discussão de Femenías (2007) acerca da necessidade do lançamento de olhares críticos sobre discursos excludentes e reducionistas, e, no caso dos motivos que culminaram na realização dos protestos, de lutar por mais segurança para as mulheres e para que a sociedade atente para a gravidade dos crimes que as acometem. Para



isso, se vale de diversas estratégias para obter a adesão do olhar crítico da leitora.

Se antes o lugar da mulher era na residência e seus deveres eram de cuidar dos filhos, do marido e se manter sempre de acordo com os padrões de beleza, as vozes reenunciadas e enquadradas nessa notícia afirmam o contrário, posto que a revista ancora essa orientação apreciativa (ALVAREZ, 2014). A situação das mulheres é reconhecida por elas mesmas, assim como seu papel na luta pela conquista de direitos e o peso de sua participação política, seja pelo movimento de reenunciação do discurso de autoridade, seja pela assimilação de seus posicionamentos. Ao final, a autoria da notícia conclui a publicação com um parágrafo no qual apoia e ratifica a relevância desses movimentos:

Ex. 31: “*Mais do que tirar o nó da garganta, os cantos das mulheres exteriorizavam a indignação de anos vividos com medo. Medo de andar à noite na rua. De terem direitos violados. De serem estupradas. De morrer. Elas dizem chega porque se querem vivas” (TPM03).*

O apoio é projetado pelas escolhas lexicais da notícia, como, por exemplo, a repetição de determinado termo, movimento empregado em outros momentos na mesma publicação e que funciona como estratégia retórica de persuasão, especialmente pelo paralelismo no uso da conjunção “de” introduzindo os diversos temores enfrentados pelas mulheres, repetindo o sentido projetado pela frase “Medo de andar à noite na rua”. O emprego da expressão “nó na garganta” tem função discursiva ao ser usado como marcador avaliativo, por indicar uma sensação que geralmente tem origem emocional, como ansiedade, medo e angústia e que é aliviada pela exteriorização desses sentimentos. No caso da notícia, as mulheres se livram desse “nó” ao exporem seus medos, sua indignação e repulsa pelas situações de risco constantemente vivenciadas, já que o sentido projetado pela metáfora em questão é atualizado pelos tons valorativos que perpassam a notícia.

A autoria da notícia ainda reforça esse posicionamento das mulheres nos protestos, pois o uso do verbo “dizer” no presente afirma que a ação não acabou, mas que o protesto continua a ocorrer. Ademais, usa uma conjunção explicativa para introduzir a justificativa das movimentações como estratégia de apelo emocional na busca da adesão do leitor, já que, no fim, elas lutam pelo direito de viver. Em resumo, entendemos que a construção desse parágrafo de fechamento é orientada pela relação que se espera do leitor, qual seja, de concordância e adesão,

sendo que essa antecipação da atitude responsiva do outro é realizada por meio de diversas estratégias, como a repetição, uso de metáforas e de modalizadores.

Ainda assim, ressaltamos que a revista *TPM* não se coloca totalmente numa posição de questionadora da posição subjugada da mulher. Conforme Bakhtin (2010 [1929]), sabemos que todo enunciado responde a outro, e as diferentes vozes necessariamente entram em relações dialógicas. Com base nisso, afirmamos que a revista em questão, mesmo se colocando distante em relação às publicações *Claudia*, *Ana Maria*, *Marie Claire* e *Glamour* (cf. seção 4.3), ainda marca seu lugar de semelhança quanto às demais, posto que os dizeres que reverberam discussões feministas, de críticas à violência contra a mulher e o questionamento da naturalização de seu lugar social entram em tensão com o que a sociedade impõe, o que se espera que as mulheres adultas façam (ou que, por outro lado, o que não espera delas), que são concepções culturalmente instituídas e, se duramente questionadas, poderiam custar a manutenção da revista. Frente a isso, entendemos que a revista se coloca em uma posição diferente em relação às demais aqui analisadas, mas, ao mesmo tempo, salvaguarda seu lugar, de modo que as discussões trazidas não ameacem sua existência.

Dessa maneira, assim como nos casos anteriores, há a intenção de mostrar a leitora que algo está sendo feito, mas que, ao mesmo tempo, não há viabilidade na sua participação, pois não é feito um convite para que o público se engaje nesses movimentos ou saiba como participar.

## 7.5 A MULHER DE “SUCESSO”

A imagem da mulher de “sucesso” é projetada nas notícias com o intuito de convencer as leitoras de que há chances delas se tornarem mulheres de sucesso e que podem conquistar cargos de chefia. Há, portanto, a tentativa de levar a leitora a entender que há direitos iguais e que basta ela ter interesse em subir de cargo que isso será possível. Para tanto, a construção dessa imagem se dá a partir de silenciamentos no que se refere às dificuldades das mulheres em ocuparem cargos vistos como adequados apenas aos homens, de alcançarem posições de liderança ou chefia ou até mesmo de receberem salários equivalentes aos dos homens, já que é bastante comum as mulheres receberem salários menores, apesar de realizarem as mesmas funções. Assim como nos casos anteriores, as notícias que projetam essa imagem de mulher de “sucesso” almejam o silenciamento da leitora, isto é, que ela continue no

seu lugar e que não se mobilize contra as imposições sociais que é levada a atender, pois ela assimila a projeção de que está tudo ao seu alcance, caso queira subir de cargo.

Na construção dessa imagem de mulher, reenunciamos as discussões de Arreaza e Tickner (2002) quando as autoras explicam que um dos pontos de convergência dos diferentes movimentos feministas diz respeito à busca da agência e do empoderamento, bem como a superação da opressão masculina, de modo que a mulher possa ocupar posições mais igualitárias. O que as autoras propõem, que é a constante luta pelos direitos das mulheres, especialmente em contextos bastante desiguais, como a situação da mulher latino-americana, são silenciados pelas notícias, uma vez que a intenção das revistas não é convidar a leitora para a busca pelos seus direitos, nem instigá-la a criticar sua posição, mas de assimilar os dizeres da instância autoral como verdades e acreditar que, de fato, esses direitos já foram conquistados. Para isso, as notícias assimilam as vozes de autoridades que consubstanciam a imagem de mulher empreendedora, de sucesso, independente, etc., sendo que esses dizeres são trazidos para convencer a leitora da “facilidade” para conquistar cargos desejados.

De modo a entendermos como a instância autoral constrói movimentos de assimilação das vozes reenquadradas, analisamos as marcas estilísticas empregadas pela posição autoral, com o fim de esclarecermos que elementos linguístico-discursivos são mobilizados para a projeção dessas orientações semântico-valorativas e, portanto, que sentidos são construídos por essas publicações, assim como consideramos as relações de sentido que se concretizam entre as vozes reenquadradas nas publicações analisadas, a voz da instância autoral e dizeres outros que são silenciados para não provocar o olhar crítico da leitora.

A notícia GL02 constrói essa imagem a partir de movimentos de assimilação das vozes de mulheres que se encontram na posição de liderança, da narração de histórias de mulheres empreendedoras e da discursivização de dados e exposição de índices de crescimento do número de mulheres que adentram no empreendedorismo com sucesso como forma de empoderamento feminino (ARREAZA; TICKNER, 2002). A seguir, reenunciamos um dos trechos da notícia, no qual o discurso da CEO do *Facebook*, Sheryl Sandberg, é reportado de forma direta:

Ex. 32: “*No futuro não haverão [sic] mulheres líderes, apenas líderes’.*  
*A autora da citação é Sheryl Sandberg, CEO do Facebook*  
*desde 2008” (GL02).*

A notícia é introduzida com a citação de Sheryl Sandberg, sendo que sua voz é reenunciada como discurso de autoridade: em vez do emprego de verbos *dicendi* na citação direta do discurso do outro, a indicação da autoria é feita pela expressão “autora da citação”, posto que, para a notícia, é interessante ressaltar a posição de liderança ocupada pela interlocutora evocada, que é de CEO do Facebook, como estratégia para consubstanciar a discussão trazida no decorrer da publicação (ALVAREZ, 2014). A sigla CEO significa “chief executive officer” e designa o presidente executivo ou diretor geral de uma empresa.

Além disso, na mesma notícia, há a apresentação de diversos casos de sucesso, de mulheres que seguiram os passos da CEO e conseguiram alavancar seus empreendimentos. Esse enquadramento dos discursos é realizado de modo que a leitora assimile as informações apresentadas e se considere capaz de seguir o mesmo caminho. Para tanto, essa informação é apresentada por meio da antecipação de uma possível pergunta da leitora, como se fosse esperada essa reação do interlocutor, que é respondida logo em seguida:

Ex. 33: “*Exemplos de histórias? Os cases de Zica Assis, da rede de salões e marca de cosméticos para cabelos cacheados Beleza Natural, que hoje emprega mais de 4mil mulheres; de Milena Curado, que fez do bordado um grande negócio social na cidade de Goiás, inspirada pela avó – e ela ainda ensinou a técnica pra presidiários e eles multiplicam o conhecimento, além de produzir –; e da Ana Paula Padrão, que além de apresentadora, também empreendeu, e comanda as empresas Tempo de Mulher e Touareg Conteúdo, e multiplica o conhecimento na Escola de Você, que ajuda as mulheres a acreditarem no seu poder. E por aí vai...” (GL02).*

A pergunta trazida pela notícia antecipa uma possível atitude responsiva da leitora, que diz respeito à veracidade das informações discursivizadas. Ressaltamos que a estratégia de utilizar a sequência pergunta-resposta realizada pela mesma voz cruza dialogicamente posições ativamente responsivas enunciadas pela posição de autoria no movimento de antecipação da reação ativa do outro (BAKHITIN, 2010

[1929]). Ademais, são apresentados os casos também como antecipação da instância autoral para a possibilidade de a leitora não conhecer nenhuma história de sucesso envolvendo o empreendedorismo feminino. A estratégia empregada na discursivização da resposta à pergunta levantada pela própria autoria consiste na repetição e no paralelismo sintático, usados como recursos persuasivos ao citar “os casos de Zica Assis”, “de Milena Curado”, “e da Ana Paula Padrão”. A repetição reforça as informações reenunciadas, a fim de que a leitora assimile essas informações, ou seja, funciona como marcador avaliativo ao projetar a valoração positiva dos dados para convencimento do leitor. Ao final, deixa em aberto que existem inúmeros outros exemplos semelhantes aos que foram citados ao usar a expressão “E por aí vai...”, mas dá um tom de mistério, para instigar a leitora a confiar nos seus argumentos.

Ademais, entendemos que os diversos casos de sucesso mencionados na publicação GL02 não estão lá por acaso. São elencados de modo a mostrar às leitoras que elas podem alcançar cargos de chefia e de liderança, como as demais fizeram. No entanto, o que é silenciado nessa seleção de diversas “histórias de sucesso” é que elas são exceções, e não seguem a “regra” da maioria dos casos. Femenías (2007) explica que o contexto latino-americano tem caráter excludente e reducionista, daí a necessidade de se questionar sempre as concepções naturalizadas que subjagam a mulher. Nesse panorama latino-americano, podemos entender que a notícia GL02 busca convencer a leitora de que ela poderá ter acesso a direitos que na verdade lhes são constantemente negados, pois, conforme as discussões de Femenías (2007), o feminismo latino-americano se faz necessário justamente para combater o caráter opressor vigente.

Em nossa análise, reenunciamos as discussões trazidas na seção 2.2 de nosso referencial teórico, na qual tratamos dos conceitos de refração, ideologia e valoração. Bakhtin (2010 [1920/1924]) explica que viver significa se posicionar em relação a valores, pois entendemos, conforme o autor, que a ideologia entrecruza todas as atividades humanas, uma vez que, sempre que enunciamos, respondemos e nos posicionamos em relação a dizeres outros. Ainda sobre a questão da ideologia e responsividade, Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) afirmam que, no uso concreto da linguagem, não descrevemos o mundo, mas o refratamos, pois é na palavra que se entrecruzam valores e posições axiológicas. Desse modo, entendemos que o uso da linguagem, sob uma perspectiva dialógica, nunca é neutro, por mais que haja a tentativa de apagar vozes contrárias.

Tendo como base as considerações anteriores, analisamos que a notícia GL02 busca mostrar dados para a leitora de modo que evidenciam somente o lado positivo, ou seja, o cenário “favorável” em termos de empreendimento feminino, ao mesmo tempo em que oculta o outro lado da questão, conforme o exemplo a seguir:

Ex. 34: “***O cenário atual:*** #ElaFazHistória chega num momento em que existem cerca de 8 milhões de empreendedoras no Brasil, segundo o Sebrae. Se somarmos o mercado informal, o número chega a 22 milhões. Nos últimos dez anos, o número de empreendedoras por aqui cresceu 16%. E, de acordo com o Facebook, o número de mulheres que têm páginas de negócios na rede social dobrou no último ano – estamos abrindo negócios, hein? (GL02).

O trecho anterior é trazido como estratégia de convencimento da leitora acerca das condições favoráveis para o empreendedorismo feminino, uma vez que somente o lado positivo é evidenciado: existem cerca de 8 milhões de empreendedoras no Brasil, número que pode chegar, considerando as que trabalham informalmente, a até 22 milhões; o número de empreendedoras no Brasil cresceu 16% em dez anos e há o dobro de mulheres com páginas de negócios no *Facebook* em relação ao ano passado. As informações que mostram o pequeno avanço se comparado ao cenário nacional, as desigualdades em relação aos salários recebidos e a dominação masculina ainda vigente são apagadas pelo movimento de assimilação das informações apresentadas como estratégia de convencimento da leitora. Ao final, ainda há um comentário feito por parte da autoria da notícia de modo a se aproximar da leitora. Com uma pergunta retórica, a instância autoral busca a concordância da leitora quando questiona: “estamos abrindo negócios, hein?”, o que ratifica a avaliação positiva dos dados apresentados.

Os dados apresentados no exemplo 34 dialogam com as informações discutidas no exemplo 33, posto que ambos projetam movimentos de assimilação das informações apresentadas e convergem para uma mesma compreensão: a positividade do cenário empreendedor feminino. O posicionamento da revista em relação aos dados apresentados valoriza positivamente as informações, de modo que constrói uma orientação valorativa positiva acerca do cenário atual. Em suma, o reenquadramento axiologicamente valorado dos dados apresentados constitui uma estratégia da revista em consubstanciar sua orientação positiva dos dados e levar a leitora a acreditar nessa

igualdade de direitos no espaço empreendedor, enquanto que dizeres outros, como por exemplo discussões trazidas por Arreaza e Tickner (2002) sobre a necessidade de busca dos direitos da mulher latino-americana e a constante luta por igualdade, são apagados para manter a positividade do cenário apresentado.

Ressaltamos que essa imagem é projetada considerando também a antecipação por parte das revistas no que se refere às possíveis atitudes responsivas da leitora e nas suas crenças e posições valorativas no que se refere à posição social da mulher. Essa imagem de mulher de “sucesso” é projetada para a leitora uma vez que a própria instância autoral entende que essa orientação valorativa será assimilada, ou seja, que haverá movimento de concordância da leitora em relação à posição ideológico-valorativa da revista, e não o questionamento dessa aura otimista que envolve as informações trazidas.

## 7.6 A MULHER “AUTÔNOMA”

A imagem de mulher “autônoma” é projetada como resposta às demandas trazidas pelos movimentos feministas, isto é, como força contrária em relação a movimentos que buscam questionar relações hierárquicas entre homens e mulheres. Dito de outro modo, as notícias respondem aos movimentos feministas e reenunciam suas discussões de forma manipulada na medida em que discursivizam essas discussões de modo a convencer a leitora de que, atualmente, esses direitos foram conquistados e as demandas estão sendo atendidas. Nessa medida, a instância autoral das notícias busca mostrar à leitora que ela é “independente” e “autônoma” em termos de decisões sobre seu próprio corpo, pois é de interesse das revistas que as mulheres continuem a acreditar nessa independência aparente.

Na notícia MC03, são trazidas as vozes de duas autoridades, que são o governo dos Estados Unidos e o periódico da área médica “JAMA Psychiatry”, convergentes no plano do sentido ao perpassarem o mesmo objeto do discurso (BAKHTIN, 2011 [1979]). De um lado, o governo dos Estados Unidos tem leis obrigando as mulheres interessadas em realizarem um aborto a terem conhecimento dos possíveis danos à saúde mental que essa decisão pode causar. Do outro, a atuação da psiquiatria no estudo desses riscos e os resultados da pesquisa, os quais mostram que a proibição do aborto, e não sua realização, é um fator que causa ansiedade e baixa autoestima. Em suma, a notícia traz duas vozes que tratam do mesmo assunto, mas que adotam posições divergentes acerca das consequências da decisão de ser realizar um aborto.

As vozes do governo dos EUA e dos psiquiatras e psicólogos entram em confronto no plano do sentido (BAKHTIN, 2010 [1929]) e estabelecem inter-relações dialógicas ao serem enquadradas na notícia, uma vez que assimilam pontos de vista distintos acerca das consequências da realização do aborto para a saúde mental das mulheres. Enquanto que na voz do governo reverberam dizeres do discurso da tradição e, geralmente, da religião, isto é, trazem discursos da tradição, as vozes da área médica trazidas na notícia analisada ecoam discursos científicos, já que procuram embasar seus argumentos em estudos desenvolvidos e, portanto, esses dizeres atuam como forças centrífugas (BAKHTIN, 2014 [1975]) enquanto discurso da renovação. A intenção da publicação é mostrar a mulher que a proibição está sendo questionada, uma vez que os especialistas da área médica trazem argumentos para mostrar as consequências da proibição.

Entretanto, entendemos que a intenção da autoria da notícia em reenquadrar esses dizeres acima mencionados consiste em projetar para a leitora a imagem de mulher que ganha cada vez mais independência, já que os argumentos da área médica são assimilados e trazidos de modo a questionar concepções naturalizadas, mas, ao mesmo tempo, é silenciado o fato de que, para tomar a decisão de manter ou não a gravidez, a mulher precisa do “aval” de outras instâncias, ou seja, precisa de comprovações científicas para que possa ter o direito de realizar o aborto caso deseje. Em síntese, o encontro entre dizeres que atravessam o mesmo objeto do discurso e a tensão criada nesse enfrentamento atende aos objetivos da instância autoral em mostrar à mulher que há argumentos a seu favor e que ela se torna cada vez mais independente, mas silencia o fato de que essa “independência” e “autonomia” na verdade não pertencem a elas nem dependem de sua vontade. Desse modo, concordamos com Bakhtin (2010 [1929]) quando o autor afirma que:

Duas palavras de igual peso sobre o mesmo tema, desde que estejam juntas, devem orientar inevitavelmente uma à outra. Dois sentidos materializados não podem estar lado a lado como dois objetos: devem tocar-se internamente, ou seja, entrar em relação semântica. (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 216).

A seguir, exemplificamos esse diálogo e a projeção dos sentidos mencionados com alguns trechos da notícia analisada:



- Ex. 35: “*Nos Estados Unidos, vários estados têm leis que exigem que as mulheres procurem serviços de aborto avisando sobre os potenciais riscos à saúde mental que a interrupção de uma gravidez pode causar a longo prazo. Um documento do governo do Texas diz que mulheres costumam relatar uma gama de emoções após o procedimento, como depressão, flashbacks e pensamentos suicidas, mostrou uma reportagem do The Huffington Post*” (MC03).
- Ex. 36: “*Porém, segundo um novo estudo publicado na última quarta (14) pelo JAMA Psychiatry, mulheres que abortaram não apresentaram risco de depressão ou ansiedade nos cinco anos que se seguiram após o procedimento*” (MC03).
- Ex. 37: “*Nós não temos nenhuma evidência de que o aborto cause danos para a saúde mental’, disse à publicação a psicóloga social M. Antonia Biggs, principal autora do estudo*” (MC03).
- Ex. 38: “*Por outro lado, mulheres aos quais o direito ao aborto foi negado relataram maior ansiedade e autoestima diminuída logo após a recusa. ‘Se estamos realmente preocupados com a saúde mental das mulheres, deveríamos estar apoiando de fato a expansão do acesso ao aborto.’, argumenta Biggs*” (MC03).

As marcas discursivas na reenunciação das duas instâncias mostram o movimento de avaliação negativa do governo dos EUA e de assimilação das vozes de especialistas da área médica. No exemplo 35, o uso do marcador avaliativo “exigir” valora a determinação da lei como imposição, sem que a mulher tenha escolha a se submeter ou não aos serviços, ou seja, como intimidação. Nos exemplos de 36 a 38, é apresentado o contraponto ao discurso trazido pelas leis promulgadas nos Estados Unidos. No trecho 36, o uso da conjunção “porém” demarca a tentativa da autoria em ratificar a oposição de vozes e a assimilação dos dizeres da área médica. Para tanto, são enquadradas duas vozes de autoridades que refutam as leis: o periódico médico “JAMA Psychiatry”, que traz publicações de várias especialidades médicas e, dentre elas, a psiquiatria, e a voz da psicóloga social Antonia Biggs, especialista na área e principal autora do estudo divulgado pela notícia MC03.

No trecho 37, há a nomeação da autora da citação e também a indicação de sua participação no estudo, o que ratifica a propriedade de seus argumentos, já que é especialista na discussão. No exemplo 38, a voz da psicóloga social é introduzida de forma direta pelo verbo *dicendi* “argumentar”. Essa escolha projeta segurança na tomada da palavra por parte da psicóloga, pois, reenunciando a posição da especialista valorada como argumento válido, seu discurso é assimilado e projeta valor de verdade para a notícia, favorecendo o ponto de vista que apoia o aborto.

Ademais, percebemos que, enquanto que ao reenunciar os argumentos do governo, não é apresentada nenhuma voz de autoridade para ratificar a imposição da lei, os argumentos contrários a este são consubstanciados com dizeres de autoridades no assunto e ratificados com publicações da área médica. Essa estratégia de apresentar argumentos favoráveis a determinada perspectiva e silenciar outros quando é apresentada uma posição contrária ratificam a tensão existente entre esses dizeres e a intenção de levar a leitora a assimilar a posição que traz argumentos mais “convincentes”, de modo que

As relações de acordo-desacordo, afirmação-complemento, pergunta-resposta, etc. são relações puramente dialógicas, mas não são, evidentemente, relações entre palavras, orações ou outros elementos de uma enunciação, mas relações entre enunciações completas. (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 216).

Portanto, há relações semântico-valorativas entre a posição autoral da notícia e as três vozes que valoram um tema em comum: os danos mentais causados pela negação ou permissão do aborto. Dentre essas vozes, há um posicionamento que reforça as consequências negativas, já que o emprego do termo “exige” entende que o conhecimento das consequências dessa prática é imprescindível. As demais se contrapõem à afirmação de que a prática do aborto traz danos mentais, sendo que, por serem especialistas na área, as marcas discursivas de reenunciação dessas vozes dão a orientação valorativa conforme o projeto de dizer da revista. Em suma, as vozes reenunciadas no contexto da notícia não são estranhas umas às outras, pois se enfrentam no plano dos sentidos, sendo que esses dizeres projetam diferentes valorações acerca do objeto do discurso e entram em relações dialógicas (BAKHTIN, 2014 [1975]). Observamos também que houve o silenciamento da mulher, o que, conforme as discussões do capítulo 3, funciona como estratégia de centralização do poder nas mãos de poucos.

Além disso, Knoll (2007) explica que algumas das unidades centrais dos movimentos feministas consistem na discussão da condição feminina e contestação do patriarcalismo, sendo que esses questionamentos foram possíveis a partir da apropriação da noção de gênero social. Essa noção busca desconstruir a organização social da relação entre os sexos com base no determinismo biológico. Nesse sentido, o questionamento do determinismo biológico e a compreensão de gênero como construção social são de grande importância para os movimentos feministas na medida em que constituem caminhos possíveis para que a mulher possa ter maior autonomia sobre seu próprio corpo. Com base nisso, entendemos que a notícia MC03 objetiva mostrar à leitora que ela tem direitos sobre seu corpo e que ela ganha cada vez mais autonomia, mas a análise da orientação valorativa da notícia mostra que, na realidade, são instituições outras que decidem sobre o corpo da mulher, se ela deve ou não realizar o aborto, como ocorre entre o governo do estado do Texas e estudiosos da psiquiatria. Nesse embate, a mulher não tem voz nem se coloca acerca do que, de fato, quer ou não fazer; quem decide por ela são instituições como o governo, a classe médica, grupos políticos, etc.

Assim como a questão da interrupção ou não da gravidez, há também discussões em torno da prática pública de amamentação que envolvem a autonomia da mulher sobre seu próprio corpo e que, portanto, envolvem a questão da independência e autonomia da mulher. A notícia MC01 fala da polêmica levantada por causa da prática da amamentação em lugares públicos, assunto que ganhou espaço na mídia e gerou discussões, conforme os excertos a seguir:

Ex. 39: “*Chega de tabu! Papa Francisco defende a amamentação em público*” (Título da notícia MC01).

Ex. 40: “*O Papa Francisco fez um pronunciamento importante sobre amamentação em público neste domingo (09), durante uma cerimônia marcada pela presença de mães na capela Sistina. Segundo o pontífice, as mulheres não precisam hesitar em alimentar os seus bebês dentro das igrejas*” [...] (MC01).

Ex. 41: “*Em um momento em que a amamentação em público ainda é encarada como tabu, o apoio do Papa reforça a necessidade de se naturalizar o ato*” (MC01).

Na notícia, a reenunciação da voz do Papa exerce significativa influência por causa da posição que ocupa como autoridade máxima da Igreja Católica. Retomamos as discussões de Bakhtin (2014 [1975]) no que se refere ao enunciado e às relações dialógicas concretizadas entre palavras pertencentes a sujeitos distintos. Segundo o autor, todo enunciado sempre toca os fios ideológicos existentes, já que sempre participa ativamente do diálogo social. Com isso, entendemos que a retomada da voz do Papa na notícia envolvendo comentários sobre a amamentação reverbera a posição de autoridade por ele ocupada, pois ele teria o consentimento público de se colocar acerca desse assunto e ser ouvido. Caso uma mulher que passou por algum constrangimento ao amamentar seu filho questionasse as situações de constrangimento que enfrentou, por exemplo, provavelmente não teria a mesma repercussão, já que seus dizeres não seriam assimilados como um discurso “perito” acerca dessa questão. Assim, ao ser retomado numa discussão que envolve a amamentação, ainda vista como tabu quando ocorre em lugares públicos, o discurso apoiador do Papa Francisco é assimilado pela notícia de modo a legitimar a proposta de naturalização da prática, o que pode ser notado na forma como a notícia se remete a ele, ressaltando sua posição de pontífice (ex. 40).

O próprio título da notícia (ex. 39) mostra o pronunciamento do Papa Francisco como um “divisor de águas” entre o que é ou não considerado como tabu, já que sua atitude responsiva à polêmica envolvendo as mães e a prática da amamentação avalia de forma negativa as críticas que as mulheres receberam. Em suma, a reenunciação da voz do Papa consiste numa estratégia de convencimento da leitora por meio do movimento de concordância com a voz de autoridade para que ela assimile a imagem de mulher cada vez mais independente e autônoma.

No exemplo 41, a autoria da notícia modaliza essa visão negativa apresentada pela sociedade ao empregar o advérbio “ainda”, ou seja, o uso desse modalizador mostra que a instância autoral entende o estranhamento da amamentação em público como algo que não deveria mais acontecer, convergindo com a opinião do Papa e reforçado por esse discurso de autoridade. Ainda no exemplo 41, a notícia valoriza o discurso do papa como movimento de “apoio” e consequente “reforço” da posição que a autoria projeta. Em outros termos, a voz do Papa é enquadrada, no contexto da notícia analisada, como “apoio” à causa, valorando esse dizer como aprovação. Ademais, para evidenciar a participação do Papa como aliado e obter a adesão da leitora, emprega o marcador avaliativo “reforçar”, já que, conforme Bakhtin e Volochínov

(2009 [1929]), as escolhas léxico-gramaticais não se dão de forma aleatória na construção do enunciado, pois toda tomada da palavra está orientada para o outro e também envolve a vontade de dizer do interlocutor. Se a intenção da autoria da notícia é de convencer a leitora de que ela possui seus direitos de fato, a construção da notícia se orienta para esse projeto discursivo e para a antecipação da resposta do outro.

Logo, assim como no caso da notícia anteriormente analisada, há a intenção de mostrar à leitora que ela pode decidir se irá ou não amamentar seu bebê em locais públicos, ou seja, de que ela tem esse direito de escolha e que ela é “independente” e “autônoma” para tomar tal decisão. No entanto, o que o enquadramento do discurso do Papa mostra é que ela precisa de um “aval” de uma autoridade como ele de modo que se sinta livre para decidir se irá ou não amamentar seu filho em público, isto é, a mulher pode ter a concepção de que é independente, mas só se os discursos institucionalizados concordarem com ela e se houver o consentimento da sociedade. A notícia também tenta mostrar aproximações com os movimentos feministas que ressaltam a necessidade da mulher ter direitos sobre seu próprio corpo como estratégia de convencimento da projeção dessa imagem, conforme discutido por Knoll (2007), mas essa reenunciação é feita de modo que a mulher assimile a imagem de autônoma e que seus direitos foram, de fato, conquistados.

Com base nas imagens de mulher analisadas no presente capítulo, é possível concluirmos que as notícias projetam essas imagens a partir da projeção dos interesses de seu público leitor, isto é, os motivos que levam o leitor a buscar determinada revista e as notícias que são publicadas. Conforme discutido anteriormente, o leitor que acessa as revistas *Ana Maria*, *Claudia*, *Marie Claire* e *Glamour* tem posições axiológico-valorativas distintas do leitor da revista *TPM*, por exemplo. Uma vez que a escolha do leitor em ler a *TPM* ou as demais publicações se orienta pelos seus interesses e pela sua valoração acerca da posição que a revista ocupa, esta busca justamente atender as expectativas de seu público e, ao mesmo tempo, procura sua concordância em relação ao que é publicado, de modo que a relação de proximidade entre revista e leitor seja fortalecida.

Ademais, a orientação valorativa das revistas quanto ao seu público potencial tanto na antecipação de seus interesses e possíveis atitudes responsivas, quanto na seleção do que será ou não publicado para esses leitores, são construções sociais. Knoll (2007) explica que uma das demandas dos movimentos feministas consiste na desconstrução da identidade feminina socialmente definida a partir do

questionamento das instituições sociais. A noção de gênero social, de acordo com Knoll (2007), se mostra relevante para que haja a problematização de concepções naturalizadas, especialmente no que se refere ao determinismo biológico e binarismos entre os sexos. Sendo assim, percebemos que as revistas ocupam posições ideológico-valorativas distintas desses movimentos feministas, de modo que há apagamentos de questões como gênero social e outras demandas desses movimentos, para que a leitora não questione sua situação e sua condição social. A revista *TPM*, apesar de se colocar em uma posição ideológica diferente das demais, ainda traz silenciamentos, apagamentos e estratégias para manter a mulher no seu lugar, pois se colocar em uma posição abertamente contrária ao que se espera das revistas para mulheres poderia custar sua circulação, conforme discutido.

Nessa antecipação de interesses e atitudes responsivas do público leitor, são projetadas as imagens de mulher responsável, saudável, segura, corajosa, de sucesso e autônoma, de modo que a leitora entenda que já conquistou seus direitos, de que essas demandas feministas foram atendidas, ao mesmo tempo em que a discursivização dessas imagens mantém a mulher nessas mesmas posições. Portanto, as revistas ratificam esse papel de mulher cuidadosa, que tem instinto maternal e está naturalmente preparada para lidar situações que necessitam de cuidados delicados; de mulher que cuida da saúde, dá exemplo à família e cria os filhos para seguirem seus passos; a mulher corajosa, que busca seus direitos e que faz algo por todas as mulheres, mas que não convida a leitora a se aliar nessa luta; a mulher de sucesso, que, segundo os sentidos projetados pela notícia analisada, tem os mesmos direitos que os homens na busca por cargos mais altos e que basta ter interesse em conquistá-los. Por fim, há a imagem de mulher autônoma, que pode decidir sobre o seu próprio corpo e de que há diferentes instituições que ratificam esse direito, mas, na verdade, quem decide por ela são instituições outras, sendo que cabe à mulher se adequar a essas determinações.

Após a análise das imagens de mulher discursivizadas nas notícias publicadas em revistas *online*, trazemos, no capítulo seguinte, as considerações finais.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo que orientou o desenvolvimento desse estudo se assenta na busca da compreensão da(s) imagem(ns) de mulher discursivizada(s) pelas notícias publicadas em revistas *online* potencialmente destinadas à mulher adulta. Para o desenvolvimento desse estudo, baseamos a pesquisa em três suportes teóricos: nos estudos do Círculo de Bakhtin e de interlocutores contemporâneos filiados à Análise Dialógica do Discurso; na Teoria do Jornalismo, especialmente no que diz respeito ao jornalismo de revistas *online* e à publicação do gênero *notícia*, desde sua circulação em jornais até a emergência do gênero em questão nas revistas potencialmente destinadas às mulheres e, por fim, nas Teorias Feministas, que ofereceram subsídios para compreendermos os principais pontos de convergência entre os movimentos feministas, as demandas fundamentais do contexto latino-americano e de que modo esses dizeres reverberam nas notícias e dialogam com vozes outras enquadradas e valoradas pela instância autoral.

Sendo assim, para desenvolvermos a análise das imagens discursivizadas nas notícias, primeiramente buscamos esclarecer as condições de publicação e circulação do gênero *notícia* na esfera jornalística e, especificamente, no jornalismo de revistas *online*. A partir do estudo da dimensão social do gênero *notícia* (cf. capítulo 4), orientamo-nos pela compreensão do grande e pequeno cronotopo e concluímos que, em relação ao primeiro, o gênero *notícia* emerge a partir do interesse acerca dos fatos que não podemos presenciar e essa “responsabilidade” é atribuída pela esfera jornalística a esse gênero, ao projetá-lo como sistema perito (GIDDENS, 1991) na função de selecionar e discursivizar os acontecimentos em níveis local e global, além de criar a aura da imparcialidade e neutralidade das notícias como forma de eximir a editora de possíveis comprometimentos com o que é ou não veiculado.

No caso da circulação do gênero *notícia* em revistas, há ainda dois fatores a serem considerados, que são a emergência do gênero no suporte revista e as reacentuações que a publicação de notícias em um novo suporte projeta. Assim, sabemos que, *a priori*, a revista não consiste no principal suporte do gênero, já que a frequência de circulação inviabilizaria a publicação das notícias. No entanto, o surgimento da internet, a criação de versões *online* dessas revistas e a possibilidade de atualização constante dos *sites* propicia a circulação dessas notícias em espaços que não lhes eram destinados.

Ademais, observamos que há constantes movimentos de reacentuação do gênero *notícia* quando publicado em revistas, posto que constantemente o discurso da notícia é intercalado com enunciados de outros gêneros, o que ratifica a hibridização do gênero e sua reorganização. Percebemos que alguns dos fatores atuantes nessa reacentuação do gênero *notícia* são as peculiaridades desse novo suporte e as regularidades que caracterizam as revistas femininas nas quais circula e o intuito de atender as necessidades da esfera, que, em nosso estudo, mostra a intenção das revistas em estreitarem laços com a leitora e conquistarem sua fidelidade, de modo que há constantes marcas estilísticas que ratificam esse empreendimento.

Ainda nas considerações acerca da dimensão social do gênero *notícia*, analisamos o pequeno cronotopo a partir do estudo (i) do lugar discursivo e da periodicidade de publicação das notícias e (ii) da posição de autoria e o interlocutor previsto. No que se refere ao lugar discursivo, o estudo mostra que os espaços de ancoragem das notícias ainda não estão bem definidos nesse suporte, já que, enquanto a revista *Claudia* dedica uma seção apenas para a publicação desse gênero, as demais não dispõem espaços exclusivos para a circulação de notícias, o que pode ser explicado pela sua emergência em revistas. Em termos de periodicidade, não há regularidade constante de publicação do gênero, pois a construção das notícias é organizada ao se orientar especialmente a acontecimentos que podem ser de interesse do público leitor potencial, mesmo que não atendam a todos os critérios do valor notícia conforme propõe Traquina (2008).

Quanto à posição de autoria, analisamos que a instância autoral envolve a participação de diferentes agentes e instâncias, os quais exercem funções específicas e, portanto, lançam múltiplos olhares às produções de modo a acompanharem a posição ideológica ocupada pela revista e de realizarem a função que lhes foi incumbida no processo de escrita, reescrita, revisão e publicação do gênero. Além disso, a atuação dessas instâncias se orienta pela pauta, definida, por sua vez, com base nos interesses projetados em relação à interlocutora prevista. Sobre esta, concluímos que participa ativamente na construção as publicações na medida em que, com base em seus interesses e objetivos, a revista dá atenção a fatos em especial e silencia outros acontecimentos, ao mesmo tempo em que reenquadra esses acontecimentos de forma valorada.

Além do estudo da dimensão social, analisamos também a dimensão verbal do gênero em questão, na qual identificamos a projeção de seis diferentes imagens de mulher. Essas imagens são valoradas a partir das escolhas linguísticas da posição autoral, isto é, do estilo do



enunciado, das temáticas e assuntos reportados, bem como pelas projeções ideológico-valorativas acerca dos fatos e das vozes enquadradas, de modo que determinados sentidos sejam projetados para a leitora. As escolhas, por sua vez, se orientam com base na possível atitude responsiva da interlocutora prevista, de modo que ela assimile os discursos trazidos, e nos interesses que levam esse público a acessar determinada revista e não outra, para que suas expectativas sejam atendidas.

No caso da revista *TPM*, por exemplo, afirmamos que ela se coloca numa posição distinta em relação às demais que constituem nosso universo de análise, de modo que o público espera que essa revista traga discussões mais polêmicas e aborde questões consideradas tabus, que não ganhariam espaço em revistas como *Ana Maria*, *Claudia*, *Glamour* ou *Marie Claire*. Entretanto, mesmo ocupando determinada posição ideológica, a revista em questão deve também manter semelhanças com as demais publicações, ou seja, não deve ser totalmente distinta das outras revistas que circulam nem se colocar numa posição mais radical, uma vez que caso uma revista como a *TPM* contrariasse explicitamente o que a sociedade espera dela e o que seria aceito publicamente, provavelmente seria prejudicada pela pressão social, como aconteceu com revistas outras antigamente (cf. capítulo 5).

Considerando as condições de circulação das revistas femininas e, portanto, de publicação do gênero *notícia*, foram analisadas seis imagens de mulher. Uma delas consiste na mulher “responsável”, que pode sempre se colocar ativamente em situações nas quais seja útil, isto é, deixa de ocupar uma posição passiva e, de fato, age socialmente. No entanto, essa imagem de mulher responsável ratifica a naturalização do instinto maternal da mulher, de que ela tem habilidades inatas no que se refere a atividades que necessitem de maior delicadeza e reforçam concepções de que a mãe é a responsável pelos cuidados com o filho, por exemplo, o que funciona como estratégia para eximir as responsabilidades do pai.

Também é projetada a imagem de mulher “saudável”, que pensa mais em si mesma e que, de fato, se preocupa mais consigo, estratégia usada pelas revistas para mostrar a leitora que os tempos mudaram e que ela pode se preocupar também com sua saúde, e não se dedicar exclusivamente aos cuidados da família. Entretanto, o que de fato é projetado para as leitoras é que ela deve sempre cuidar da sua saúde, de que é responsabilidade da mulher manter a boa aparência, se adequar aos padrões de beleza e da moda, assim como necessita cuidar da saúde

dos filhos, o que reverbera a imagem anteriormente mencionada de mãe-esposa e dona de casa que sempre dá conta de tudo.

A imagem de mulher “segura” constrói diferentes sentidos no que se refere à segurança feminina. A imagem de mulher segura em termos de autoestima e aceitação da aparência é projetada pelas revistas como estratégia de convencimento para mostrar as leitoras que elas estão questionando padrões de beleza, de que essas imposições não são mais aceitas. Porém, o que de fato é oferecido às leitoras é a naturalização da mulher que sempre se torna vítima de imposições, especialmente pelo foco nas consequências que essas determinações trazem, e não na crítica à sociedade. Outro sentido de mulher “segura” projetado pelas revistas é a de que não há riscos para as mulheres em lugares públicos, posto que bastaria ela realizar denúncias ou contar com a boa vontade de uma figura masculina para estar a salvo. Na verdade, essa imagem é projetada de modo a silenciar a leitora e não levá-la a questionar a omissão de órgãos governamentais e da sociedade acerca da naturalização da violência.

A imagem de mulher “corajosa” é discursivizada de modo que a leitora entenda que seus direitos estão sendo conquistados e de algo está sendo feito pelas mulheres em situações de risco. Ao mesmo tempo, ela não é convidada a ser engajar na luta pelos seus próprios direitos, especialmente porque sua condição é valorada positivamente pela instância autoral. Contextos outros, como campos de concentração e países que enfrentam guerras civis são mostrados como circunstâncias que necessitam de alguma intervenção, de modo que a mulher não questione seu próprio status.

A discursivização da imagem de mulher de “sucesso” atende ao interesse da instância autoral em mostrar à leitora que não há mais desigualdades no mercado de trabalho e que basta ela querer ocupar um cargo mais alto que esse desejo irá se concretizar. Contudo, o outro lado dessa realidade é silenciado, ou seja, não são mencionadas as inúmeras dificuldades enfrentadas pelas mulheres ainda hoje, as diferenças salariais entre homens e mulheres que realizam a mesma função, o preconceito que ainda se coloca como barreira para os avanços desejados pelas mulheres.

Por fim, a projeção da imagem de mulher “autônoma” busca convencer a leitora de que ela tem total independência e autonomia para tomar suas decisões, mas que, na verdade, apenas reforça a sua submissão a instâncias outras. A mulher só tem o direito de fazer determinadas escolhas quando recebe o “aval” de “autoridades”, ou seja, quando a sociedade permite que essas decisões sejam tomadas.

A análise das notícias publicadas em revistas virtuais permitiu diversas conclusões no que se refere ao funcionamento do gênero *notícia* e dos discursos que se entrecem na discursivização das publicações estudadas. Uma dessas constatações diz respeito à aura de imparcialidade com que a esfera jornalística envolve esse gênero, uma vez que a notícia se vale de diversas estratégias linguístico-enunciativas, apagamentos de determinadas informações e realce de outras, nos movimentos de concordância, discordância, assimilação, etc. de dizeres que, trazidos no contexto da notícia, são valorados de modo que o interesse da instância autoral seja atendido e que as posições ideológicas das revistas sejam mantidas. Entendemos que as ideologias entrecruzam toda realização concreta da palavra, toda renovação da língua por meio do seu contato com a vida, e, por mais que o interlocutor se utilize de estratégias para ocultar essas marcas no discurso, a escolha desse ou daquele léxico, a ordenação sintática do enunciado e a entonação projetada no uso concreto da língua confirmam a impossibilidade da total neutralidade do discurso. Ratificamos essa posição quando Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) explicam que sem materialização semiótica não existe ideologia e, portanto, todo signo é ideológico.

Para finalizar nosso trabalho, ressaltamos a importância da presente pesquisa na medida em que foi possível desvelarmos sentidos outros que são projetados nas publicações femininas, ou seja, que dizeres esses discursos reverberam e que concepções socialmente construídas de mulher ecoam nas notícias. Embora as primeiras revistas destinadas ao potencial público leitor feminino não publicassem notícias, percebemos que discursos deterministas e concepções binárias acerca do que se entende por ser homem ou mulher eram fatos constantes, seja implícita ou explicitamente, e esses dizeres ainda encontram espaço nas publicações atuais, as quais procuram, mesmo que de forma velada, controlar a atuação da mulher em diferentes instâncias e espaços sociais.



## REFERÊNCIAS

ACOSTA PEREIRA, R. **O gênero carta de conselhos em revistas online**: na fronteira ente o entretenimento e a autoajuda. 2012. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2012.

\_\_\_\_\_. **O gênero jornalístico notícia**: dialogismo e valoração. 2008. Dissertação (mestrado). – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2008.

\_\_\_\_\_.; RODRIGUES R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

\_\_\_\_\_.; SOUZA, J. A. B. O pesquisador e seu lugar exterior: exotopia e responsi(a)bilidade. **Revista Querubim**, v. 02, p. 112-128, 2011.

ADRIÃO, K. G. **Encontros do feminismo**: uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia. Florianópolis, 2008. 301 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PICH0064-T.pdf>>.

AGUIAR, A. E. O discurso de auto-ajuda em revistas femininas: aspectos retóricos e discursivos. **PERcursos Linguísticos**, v. 29075, p. 19, 2011. Disponível em:< <http://www.portaldepublicacoes.ufes.br/percursos/article/viewFile/1755/1324#page=19>>. Acesso em 15 abr. 2016.

ALVAREZ, S. E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cad. Pagu** [online]. 2014, n.43, pp.13-56. ISSN 1809-4449. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332014000200013&lng=pt&nrm=iso&tln\\_g=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000200013&lng=pt&nrm=iso&tln_g=en)>. Acesso em 10 mai. 2016

ANTUNES, B. **Espelhos deformantes:** mulheres, representações e identidade no discurso de Marie Claire e Malu. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

ARREZA, C.; TICKNER, A. B. Postmodernismo, postcolonialismo y feminismo: manual para (in)expertos. **Colombia International**. Bogotá, n. 54, jan./abril. 2002. p. 14-54. Disponível em:<  
<https://colombiainternacional.uniandes.edu.co/view.php/393/index.php>>  
Acesso em 10 mai. 2016.

AVEIRO, G.; PRADO, J. L. A. Do par condominial perfeito à desligação: a mulher e seu par nas revistas Nova e TPM. In: COELHO, M. G. P.; FREIRE FILHO, J. (Orgs.). **Jornalismo, cultura e sociedade:** visões do Brasil contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2014. P. 148-173.

BAHRI, D. Feminismo e/no pós-colonialismo. In: **Estudos Feministas**, p. 659-688, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/381/38129105018/>> Acesso em 12 abr. 2016.

BAKHTIN, M. M. **Questões de Literatura e de Estética:** a teoria do romance. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1975].

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal.** Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979].

\_\_\_\_\_. **Dialogic Origin and Dialogic Pedagogy of Grammar:** Stylistics in Teaching Russian Language in Secondary School. Journal of Russian and East European Psychology. vol. 42. no 6. 2004 [1960]. p. 12-49.

\_\_\_\_\_. **O Freudismo:** um esboço crítico. Trad. Do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2004 [1924].

\_\_\_\_\_; VOLOCHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem:** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoiévski.** Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1929].

\_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008 [1965].

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato responsável.** Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010 [1920/1924].

\_\_\_\_\_. **Teoria do romance I: a estilística.** Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BANDEIRA, A. P. B. da S. **Jornalismo feminino em Santa Catarina: uma análise do suplemento Donna, DC, do Diário Catarinense.** 2012. 139 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2012. Disponível em: <<http://tede.ufsc.br/teses/PJOR0036-D.pdf>>. Acesso em 15 out. 2016.

BAUCHWITZ, N. V. **O popular e o não popular na imprensa feminina: aproximações e dispersões no estilo e no discurso das revistas *Ana Maria e Claudia*.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Comunicação. Recife: O Autor, 2009. 143f.

BEMONG, N.; BORGHART, P. A teoria bakhtiniana do cronotopo literário: reflexões, aplicações, perspectivas. In: BEMONG, N. [et al]. **Bakhtin e o cronotopo**, reflexões, aplicações, perspectivas. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BOSTAD, F. Dialogue in Electronic Public Space: the Semiotics of Time, Space and the Internet. In: \_\_\_\_\_ [et al]. **Bakhtinian Perspectives on Language and Culture: Meaning in Language, Art and New Media.** New York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 167-184.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014a, p. 9-32.

\_\_\_\_\_. Estilo. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014b, p. 79-102.

CASTAÑEDA SALGADO, M. P. **Metodología de la investigación feminista**. México: CEIHC/UNAM, 2008.

COSTA, C. de L. Feminismos e pós-colonialismos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 655-658, nov. 2013. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000200017/25790>>. Acesso em 09 abr. 2016.

CYPRIANO, B. Construções do pensamento feminista latino-americano. In: **Estudos Feministas**, p. 11-39, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/29113/24638>> Acesso em: 10 abr. 2016.

DE CARVALHO, C. A. Reflexividade e Jornalismo: algumas aproximações. **Revista Famecos**, v. 15, n. 36, p. 77-83, 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4418/0>>. Acesso em 04 nov. 2016

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: DA MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 45-65, 2006.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. A ideologia no/do círculo de Bakhtin. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional**. Vol. 3, Campinas: Mercado de letras, 2013, p. 167-217.

FARIA E SILVA, A. P. P. **Relatos dialógicos da clínica: um olhar discursivo sobre relatórios de atendimento psicopedagógico**. 2010. 208f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos



da Linguagem (LAEL). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

FEMENÍAS, M. L. Esbozo de un feminismo latinoamericano. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 1, p. 11-25, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a02v15n1>> Acesso em 10 abr. 2016.

FERRARI, P. **Jornalismo digital**. 3a ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 161-194.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FRANCESCHINI, F. Notícia e reportagem: sutis diferenças. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 22, p. 144-155, jan./jun. 2004.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GUERREIRO NETO, G. I; MEDITSCH, E. **O discurso de legitimação do jornalismo**. 2013. 219 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://tede.ufsc.br/teses/PJOR0051-D.pdf>> Acesso em 06 out. 2016.

GRILLO, S. V. C. A noção de 'tema do gênero' na obra do Círculo de Bakhtin. **Estudos Linguísticos** (São Paulo), v. 1, p. 1825-1834, 2006.

\_\_\_\_\_. Esfera e campo. In: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 133-160.

HALL, S. **Representation: Cultural representations and signifying practices**. Sage, 1997.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, Brasília, DF: UNESCO, 2003. 434p. (Humanitas).

HARDING, S. ¿Existe un método feminista? In: BARTRA, E. (Org.) **Debates en torno a una metodología feminista**. México: Universidad Autónoma Metropolitana-Unidad Xochimilco, 1998. P 9-34. Disponível em: <<http://diarium.usal.es/frias/2014/08/14/metodologias-feministas-en-la-investigacion-el-libro-debates-en-torno-a-una-metodologia-feminista-en-libre-acceso/>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

HEBERLE, V. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva ou de renovação de ideias. **Linguagem em (Dis)curso**. v. 4. n. esp. p. 85-112, 2004. Disponível em: < [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/292](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/292)> Acesso em 20 maio 2016.

HOLQUIST, M. A fuga do cronotopo. In: BEMONG, N.; [et. al] **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução de Ozíris Borges Filho [et al]. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 34-51.

JORNAL DAS SENHORAS: modas, literatura, belas-artes, teatros e crítica. Rio de Janeiro: Typ. Parisiense, 1852-1855.

KNOLL, G. F. **Relações de gênero na publicidade**: palavras e imagens constituindo identidades. 2007. Dissertação/mestrado em Linguística. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS). 136p. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSM\\_a5e0b7447eff43a617734d2c56ecf280](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSM_a5e0b7447eff43a617734d2c56ecf280)>. Acesso em 04 jul. 2016

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ideologia e técnica da notícia**. 3. ed. Florianópolis: Insular: Ed. da UFSC, 2001.

LÉVY, P.; DA COSTA, C. I. **As tecnologias da inteligência**. Editora 34, 1993.

LIMA, S. L. L. Imprensa feminina, revista feminina. A imprensa feminina no Brasil. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. ISSN 2176-2767, v. 35, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/>>

article/viewFile/2219/1320>. Acesso em 15 abr. 2016.

LIRA, L. C. E. **Como se constrói uma mulher:** uma análise do discurso nas revistas brasileiras para adolescentes 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4542/1/2009\\_LucianeCristinaEneasLira.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4542/1/2009_LucianeCristinaEneasLira.pdf)>. Acesso em 04 jun. 2016.

LOBATO, M. L. M. A trajetória do feminino na imprensa brasileira: o jornalismo de revista e a mulher do século XX. **9º Encontro Nacional de História da Mídia**–UFOP, Ouro Preto, Minas Gerais, 2013. v. 1. p. 1-92.

LONGHI, R. R. 2000. Metáforas e Labirintos: a narrativa em hipertexto na internet. Disponível em: <<http://www.nephijor.ufsc.br/bancodearquivos/livrodissert.pdf>>. Acesso em 04 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Opinião e diagramação. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 3, n. 1, p. 115-124, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/download/2247/1951>>. Acesso em 04 out. 2016.

\_\_\_\_\_; SILVEIRA, M. C. A convergência de linguagens nos especiais do Clarín. **Revista Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 11, n. 25, p. 157-166, 2010. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/comunicacao?ddl=4446&dd2=3097&dd3=&dd99=pdf>>. Acesso em 02 nov. 2016.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. J. Olympio, 2009 [1979].

MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: CAMPOS, M. I. B. **Círculo de Bakhtin:** teoria inclassificável. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2010. p. 203-234.

MANDAJI, C. F. [et al]. Discursos do feminino na contemporaneidade: **Revista TPM**. Revista Ártemis, v. 21, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/27884>>. Acesso em 04 set. 2016.

MARKIE, P. **Rationalism vs. Empiricism**, The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2015 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL =

<<https://plato.stanford.edu/archives/sum2015/entries/rationalism-empiricism/>>. Acesso em 10 ago. 2016.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários:** introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução do russo por Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MELO, J. M. **Teoria do jornalismo:** identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MOHANTY, C. T. Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses. **Boundary 2**. V. 12/13, 1984. p. 333-358. Disponível em: <[http://www2.kobe-u.ac.jp/~alexroni/IPD%202015%20readings/IPD%202015\\_5/under-western-eyes.pdf](http://www2.kobe-u.ac.jp/~alexroni/IPD%202015%20readings/IPD%202015_5/under-western-eyes.pdf)>. Acesso em: 23 jun. 2016.

MORSON, G. O cronotopo da humanidade: Bakhtin e Dostoiévski. In: BEMONG, N.; [et. al] **Bakhtin e o cronotopo:** reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução de Oziris Borges Filho [et al]. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 118-139.

\_\_\_\_\_. EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin:** criação de uma prosaística. São Paulo: Edusp, 2008.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicol. estud.** [online]. 2006, vol.11, n.3, pp.647-654. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

PEREIRA, R. A.; RODRIGUES, R. H. Perspectivas atuais sobre gêneros do discurso no campo da linguística. In: **Letra Magna**, v. 5, n. 11, p. 1-18, 2009.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.**, Jun 2010, vol.18, no.36, p.15-23. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>>. Acesso em 06 jun. 2016.

PRIMO, A. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, p. 13-32, 2013. Disponível em: <[http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/37797299/Controversias\\_entre\\_as\\_utopias\\_da\\_cibercultura\\_e\\_a\\_grande\\_industria\\_midiatica\\_-\\_Alex\\_Primo\\_-\\_2013.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWO WYYGZ2Y53UL3A&Expires=1486863207&Signature=Mx7uLcGs70k qd2YL464BnSMrLwY%3D&response-content-disposition=inline %3B%20filename%3DInteracoes\\_mediadas\\_e\\_remediadas\\_controv.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/37797299/Controversias_entre_as_utopias_da_cibercultura_e_a_grande_industria_midiatica_-_Alex_Primo_-_2013.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWO WYYGZ2Y53UL3A&Expires=1486863207&Signature=Mx7uLcGs70k qd2YL464BnSMrLwY%3D&response-content-disposition=inline %3B%20filename%3DInteracoes_mediadas_e_remediadas_controv.pdf)>. Acesso em 07 dez. 2016

REVISTA ANA MARIA. São Paulo: Editora Abril. 1996-2015.

REVISTA CLAUDIA. São Paulo: Editora Abril, 1961-.

REVISTA FEMININA. São Paulo; Rio de Janeiro: Virgilina de Souza Salles. jan. 1920 – dez. 1929.

REVISTA GLAMOUR. São Paulo: Editora Globo, 2012-.

REVISTA MARIE CLAIRE. São Paulo: Editora Globo, 1991-.

REVISTA TPM. São Paulo: Editora Trip, 2001-.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. 2001. 347f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: A Abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. **Gêneros**: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

RODRIGUES, A. D. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. (Org). **O jornal, da Forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. P. 217-235.

ROHLING DA SILVA, N. **O Gênero Entrevista Pingue-Pongue: Reenunciação, Enquadramento e Valoração do Discurso do Outro.** Dissertação de Mestrado. PGL. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

ROJO, R. Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas. IN: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

\_\_\_\_\_. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs.** São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto 2003

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade,** Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-100, jul./dez.1995

SILVA, G. O fenômeno noticioso: objeto singular, natureza plural. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia,** v. 6, n. 2, p. 9-15, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/11607>>. Acesso em 10 fev. 2017.

SOBRAL, A. A concepção de autor (locutor) do "Círculo Bakhtin, Medviédev, Voloshinov": confrontos e definições. **Macabéa-Revista Eletrônica do Netlli,** v. 1, n. 2, p. 123-142, 2013. Disponível em: <[periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/download/380/309](https://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/download/380/309)>. Acesso em 20 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 11-36.

\_\_\_\_\_. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SOUSA, M. de C. E. de. **A dinâmica da notícia nas redes sociais na internet.** 2013. 285 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2013. Disponível em:

<<http://www.bu.ufsc.br/teses/PJOR0048-D.pdf>> Acesso em 08 out. 2016.

SWAIN, T. N. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas femininas. **História: Questões & Debates**, v. 34, n. 1, 2001. Disponível em:  
<<http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2657>> Acesso em 09 jun. 2016.

TAMANINI-ADAMES, F. A. **Análise polifônica de estereótipos na mídia: uma nova identidade para a mulher na maturidade?** 2010. 214fls. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010. Disponível em:  
<[http://cascavel.ufsm.br/tede/tde\\_arquivos/16/TDE-2010-07-16T112023Z-2716/Publico/TAMANINI-ADAMES,%20FATIMA%20ANDREIA%20DE%20JESUS.pdf](http://cascavel.ufsm.br/tede/tde_arquivos/16/TDE-2010-07-16T112023Z-2716/Publico/TAMANINI-ADAMES,%20FATIMA%20ANDREIA%20DE%20JESUS.pdf)>  
Acesso em 08 set. 2016.

TAVARES, F de M. B. Sobre o jornalismo de revista e seu infinito singular. **Revista Contracampo**, n. 25, p. 97-116, 2013. Disponível em:  
<<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/254/126>> Acesso em 07 out. 2016.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed. 2005.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo**: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2008.

VOLOCHÍNOV, N. V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930].

WEEDON, C. Postcolonial feminist criticism. In: PLAIN, Gill; SELLERS, Susan. (ed.) **A History of Feminist Literary Criticism**. New York: Cambridge University Press, 2007. p. 282-300.





## ANEXO A - Notícia AM01

### Faça sua parte

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), há mais de 30 milhões de animais abandonados no Brasil



Faça sua parte | Crédito: Shutterstock

A cada dia, a população de cachorros e gatos cresce. Porém, são poucos os pets que conquistam um dono e uma vida decente. Para se ter uma ideia, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), há mais de 30 milhões de animais abandonados no Brasil, sendo 10 milhões de gatos e 20 milhões de cães. De acordo com a veterinária Gabriela Muniz, a castração é a única saída para reduzir o número de animais de rua. "O procedimento também diminui o risco de infecções e doenças, como câncer de mama, útero, próstata e testículos nos animais", explica. Ela ainda faz o alerta de que o procedimento ajuda a diminuir o roubo de animais de raça para a procriação e venda clandestina. Então, se você estiver doida por um bichinho, o que acha de adotar um no lugar de incentivar o comércio de animais? Há tantos precisando de carinho...

16/06/2016 - 16:00

1 comentário

Classificar por Mais antigos ▾



Adicionar um comentário...



**Karia Etiany Chaves Lima** · Colégio Dom Bosco

CONCORDO ADOPTAR E MARAVILHOSO TENHO 4 CACHORROS 2 DUAS MENINAS FORAM RESGATADAS E ADOPTADAS UMA PEQUENA E A OUTRA JA ADULTA SÃO AMIADAS DA MESMA FORMA QUE OS OUTROS 2, ALÉM DISSO AJUDO NO SUSTENTO DE MAIS DOIS CÃES QUE PERTECEM A UM SENHOR QUE MESMO SEM CONDIÇÕES TIROU ELES DA RUA. O CARINHO DELES É IMENSO!

Curtir · Responder · 14 de outubro de 2016 16:07

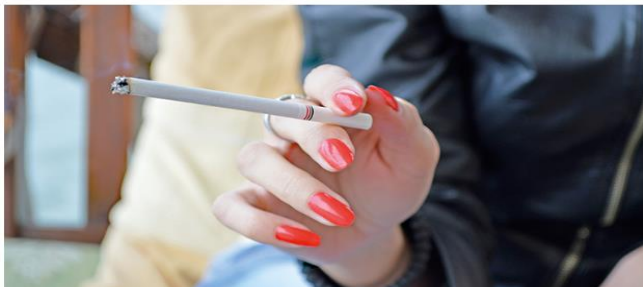
Facebook Comments Plugin

Disponível em: <<http://anamaria.uol.com.br/noticias/acervo/faca-sua-parte.phtml#.WHKeNNIrLIU>>. Acesso em 18 jul. 2016.

## ANEXO B - Notícia AM02

## Fumantes ficam mais tempo desempregados

Uma das hipóteses para a desvantagem é o medo das empresas de terem de arcar com mais gastos com a saúde dos empregados fumantes



Fumantes ficam mais tempo desempregados | Crédito: Shutterstock

Estudo recente comprovou um dado curioso: os fumantes têm até 30% menos chances de conseguir novo emprego. Uma das hipóteses para a desvantagem é o medo das empresas de terem de arcar com mais gastos com a saúde dos empregados fumantes. Há ainda uma segunda explicação: a de que eles, em geral, têm níveis menores de educação e menor qualificação para o mercado de trabalho, encontrando assim mais dificuldades em serem contratados. De um jeito ou de outro, o vício atrapalha bastante a vida, né?

22/07/2016 - 16:00

1 comentário

Classificar por Mais antigos ▾



Adicionar um comentário...



**Fabio Rdg** - Natal (Rio Grande do Norte)

Se fuma, simples, na entrevista, diga que não e caso seja abençoado com a vaga preterida, se vire depois com seu vício!! Vc prefere estar trabalhando ou desempregado e fumando que nem um louco?!  
P.S Sou fumante!

Curtir · Responder · 3 - 25 de julho de 2016 12:16

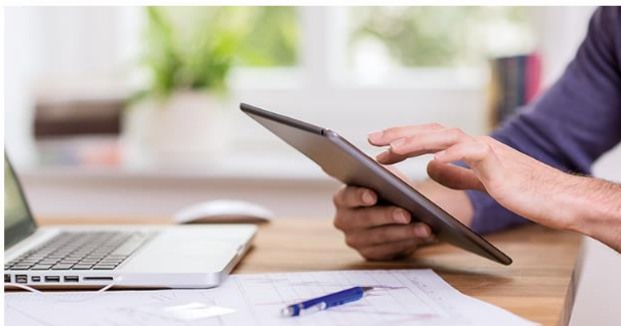
Facebook Comments Plugin

Disponível em: <<http://anamaria.uol.com.br/noticias/acervo/fumantes-ficam-mais-tempo-desempregados.phtml#.WHKexdIrLIU>>. Acesso 29 jul. 2016.

## ANEXO C - Notícia AM03

**Abrir conta pela internet agora pode!**

Tudo pode ser feito sem sair de casa

*Abrir conta pela internet agora pode! | Crédito: Shutterstock*

Abrir ou fechar uma conta em banco geralmente envolve uma burocracia danada. E basta esquecer um documento que o processo todo vai por água abaixo. No entanto, a partir de agora, tudo pode ser feito sem sair de casa, pela internet. Para coletar as informações e confirmar a autenticidade de tudo, os bancos poderão usar tecnologias de vídeo, reconhecimento de voz e assinaturas com certificação eletrônica.

22/07/2016 - 10:00

**0 comentários**Classificar por **Mais antigos** ▼

Adicionar um comentário...

Facebook Comments Plugin

Disponível em: <<http://anamaria.uol.com.br/noticias/acervo/fumantes-ficam-mais-tempo-desempregados.phtml#.WHKexdIrLIU>>. Acesso em 29 jul. 2017.

## ANEXO D - Notícia CL01

### Cada vez mais insatisfeitas, mulheres lutam contra padrões de beleza

Pesquisa realizada pela Dove, que ouviu mais de 10.500 mulheres de 13 países, revela uma baixa autoestima generalizada e crescente repulsa pelos padrões de beleza irreais ainda impostos pela sociedade

806  
SHARES

f COMPARTILHAR

TWEETAR

G+

P

in

CLAUDIA



Foto: Christian Parente

Em um mundo que supervaloriza a aparência (e que boas selfies são mais importantes do que qualquer outra coisa), não é de se surpreender que a autoestima esteja longe de ser o nosso forte. Segundo o Relatório Global de Autoconfiança Feminina encomendado e divulgado hoje pela Dove, **92% das mulheres brasileiras afirmam abrir mão de importantes atividades (como sair com amigos ou entrar para um time no clube, por exemplo) quando se sentem insatisfeitas com a própria aparência.**

ESCRITO POR  
FERNANDA MORELLI

O impacto da baixa autoestima feminina é gigante: **66% das brasileiras dizem, ainda, que se não estão felizes com o que veem no espelho, não se sentem seguras para defender suas opiniões ou tomar decisões importantes.** Por conta disso, **92% delas já deixaram de se alimentar ou fizeram algo que colocasse a saúde em risco para se aproximar mais do "padrão estabelecido"** e quase sete em dez mulheres se sentem pressionadas a nunca cometer erros.

A boa notícia é que, **apesar da baixa autoestima ainda muito presente nas mulheres do mundo todo, 77% delas concordam que a autenticidade é um grande valor e, um número ainda maior (86%), prefere encontrar a melhor versão de si mesma, respeitando suas características, do que seguir um padrão de beleza pré-estabelecido.** Um grande passo para a autoaceitação - e o caminho certo para a urgente necessidade de melhorarmos nossa autoestima.

Disponível em: < <http://mdemulher.abril.com.br/beleza/claudia/cada-vez-mais-insatisfeitas-mulheres-lutam-contrapadros-de-beleza>>. Acesso em 29 jul. 2016.

## ANEXO E - Notícia CL02 - parte 1

📅 PUBLICADO EM 13/07/2016 | 🔄 ATUALIZADO EM 13/07/2016

### Malala Yousafzai passou seu aniversário no maior campo de refugiados do mundo

"Nós não vamos aceitar um mundo onde decisões sobre o nosso futuro são tomadas em espaços em que mulheres não tem acesso", disse a Nobel da Paz durante discurso no município de Dadaab, Quênia

4K  
SHARES

f COMPARTILHAR

🐦 TWEETAR

G+

p

in

CLAUDIA



Foto: Khalil Senosi/Associated Press

Quem achou que **Malala Yousafzai** passaria seu aniversário de 19 anos comemorando com familiares e amigos em casa, se enganou: a ativista paquistanesa conhecida mundialmente por ter **arriscado a própria vida para lutar pelo direito das mulheres à educação** passou a última terça-feira (12) visitando o maior campo de refugiados do mundo, localizado no município queniano de Dadaab, que está prestes a ser fechado após 25 anos de funcionamento.

foto: Reprodução/Twitter/Malala Fund

ESCRITO POR

DÉBORA STEVAUX  
(COLABORADORA)

**Veja também: Conheça a jovem adolescente que luta contra o casamento infantil.**

Símbolo de persistência e coragem, Malala, **peessoa mais jovem a ser laureada com o Nobel da Paz**, em 2014, chamou a atenção para o que parece ser a maior crise dos refugiados em nível global, em seu discurso. "Estou aqui para falar em nome de minhas irmãs da Somália que não medem esforços diários para conquistarmos a oportunidade de estudarmos", disse ela após ter entrado em contato com o trabalho das garotas em uma conferência via Skype.

**Leia mais: Documentário sobre a paquistanesa Malala, Nobel da Paz de 2014, estreia neste mês.**

A ativista explicou a motivação de sua ida à Dadaab: todo ano, ela escolhe à dedo um local ao redor do globo no qual o ensino feminino é negligenciado para conhecer em seu aniversário. Os rumores de que esta área, abrigo de cerca de 30000 pessoas, seria desativada se confirmaram após o presidente queniano Uhuru Kenyatta anunciar seu fechamento em 2017 por motivos de segurança.

foto: Khalil Senosi/Associated Press

Disponível em: < <http://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/claudia/malala-yousafzai-comemora-seu-aniversario-de-19-anos-em-visita-ao-maior-campo-de-refugiados-do-mundo>>. Acesso em 20 jul. 2016.

## ANEXO F - Notícia CL02 - Parte 2

### **Veja mais: Malala Yousafzai criou um lenço para arrecadar fundos e financiar o estudo de garotas.**

O grupo terrorista Al-Shabab, ligado à Al Qaeda, prometeu continuar atacando a região oriental do país, onde está localizado o campo, que já vem vitimando dezenas de refugiados desde 2011. Líderes locais cobram posicionamento de autoridades internacionais pela situação de risco constante e pela recorrência de expulsões forçadas. "Nós não vamos aceitar um mundo onde decisões sobre o nosso futuro são tomadas em espaços em que mulheres não tem acesso", disse Malala em uma das partes mais inspiradoras e emocionantes de seu discurso.

### **Veja também: 5 momentos marcantes do encontro entre Emma Watson e Malala Yousafzai.**

Atualmente, Malala vive com sua família na Grã-Bretanha por ter sido impossibilitada de voltar para a sua terra natal devido a questões de segurança após ter sofrido um atentado organizado pelos talibãs, no qual foi baleada na cabeça em outubro de 2012 - mas nem por isso a pequena (grande) ativista arrefeceu e permanece lutando pelos direitos: *foto: Reprodução/Twitter/Malala Fund*

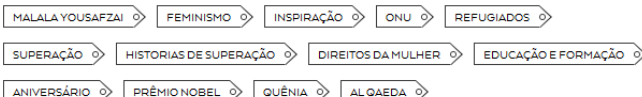
### **Leia mais: Mãe da Malala Yousafzai revela que voltou a estudar.**

#### RELACIONADAS



Conheça a jovem adolescente que luta contra o casamento infantil

#### MAIS



#### PELA WEB





## ANEXO G - Notícia CL03 - Parte 1

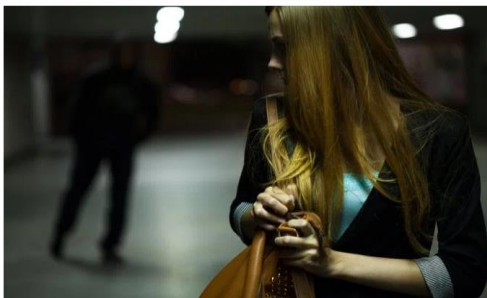
NOTÍCIAS

### Casos de abuso sexual no transporte público crescem 29% em um ano

O número de ocorrências foi de 92 para 119, em apenas um ano. Os dados não contabilizam os abusos que não foram denunciados às autoridades.

Por **Débora Stevaux**

© 3 nov 2016, 16h43 - Atualizado em 3 nov 2016, 17h01



(Katarzyna Bialasiewicz/ThinkStock)

Se nas vias, mais de cinco pessoas foram vítimas de estupro a cada hora no Brasil durante o ano passado – segundo dados do 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública – no transporte público, a violência sexual também é recorrente.

**Leia mais: [Neste ano, 98% dos suspeitos de abuso sexual no metrô não foram presos.](#)**

De acordo com dados catalogados pela Delegacia de Polícia do Metropolitano (Delpom) e divulgados pelo portal **Fiquem Sabendo**, a quantidade de casos de abuso sexual contra mulheres nas linhas do metrô e da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) denunciados à Polícia Civil de São Paulo aumentou 29%, entre os meses de janeiro e agosto de 2016, quando comparada com o mesmo período de 2015.

**Veja também: [A cada 11 minutos, uma pessoa foi estuprada no Brasil em 2015.](#)**

O número de ocorrências foi de 92 para 119, em apenas um ano. É importante ressaltar que os dados não contabilizam os abusos que não foram denunciados às autoridades, nem aqueles que foram registrados em delegacias de outras cidades que possuem o sistema de transporte de trens metropolitanos.

**Leia mais: [Caso Valentina: como falar sobre assédio sexual com as crianças?](#)**

Foram 116 vezes que mulheres denunciaram terem sido alvo de importunação ofensiva ao pudor, quando um indivíduo se aproveita do excesso de passageiros para tocar na vítima com as mãos ou com alguma outra parte do corpo. Em 2015, isso aconteceu com 84 mulheres, o que representa um crescimento de 38%. Por Lei, este caso não resulta em prisão do assediador.

**Veja também: [Assédio em lugares públicos: a jornalista que mostrou o outro lado da cantada.](#)**

Disponível em: <<http://claudia.abril.com.br/noticias/casos-de-abuso-sexual-no-transporte-publico-crescem-29-em-um-ano/>>. Acesso em 01 dez. 2016.

## ANEXO H - Notícia CL03 - Parte 2



**VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA.**  
Mesmo quando você não nos vê, estamos aqui cuidando da sua segurança.

**ABUSO SEXUAL É CRIME. DENUNCIE.**

O Metrô conta com mais de mil agentes de segurança, uniformizados e à paisana, treinados para agir imediatamente em casos de abuso sexual. Se você presenciar ou for vítima de abuso, avise imediatamente um funcionário ou mande um SMS-Denúncia\* para (11) 07333-2252.

No mesmo período analisado, as ocorrências de violação sexual mediante fraude aumentaram de dois para três. Mediante denúncia, os agressores responsáveis por praticarem tal ato podem ser condenados a cumprir na prisão uma pena prevista de 2 a 6 anos. Quando se trata de estupro, o levantamento aponta que o número caiu de seis para zero. O tempo de reclusão estimada para os esturpadores pode chegar até uma década.

**Leia mais:** [Passamos o dia em uma Delegacia da Mulher e isso foi o que presenciamos.](#)

Segundo informações divulgadas pela Companhia do Metropolitano de São Paulo, o índice de detenção de suspeitos que praticaram atos sexualmente violentos contra mulheres é de 87%. Para os representantes da empresa, o crescimento no número de denúncias se deve à intensificação, a partir de 2014, de campanhas de conscientização e treinamento dos agentes de segurança.



### ANEXO I - Notícia CL03 - Parte 3



Os abusos sexuais podem ser reportados via mensagem de texto. Caso você esteja em perigo em alguma das estações de metrô, o número de denúncia é 9 7333-2252, caso esteja na CPTM, o telefone é 97150-4949.

Leia mais: [Mulheres na Paulista contra o estupro.](#)

Segundo o estudo “Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde”, realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), no nosso país, apenas 10% dos casos de estupro são denunciados à polícia – uma triste realidade que, certamente, se aplica sob os trilhos.

## ANEXO J - Notícia GL01 - Parte 1

### Projeto pede inclusão de novos verbetes sobre gêneros no dicionário

A iniciativa da Amapl e do Afrolêgias quer ver palavras como binário, gênero e andrógino nos dicionários da Língua Portuguesa

Assine Glamour a partir de R\$ 3,90 por mês



Projeto pede inclusão de diversidade de gênero no dicionário (Foto: Felipe Cavallaro/Glamour)

Em um momento em que a valorização, dignidade e respeito aos **transgêneros** tem sido cada vez mais discutida, a Amapl e o Afrolêgias tomaram a iniciativa de desenvolver uma plataforma Dicionário de Gêneros e Verbetes com gêneros ainda não identificados no dicionário da Língua Portuguesa com o auxílio da lexicógrafa Vera Villar.

O projeto começou com um site que abriu espaço para que pessoas comuns pudessem expressar como se sentem em relação à sua identidade de gênero, de maneira colaborativa. As expressões foram analisadas, adaptadas e, por fim, foram criados termos para que os idealizadores do projeto se inspirassem, criando verbetes ao dicionário da língua portuguesa como passo seguinte.

"O que está no dicionário provavelmente é um pouco do que as pessoas pensam, sendo certo ou errado. E se não está no dicionário, não está oficializado", salientou Vera.

A iniciativa ainda conta com um videocast que mostra como foi feita a criação dos termos. Conheça os novos termos e definições que fazem parte do Dicionário de Gêneros.

#### Leila *chão*

"Nasci em corpo de homem e sou uma mulher"

"Culpa de terminar Casal era filho com 'gênero binário'"

**agênero** *adj.* ->g. que ou pessoa que não se identifica com nenhum gênero existente nem se comporta socialmente como tal, mantendo a identidade dentro do espectro não binário da generalidade ETTM do gr. *atíp. pref. negativo + gênero do lat. *gênerus, fêris* 'nascimento, descendência, origem'.*

**andrógino** *adj. s.m.* que ou pessoa que não se identifica apenas com os gêneros binários (homem e mulher), mas que em sua identidade carrega características e comportamentos desses gêneros L11M *andrô(-)* 'homem' - / -*gênio* 'mulher'.

**bigênero** *adj. s.m.* que ou pessoa que se identifica com ambos os gêneros, feminino e masculino, alternada ou simultaneamente ETTM *bi-* 'gênero'.

**binariedade** *s.f.* qualidade ou característica do que é binário, do que comporta dois aspectos ETTM *binário* -> *idade*.

#### gênero

*s. fêlido* *loc. subst.* pessoa que flutua entre os gêneros masculino, neutro e feminino, conforme se sente em cada dia e em cada momento, inclusive, algumas vezes no mesmo dia.

#### homem

*h. cis* *loc. subst.* homem cisgênero.

*h. cisgênero* *loc. subst.* pessoa em constante reconstrução social, que tem o sexo de nascimento conectado com o gênero masculino, exercendo-se biológica e socialmente como homem, homem *cis*.

*h. trans* *loc. subst.* homem transgênero.

*h. transgênero* *loc. subst.* pessoa que não se sente de acordo com o gênero relacionado a seu sexo biológico o, por isso, transita para o gênero masculino não necessariamente, fazendo uso de hormônios ou procedimentos cirúrgicos.; homem *trans*.

#### Transgênero

Conheça Valeriana Sampaio, a new born transgênero da moda do Brasil

Transsexual: Chegou a hora de deixar esse modelo

"Meus irmãos e transgêneros" lança carta de apoio da comunidade de São Paulo

siga a glamour



#### newsletter

Cadastre-se para receber conteúdo exclusivo, promoções e mais

QUERO RECEBER POR E-MAIL OK

#### TRANSGLAMOUR



Um passo a passo todo charmoso pra você arrasar nas comemorações de lanche

#### as 5 mais felizes

1. Titi, filha de Ewbank e Caglianini, se diverte ao ar livre e acaba rindo para
2. Andressa Sorrento perde 8 kg e mostra como é digna de corpo fitness e dieta
3. Grazi Mascheria, quase é traída pelo namorado e segura o casamento para não voar...
4. Marina Ray Barbosa joga com o tipo de futebol e para a paixão
5. Pré-nupcias (ou benedictos) para o fim e o começo: celebrando Camille Cabello

Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Cultura/noticia/2016/07/projeto-pede-inclusao-de-novos-verbetes-sobre-generos-no-dicionario.html>>. Acesso em 17 jul. 2016.

## ANEXO K - Notícia GL01 - Parte 2

## mulher

m. cis loc. subst. mulher cisgênero.

**m. cisgênero** *loc.subst.* pessoa em constante reconstrução social, que tem o sexo de nascimento conectado com o gênero feminino, enxergando-se biológica e socialmente como mulher: mulher cis.

**m. trans** *loc. subst.* mulher transgênero.

**m. transgênero** *loc. subst.* pessoa que não se sente de acordo com o gênero relacionado a seu sexo biológico e, por isso, transitou para o gênero feminino [Não necessariamente, fazem uso de hormônios ou procedimentos cirúrgicos.]; mulher trans.

**transgênero** *adj.* 2.gn.s.2g. 1 que ou pessoa que possui identidade de gênero diferente da designada ao nascimento e realiza ou não uma transição para se redesignar socialmente quanto ao modo como se vê e sente. 2 que ou pessoa que pode optar por realizar a redesignação sexual por meio de intervenção médica (terapia de reposição hormonal e cirurgia de redesignação sexual (CRS); transsexual ETIM *trans-* 'gênero, por infl. do ing. *transgender* 'id'.

**t. não binário** *loc. subst.* quem não é exclusivamente homem ou mulher; quem se recusa a ter que necessária e/ou unicamente entrar na binariedade de gênero ou deixar que ela o restrinja [Alguns podem identificar-se como gender-queer, termo que abrange várias identidades diferentes dentro de si].

**transgeneridade** *s.f.* caráter ou condição de transgênero  
ETIM *transgênero* + -i- + -dade.

**transsexual** *adj.2g.s.2g.* 1 que ou pessoa que possui identidade de gênero diferente da designada ao nascimento e realiza ou não uma transição para se redesignar socialmente quanto ao modo como se vê e sente. 2 que ou pessoa que pode optar por realizar a redesignação sexual por meio de intervenção médica [terapia de reposição hormonal e cirurgia de redesignação sexual (CRS)]; transgênero ETIM *trans- + sexual*.

**t. não binário** *loc. subst.* quem não é exclusivamente homem ou mulher; quem se recusa a ter que necessária e/ou unicamente entrar na binariedade de gênero ou deixar que ela o restrinja [Alguns podem identificar-se como gender-queer, termo que abrange várias identidades diferentes dentro de si.].

**transexualidade** *s.f.* qualidade ou característica do que é transexual ETIM *transexual* + *-i* → *-dade*.

**travesti** *adj. 2g.s.f.* que ou pessoa que, designado como do gênero masculino no nascimento, objetiva a construção do feminino, podendo incluir ou não procedimentos estéticos e cirúrgicos ETIM fr. *travesti* 'disfarçado'.

**pangênero** *adj. 2g, 2n, s, 2g*. que ou quem possui uma identidade de gênero não normativa e adota papéis sociais de diversos gêneros na sua própria construção, podendo identificar-se tanto com o feminino, quanto com o masculino, alternadamente ou simultaneamente, e até com nenhum dos dois, assim como com todas as possibilidades de identificação pessoal.

Leia mais

+ Underwear agênero: conheça a "lingerie" que serve pra você ou ele

+ Ôcsã é uma marca sem gênero e 100% brasileira!

## ANEXO L - Notícia GL02 - Parte 1

### Facebook e Instagram lançam programa que incentiva a mulher a abrir o seu próprio negócio

Assine Glamour a partir de R\$ 3,90 por mês

22/06/2016 - 17h00 - Atualizado 22/06/2016 17h18 por REDAÇÃO GLAMOUR

[f](#) Compartilhar (96)
 [p](#)
[in](#)
[g+](#)
[t](#)
[Assine já](#)



#ElafazHistória: empoderamento para a empreendedora (Foto: Reprodução)

"No futuro não haverá mulheres líderes, apenas líderes". A autora da citação é Sheryl Sandberg, CEO do Facebook desde 2008.

E para fazer a sua parte pra realizar essa previsão, **Facebook** e **Instagram** lançaram nesta quarta, 22, em São Paulo, o projeto **#ElafazHistória**, que tem como objetivo principal inspirar mulheres a realizarem seus planos e conquistarem objetivos no **negócio próprio**, por meio de histórias de sucesso de outras empreendedoras. "O programa conscientiza, celebra, divulga e capacita o empreendedorismo feminino", resume Camila Fusco, diretora de empreendedorismo do Facebook. Ou seja, a plataforma extrapola os limites da internet e vai oferecer oficinas e cursos para capacitação e treinamento, em eventos exclusivos. Além de premiar as melhores práticas num futuro próximo.

#### — Leia mais —

+Jessica Alba entra pra lista das 40 mulheres mais ricas da América

...

+Executivas top dão suas lições de carreira e sucesso

...

+Carreira: 10 dicas para se tornar uma boa líder

#### Carreira



Designer curitubana inova e mantém floricultura a bordo de um Fusca



Carreira: 10 dicas para escolher um curso de moda no exterior



Carreira: 8 dicas para se destacar em ambientes masculinos

#### — siga a glamour —



PROMOGLAMOUR



Um passo a passo todo charmoso pra você arrasar nas amarrações de lenços

← anterior próximo →

#### — as 5 mais lidas —

Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Carreira-e-dinheiro/noticia/2016/06/facebook-e-instagram-lancam-programa-que-incentiva-mulher-abrir-o-seu-proprio-negocio.html>>. Acesso em 22 jul. 2016.

## ANEXO M - Notícia GL02 - Parte 2

Exemplos de histórias? Os cases de **Zica Assis**, da rede de salões e marca de cosméticos para cabelos cacheados Beleza Natural, que hoje emprega mais de 4 mil mulheres; de **Milena Curado**, que fez do bordado um grande negócio social na cidade de Goiás, inspirada pela avó - e ela ainda ensinou a técnica pra presidiários e eles multiplicam o conhecimento, além de produzir -; e da **Ana Paula Padrão**, que além de apresentadora, também empreendeu, e comanda as empresas Tempo de Mulher e Touareg Conteúdo, e multiplica o conhecimento na Escola de Você, que ajuda as mulheres a acreditarem no seu poder. E por aí vai...

### O cenário atual

#ElaFazHistória chega num momento em que existem cerca de 8 milhões de empreendedoras no Brasil, segundo o Sebrae. Se somarmos o mercado informal, o número chega a 22 milhões. Nos últimos dez anos, o número de empreendedoras por aqui cresceu 16%. E, de acordo com o Facebook, o número de mulheres que têm páginas de negócios na rede social dobrou no último ano - estamos abrindo negócios, hein?

### Capacitação

As oficinas do projeto vão munir as empreendedoras de ferramentas e conhecimento pra abrir e cuidar do próprio negócio. Desenvolvidas em parceria com instituições de peso como [Think Olga](#), [ONU Mulheres](#), [Rede Mulher Empreendedora](#), [Escola de Você](#) e [ConnectAmericas Mulheres do BID](#), serão ministradas em Recife, Porto Alegre, Belém, Brasília e São Paulo.

O resultado é uma grande teia de empoderamento, à disposição de todas as mulheres no portal [fb.me/elafazhistoria](https://fb.me/elafazhistoria).

- 1 Cleo Pires posa com lingerie modeladora: 'Uso tem tempo viu...'
- 2 Bruna Marqueline usa saia com megafenda em ensaio em Cuba
- 3 Antônia Morais aparece nua em clique no Insta
- 4 Mariana Goldfarb fala sobre Cauã Reymond: "Desmitificou a imagem do
- 5 Vestido de noiva de tenista custou menos de R\$ 1 mil. Inspire-se: Casamento

## 404 Not Found

nginx



## ANEXO N - Notícia GL03 - Parte 1

*Na Real*

# Motorista de Uber salva adolescente de sequestro e tráfico humano

Em vídeo, o herói mostra os traficantes sendo presos. Assista:

30/12/2016 - 16h18 - Atualizado 31/12/2016 07h56 por REDAÇÃO GLAMOUR

[f](#) [Compartilhar](#) [p](#) [in](#) [G+](#) [t](#) [u](#) [Assine já!](#)

Assine Glamour a partir de R\$ 3,90 por mês



Keith (Foto: Reprodução Facebook)

**Keith Avila**, motorista de Uber, de 34 anos, deixou duas mulheres e uma adolescente em um hotel em Elk Grove na Califórnia, na última segunda-feira, dia 26. Durante o percurso, ouviu as mais velhas comentando que iriam entregar a menina para um homem chamado John em troca de dinheiro.

*Leia mais*

Jovem denuncia assédio dentro de Uber: "Não podemos continuar sendo vítimas de monstros"

Atento ao crime que estava prestes a acontecer, Keith chamou a polícia, após deixar as três passageiras no local. Quando os agentes chegaram, Keith transmitiu a prisão dos traficantes ao vivo no Facebook, viralizando o caso mundo afora. **"Fox News"** repercutiu a notícia nesta sexta-feira, 30.

*Leia mais*

Como se tornar motorista da Uber, passo a passo

\*\*\*

Uber dá dicas de segurança após casos de falsos motoristas viralizarem nas redes

*— siga a glamour —**— newsletter —*

Cadastre-se para receber conteúdo exclusivo, promoções e mais!

☐ Li e concordo com a [Política de Privacidade](#)

DIGITE SEU E-MAIL

OK

PROMOGLAMOUR



As das  
descubra  
férias <3

Tesouro baiano  
Saipe Premi  
serviços exch

← anterior

próximo →

*— as 5 mais lindas —*

1 Jovem encontra "clones" seus espalhados pelo mundo - e quer conhecer todos eles!

2 Ticiane Pinheiro curte visual paradisíaco no Rio de Janeiro e exibe cintura fina

Instrutora de ioga de 98 anos

Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Na-Real/noticia/2016/12/motorista-de-uber-salva-menina-de-sequestro-e-trafico-humano.html>>. Acesso em 05 jan. 2017.

ANEXO O - Notícia GL03 - Parte 2

No vídeo, o motorista disse que a menina parecia ter 12 anos, mas a polícia confirmou que a idade correta é 16, segundo "NBC Latino". As cafetinas presas são Destiny Pettway, 25, e Maria Westley, 31. Será necessário pagar uma fiança de US\$ 500 mil (R\$ 1,6 milhão). Já a vítima foi encontrada no quarto do hotel de Disney Vang, rapaz de 20, que também foi preso, mas já foi solto.

————— *Leia mais* —————

Motorista de Uber bate carro por cansaço e texto de passageiro viraliza nas redes

\*\*\*

Mulher escapa de sequestro de falso motorista do Uber, no Rio

Segundo a polícia, a adolescente tinha fugido de casa. Por isso, foi mandada para um "lar alternativo" enquanto procuram os pais ou responsáveis.



- 3 Assim como a sua amiga que se tornou vira sensação nas redes sociais Must Share
- 4 Sasha e Bruna Marquenez curtem dia de descanso em Angra dos Reis
- 5 Descubra quais são os signos que mais traem, segundo estudo Must Share



## ANEXO P - Notícia MC01

■ NOTÍCIAS | 09.01.2017 - 20H00 - ATUALIZADO ÀS 09.01.2017 20H00 | POR REDAÇÃO MARIE CLAIRE

## Chega de tabu! Papa Francisco defende a amamentação em público

A declaração foi feita durante uma cerimônia na Capela Sistina

f Compartilhar p in G+ t Assine já!



Papa Francisco (Foto: Getty Images)

**O** Papa Francisco fez um pronunciamento importante sobre amamentação em público neste domingo (09), durante uma cerimônia marcada pela presença de mães na Capela Sistina. Segundo o pontífice, as mulheres não precisam hesitar em alimentar os seus bebês dentro das igrejas.

"A cerimônia é muito longa, alguém está chorando porque está com fome. Essa é a vida", disse. "Você mãe, vá em frente e amamente, sem medo. Assim como a Virgem Maria amamentou Jesus."

Em um momento em que a amamentação em público ainda é encarada como tabu, o apoio do Papa reforça a necessidade de se naturalizar o ato.

f Compartilhar p in G+ t Assine já!

### NOTÍCIA

invasivos continuam sendo feitos em garotas afeitas

"Não preciso mais dar coelhadas para conquistar meu espaço", diz filha que inspirou Mauricio de Sousa

A nova geração de mulheres da Arábia Saudita promete subverter as regras conservadoras do país

### + LIDAS

1

DE BIQUÍNI, FERNANDA VASCONCELOS MOSTRA CORPO AO LADO DO NAMORADO E ENTEADO

2

LAURA KELLER POSA DE TOP NA ACADEMIA E IMPRESSIONA COM CINTURA SUPERFINA

3

FLÁVIA ALESSANDRA COMPARA SEU BRONZEADO COM O DA FILHA GIULIA COSTA

4

12 OPÇÕES DE MAIÓS E BIQUÍNIS PARA VOCÊ ABRASAR NO VERÃO

5

12 ACESSÓRIOS PARA VOCÊ ABRASAR NO LOOK DE VERÃO

Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2017/01/chega-de-tabu-papa-francisco-defende-amamentacao-em-publico.html>>. Acesso em 10 jan. 2017.



## ANEXO Q - Notícia MC02

## Gravidez provoca mudança no cérebro das mulheres, garantem pesquisadores

O estudo identificou uma redução na massa cinzenta de gestantes, transformação que seria responsável por reforçar o laço afetivo entre mãe e filho

[f](#)
[Compartilhe](#)
[p](#)
[in](#)
[G+](#)
[t](#)
[e](#)
[e](#)
[Assine já](#)

Assine Marie Claire a partir de R\$ 4,90 por mês



Estudo europeu mostrou uma redução da massa cinzenta do cérebro de mulheres grávidas (Foto: Thinkstock)



**Chega de tabu! Papa Francisco defende a amamentação em público**



**Apesar de proibidos, testes de virgindade invasivos continuam sendo feitos em garotas afegãs**



**"Não preciso mais dar coelhadas para conquistar meu espaço", diz filha que inspirou Mauricio de Sousa**

GRAVIDEZ [+](#)

SAÚDE [+](#)

Uma pesquisa europeia divulgada nesta segunda (19) pela revista científica *Nature Neuroscience* constatou uma redução da massa cinzenta em áreas específicas do cérebro de mulheres grávidas. A alteração, segundo especialistas, ajuda as futuras mães a criarem laços com o bebê a se prepararem para as exigências da maternidade.

O levantamento foi feito pela Universitat Autònoma, de Barcelona, em parceria com a Leiden University, da Holanda, e baseado em imagens de ressonância magnética de 25 mulheres, ao longo da gestação e até dois anos após o nascimento do bebê.

O resultado foi de redução significativa da massa cinzenta no cérebro de gestantes, em sua primeira gravidez, independente da origem - se natural ou com fertilização in vitro. As transformações foram identificadas justamente na área cerebral responsável pelas interações sociais e, segundo os pesquisadores, são responsáveis por mudanças vantajosas, como melhor identificação das necessidades do recém-nascido, atenção reforçada sobre potenciais ameaças e uma ligação afetiva maior com o filho.

Para chegar a essa conclusão, foram avaliados também os cérebros de 19 pais de primeira viagem, 17 homens sem filho e 20 mulheres que nunca engravidaram. Em nenhum desses casos a alteração foi identificada. Por outro lado, os computadores foram capazes de atestar aquelas que já haviam dado à luz ao menos uma vez na vida só com a análise das imagens cerebrais.

Tais mudanças estruturais, ainda de acordo com o estudo, afetam as mulheres até dois anos após o parto. E apesar de muitas se queixarem de esquecimentos durante a gestação, não foi identificada nenhuma relação entre a redução da massa cinzenta e problemas de memória, nestes casos específicos.

### + LIDAS

- 1 DE BIQUÍNI, FERNANDA VASCONCELOS MOSTRA CORPÃO AO LADO DO NAMORADO E ENTÃO
- 2 LAURA KELLER POSE DE TOP NA ACADEMIA E IMPRESSIONA COM CINTURA SUPERFINA
- 3 FLÁVIA ALFESSANDRA COMPARA SEU BRONZEADO COM O DA FILHA GIULIA COSTA
- 4 12 OPÇÕES DE MAIÓS E BIQUÍNIS PARA VOCÊ ARRASAR NO VERÃO
- 5 12 ACESSÓRIOS PARA VOCÊ ARRASAR NO LOOK DE VERÃO

Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2016/12/gravidez-provoca-mudanca-no-cerebro-das-mulheres-garantem-pesquisadores.html>>. Acesso em 22 dez. 2016.

## ANEXO R- Notícia MC03

## Abortos não provocam problemas mentais nas mulheres, mas a sua proibição sim, diz pesquisa

"É a hora de acabar com a grande mentira que diz que abortos tornam as mulheres depressivas"

Compartilhe | | | | | | |

Assine Marie Claire a partir de R\$ 4,90 por mês



Pesquisa do JAMA Psychiatry diz que aborto não provoca problemas mentais nas mulheres que os fazem (Foto: Thinkstock)

Nos Estados Unidos, vários estados têm leis que exigem que as mulheres procurem serviços de aborto avisando sobre os potenciais riscos à saúde mental que a interrupção de uma gravidez pode causar a longo prazo. Um documento do governo do Texas diz que mulheres costumam relatar uma gama de emoções após o procedimento, como depressão, flashbacks e pensamentos suicidas, mostrou uma reportagem do The Huffington Post.

Porém, segundo um novo estudo publicado na última quarta (14) pelo **JAMA Psychiatry**, mulheres que abortaram não apresentaram risco de depressão ou ansiedade nos cinco anos que se seguiram após o procedimento.

"Nós não temos nenhuma evidência de que o aborto cause danos para a saúde mental", disse à publicação a psicóloga social M. Antonia Biggs, principal autora do estudo.

Por outro lado, mulheres aos quais o direito ao aborto foi negado relataram maior ansiedade e autoestima diminuída logo após a recusa. "Se estamos realmente preocupados com a saúde mental das mulheres, deveríamos estar apoiando de fato a expansão do acesso ao aborto", argumenta Biggs.

A equipe responsável pelo estudo localizou cerca de mil mulheres, recrutadas em 30 clínicas de aborto, em 21 estados. Todas foram contatadas por telefone uma semana após ter feito o aborto ou ter tido o direito negado. E posteriormente foram consultadas semestralmente por cinco anos.

Biggs disse que não faz parte do seu trabalho enquanto pesquisadora mudar a política, mas ela espera que as políticas de saúde sejam definitivamente baseadas em evidências. "Se queremos dar às mulheres informações mais acuradas e precisas, nós não deveríamos seguir dizendo a elas que o aborto provoca problemas na saúde mental."

NOTÍCIA

**Chega de Tabu! Papa Francisco defende a amamentação em público**

**Apesar de proibidos, testes de virgindade invasivos continuam sendo feitos em garotas alega**

**"Não preciso mais dar coelhos para conquistar meu espaço", diz filha que inspirou Mauricio de Sousa**

ABORTO

### + LIDAS

**1**  
DE BIQUÍNI, FERNANDA VASCONCELOS MOSTRA CORPO AO LADO DO NAMORADO E ENTÃO

**2**  
LAURA KELLER POUSA DE TOP NA ACADEMIA E IMPRESSIONA COM CINTURA SUPERFINA

**3**  
FLÁVIA ALESSANDRA COMPARA SEU BRONZEADO COM O DA FILHA GIULIA COSTA

**4**  
12 OPÇÕES DE MAIÓIS E BIQUÍNIS PARA VOCÊ ABRASAR NO VERÃO

**5**  
12 ACESSÓRIOS PARA VOCÊ ABRASAR NO LOOK DE VERÃO

Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2016/12/abortos-nao-provocam-problemas-mentais-nas-mulheres-mas-sua-proibicao-sim-diz-pesquisa.html>>. Acesso em 20 dez. 2016.

## ANEXO S - Notícia TPM01



COMPORTAMENTO / ATIVISMO / SÃO PAULO / FEMINISMO

Projeto recruta mulheres em São Paulo para gravarem depoimentos sobre assédio

**POR CARILA EISBOR** 04.03.2016

Depois de mulheres se organizarem de maneira autônoma nas redes sociais através de hashtags como #meuprimeiroassédio e #meuamigosecreto, denúncias de casos de abuso vieram à tona. Muitas, que até então escondiam suas histórias ou por vergonha, ou por medo, conseguiram tomar coragem para quebrar o silêncio. Para que a prática da denúncia não perdesse a força, a documentarista Paula Sachetta, 28 anos, criou o projeto **Precisamos Falar do Assédio**, que será lançado na semana em que se comemora o Dia Internacional da Mulher.

Uma van equipada com câmeras vai circular em pontos estratégicos da cidade de São Paulo do dia 7 ao 11 de março, recolhendo o depoimento de mulheres que já passaram por alguma situação de assédio. Regiões centrais, terminais de ônibus e também universidades são alguns dos lugares escolhidos. Parceira da iniciativa, a Secretaria Municipal de Política para as Mulheres vai disponibilizar uma funcionária para acompanhar as mulheres que precisarem de acompanhamento jurídico ou psicológico.



Os depoimentos recolhidos serão transformados em um filme que será exibido em locais públicos – como prédios em projeções simultâneas ao ar livre e, posteriormente, em centros culturais e unidades do CEU. "A gente quer ocupar os espaços da cidade com o projeto. É tipo assim: 'amigo, você não quer ler o relato que foi postado na internet? Então, quando você estiver andando pela rua, vai ver esse relato exibido em um prédio'", diz Paula.

As mulheres entram na van sozinhas, apertam o botão de gravar e fazem seus depoimentos. A intenção é que todas fiquem à vontade. Máscaras serão disponibilizadas para quem não quiser ser identificada.

**Toda e qualquer mulher** pode gravar seu relato. Se interessou? Então se liga no dia e horário das gravações e vai lá:



07/03	08/03	09/03	10/03	11/03
das 8h às 18h	das 8h às 18h	das 9h às 19h	das 11h às 21h	das 11h30 às 21h30
<b>Largo Treze</b> no calçadão da rua Capitão Tiago Luz, altura do nº 176 Santo Amaro	<b>Praça do Patriarca</b> próximo à saída do metrô Anhangabaú Centro	<b>Cidade Tiradentes</b> Terminal de ônibus Cidade Tiradentes, Av. Naylor de Oliveira Cidade Tiradentes	<b>Mooca</b> rua Doutor Almeida Lima, 1134 Mooca	<b>Av. Paulista</b> av. Paulista, 2068, em frente ao Shopping Center 3 Cerqueira César

Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/projeto-precisamos-falar-do-assedio-recruta-mulheres-em-sao-paulo-para-gravarem-depoimentos>>. Acesso em 20 jul. 2016.

## ANEXO T - Notícia TPM02



LIVROS / EMPREENDEDORISMO / TRABALHO

Formada por uma equipe só de mulheres, a Ubu Editora vai agradecer aos órfãos da Cosac Naify



POR JULIANA BITTENCOURT 13.02.2017



Do fim da **Cosac Naify** nasceu, em setembro do ano passado, uma nova editora, a **Ubu**. Ex-diretora de arte e ex-diretora editorial da celebrada casa fundada por Charles Cosac, **Elaine Ramos** e **Florencia Ferrari** uniram forças para abrir uma editora que mira na qualidade (e não na quantidade ou nas vendas) de seus lançamentos, nos quais o design é quase um protagonista dos livros – uma receita que agrada muito aos órfãos da Cosac.

"Nosso foco são textos e criações artísticas relevantes para o debate contemporâneo", resume **Gisela Gasparian**, diretora de operações da Ubu, que completa a trinca à frente da editora. Com passagem pela consultoria americana McKinsey, Gisela também carrega uma ligação com o mercado editorial: é neta de Fernando Gasparian, que foi dono da editora Paz e criou a livraria carioca Argumento.

Desde setembro passado, a Ubu lançou oito títulos que passeiam por vários temas, entre eles o infantil *Jacaré, Não!*, de Antonio Prata, *Casa Butantã*, do premiado arquiteto Paulo Mendes da Rocha, e uma edição crítica de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Desses oito adotados por universidades (e com vendas garantidas), a Ubu os colocará de volta às prateleiras nos próximos anos, boa parte com novo projeto gráfico. "São títulos que têm muito a ver com o catálogo que a editora vai construir", conta Julia Alves, gerente de comunicação e marketing da Ubu.



Florencia Ferrari, Gisela Gasparian e Elaine Ramos

FOTO: Bob Wolfenson

Para manter a estrutura o mais enxuta possível, a editora está instalada em um coworking no firme com as duas pernas – ao contrário da Cosac, que operava no vermelho. "Temos uma grande preocupação em sermos uma empresa financeiramente saudável em um mercado difícil", diz Gisela. Para isso, a Ubu trabalha com tiragens pequenas, de até 5.000 exemplares. "O caráter artesanal começa no design dos livros. As gráficas nos amam e odeiam: *Os Sertões* ganhou prêmio de design, mas, ao mesmo tempo, deu muito trabalho. A capa, por exemplo, é uma serigrafia", explica Julia.

Por obra do acaso, o time de oito pessoas da editora é formado só por mulheres. "Não sei se é pelo fato de sermos só mulheres, mas todas estão atentas a tudo. Há um olhar para vários lados ao mesmo tempo. Às vezes, você pensa em resolver um problema e alguém da equipe já cuidou disso.", diz Julia.

Disponível em: < [http://revistatrip.uol.com.br/tpm/ubu-editora-equipe-so-de-mulheres-cosac-naify-elaine-ramos-florencia-ferrari-gisela-gasparian?utm\\_source=trip.com.br&utm\\_medium=home-box&utm\\_campaign={category}>](http://revistatrip.uol.com.br/tpm/ubu-editora-equipe-so-de-mulheres-cosac-naify-elaine-ramos-florencia-ferrari-gisela-gasparian?utm_source=trip.com.br&utm_medium=home-box&utm_campaign={category}>). Acesso em 11 mar. 2017.

## ANEXO U - Notícia TPM03 - Parte 1

# ARGENTINAS INSISTEM NO GRITO: NOS QUEREMOS VIVAS!

TOP / VIOLÊNCIA / FEMINISMO / MACHISMO / ARGENTINA

Milhares de pessoas foram às ruas do país pelo fim da violência de gênero após primeira greve nacional de mulheres



POR LUCIANA TADDEO 20.10.2016



Muitas vozes argentinas se unem, desde o ano passado, para dizer *basta*. Basta de violência contra a mulher, basta de desigualdades de direitos. Em junho deste ano, milhares se juntaram ao movimento **Ni una menos** ("nem uma a menos"), que acontece desde 2015.

As exigências ganharam força e o debate sobre a violência de gênero de fato cresceu, mas isso não foi suficiente para impedir feminicídios como o da jovem de 16 anos, Lucía Pérez, no começo deste mês. A garota foi drogada, estuprada e empalada pelo anus até a morte por dois homens, na cidade litorânea de Mar del Plata. O assassinato chocou o país e levou uma massa feminina a protestar de novo na tarde de ontem, 19/10.

**VEJA TAMBÉM:** [Homem tem lugar no feminismo?](#)

Durante a tarde, aconteceu a primeira greve nacional de mulheres no país. No começo da noite, milhares de pessoas seguiram para manifestações em todo o país. Na capital, Buenos Aires, o protesto foi do Obelisco à Casa Rosada, mesmo debaixo de chuva. Todas vestiam preto, o que fez com que o dia fosse chamado de "quarta-feira negra". Houve protestos em outros países da América Latina, como Chile, Bolívia e Brasil.



Disponível em: <[http://revistatrip.uol.com.br/tpm/ni-una-menos-primeira-greve-nacional-de-mulheres-pelo-fim-da-violencia-de-genero-na-argentina?utm\\_source=trip.com.br&utm\\_medium=home-box&utm\\_campaign={category}](http://revistatrip.uol.com.br/tpm/ni-una-menos-primeira-greve-nacional-de-mulheres-pelo-fim-da-violencia-de-genero-na-argentina?utm_source=trip.com.br&utm_medium=home-box&utm_campaign={category})>. Acesso em 20 dez. 2016.



## ANEXO V - Notícia TPM03 - Parte 2

"A violência de gênero não pode ser pensada como um problema isolado. A população feminina é a que tem maior precariedade laboral e maiores problemas de desemprego e é sobre ela que recai a violência", diz Vanina Escalles, integrante do coletivo **Ni Una Menos**. Segundo ela, é preciso pensar nas estruturas sobre as quais esta violência se assenta. "Desde a primeira marcha os debates no governo não puderam se esquivar dos problemas vividos por mulheres e travestis. Foi-se o tempo em que as mulheres eram um adicional minoritário dentro dos partidos políticos. Hoje somos sujeitos de peso", afirma.



FOTO: Divulgação / Coletivo Emergente

A exemplo do que aconteceu na Polônia em setembro, quando o governo recuou na decisão sobre a criminalização do aborto após milhares de mulheres irem às ruas, Vanina acredita que a adesão a protestos demonstra que as mulheres precisam de políticas e que não desistirão de suas demandas. Ela acredita também que com essas manifestações massivas os problemas alcançam mulheres que ainda não estavam organizadas. "Agora não há mulher, não há família que não se questione, não pergunte, que não seja consciente do que é a violência de gênero", diz sobre a situação na Argentina.

**LEIA TAMBÉM:** [Documentário mostra depoimentos de mulheres vítimas de assédio sexual](#)

Mais do que tirar o nó da garganta, os cantos das mulheres exteriorizavam a indignação de anos vividos com medo. Medo de andar à noite na rua. De terem direitos violados. De serem estupradas. De morrer. Elas dizem chega porque se querem vivas.



FOTO: Divulgação / Coletivo Emergente